

David Pereira de Jesus

**A PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO:
UMA LEITURA TEOLÓGICO-PASTORAL DO QUE O PONTÍFICE PENSA
SOBRE A CONVERSÃO PASTORAL DA PARÓQUIA**

Dissertação de Mestrado em Teologia

Orientador: Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2023

David Pereira de Jesus

**A PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO:
UMA LEITURA TEOLÓGICO-PASTORAL DO QUE O PONTÍFICE PENSA
SOBRE A CONVERSÃO PASTORAL DA PARÓQUIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Teologia.

Área de Concentração: Teologia Sistemática

Orientador: Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos

Belo Horizonte

FAJE – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia

2023

FICHA CATALOGRÁFICA

J58p	<p>Jesus, David Pereira de</p> <p>A paróquia na perspectiva do Papa Francisco: uma leitura teológico-pastoral do que o pontífice pensa sobre a conversão pastoral da paróquia / David Pereira de Jesus. - Belo Horizonte, 2023.</p> <p>196 p.</p> <p>Orientador: Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos</p> <p>Dissertação (Mestrado) – Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Departamento de Teologia.</p> <p>1. Teologia pastoral. 2. Igreja. 3. Paróquias. 4. Francisco, Papa. I. Paranhos, Washington da Silva. II. Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Departamento de Teologia. III. Título.</p> <p>CDU 25</p>
------	--

Elaborada por Zita Mendes Rocha – Bibliotecária – CRB-6/1697

David Pereira de Jesus

**A PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DO PAPA FRANCISCO:
UMA LEITURA TEOLÓGICO-PASTORAL DO QUE O PONTÍFICE
PENSA SOBRE A CONVERSÃO PASTORAL DA PARÓQUIA**

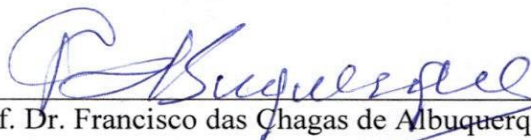
Esta Dissertação foi julgada adequada à obtenção do título de Mestre em Teologia e aprovada em sua forma final pelo Curso de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia.

Belo Horizonte, 27 de abril de 2023.

COMISSÃO EXAMINADORA:



Prof. Dr. Washington da Silva Paranhos / FAJE (Orientador)



Prof. Dr. Francisco das Chagas de Albuquerque / FAJE



Prof. Dr. Mariosan de Sousa Marques / PUC Goiás (Visitante)

Dedico esta pesquisa:
a Deus, que me amou e me chamou a segui-lo;
à minha família, que sempre foi meu apoio;
à Arquidiocese de Goiânia, onde sirvo a Deus e sou chamado a frutificar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus que pelo dom da vida e do chamado a servi-lo por intermédio do ministério sacerdotal.

Agradeço à Igreja de Goiânia, na pessoa do seu arcebispo emérito Dom Washington Cruz, CP, que há 13 anos me convidou a colaborar com ele mediante a missão de formador no Seminário Interdiocesano São João Vianney e há dez anos me deu a graça de viver novamente o pastoreio frente a uma comunidade paroquial, onde, junto com os demais irmãos, temos buscado discernir o melhor modo de vivenciar a conversão pastoral.

Obrigado, aos seminaristas da Província Eclesiástica de Goiânia e alunos do Curso de Teologia, com quem convivo todos os dias. Vocês me motivam a não deixar de lado a busca pelo conhecimento e o desejo de acertar.

Gratidão à Companhia de Jesus. Na pessoa do Pe. Washington estendo meu agradecimento a todos os padres jesuítas com quem convivi durante esse período de estudo e pesquisa.

Sou grato à Direção da Escola de Formação de Professores e Humanidades – EFPH e ao Núcleo de Apoio Pedagógico - NAP que orientam meus passos no campo da educação e na trajetória acadêmico-pedagógica do ser professor e coordenador de Curso.

Gratidão à Magnífica Reitora, Profa. Olga Izilda Ronchi pelo apoio constante em processos educativos que se voltam ao meu crescimento.

Agradeço ao Grão Chanceler, Arcebispo de Goiânia, Dom João Justino, por me ter impulsionado à conclusão deste Mestrado.

“As paróquias devem ser comunidades próximas, sem burocracia, centradas nas pessoas e onde se encontre o dom dos sacramentos. Elas devem voltar a ser escolas de serviço e generosidade, com suas portas sempre abertas aos excluídos. E aos incluídos. A todos” (Papa Francisco)

RESUMO

Trata-se de pesquisa de Mestrado em Teologia da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia na área Teologia Sistemática com a temática “A paróquia na perspectiva do Papa Francisco: uma leitura teológico-pastoral do que o Pontífice pensa sobre a conversão pastoral da paróquia”. O principal objetivo é examinar e refletir sobre o projeto pastoral de Igreja/paróquia proposto pelo Papa Francisco, através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* e nos vários discursos proferidos desde a sua eleição como bispo de Roma. A pesquisa justifica-se pela pertinência do tema, uma vez que, desde 2007, por meio da V Conferência de Aparecida, a Igreja da América Latina tem buscado compreender o processo de conversão pastoral e cada vez mais se convence de que não há outro caminho para a paróquia, senão o de tornar-se missionária. Entretanto, também se reconhece que essa conversão pastoral só se concretizará, se antes, todos os membros da Igreja se convencerem a sair do comodismo e da mesmice, de modo especial comprometendo-se não só com a formação pessoal, mas também se tornando uma Igreja capaz de acolher a todos, rompendo principalmente com burocracias e moralismos que, ao invés de atrair, afasta. O método utilizado foi o da revisão bibliográfica de obras de teólogos pastoralistas e textos do magistério de Francisco e do magistério latino-americano, pois reconhece-se que faz parte do arcabouço das raízes teológico-pastorais do Pontífice. Apresentam-se como resultados a evidência de que em tempos como o que temos vivido, não há outro caminho senão que nossas comunidades eclesiais se tornem próximas entre si, como resultado do seu encontro com o Evangelho, que sejam capazes de acolher a todos sem distinção e rompam com a burocracia, o clericalismo e principalmente com a busca por manter-se em voga através da autorreferência. Conclui-se que é um caminho longo e árduo e que não existe receita pronta. Cada comunidade eclesial, de acordo com sua condição, deve esforçar-se para chegar ao discernimento comunitário e isso só é possível mediante a corresponsabilidade pastoral que se dá por intermédio da colegialidade e sinodalidade. São temas que atualmente parecem fazer parte de um modismo, mas na realidade, fazem parte da essência da Igreja.

PALAVRAS-CHAVE: Francisco. Conversão Pastoral. Paróquia. Missão. Corresponsabilidade.

RIASSUNTO

Si tratta di una ricerca del Master in Teologia della Facoltà Gesuita di Filosofia e Teologia nell'area della Teologia sistematica con il tema "La parrocchia dal punto di vista di Papa Francesco: una lettura teologico-pastorale di ciò che il pontefice pensa della conversione pastorale della parrocchia". L'obiettivo principale è quello di esaminare e riflettere sul progetto pastorale di Chiesa/parrocchia proposto da Papa Francesco, attraverso l'Esortazione apostolica *Evangelii Gaudium* e dei diversi discorsi tenuti dopo la sua elezione a Vescovo di Roma. La ricerca è giustificata dalla rilevanza del tema, una volta che, fin dal 2007 attraverso la V Conferenza di Aparecida, la Chiesa dell'America Latina ha cominciato un cammino di comprendere il processo di conversione pastorale ed è sempre più convinta che non ci sia altra via per la parrocchia, se non quella di diventare missionaria. Tuttavia, si riconosce anche che questa conversione pastorale avverrà solo se tutti i membri della Chiesa saranno convinti di uscire della loro comodità e della monotonia, soprattutto impegnandosi non solo nella formazione personale, ma soprattutto diventandosi una Chiesa capace di accogliere tutti, rompendo principalmente con burocrazie e moralismi che invece di attrarre, fanno andare via. Viene utilizzato il metodo di revisione bibliografica di opere di teologi impegnati con la pastorale e testi del magistero di Francesco e del magistero latinoamericano, perché è riconosciuto che fa parte del quadro delle radici teologico-pastorali del Pontefice. Si presenta come risultato l'evidenza che in tempi come questi che stiamo vivendo, non c'è altra via sino che nostre comunità ecclesiali si diventino vicine le une alle altre, principalmente perché sono risultato dell'incontro con il Vangelo, che siano in grado di accogliere tutti senza distinzioni e siano in grado di rompere con la burocrazia, il clericalismo e soprattutto con la ricerca di rimanere in culmine attraverso l'autoreferenzialità. Si conclude che è un cammino lungo e faticoso e che non ha una ricetta pronta, ogni comunità ecclesiale, secondo la sua condizione, deve sforzarsi di raggiungere il discernimento comunitario e questo solo sarà possibile attraverso la corresponsabilità pastorale che avviene attraverso la collegialità e la sinodalità. Temi che attualmente sembrano far parte di una moda, ma in realtà fanno parte dell'essenza della Chiesa.

PAROLE CHIAVI: Francesco. Conversione pastorale. Parrocchia. Missione. Corresponsabilità

SIGLAS E ABREVIATURAS

AA:	Decreto sobre o apostolado dos leigos, <i>Apostolicam Actuositatem</i>
AG:	Decreto sobre a atividade missionária da Igreja, <i>Ad Gentes</i>
Aparecida:	V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Aparecida
Card:	Cardeal
Ceb's:	Comunidades Eclesiais de Bases
CELAM:	Conselho Episcopal Latino-americano
ChD:	Decreto sobre o Múnus Pastoral dos Bispos <i>Christus Dominus</i>
ChL:	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Christifideles Laici</i> de São João Paulo II
CNBB:	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
COEPAL:	Comissão Episcopal para a Pastoral (Argentina)
2 Cor:	Segunda Carta de São Paulo aos Coríntios
COVID-19:	Doença do corona vírus
DAp:	Documento de Aparecida
DGAE:	Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil
DM:	Documento de Medellín
Doc. 25 CNBB:	Documento sobre as comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil
Doc. 100 CNBB:	Documento sobre Comunidade de comunidades: uma Nova Paróquia
DP:	Documento de Puebla
EAm:	Exortação Apostólica Pós-Sinodal <i>Ecclesia in America</i>
EG:	Exortação apostólica <i>Evangelii Gaudium</i> do Papa Francisco
EN:	Exortação apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i> de São Paulo VI
GS:	Constituição Pastoral <i>Gaudium et Spes</i>
ICP:	Instrução da Congregação do Clero sobre a Conversão Pastoral da Paróquia
IL:	<i>Instrumentum Laboris</i> do Sínodo dos Bispos de 2012
JMJ:	Jornada Mundial da Juventude
Lc:	Evangelho de São Lucas
LG:	Constituição Dogmática <i>Lumen Gentium</i>
Mt:	Evangelho de São Mateus
Medellín:	II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Medellin
OE:	Decreto sobre as Igrejas Orientais Católicas <i>Orientalium ecclesiarum</i>

PO:	Decreto sobre o Ministério e Vida dos Presbíteros <i>Presbyterorum ordinis</i>
PE:	Plano de emergência da CNBB de 1963
Puebla:	III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla
SC:	Constituição sobre a Sagrada Liturgia <i>Sacrosanctum Concilium</i>
SD:	Documento de Santo Domingo
Santo Domingo:	IV Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Santo Domingo
SJ:	<i>Societas Iesu</i> / Companhia de Jesus/ Jesuítas
UUS:	Encíclica Ut Unum Sint de São João Paulo II
VMP:	Nota pastoral: <i>Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia</i>

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
1 JORGE MARIO BERGOGLIO: “DEL FIN DEL MUNDO” À “URBI ET ORBI”	19
1.1 Jorge Mario Bergoglio, aquele que se construiu a partir da história	21
1.1.1 As raízes familiares e suas marcas em Bergoglio	22
1.1.2 O Jovem Bergoglio e o Bairro de Flores	25
1.1.3 O papel da família na formação de Bergoglio	25
1.1.4 Bergoglio e a avó Rosa.....	26
1.2 Como a Providência Divina formou o coração e a mente de Bergoglio	28
1.2.1 As marcas da cultura do trabalho em Bergoglio	28
1.3 A formação escolar e suas marcas na vida de Bergoglio	33
1.3.1 A influência salesiana na formação de Bergoglio	35
1.4 O chamado de Deus e os desafios enfrentados nos dois primeiros anos ...	37
1.5 Bergoglio e sua relação com a Companhia de Jesus	41
1.5.1 O período de formação na Companhia de Jesus	43
1.5.2 As funções que Bergoglio assumiu na Companhia de Jesus	45
1.5.3 Córdoba: exílio ou tempo para amadurecer o coração de pastor?	46
1.6 Traços do ministério episcopal de Bergoglio	48
1.6.1 Bergoglio, um farol que reluz não só na Argentina	49
1.6.2 Bergoglio, o bispo das ruas e sua opção pelos pobres	50
1.6.3 Bergoglio, um pai que não se esquece da periferia	52
1.6.4 Os temas recorrentes no exercício do ministério episcopal de Bergoglio.....	53
1.7 Conclusão	54
2 AS RAIZES TEOLÓGICAS E PASTORAIS DE BERGOGLIO	57
2.1 Algumas raízes teológicas pastorais de Bergoglio.....	57
2.2 Medellín – Releitura do Concílio Vaticano II.....	59
2.2.1 Homens da Igreja que influenciaram a convocação e realização de Medellín	60
2.2.2 A motivações para se convocar uma nova Conferência.....	62
2.2.3 O método teológico e o modo de trabalho	63
2.2.4 Intuições e novidades na postura pastoral da Igreja latino-americana.....	64

2.3 A Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>: bússola para a evangelização do mundo contemporâneo	69
2.3.1 A influência da América Latina no Sínodo da Evangelização de 1974 ..	69
2.3.2 A Exortação Apostólica <i>Evangelii Nuntiandi</i>	71
2.3.2.1 Os desafios da evangelização no mundo contemporâneo	72
2.3.2.2 A <i>Evangelii Nuntiandi</i> continua sendo atual	74
2.4 A Teologia do Povo.....	75
2.4.1 A gênese da Teologia do povo	76
2.4.2 A pastoral popular e seus desdobramentos	77
2.4.3 Bergoglio e a Teologia do povo	78
2.5 Puebla: novo impulso para a evangelização na América latina	80
2.5.1 A evangelização na ótica de Puebla	81
2.5.2 A religiosidade popular na ótica de Puebla	83
2.5.3 As comunidades eclesiais de base (Ceb's) em Puebla.....	85
2.6 A V Conferência Geral de Aparecida: a retomada do discipulado e da missão na Igreja Latino-americana.....	87
2.6.1 O papel fundamental de Bergoglio durante a V Conferência.....	88
2.6.2 A opção preferencial pelos pobres vista sob uma nova ótica	90
2.6.3 A religiosidade popular: expressão da fé do pobre	91
2.6.4 O papel dos leigos em Aparecida	93
2.6.5 A conversão pastoral: uma novidade em Aparecida	94
2.7 Conclusão	98
3 PERFIL PASTORAL DA IGREJA EM TEMPOS DE FRANCISCO	100
3.1 A Igreja precisa de alguém que saiba onde se deve ir	100
3.2 Francisco: um nome, uma profecia e uma esperança.....	104
3.3 Francisco, novidade não só no nome, mas no estilo pastoral	108
3.4 Uma Igreja acolhedora, pobre e para os pobres	109
3.5 A opção preferencial pelos pobres na ótica de Francisco	112
3.6 Na Igreja, a missão evangelizadora é de todos os sujeitos	114
3.7 A conversão pastoral, caminho para se tornar uma Igreja missionária e em saída	115
3.7.1 A conversão pessoal é a base da conversão pastoral, missionária e em saída	117
3.8 A colegialidade como via de descentralização	119

3.9 A Sinodalidade: antídoto conta o clericalismo	122
3.10 Conclusão	125
4 A PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DE FRANCISCO	128
4.1 Um breve resumo: a Paróquia antes do Concílio Vaticano II	129
4.1.1 A etimologia do termo paróquia	129
4.1.2 A paróquia: do surgimento até meados do Século XX	129
4.2 O Concílio Vaticano II, rompimento de uma mentalidade cristalizada .	134
4.2.1 O Concílio Vaticano II e a renovação paroquial	136
4.2.1.1 A paróquia e o território a partir do Concílio Vaticano II.....	140
4.3 A Paróquia sob a ótica das Conferências Gerais do episcopado latino-americano..	146
4.3.1 Medellín: a paróquia um conjunto de pequenas comunidades	146
4.3.2 Puebla: a paróquia como centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos	147
4.3.3 Santo Domingo: a paróquia como comunhão orgânica, missionária e rede de comunidades.....	149
4.3.4 Aparecida: a paróquia como comunidade de comunidades em vista da missão ...	150
4.4 A paróquia em tempos de Papa Francisco	158
4.4.1 A paróquia tem futuro, mas deve renovar-se a cada dia.....	159
4.4.2 A paróquia deve estar sempre com as portas abertas, ser acolhedora, misericordiosa e não deve se esquecer dos pobres	163
4.4.3 A conversão pastoral e missionária da paróquia na perspectiva de Francisco	166
4.4.3.1 Na paróquia missionária o clericalismo precisa ser extirpado	170
4.4.3.2 A paróquia e a questão territorial em tempos de Francisco.....	172
4.4.3.3 A colegialidade e a sinodalidade na Paróquia em tempos de Francisco.....	173
4.4.3.4 A paróquia, comunidade de comunidades	175
4.4.3.5 Um exemplo de paróquia segundo a ótica de Francisco	177
CONCLUSÃO.....	179
REFERÊNCIAS	184

INTRODUÇÃO

A Igreja é uma realidade humana e divina e, por isso, encarnada e marcada pela história, que nasceu e se tornou presente no mundo, consciente de que sua missão é instaurar o Reino de Deus. Ao longo dos séculos precisou se adaptar à sua realidade circundante, viveu momentos desafiadores, levando-a a quase se esquecer das suas origens. Foi se moldando, se transformando, e ante às várias mudanças socioculturais que ocorreram ao longo dos séculos, muitas vezes precisou se reconfigurar, impactando o seu jeito de ser e estar no mundo, de modo especial, a Paróquia, que é a realidade visível da Igreja em meio às casas, cujo primeiro germe foi o da Igreja nas casas, momento em que a prática pastoral era centrada na partilha da Palavra, a celebração eucarística e o cuidado para com os necessitados. Somando-se a esse momento, houve a organização do processo de formação daqueles que desejavam ser instruídos na fé, através do caminho catecumenal.

Quando se analisa a história da paróquia, percebe-se que desde o século IV ela é tida como o lugar mais acessível, embora, não o único, para crescer na fé e vivenciar o ser e pertencer à Igreja. Sabe-se que sua história é marcada por momentos de glória e de decadência, a ponto de chegar a ser tida como uma realidade obsoleta por muitos. Pois assumiu uma postura que a fez estagnar pastoralmente, passou a se preocupar muito mais com a sua própria manutenção, e de algum modo abandonou a sua vocação primeira, ou seja, a missão *ad extra* e tornou-se autorreferencial. Sendo assim, se reconhece que para a paróquia reaver seu vigor missionário, se faz necessário que ela passe por transformações, para não vir a falir, mas sim voltar a ser e fazer o que é sua missão.

Todavia, para uma grande parte dos batizados há uma verdadeira identificação entre Igreja e paróquia, ou seja, para eles, quando se fala em Igreja, pensa-se logo na Paróquia. Sendo assim, pode-se dizer que a comunidade paroquial continua a ser um dos lugares privilegiados da pastoral, uma vez que é a estrutura eclesial onde a maioria das pessoas identifica como espaço de vivência cristã e recorre para realizar o processo de formação na iniciação cristã através do caminho catequético em busca do sacramento do batismo e da eucaristia; também continua a ser o lugar de acolhimento daqueles, que mesmo regenerados no batismo, ao cometer algum pecado, buscam reestabelecer-se na graça pelo sacramento da penitência e, para um número menor, mas, ainda considerável, continua a ser o espaço onde voltam para pedir o sacramento do matrimônio, a unção dos enfermos e ao chegar ao fim a vida a bênção nos funerais. Por outro lado, sabe-se também que existe um número considerável de cristãos, que não se identifica com a Igreja, nem mesmo se

sente membro dela. Porém, ainda recorre à Paróquia quando necessário, ainda que seja apenas para pedir um serviço público religioso, na busca de uma certidão que comprova a recepção de um dos sacramentos, ou para pedir um sacramental, principalmente bênçãos em alguns momentos, ou um aconselhamento esporádico, mas não querem e nem se sentem chamados à vida comunitária. Buscam na paróquia um serviço público, identificado mais com a secretaria, ou com o pároco, que com a comunidade em si.

Diante do exposto, se viu a necessidade de aprofundar no tema da paróquia na perspectiva de Francisco. Pois percebemos que em meio a todas as mudanças e desafios, pouco se tratou sobre o tema da paróquia. Não se encontrou uma abundância de referências que favorecessem nossa busca para o tema da pastoral paroquial. Percebe-se que nos últimos decênios houve uma grande preocupação com a questão administrativa, principalmente em como manter as estruturas paroquiais, até mesmo como fazer da secretaria um espaço de acolhida da paróquia. Porém, deixou-se de lado a reflexão sobre a identidade paroquial.

Muitos quiseram que o Concílio Vaticano II desse um direcionamento a respeito da paróquia, porém pouco se tratou sobre o assunto. Até mesmo a *Lumen Gentium*, que trata do tema da Igreja, não cita e nem apresenta uma definição de paróquia. Outros documentos tratam da realidade paroquial, mas sem muitas delongas. Na América Latina é possível notar que foram dados alguns passos em relação às transformações almejadas, principalmente na revisão da ideia de paróquia. As Conferências Gerais do episcopado latino-americano sempre buscando aplicar no continente a eclesiologia do Concílio Vaticano II, desde Medellín em 1968 insiste em apresentar a paróquia como uma comunidade e não apenas um território, Puebla e Santo Domingo alargaram os conceitos e a reflexão, e em Aparecida em 2007 se chegou à clara compreensão de que o futuro da paróquia não pode ser outro, senão ser uma comunidade de comunidades, por isso não pode ser uma comunidade que gira em torno de si, preocupada apenas em manter o que se tem, mas sim deve abrir-se à missão evangelizadora, pois sua índole sempre foi ser missionária.

A Igreja no Brasil, por meio de sua Conferência episcopal, sempre apresenta luzes para a caminhada pastoral da Igreja através das Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora, que a cada quadriênio passa por uma revisão e atualização. Sendo assim, a partir de Aparecida tem se empenhado em tratar da questão das transformações paroquiais e de sua conversão pastoral. Para tanto, iniciou um estudo sobre a paróquia e em 2014, depois da visita de Francisco ao Brasil em 2013. Por ocasião da Jornada Mundial da Juventude e, de modo especial, com a publicação da *Evangelii Gaudium*, trouxe a público um importante

documento, que trata da conversão pastoral da paróquia, através do qual apresenta a necessidade de renovação paroquial a partir da ampliação da formação de pequenas comunidades compostas por homens e mulheres que fizeram um verdadeiro encontro com o Senhor e vivem como discípulos convertidos pela Palavra de Deus. Estes são conscientes que não há outro meio para a paróquia, senão viver em estado permanente de missão.

Considera-se que os modelos paroquiais do passado não correspondem mais às necessidades do tempo presente, não há como fugir, se faz necessário mudar. Todavia, surge uma primeira pergunta, é necessário que a paróquia apenas mude suas estruturas, ou que ela se revitalize, se renove a partir de um processo de profunda conversão? Cremos que o Papa Francisco nos apresente algumas chaves de respostas, pois através da Exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, ele não só apresentou à Igreja o seu programa pastoral, mas sim, indicou o caminho que deseja que a Igreja percorra, em vista de uma evangelização eficaz e adequada ao nosso tempo. De modo especial, Francisco apontou posturas e caminhos a serem percorridos por todos os membros da Comunidade eclesial. E, em relação à paróquia, foi enfático em dizer que não se trata de uma estrutura caduca, ao contrário, é a Igreja presente no meio do povo. Porém, não pode permanecer como está, deve abandonar o modelo pastoral de conservação, e assumir um estilo pastoral que seja capaz de corresponder aos desafios e mudanças de época.

Francisco recorda que a Igreja e, conseqüentemente a paróquia, deve retomar a sua índole missionária, pois ela nasceu da missão e para a missão. Ao mesmo tempo, recorda que se trata de um processo que só se concretizará se todo o povo de Deus assumir seu papel, primeiro deixando-se ser envolvido pela alegria do Evangelho, seguida da corajosa ação de levar essa alegria a todas às instâncias da comunidade eclesial e no mundo, caso contrário não acontecerá um verdadeiro processo de conversão pastoral. Conversão essa que acontece primeiro em nível pessoal, e depois em nível comunitário através de um processo de deixar de lado o modelo de pastoral de conservação e assumir uma postura missionária, não preocupada apenas com aqueles que já estão no convívio eclesial, mas sim tornar-se verdadeiramente uma “Igreja em saída”, uma Igreja sempre aberta para acolher a todos, e de modo especial os pobres e necessitados. Francisco também é enfático em apresentar seu sonho de uma Igreja descomplicada e descentralizadora, realidade que deve acontecer tanto no âmbito universal, quanto no âmbito local, de modo especial, na paróquia, que é uma comunidade de comunidades e não deve estar voltada para si, muito menos centrada na pessoa do padre. Mas sim, deve ser a casa de todos e para todos, onde seus membros têm vez e voz e podem contribuir para o crescimento do Reino.

A presente dissertação desenvolve o trabalho de pesquisa científica em Teologia Sistemática por meio de revisão bibliográfica. Propõe-se aprofundar o tema: “A paróquia na perspectiva do Papa Francisco” com o intuito de esclarecer e compreender como Francisco pensa o processo de conversão pastoral da paróquia. Para realizar esse caminho de compreensão do pensamento de Francisco, considerou-se necessário entender em primeiro lugar quem é Francisco, sendo assim foi necessário visitar sua história, conhecer quem o influenciou e quais são suas raízes teológicas, que hoje refletem através de seu perfil pastoral e o faz pensar na conversão pastoral da Igreja.

Para compreender a importância que Francisco dá à “conversão pastoral” como meio de revitalização das comunidades e de suas estruturas em vista de renovação eclesial/paroquial, buscar-se-á realizar uma análise comparativa entre a proposta de conversão pastoral apresentada de modo especial nas Conferências Gerais do episcopado latino-americano, em especial as Conclusões de Aparecida e a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, com o intuito de responder às perguntas: a proposta de conversão pastoral paroquial apresentada por Francisco consiste verdadeiramente em que? A conversão pastoral proposta por Francisco tem suas raízes na proposta que Aparecida fez à Igreja na América Latina? Existe realmente algo novo na proposta de Francisco?

Tem-se consciência de ser um processo bastante desafiador, uma vez que não é próprio de Francisco prescrever receitas. Percebe-se que desde o início do seu pontificado, Francisco faz questão de devolver ao povo de Deus a responsabilidade do discernimento. A busca pela sua história pessoal se justifica na convicção de que seu perfil pastoral é permeado pelas marcas de toda sua história pessoal. Suas raízes teológicas enriquecem o seu ministério petrino e são reflexo da experiência de ministério exercido na Igreja Argentina, com todas as suas especificidades teológicas, sempre à luz do Concílio Vaticano II e das Conferências Gerais do episcopado latino-americano. Recorreu-se à busca de apoio de compreensão do seu perfil pastoral em obras de teólogos pastoralistas, bem como de outros autores que se interessam pela pessoa de Francisco. A chave de compreensão de como Francisco pensa a conversão pastoral da paróquia, foi a Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, ao mesmo tempo que alguns de seus discursos, proferidos em ocasiões de visita pastoral ou eventos como a Jornada Mundial da Juventude, grandes celebrações, nos quais dentre outros assuntos, Francisco trata da realidade da paróquia, sempre à luz do Documento de Aparecida e dos Documentos do Concílio Vaticano II.

Sendo assim, entendeu-se como necessário dividir esta pesquisa em quatro capítulos, que compõem dois momentos da vida de Francisco. Nos dois primeiros capítulos

ter-se-á em conta a vida pessoal e suas raízes teológicas e nos dois últimos o foco será compreender seu perfil pastoral e consequentemente o perfil da Igreja, para assim poder compreender o que ele pensa da paróquia. No primeiro capítulo, inspirado em suas primeiras palavras como pontífice, quando disse que vinha quase do fim do mundo, buscar-se-á conhecer Bergoglio, suas raízes familiares, as marcas que lhe são mais fortes, bem como aquelas talhadas em seu coração pela formação jesuíta, que se tornam sempre evidentes no seu modo de proceder. Reconhece-se que sua ação pastoral é fruto de experiências concretas, que deram sentido para sua vida e, no exercício do seu ministério episcopal, tornaram-se sua força, pois dá testemunho de ser um homem que não é voltado para si, mas sim para os mais necessitados. No segundo capítulo, nos concentraremos em conhecer algumas de suas raízes teológicas e pastorais, pois entendemos que continuam sendo o alicerce para a ação pastoral no exercício do ministério petrino. Fez-se necessário concretizar escolhas, pois sabemos que não é possível enquadrar um perfil pastoral de um bispo e, de modo especial, de um pontífice como pertencente a uma única corrente teológica. Consideramos como basilares a II, III, IV e V Conferência Geral do episcopado latino-americano, a Exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi* e a Teologia Argentina ou Teologia do Povo. Sabemos que há outras fontes, no entanto, preferimos nos ater somente a essas, pois é possível perceber que existe uma forte influência no seu modo de pensar e agir.

No terceiro capítulo nos concentraremos em compreender seu perfil pastoral e consequentemente o perfil pastoral da Igreja. Para a maioria dos autores, o melhor modo de compreender Francisco se dá através da análise de suas primeiras palavras e de seus gestos. Entende-se que a escolha de seu nome tem a ver com seu programa de ministério. Cada intervenção nos ajuda a compreender suas escolhas e ao mesmo tempo seu sonho de uma Igreja pobre e para os pobres, que deve tornar-se missionária e em saída. Seus gestos também são fonte para a compreensão de como Francisco deseja que a reforma eclesial se torne concreta através da colegialidade e a sinodalidade.

No quarto capítulo, depois de compreender melhor o perfil de Francisco, nos concentramos em compreender a realidade paroquial. Se viu como necessário fazer um breve percurso histórico da paróquia, bem como visitar o Concílio Vaticano II e as Conferências Gerais do episcopado latino-americano para compreender como a paróquia foi concebida desde então. No tocante à perspectiva de Francisco sobre a paróquia veremos que ele tem uma visão positiva, pois a compreende como sendo a realidade visível da Igreja presente entre as casas. Logo, precisa ser uma comunidade que vive e testemunha o Evangelho com alegria, deve ser sempre uma casa de portas abertas, ser sinal de misericórdia para todos que a procurarem,

principalmente os mais pobres e marginalizados. Por isso, não pode ser fechada em si, deve estar atenta às necessidades e desafios da sociedade em que está inserida, e estar pronta para evangelizar. Deve ser uma comunidade acolhedora e que não exclui ninguém, aberta ao diálogo. E uma vez que é uma comunidade de comunidades, deve ser descentralizada e descentralizadora, lugar onde os leigos possam participar de forma ativa e consciente, onde as lideranças possam contribuir com o pároco nas decisões e discernimentos de forma colegial e sinodal. Só assim se dará testemunho concreto de ser uma comunidade de discípulos missionários, comprometida com o anúncio do Evangelho e com a transformação da sociedade à luz dos valores do Reino de Deus.

Reconhecemos que não conseguimos abarcar tudo que era desejado. Em alguns momentos nos vimos postos contra a parede diante do tema e a realidade em que estamos inseridos. No entanto, sabemos que de algum modo esta pesquisa deverá contribuir seja para conhecer melhor Francisco, seja para repensar a paróquia. Desejamos que o leitor faça uma viagem no tempo e possa enxergar a partir de uma nova ótica a proposta de Francisco, que se faz tão necessária no momento presente. Boa leitura!

1 JORGE MARIO BERGOGLIO: “DEL FIN DEL MUNDO” À “URBI ET ORBI”

Se voltássemos no tempo, mais precisamente à noite do dia 13 de março de 2013, pouco antes das 20h (hora italiana), e perguntássemos a muitos brasileiros sobre quem é Jorge Mario Bergoglio, poucos teriam uma resposta que iria além do óbvio: é o Cardeal Arcebispo de Buenos Aires. Talvez alguns mais interessados pelo contexto que envolve os conclaves poderiam até se arriscar a dizer que é o cardeal que, segundo alguns vaticanistas, tinha sido o segundo mais votado no conclave de 2005, no qual fora eleito o Cardeal J. Ratzinger (Bento XVI). Outros, em quantidade ainda menor, possivelmente os que se arriscam na pesquisa do tema da Igreja em saída, poderiam relatar que, em 2007, Bergoglio participou da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, que ocorreu em Aparecida, entre os dias 13 e 31 de maio de 2007, na qual ele foi eleito presidente da comissão que redigiu o Documento final. Merece destaque a homilia que ele, na condição de membro da Assembleia e presidente da Conferência Episcopal Argentina, proferiu no dia 16 de maio de 2007, quarto dia da conferência episcopal, quando lhe tocou a oportunidade de presidir a Eucaristia, na Basílica Nacional de Nossa Senhora Aparecida. Essa ocasião foi propícia para que ele pudesse apresentar, com clareza e destemor, baseado em sua própria experiência de pastoreio, seu modo de conceber a postura da Igreja na América Latina, que seguramente influenciou os bispos na V Conferência do CELAM e que, oito anos mais tarde, viria refletida e reforçada na *Evangelii Gaudium*¹ como seu sonho para a Igreja universal². Dentre outros assuntos ligados ao Evangelho proposto para o dia, Bergoglio ressalta em relação à Igreja:

[...] não queremos ser uma Igreja autorreferencial, senão missionária, não queremos ser uma Igreja gnóstica, senão adoradora e orante. Povo e pastores constituindo este santo povo fiel de Deus que goza da *infallibilitas in credendo*, todos juntos com o Papa, Povo e Pastores dialogamos segundo o Espírito nos inspire, e oramos juntos e construímos a Igreja juntos, melhor dizendo, somos instrumentos do Espírito que a constrói³.

Como podemos notar, já em 2007, Bergoglio foi espontâneo ao apresentar seu pensamento, sendo portador de um novo sopro de vida à Igreja por meio de seus ensinamentos

¹ Tem-se em conta que o título da primeira exortação apostólica de Francisco traz as marcas de dois textos que ele tem apreço a *Evangelii Nuntiandi* de São Paulo VI e Constituição *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, o primeiro trata-se de um texto muito apreciado pelo Pontífice que envia a Igreja a evangelizar e o segundo, que na ordem cronológica seria o primeiro, abre a Igreja ao mundo, de modo especial, propondo diálogo e serviço.

² Francisco faz questão de dizer logo na introdução que o objetivo de sua primeira exortação é convidar a Igreja para uma nova etapa de evangelização que seja marcada pela alegria do Evangelho, da mesma forma que deixa claro que sonha com uma opção missionária que seja capaz de transformar toda a realidade da Igreja.

³ BERGOGLIO, Jorge Mario. *Desgrabación de la homilía del sr. arzobispo, durante la celebración eucarística en Aparecida*. Disponível em: <https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2007.htm#aparecida>. Acesso em: 23 jun. 2021.

e seu testemunho de vida. Em suas palavras, é fácil entendermos que seu pensamento a respeito do modo de proceder da Igreja é já amadurecido. Ele resgata o conteúdo do Vaticano II, principalmente no que se refere à Igreja apresentada como povo fiel de Deus e sua participação no discernimento, da mesma forma que reforça sua percepção sobre a colegialidade eclesial, e não apenas dos bispos, com uma abertura para a hora dos leigos, algo ressaltado durante o Concílio, mas ainda não aplicado em muitas comunidades locais. Tal posicionamento já revela um esforço por ser um homem de comunhão, sempre atento às necessidades, e que acredita no papel do santo povo fiel de Deus. E, mesmo que, até março de 2013, não fosse um prelado conhecido pelo mundo, seu testemunho à frente da Arquidiocese de Buenos Aires e na Igreja latino-americana já dá a entender que ele sabe onde quer chegar.

Nosso intuito, neste primeiro capítulo, é adentrar na história pessoal desse homem, filho da Igreja da Argentina e filho do seu tempo que, desde o dia 13 de março de 2013, temos a alegre satisfação de chamá-lo de Papa Francisco. Buscaremos entender seu jeito de ser cristão pelas suas raízes e sua postura ante os desafios enfrentados, da mesma forma que tentaremos alargar os horizontes para sabermos acolher seu jeito de pensar e ser Igreja, que agora se revela diante dos nossos olhos mediante o magistério pontifício. Isso porque se reconhece que, com sua eleição, se abriu um novo capítulo sobre o jeito de ser e estar à frente da Igreja. Dispomos, desde o início, a entender sua perspectiva de Igreja, porém somos cômicos de que, antes de mais nada, se faz necessário conhecermos quem é Jorge Mario Bergoglio. Assim, propomos a fazer um caminho.

O Evangelista Lucas, ao tratar do nascimento de João Batista, registra que as pessoas que haviam vislumbrado todo o acontecido diziam: “que virá a ser esse menino?” (Lc 1,66). Temos, diante dos olhos, o sucessor de Pedro e já somos testemunhas do que ele tem feito. Porém, desejamos entender seu jeito de pensar e de ser, e então nos perguntamos: quem é Jorge Mario Bergoglio? E, para alcançarmos a resposta, pautar-nos-emos por seus biógrafos e por vários teólogos⁴.

⁴ Tendo buscado referências que nos ajudassem a conhecer Jorge Mario Bergoglio, tivemos acesso, primeiro, às escritas em espanhol e, logo em seguida, encontramos, em português, sua primeira biografia, que se trata de uma obra/entrevista que teve sua primeira edição em 2009 (El Jesuíta) e que, após a eleição de Jorge, foi traduzida para diversas línguas, sendo que, em português, ganhou novo título: **O Papa Francisco**, conversas com Jorge Bergoglio (2013), cujos autores são Sergio Rubin e Francesca Ambrogetti. Outros títulos de relevância são: **A vida de Francisco**: o papa do povo (2013), obra da jornalista e escritora argentina Evangelina Himitian, que tem por objetivo mostrar que o coração do novo pontífice foi forjado ao se aproximar do povo, principalmente dos mais simples, razão pela qual ele sonha com uma Igreja pobre e para os pobres; **Papa Francisco**: a vida e os desafios (2013), do vaticanista e redator chefe de Famiglia Cristiana e vice-diretor de Credere, o novo seminário de Periodici San Paolo, em que o autor busca apresentar as origens de Bergoglio, sua história e seu pensamento, da mesma forma que procura fazer uma síntese dos principais desafios que Francisco terá de enfrentar; **Papa**

1.1 Jorge Mario Bergoglio, aquele que se construiu a partir da história

A figura de Bergoglio encanta multidões e inquieta aqueles que não o compreendem. Tendo feito um caminho de pesquisa sobre sua pessoa e sobre seu jeito de pastorear a Igreja antes de assumir a cátedra de Pedro, chegamos à constatação de que o melhor caminho para o entender é a partir de sua história pessoal. Encontramos no livro *Deus é jovem*⁵, uma experiência partilhada que nos serviu de norte para nossa pesquisa. Ao falar sobre a sua juventude, marcada por sonhos e desejos, apresenta um ensinamento que sua avó materna lhe deu quando tinha exatos 17 anos. De acordo com o que narrou o autor do referido livro, o fato se deu no dia em que morreu o músico Serguei Prokofiev, quando Bergoglio, um apreciador da arte desse artista, queria saber como alguém poderia ter tamanha genialidade. E a avó do Papa o ajudou a entender que houve um processo, que tudo o que ele admirava naquele músico era fruto de uma história, de um caminho que o construiu e o fez ser quem era. Foram palavras fortes que lhe marcaram e que aqui transliteramos: “ele não nasceu desse jeito, ele tornou-se assim. Lutou, suou, sofreu, construiu. A beleza que você vê hoje é o trabalho de ontem, do que ele sofreu e investiu, em silêncio”⁶, afirmou o Papa Bergoglio, recordando as palavras da avó materna. Diante dessa sabedoria e desse testemunho também nos inspiramos a percorrer um caminho na busca de melhor compreendermos as lutas, os sofrimentos que construíram sua pessoa, o jeito de ser e de pensar de Jorge Mario Bergoglio. Buscamos, portanto, apreciar um pouco do que ele viveu,

Francisco: vida e revolução (2014), da jornalista e escritora Elisabetta Piqué, que segue de perto a carreira de Bergoglio desde 2001, quando foi elevado ao cardinalato, obra que nos ajuda a entender que as mudanças que estão ocorrendo na Igreja universal já ocorriam em Buenos Aires; **Eu era Bergoglio, agora sou Francisco**, cujo autor é Cristian Martini Grimandi, jornalista do L'Osservatore Romano que, imediatamente após a eleição do pontífice, parte para Buenos Aires para estar com os mais próximos de Bergoglio e entender o impacto causado na sua primeira aparição, obra em que o autor apresenta que Jorge Mario Bergoglio, em todo seu percurso, seja como provincial dos jesuítas, seja como bispo auxiliar de Buenos Aires e finalmente como cardeal, sempre esteve próximo aos marginalizados; **O novo rosto da Igreja:** Papa Francisco, obra do Jesuíta Luis Gonzalez Quevedo, que traz alguns dados relevantes sobre Francisco. **O Papa Francisco**, chaves de seus pensamentos. Nesta obra, Mariano Fazio Fernandez, atual prelado da Opus Dei, apresenta, com base em sua leitura da história, o pensamento do Papa Francisco, com quem conviveu na Argentina, e apresenta alguns dados que nos ajudam a reconhecer o processo de amadurecimento de Bergoglio, até chegar à cátedra de Pedro. Dentre as obras em espanhol que tivemos acesso, destacam-se: **El gran reformador. Francisco, retrato de un Papa radical** (Version ebook), do jornalista e escritor britânico Austen Ivereigh, especialista em questões religiosas, de modo especial da Igreja católica, que apresenta Bergoglio como aquele que sempre foi sempre um reformador e que agora tem a missão de governar e levar a cabo a reforma esperada pelos cardeais, desde o conclave de 2013; **Yo, argentino. Las raíces argentinas del Papa Francisco**, do Jornalista Armando R. Puente, obra a que tivemos acesso apenas a uma parte, em arquivo pdf, disponível na internet em site mantido pelo próprio autor. **El Papa Francisco. Revolución de la ternura y el amor. Raíces teológicas y perspectivas pastorales** do teólogo Walter Kasper (Edição ebook - Kindle)

⁵ FRANCISCO. *Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*. Tradução de Pe. João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. Trata-se de uma obra/entrevista onde o pontífice, mediante um diálogo corajoso, íntimo e direto com o jornalista Thomas Leoncini, fala não somente aos jovens, sejam os do dentro da Igreja, sejam os de fora. São reflexões de temas diversos, onde articulam-se memórias pessoais, anotações teológicas e considerações pontuais e proféticas.

⁶ FRANCISCO. *Deus é jovem*, p. 25.

procurando entender quais são as marcas de sua história. De modo especial, é de nosso interesse aquilo que ele experimentou em sua casa, as marcas de sua formação familiar e religiosa, da sua vivência com seu povo.

Em todas as biografias pesquisadas, encontramos muitos detalhes importantes da vida de Bergoglio que nos ajudam a entendê-lo e a admirá-lo sempre mais. Porém, faz-se necessário afirmarmos algo óbvio, que Himítian assume como o título do segundo capítulo de sua obra: “não se nasce Papa”⁷, ele é fruto de sua história, sendo, pois, um argentino, filho de imigrantes italianos, um cristão devoto, um jesuíta que sempre buscou ser autêntico, um pastor com cheiro de ovelhas, o homem que assumiu a cátedra de Pedro, aos 76 anos, fez um belo percurso antes de ser o bispo de Roma. Porém, antes de mais nada ele é fruto da providência e da misericórdia divina. Um homem que narra sua história marcada por acertos e erros e que nos ensina a todo instante.

1.1.1 As raízes familiares e suas marcas em Bergoglio

Sabe-se que a história dos Bergoglios é marcada por tempos difíceis, porém, ao mesmo tempo, por muita união. De acordo com os dados encontrados, parte da família iniciou o processo de imigração para Buenos Aires por volta de 1920, época em que muitos italianos vieram para a América em busca de melhorias de vida. Entretanto, consta que o casal Giovanni Angelo Bergoglio e Rosa Margherita Vassalo, avós paternos de Jorge Bergoglio, ao se decidirem transferir da Itália para a Argentina com os filhos, não o fizeram apenas com o intuito de melhorar de vida, pois, naquela ocasião, eram donos de uma confeitaria em Turim. Giovanni queria muito vir para a capital portenha para se juntar aos seus irmãos, de quem sentia muita falta.

Uma das dificuldades daqueles que se arriscam no processo de imigração é o procedimento anterior à viagem. E para os Bergoglios não foi diferente. Para fazer a viagem, a família precisava, antes, vender os seus bens. E, como os trâmites da venda demoraram mais que o esperado, eles acabaram por perder as passagens que haviam comprado de Gênova para Argentina no navio *Principessa Mafalda*, que, naquela época, oferecia comodidade e prometia rapidez. Todavia, poucos dias depois, foram avisados de que, por uma infelicidade, naquela viagem, a embarcação naufragou no norte de Brasil. Somente meses depois, após terem resolvido tudo o que era necessário, é que conseguiram fazer a travessia do oceano e se reunir

⁷ Cf. HIMÍTIAN, Evangelina. *A vida de Francisco: o papa do povo*. Tradução de Maria Alzira Brun Lemos, Michel Teixeira. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 15-27.

com os demais membros da família, a bordo do navio Giulio Cesare, mais precisamente no ano de 1929⁸.

Diante desses fatos, a família Bergoglio se viu salva pela Providência Divina. E isso marcou também Jorge Mario Bergoglio, como podemos constatar na carta escrita em 1990, a pedido do historiador da Igreja na Argentina, o salesiano Pe. Cayetano Bruno, na qual o então Pe. Jorge faz memória à história salesiana de sua família, ressaltando o papel do Pe. Enrique Pozzoli em sua vida familiar, em sua história pessoal, e ao citar a imigração de seus avós e o fato de terem se salvado do naufrágio como foi citado, afirma que sempre agradecia à Divina Providência⁹. Da mesma forma, Puente¹⁰, ao tratar desse mesmo assunto, afirma que Bergoglio “vê de fato um sinal, o primeiro dos que reconhece a misteriosa intervenção de Deus em sua história”. De fato, a Divina Providência sempre foi presente em cada momento da vida familiar e pessoal de Bergoglio, e ele sabe ler os sinais dela em cada situação de sua vida, conforme poderemos constatar a seguir.

O pai de Bergoglio, Mario José Francisco Bergoglio (*1908 +1959), tinha 21 anos, era solteiro e já formado em contabilidade, quando desembarcou com seus pais na capital portenha. Cinco anos mais tarde, em 1934, momento em que participava de uma missa no oratório salesiano de Santo Antônio, no bairro portenho de Almagro, conheceu Regina Maria Sívori (*1911 +1981), a filha mais nova de uma família de cinco irmãos, cujos pais são Francisco Sívori Sturla e Génova María Gogna, também imigrantes italianos do Piemonte. Pelo que consta, o tempo de namoro não foi muito longo. Em 12 de dezembro de 1935, o jovem casal recebeu o sacramento do matrimônio na Basílica de São Carlos Borromeu e Maria Auxiliadora¹¹. Eis mais um dos fatos narrados por Bergoglio, no qual ele continua a ver o sinal

⁸ Sobre essa data, parece haver divergências entre seus biógrafos. Sobre isso, Cf.: RUBIN, Sergio; AMBROGETTI, Francesca. *O Papa Francisco: conversas com Jorge Bergoglio*. Campinas: Verus, 2013. p. 29. Os autores narram a chegada dos Bergoglios em Buenos Aires, porém afirmam ter sido em janeiro de 1929. PIQUÉ, Elisabetta. *Papa Francisco: vida e revolução*. Tradução de Carlos Turdera. São Paulo: LeYa, 2014. p. 44. A autora apresenta inclusive o dia, porém afirma ter sido 01 de fevereiro de 1929.

⁹ BERGOGLIO, Jorge Mario. *Recordações salesianas*. 20 de outubro de 1990. [Arquivo em pdf não paginado]. Disponível em: <https://comshalom.org/wp-content/uploads/2014/01/31/editorportal/carta.salesiano.pdf> Acesso em: 01 jun. 2021.

Há também a mesma carta publicada na íntegra no site do LaStampa, conforme pode-se conferir: *Bergoglio y el colegio de su adolescencia*. In: *La Stampa-Vatican Insider*. Publicado em 29 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.lastampa.it/vatican-insider/es/2014/01/29/news/bergoglio-y-el-colegio-de-su-adolescencia-1.35940491>. Acesso em: 21 jun. 2021. Também encontra-se disponível uma cópia em pdf da carta datilografada e assinada por Jorge Mário Bergoglio, disponível em: <https://comshalom.org/wp-content/uploads/2014/01/31/editorportal/carta.salesiano.pdf?x54500>. Acesso em: 21 jun. 2021.

¹⁰ PUENTE, Armando R. *Yo, argentino*. Las raíces argentinas del Papa Francisco. 2015. p. 15. [Arquivo em pdf]. Disponível em: http://armandorubenpuente.com/movil/download_file/view/540/457.pdf Acesso em: 01 jun. 2021.

¹¹ A data do casamento de Jorge Mario e Regina são destacados em GAETA, Savério. *Papa Francisco: Su vida y sus desafíos*. 1. ed. 2ª reimp. Buenos Aires: San Pablo, 2014. p. 7; PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 45.; PUENTE, *Yo, argentino*, p. 17.

da providência em sua história pessoal, pois, se seus avós tivessem feito a viagem no primeiro momento, conforme queriam, seus pais não teriam se encontrado e ele e seus irmãos não teriam vindo ao mundo.

Jorge Mario Bergoglio nasceu em 17 de dezembro de 1936, em Bueno Aires, exatamente um ano depois que os pais se casaram. Ele é o primeiro de cinco irmãos. Depois dele, nasceram Oscar, Marta, Alberto e María Elena¹². Os pais, como bons católicos, levaram-no para ser batizado, oito dias após o seu nascimento. E, assim, no Natal de 1936, o pequeno Bergoglio recebeu o sacramento do batismo, na mesma Igreja em que seus pais se casaram. Seus padrinhos foram seus avós paternos Giovanni e Rosa, e o sacerdote que o batizou foi Pe. Enrique Pozzoli, o salesiano, amigo de sua família, que terá um papel muito importante na sua vida. Himitian no-lo apresenta como sendo pai espiritual de Bergoglio e quem muito o influenciou a entrar na Companhia de Jesus, e registra que Pozzoli também foi recordado no prólogo do primeiro livro de Bergoglio *Meditaciones para religiosos*¹³. Puente nos dá mais detalhes, dando-nos a ouvir as próprias palavras de Bergoglio:

o Pe. Pozzoli, que foi confessor do meu pai e meu também, quando criança e jovem. Ele colocou em minhas mãos a Instrução Religiosa do Pe. Moret, para que pudesse descobrir qual era minha vocação, que discerni aos pés da imagem de Maria Auxiliadora. O padre Pozzoli me deu a bênção “*Sub tuum praesidium*”¹⁴.

Pode-se afirmar que a ligação que há entre Bergoglio e os salesianos é de longa data. A família de sua mãe já tinha amizade com os salesianos desde antes de imigrarem para a Argentina. Estando ali na capital portenha, os laços cada vez mais foram sendo reforçados. Providencialmente, foi numa Igreja cuidada por salesianos que seus pais se conheceram e se casaram, a Basílica cujos patronos são: São Carlos Borromeu e Maria Auxiliadora, a mesma Igreja onde Bergoglio foi batizado, recebeu a primeira comunhão e discerniu que deveria entrar para a Companhia de Jesus. Isso sem falar do papel na formação que ofereceram a Bergoglio e seu irmão, como veremos adiante.

Sabe-se que, quando nasceu a irmã caçula, María Elena, sua mãe teve complicações e acabou ficando parálitica durante um ano. Como a família era muito unida, todos se dedicaram a ajudar nas tarefas de casa. O pequeno Jorge, na ocasião já tinha 12 anos, dedicou-se a ajudar

¹² HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 15.

De acordo com Himitian (2013), María Elena é a única irmã viva de Bergoglio. Vários autores procuraram-na para saber mais sobre o irmão e para poder conhecê-lo melhor.

¹³ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 32. 34. Conferir também PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 53.

Piqué também ressalta o papel de Pe. Pozzoli no momento da decisão de entrar na Companhia de Jesus, porém afirma apenas que era seu diretor espiritual.

¹⁴ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 17.

na organização da casa. Logo que chegava da escola, procurava ajudar na preparação do jantar e, com isso, aprendeu a cozinhar¹⁵. Pelo que se viu, esse aprendizado lhe foi muito útil mais tarde, seja no tempo de formação, seja no testemunho de formador e na residência episcopal. Tem-se notícias de que, quando foi reitor no Colégio Máximo de San Miguel, entre os anos 1979-1985, além de cumprir os deveres da função, cozinhou para todos¹⁶, dando exemplo de empenho e compromisso com o trabalho. Puente¹⁷ afirma que, na residência episcopal em Buenos Aires, era ele mesmo quem preparava seu jantar.

1.1.2 O Jovem Bergoglio e o Bairro de Flores

O jovem Bergoglio cresceu e viveu as grandes experiências de sua vida no Bairro de Flores, também chamado de coração de Buenos Aires. Pudemos constatar muitas marcas positivas nas lembranças de Bergoglio, pois foi nesse lugar que a família viveu feliz e procurou superar os desafios do seu tempo. É nesse bairro que está a Igreja de São José de Flores, onde, aos 17 anos no confessionário que ainda está ali, próximo à imagem da Virgem de Luján e da imagem de São José, ele descobriu seu chamado ao sacerdócio¹⁸. Foi numa casa simples desse bairro, no seio de sua família que ele aprendeu a valorizar as raízes familiares. A título de exemplo, podemos ver o fato de ele ter aprendido o piemontês com sua avó paterna, já que em casa seu pai preferia falar o espanhol. De acordo com vários testemunhos, Bergoglio cresceu como qualquer outro garoto de bairro, era muito educado. Em relação às oportunidades de estudo, influenciado pelo pai, demonstrou gosto por estudar desde pequeno e era bastante aplicado e inteligente, e manifestou gosto pela literatura desde jovem. Foi também no seio familiar que aprendeu a valorizar o trabalho, porém, sobre o tema do trabalho, nos deteremos mais detalhadamente adiante. Doravante, veremos que o Bairro das Flores será também o espaço de formação de Bergoglio no início do seu ministério episcopal.

1.1.3 O papel da família na formação de Bergoglio

A vivência em família na memória de Bergoglio é uma marca positiva. Vemos que, quando ele fala da família, ressalta valores como fé, união, educação e cultura. Em um de seus

¹⁵ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 46.

¹⁶ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 82.

¹⁷ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 21

¹⁸ Encontramos, em todas as biografias, ao menos uma referência sobre esse fato. Porém, preferimos apresentar mais detalhes, ao falarmos sobre o tema da vocação.

testemunhos, recolhido por Himitian, Bergoglio afirma que a mãe tem um papel importante, pois foi ela quem os ensinou a valorizarem a arte e a cultura: “com minha mãe ouvíamos, nos sábados, às duas da tarde, as óperas transmitidas pela Rádio del Estado (hoje Rádio Nacional). Ela nos fazia sentar ao redor do aparelho e, antes que a ópera começasse, nos explicava do que tratava”¹⁹. Em relação ao cultivo da fé no seio familiar, é uma experiência que se fazia desde o berço. Os pais buscavam cumprir seu papel ensinando-os a amarem a Deus, dando o exemplo da vivência da oração do rosário e da participação da Eucaristia, reforçando a alegria de se reunirem como família ao redor da mesa: “os dias que mais desfrutávamos eram os domingos, quando íamos com toda a família à paróquia, à missa e depois almoçar”²⁰. É uma família que soube viver intensamente a alegria de estarem juntos e, de modo especial, soube ensinar os filhos a unirem fé e vida.

1.1.4 Bergoglio e a avó Rosa

Um dado comum encontrado em todos os autores que se aventuraram a investigar sobre a vida de Bergoglio é a marca da influência de sua avó paterna em vários aspectos da vida. Himitian²¹ diz-nos que “Bergoglio garante ter aprendido com a avó a resposta abrangente e bondosa para aquele que está prestes a se aventurar em um desafio incerto”. Puente²² nos apresenta um testemunho de Bergoglio que reforça ainda mais o que já foi dito: “minha avó paterna, Rosa Margherita Vasallo, é a mulher que teve a maior influência na minha vida, me ensinou a rezar. Me contava histórias de santos; marcou-me muito na fé”. Sabe-se que a avó Rosa morava também no Bairro Flores e, quando Regina, sua nora, teve o segundo filho, o pequeno Jorge estava apenas com 13 meses. Como não conseguia cuidar de duas crianças, obteve ajuda da sogra, que, durante vários anos, cuidou do neto mais velho. O próprio Bergoglio afirma:

minha mãe não dava conta de cuidar de nós dois, e minha avó, que morava perto, me levava pela manhã para a casa dela e me trazia à tarde. Do que mais me lembro é dessa vida dividida entre a casa de minha mãe e meu pai e a casa dos meus avós. E quem me ensinou a rezar de fato foi a minha avó²³.

Todos esses dados nos ajudam a entender as razões pelas quais existe essa forte ligação entre a avó e o neto. Vale ressaltar que, quando Bergoglio tomou a decisão de dizer sim ao

¹⁹ RUBIN; AMBROGETTI, *O Papa Francisco*, p. 25.

²⁰ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p.18; PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 46.

²¹ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 18.

²² PUENTE, *Yo, argentino*, p. 17.

²³ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 18.

chamado de Deus, a avó também o apoiou e, no dia de sua ordenação sacerdotal, manifestou sua satisfação de o neto ter assumido a missão de ser “médico de almas”²⁴.

Hoje, como Pontífice, Bergoglio usa do exemplo de sua avó para evidenciar sua fé para a Igreja, como podemos encontrar em seu testemunho dado na quarta-feira da oitava da Páscoa de 2013, quando, ao meditar sobre o papel da mulher como testemunha da ressurreição, ressalta o valor das mulheres na missão evangelizadora, afirma que elas tiveram um papel fundamental na fé na ressurreição da Igreja e acrescenta: “esta é um pouco a missão das mulheres: mães e mulheres! Dar testemunho aos filhos e aos pequenos netos, de que Jesus está vivo, é o Vivente, ressuscitou”²⁵. Durante a Vigília de Pentecostes do mesmo ano, celebrada com os movimentos eclesiais, perguntaram-lhe a respeito da certeza da fé e, mais uma vez, ele reafirma o papel da família e de sua avó em sua vida: “tive a graça de crescer numa família onde se vivia a fé de forma simples e concreta; mas foi sobretudo a minha avó, mãe do meu pai, que marcou o meu caminho de fé. Era uma mulher que nos explicava, falava de Jesus, ensinava o Catecismo”²⁶. Como se pode ver, as marcas da vivência da fé em família são profundas no coração de Bergoglio. A catequese de sua avó incutiu-lhe uma profunda religiosidade e ele dá os créditos dessa formação a ela, quando diz: “recebi o primeiro anúncio cristão precisamente dessa mulher, da minha avó! Tudo isso é muito belo! O primeiro anúncio em casa, com a família! Isso faz-me pensar no carinho que põem tantas mães e tantas avós na transmissão da fé. São elas que transmitem a fé”²⁷.

Em família, não há receitas prontas, apenas se vive. Bergoglio viveu momentos difíceis, nos quais a família sempre esteve presente, como discorreremos ao tratarmos sobre o processo vocacional. Seu pai morreu com apenas 51 anos, não esteve presente na sua ordenação, mas é sempre recordado. A mãe e a avó Rosa são as mais citadas por todos que se aventuraram a mergulhar na história de Bergoglio. Dos cinco irmãos, estão vivos apenas Jorge Mario (Francisco) e María Elena, a caçula. A personalidade de Bergoglio é marcada pela presença e a riqueza de sua formação recebida em família.

²⁴ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 45; PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 52

²⁵ FRANCISCO. *Audiência Geral*: Quarta-feira, 3 de abril de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130403_udienza-generale.html. Acesso em: 16 jun. 2021.

²⁶ FRANCISCO. *Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*. 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 16 jun. 2021.

²⁷ FRANCISCO, *Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*, 2013.

1.2 Como a Providência Divina formou o coração e a mente de Bergoglio

O jovem Bergoglio cresceu em uma família de classe média, que se mantinha com o salário do pai. Este, sabiamente, por causa das instabilidades econômicas da Argentina, procurou, desde muito cedo, inculcar o valor do trabalho nos filhos. Por isso, motivou Bergoglio a começar a trabalhar muito cedo, com apenas 13 anos, antes de iniciar o ensino médio. Não encontramos nada que afirmasse que a família chegou a passar, em algum momento, por necessidades. Ao contrário, em Rubin e Ambrogetti, encontramos um testemunho do próprio Cardeal Bergoglio, de sua vida familiar, onde ele relata que, em sua casa, não sobrava nem faltava nada, eram simples. E ressalta: “não tínhamos carro nem viajavamos no verão, mas não passávamos necessidade”²⁸.

Podemos dizer que os traços da personalidade de Bergoglio foram construídos com base em experiências concretas vividas em casa. Mariano Fazio²⁹ ressalta que “o desapego aos bens materiais; a escolha por usar transporte público e seu rigor em relação a não ter muitos bens” não são apenas frutos de sua formação religiosa inculcada pelos jesuítas, mas sim de sua experiência familiar. Ele é um homem experimentado na vida, que conheceu o Evangelho desde muito cedo, cresceu em uma casa onde a fé era vivida diariamente, deixou-se ser guiado pela providência, buscando encarnar a Palavra de Deus e compartilhando sempre com a realidade do seu povo. Veremos que algumas marcas são profundas e nos ajudam a captar a essência do pensamento e do seu modo de ele proceder, que, sem sombra de dúvidas, é fruto de sua experiência pessoal.

1.2.1 As marcas da cultura do trabalho em Bergoglio

Bergoglio é um homem que traz de casa as marcas da cultura do trabalho. Seu pai era um homem trabalhador, que conseguia, com seu salário, sustentar a casa e dar a devida dignidade para a família. Porém, mesmo que não houvesse uma necessidade de ajuda para o sustento da família, Mario Bergoglio fez questão que os filhos trabalhassem, a começar por Bergoglio, que, sendo o primogênito, não teve privilégios; ao contrário, teve de conciliar trabalho e estudos durante todo o tempo de formação secundária. No início, o trabalho era apenas durante as férias e Bergoglio trabalhava nos serviços mais simples, como na limpeza do escritório contábil; depois, passou para o escritório da fábrica de meias, onde o pai era contador;

²⁸ RUBIN; AMBROGETTI, *O Papa Francisco*, p. 27.

²⁹ FAZIO, Mariano. *O Papa Francisco*, chaves de seus pensamentos. São Paulo: Cultor de Livros, 2013. p. 19.

e, por último, antes de entrar no seminário, trabalhou em um laboratório, onde ele garante ter aprendido o bom e o ruim da tarefa humana.

Em Rubin e Ambrogetti, encontramos uma valiosa afirmação de Bergoglio a respeito de sua gratidão em relação à atitude de o pai tê-lo colocado para trabalhar desde cedo: “eu agradeço muito o meu pai por ter me mandado trabalhar. O trabalho foi uma das coisas que melhor me fizeram na vida”³⁰. Também, Escobar, quando trata das marcas da experiência de trabalho, afirma que “o jovem Bergoglio trabalhou para pagar seus estudos e aprender a necessidade do esforço”³¹.

Verificamos em vários discursos de Bergoglio que ele entendeu como a pedagogia de seu pai foi-lhe essencial, pois sua experiência familiar e o fato de ter trabalhado desde cedo o ajudaram a amadurecer e a conhecer melhor a própria realidade humana. Mariano Fazio alega que seu modo de vida é fruto de uma disciplina de trabalhador. Nesse sentido, as marcas da cultura do trabalho são fáceis de serem notadas a partir do modo de agir de Bergoglio. Sabe-se que ele inicia seu dia sempre às quatro horas da manhã e dorme apenas cinco horas por dia. Sempre foi um apreciador da pontualidade em tudo o que faz. É um homem que tem o seu tempo organizado. Divide o tempo com os trabalhos próprios de sua condição, sem deixar de lado a dedicação do tempo aos demais. Sua experiência pessoal como trabalhador foi essencial para ajudá-lo a compreender as alegrias e dores do empregado³².

As labutas familiares e a sua experiência laboral servem de pano de fundo para a formatação de seu posicionamento a respeito do trabalho, que Bergoglio define como aquela realidade que unge de dignidade uma pessoa³³. Para Rubin e Ambrogetti, ele afirma que “a unção de dignidade não é outorgada nem pelos ancestrais, nem pela formação familiar e nem pela educação, mas sim pelo trabalho. Pois come-se com o que se ganha com o trabalho, se sustenta a família com o trabalho”³⁴. Verificamos com base nessa afirmação que seu

³⁰ RUBIN; AMBROGETTI, *O Papa Francisco*, p. 28; PUENTE, *Yo, argentino*, p. 24.

³¹ ESCOBAR, Mario. *La revolución pacífica*: Los cambios que el papa Francisco ha comenzado en la Iglesia Católica. Grupo Nelson, 2014 [Arquivo em pdf]. p. 16. Disponível em: <http://historico.cpalsj.org/wp-content/uploads/2016/03/La-revolucion%CC%81n-paci%CC%81fica.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2021.

³² FAZIO, *O Papa Francisco*, p. 18-19.

³³ Essa definição do trabalho como unção da dignidade foi novamente apresentada há pouco pelo agora Papa Francisco, em seu discurso aos jovens do “projeto Policoro” da Conferência Episcopal Italiana, ocorrida em 5 de junho de 2021, na sala Clementina. Ao tratar sobre o tema da Economia de Francisco e da necessidade de fomentar seja nas paróquias, seja nas dioceses a cultura do trabalho, ele recorda que “a dignidade das pessoas não provém do dinheiro, nem das coisas que se sabem, mas sim do trabalho. O trabalho é uma unção de dignidade. Quem não trabalha não é digno”. FRANCISCO. *Discorso ai giovani del "Progetto Policoro" della Conferenza Episcopale Italiana* (CEI). Sala Clementina, Sabato, 5 giugno 2021 Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2021/june/documents/papa-francesco_20210605_progetto-policoro.html. Acesso em: 18 jun. 2021.

³⁴ RUBIN; AMBROGETTI, *O Papa Francisco*, p. 28.

posicionamento é fruto de uma experiência concreta, seja daquilo que viveu em casa, seja pela sua proximidade com seu povo no exercício ministerial, onde tantas vezes viu e ouviu relatos daqueles que não tinham um emprego e se sentiam miseráveis.

É possível constatar que, como sacerdote ou como arcebispo de Buenos Aires, Bergoglio sempre soube aproveitar bem as oportunidades para demonstrar o quanto o trabalho faz bem a uma pessoa. Em todas as funções que desempenhou dentro da Companhia de Jesus, seja no processo inicial de formação, seja como sacerdote, há testemunho de que o trabalho lhe era um tema caro³⁵. Como bispo, de modo especial, merecem destaque as homilias realizadas no Santuário de São Caetano no bairro de Lieners, periferia de Buenos Aires, onde celebrava com o povo, todos os anos, em 7 de agosto, dia em que se celebra a memória litúrgica da morte de um dos santos mais venerados pelos argentinos, também conhecido como padroeiro do pão e do trabalho. Nesse dia, aparecem milhares de fiéis que fazem fila para passarem diante da estatueta do Santo e manifestarem sua devoção, fazendo súplicas por pão e trabalho.

Himitian nos apresenta um trecho da primeira homilia proferida na ocasião da festa em 1997, exatos dois meses depois de ter sido nomeado arcebispo coadjutor. Consta que, na ocasião, apareceram na festa mais de seiscentas mil pessoas e é um momento difícil na Argentina, o trabalho estava ficando escasso. Bergoglio aproveita a oportunidade que lhe é apresentada e dá o seu recado:

O trabalho, como o pão, precisa ser repartido. Cada um tem que trabalhar um pouco. O trabalho é sagrado porque, quando alguém trabalha, vai-se formando a si mesmo. O trabalho ensina e educa, é cultura. Se Deus nos deu o dom do pão e o dom da vida, ninguém pode nos tirar o dom de ganhá-los trabalhando³⁶.

Vemos nessas palavras que Bergoglio experimentou o trabalho como dom e sabe reconhecer os frutos de tudo aquilo que viveu, e, fortalecido pelo ensinamento social da Igreja, motiva sua gente a continuar lutando por trabalho digno. Como dito, todos os anos, em 07 de agosto, Bergoglio sempre compareceu à festa de São Caetano para animar seu povo³⁷. Suas homilias para os trabalhadores sempre foram esperadas pelo povo e pelas mídias sociais, as quais, no dia seguinte, destacavam nas primeiras páginas o que o arcebispo havia dito. Era o

³⁵ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 37. A autora entende como sendo uma forma de inculcar o amor e o compromisso com o trabalho o gesto de preparar a mesa e lavar os pratos por parte dos formandos da Companhia de Jesus.

³⁶ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 94.

³⁷ No portal da Arquidiocese de Buenos Aires, podem-se encontrar todas as homilias do ex-arcebispo proferidas desde o ano de 1999, quando assumiu definitivamente como o titular da arquidiocese até março de 2013. Entretanto, sabe-se que sua primeira homilia foi proferida em 1997, logo após ser nomeado arcebispo coadjutor, conforme pode-se constatar na citação a que se refere a nota anterior. Todas as homilias estão disponíveis em: <https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homiliasbergoglio.html>. Acesso em: 18 jun. 2021.

momento do bispo com seu povo e suas palavras traziam uma marca profética, pois ele sempre sabia aproveitar da temática da festa³⁸ para trazer à tona algo essencial para recordar o respeito e a importância do trabalho para a autoestima e a dignidade da pessoa, da mesma forma que manifestava sua clara oposição ao flagelo do desemprego que assolava a nação, conforme se pode constatar num trecho da homilia na festa de San Cayetano do ano de 2003, em que afirma: “o pão e o trabalho que recebemos juntos e que compartilhamos fazem a nossa dignidade, como pessoas e como Nação”³⁹.

Como Pontífice, Bergoglio é consciente de que suas palavras têm um alcance ainda maior, pois atingem não apenas seus interlocutores diretos, mas a toda Igreja. Por isso, não perde a oportunidade de fazer sua voz alcançar o mundo. Em 1 de maio de 2013, em sua audiência de quarta-feira, aproveitou a oportunidade da memória de São José Operário e pediu justiça social contra o desemprego, da mesma forma que fez uma denúncia clara a respeito do trabalho escravo e do sistema econômico que não tem como referência a justiça social⁴⁰. Ainda em 2013, em sua segunda visita pastoral, reuniu-se com os trabalhadores em Cagliari (Sardenha), em 22 de setembro. Na ocasião, ouviu três testemunhos a respeito dos desafios vividos pela classe trabalhadora, como as sérias consequências da crise de desemprego, a desagregação da família e o sentimento de falta de dignidade⁴¹. Notamos que a situação apresentada por aqueles trabalhadores lhe tocou de tal modo que ele deixou o texto que havia preparado de lado e fez um discurso espontâneo, no qual ressaltou a força de sua história

³⁸ Em 1999, aproveitando a preparação para o Jubileu do ano 2000, falou sobre o valor do trabalho, recordando que *temos um lugar no coração do Pai!* Em 2000, trabalhou a temática *Com São Cayetano, por um milênio de justiça, solidariedade e esperança*. Em 2001, trabalhou o tema a partir da bem-aventurança: *Felizes vocês que choram, porque serão consolados*. Em 2002, trabalhou a temática *Com São Cayetano exigimos o pão que alimenta e o trabalho que dignifica*. Em 2003, o tema foi: *Não desanimemos, da mão de São Cayetano encontraremos o caminho para recomeçar*. Em 2004, extraiu o tema a partir da liturgia do dia: *O caminho da decepção e o caminho da esperança*. Em 2005, tomando como referência o trecho do Evangelho sobre o lava-pés, tratou do tema *Se vocês saboreiam esta verdade – que o poder é serviço – e praticá-la, vocês serão felizes*. Em 2006, mais uma vez trabalhando o tema a partir da liturgia, pede *Que Deus nosso Pai ouça o clamor do seu povo*. Em 2007, tratou do tema *A São Cayetano, como família pedimos paz, reconhecimento da nossa dignidade e trabalho*. Em 2008, refletiu sobre o tema *Com São Cayetano procuramos construir "um lugar" para todos*. Em 2009, refletiu sobre *Com São Cayetano buscamos justiça, pão e trabalho*. Em 2010, fez sua reflexão a partir do tema *São Cayetano: caminhamos com fé pedindo sua proteção*. Em 2011, discorreu sobre o tema *Junto com São Cayetano pedimos por paz, pão e trabalho*. Em 2012, pede: *São Cayetano, abençoei nossa Pátria com pão e trabalho para todos*. Todos esses temas estão disponíveis em espanhol no portal da arquidiocese de Buenos Aires.

³⁹ BERGOGLIO, Jorge Mario. *Homilía del Sr. Arzobispo en el Santuario de San Cayetano*. 7 de agosto de 2003. Disponível em: <https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homiliasbergoglio.html>. Acesso em: 18 jun. de 2021.

⁴⁰ FRANCISCO. *Audiência Geral*. Praça de São Pedro. Quarta-feira, 1º de Maio de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiencias/2013/documents/papa-francesco_20130501_udienza-generale.html. Acesso em: 21 jun. 2021.

⁴¹ Para se ter acesso a esse conteúdo, fez-se necessário utilizarmos, como fonte bibliográfica, tanto o texto original quanto o vídeo, pois somente através do vídeo se pode ter acesso ao conteúdo apresentado pelos trabalhadores: MURCIA, R. *Popular Televisión*. Llegada del Papa Francisco a Cagliari. Canal Popular Televisión R.Murcia, 22 set. 2013. Vídeo Youtube (1h32min12). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hqUyB-P5v4Y>. Acesso em: 25 jun. 2021.

peçoal: “em casa eu sentia esse sofrimento, ouvia falar sobre esse sofrimento. Conheço bem isso! No entanto, devo dizer-vos: ‘Coragem!’”⁴². Sua história peçoal o ajudou a forjar seu pensamento em relação à dignidade do trabalho e da peçoal. O testemunho de sofrimento dos seus antepassados e o partilhar da dor do seu povo o fazem entender como o trabalho é importante para que o indivíduo se sinta digno.

O discurso à classe operária supracitado merece destaque, pois se tornou um marco do seu posicionamento como Pontífice a respeito da cultura do trabalho. Na ocasião, muito mais que apresentar palavras de ânimo, cheias de vida e de esperança buscou, ao mesmo tempo, apontar caminhos de superação e transformação da realidade, como alguém que a conhece. Reconhece que se trata de um desafio histórico, que deve ser enfrentado com inteligência e solidariedade. Portanto, não vê outro caminho de transformação da realidade, senão o da superação da idolatria pelo dinheiro e da retomada que coloca o homem em primeiro lugar. Assim, ressalta: “Deus quis que no cerne do mundo não houvesse um ídolo, mas o homem, o homem e a mulher que, mediante o próprio trabalho, levassem em frente o mundo”⁴³. Deixa claro que, sem trabalho, não se tem dignidade, pois é com o trabalho que se traz o pão para casa. Faz-se necessário, portanto, fomentar a cultura do trabalho e dizer não à cultura do assistencialismo⁴⁴ e à cultura do descarte⁴⁵, o que implica fomentar a educação para o trabalho desde a juventude e lutar para que se instaure um sistema econômico que seja justo, que tenha no centro o homem e a mulher, como sempre foi a vontade de Deus, e não o dinheiro. E nessa empreitada, todos devem se envolver. Da sua parte, a Igreja precisa conhecer e compreender a realidade, ser próxima e transmitir esperança aos que estão desanimados e, junto às instâncias políticas e econômicas, por meio do método de colaboração e do diálogo, encontrar um caminho de solução.

Em outra ocasião, em 2018, ao encontrar-se com os membros da federação dos trabalhadores condecorados pelo governo italiano, mais uma vez o Papa Bergoglio retomou o tema da centralidade da peçoal, do trabalho como garantia de dignidade e da realização peçoal, mediante um compromisso comum. Para Francisco,

⁴² FRANCISCO. *Discurso no encontro com os trabalhadores*. Visita Pastoral a Cagliari. Largo Carlo Felice, Cagliari Domingo, 22 de setembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130922_lavoratori-cagliari.html. Acesso em: 25 jun. 2021.

⁴³ O mesmo tema será retomado na EG 55-58, onde Francisco procurará tratar da superação da idolatria e da servidão ao dinheiro.

⁴⁴ Percebe-se que o mesmo tema vem tratado na EG 204 e retomado em várias ocasiões, de modo especial ao instaurar o dia do pobre.

⁴⁵ Também na EG 53 o pontífice trata da mesma temática.

A esperança num futuro melhor passa sempre pela própria atividade e empreendedorismo, portanto pelo próprio trabalho, e nunca apenas pelos meios materiais dos quais se dispõe. Com efeito, não há segurança econômica alguma, nem qualquer forma de assistencialismo, que possa garantir plenitude de vida e realização pessoal. Não podemos ser felizes sem a possibilidade de oferecer a própria contribuição, pequena ou grande que seja, para a construção do bem comum⁴⁶.

Diante de tal posicionamento, devemos concordar que fomentar a cultura do trabalho é um dever da família, da Igreja e, de modo especial, daqueles que governam. O trabalho, de acordo com o Papa Bergoglio, é a chave da questão social. A Igreja deve denunciar qualquer forma de trabalho que pense o trabalhador apenas do ponto de vista funcional. O centro não pode ser apenas o lucro nem o capital, mas sim a pessoa. Portanto, também deve ser superada toda e qualquer postura política assistencialista.

1.3 A formação escolar e suas marcas na vida de Bergoglio

Bergoglio herdou do pai a paixão pelo futebol, mais propriamente pelo time do São Lourenço⁴⁷, e, como vimos, o amor e o respeito pelo trabalho também são valores que ele traz de casa. Seu pai, um migrante italiano, marcado pelas lutas próprias do seu tempo, buscou dar o melhor para seus filhos e, de modo especial, também procurou inculcar-lhes o gosto pelos estudos e a valorização do tema educação, algo que percebemos que lhe é muito caro, desde o início dos seus estudos.

Sabe-se que os estudos primários e secundários foram realizados em escolas públicas, pois, naquela época, o orçamento era apertado. Todavia, isso, de modo algum, prejudicou a formação do futuro Papa. Muito pelo contrário, ofereceu-lhe oportunidades de crescimento e reflexão, que se lhe tornaram caras no exercício do ministério sacerdotal, episcopal e, como sucessor de Pedro, acabou de conclamar a humanidade para um pacto global pela educação⁴⁸.

O pequeno Jorge iniciou os estudos primários em 1943, na Escola n. 8 Coronel Cerviño, na Rua Varela, n. 300. A senhora Estela Quiroga foi sua primeira professora e quem o alfabetizou. Nessa mesma Escola, permaneceu até o ano de 1948, quando concluiu os estudos

⁴⁶ FRANCISCO. *Discurso aos membros da federação dos trabalhadores condecorados pelo governo italiano*. Sexta-feira, 15 de junho de 2018. Disponível em:

https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180615_federazione-maestri-dellavoro.html Acesso em: 15 jun. 2021.

⁴⁷ São Lourenço é o menor dos três times principais de Buenos Aires. Foi fundado pelo missionário salesiano Pe. Lorenzo Massa por volta de 1907.

⁴⁸ Embora não faça parte da nossa pesquisa, merece destaque a atuação de Bergoglio em relação à formação escolar na Argentina.

primários. De acordo com os dados encontrados em vários autores, naquela época, as notas eram apenas suficientes ou insuficientes, e Jorge obteve um suficiente⁴⁹.

A família de Bergoglio viveu um momento difícil no ano de 1949 e isso acarretou o acréscimo de um ano a mais de estudo, antes de ingressar na escola secundária. Esse ano foi vivido no colégio dos salesianos e, pelo se poderá constatar no próximo tópico, esse ano lhe serviu como uma experiência rica de humanização, pois não só serviu para reforçar a educação do jovem Bergoglio, mas também o provocou em vários sentidos de sua vida. Bergoglio iniciou seus estudos secundários em 1950, na Escola Técnica Industrial N° 12. De acordo com as informações apresentadas por Himitian, era “uma escola pública montada em uma casa de família, na rua Goya, 300, no bairro de Floresta”⁵⁰.

De acordo com Puente, na ocasião em que Bergoglio iniciou seus estudos secundários, seu pai era o contador da escola e, para que a instituição pudesse cumprir a função educativa, fundou uma associação cooperadora que acompanhava os docentes e funcionários administrativos⁵¹. Tal atitude de Mário Bergoglio nos ajuda a entender que ele se preocupava não só com o futuro de sua família, mas também, manifestava um compromisso com a formação daquela geração de jovens.

Durante os estudos secundários a rotina de Bergoglio foi bastante exigente, pois teve de estudar e trabalhar e, mesmo assim, isso não lhe prejudicou nos resultados escolares. Percebe-se pelos testemunhos de seus amigos, recolhidos por Himitian, que Bergoglio demonstrava ser um adolescente que sabia dividir o tempo entre estudos, esporte e ainda sobrava tempo para ajudar os amigos nos estudos, conforme afirma Nestor Carabajo, um dos amigos da escola secundária:

Nas segundas-feiras nos reuníamos depois das aulas para conversar sobre futebol e, às vezes, íamos jogar bola em um terreno da igreja Medalha Milagrosa. Um ou outro vidro quebrava, é claro. Depois dos desafios do futebol, ajudava todos a estudar, incluindo os das divisões inferiores. Além disso, jogava basquete e gostava muito de assistir a lutas de boxe⁵².

Pelo que podemos notar, tinha uma vida bastante intensa e merece destaque o fato de que se preocupava em ajudar os colegas nos estudos. Há testemunhos de que, naquela época, já se interessava pela literatura clássica, como *Los novios*, de Alessandro Manzoni; *La divina*

⁴⁹ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 20; GAETA, Savério. *Papa Francisco: Su vida y sus desafíos*. 1. ed. 2ª reimp. Buenos Aires: San Pablo, 2014. p. 8; PUENTE, *Yo, argentino*, p. 20.

⁵⁰ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 22.

⁵¹ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 20.

⁵² HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 22.

comédia, de Dante Alighieri. Mais tarde, somou-se aos seus livros de cabeceira a obra completa de Jorge Luis Borges e de Leopoldo Marechal.

Nesse mesmo período, com os conhecimentos que foi adquirindo na escola industrial, teve a oportunidade de trabalhar aos 16 anos no laboratório Hickethier-Bachman, onde se dedicava das sete da manhã a uma da tarde a fazer análises bromatológicas das amostras enviadas pelas empresas para efetuarem seus controles de gorduras, água e produtos alimentícios. Foi nesse lugar que Bergoglio teve como chefe uma mulher que também lhe marcou positivamente, a paraguaia Esther Ballestrino de Careaga⁵³, que também é uma das fundadoras das mães da praça de maio. Embora ela fosse comunista e atea e ele um jovem empenhado na fé, a amizade com ela lhe permitiu alargar sua percepção crítica da sociedade e da militância política.

Em novembro de 1955, Bergoglio concluiu o curso de química industrial, que lhe exigiu um ano a mais de estudos. Nessa época, já estava com 19 anos e, embora já tivesse feito a sua experiência de se sentir amado e chamado por Deus, não tinha manifestado seu desejo à família.

1.3.1 A influência salesiana na formação de Bergoglio

Como vimos, a amizade entre os salesianos e a família Bergoglio é anterior à vinda deles para a América Latina. Dentre os vários sacerdotes amigos, um se destaca, o Pe. Enrique Pozzoli, que, além de ter sido o confessor e diretor espiritual de Jorge Bergoglio, foi promotor vocacional de outros parentes, inclusive de um de seus sobrinhos, que também é jesuíta, conforme o próprio Bergoglio testemunha em sua carta ao Salesiano Padre Cayetano Bruno⁵⁴.

Em 1949, logo após o nascimento da caçula dos Bergoglios, María Elena, sua mãe, Regina Sívori, teve complicações pós-parto e ficou acamada. Surgem, então, dois personagens importantes: a avó paterna “nonna Rosa”, que ajudou a cuidar dos irmãos menores, e o salesiano Pe. Pozzoli, para ajudar com os mais velhos. Este propôs que os três maiores fossem cuidados pelos salesianos. Marta, a irmã do meio, ficou interna no Colégio Maria Auxiliadora e os dois mais velhos, Jorge Mário e Oscar Bergoglio, foram levados para o Colégio Wilfrid Barón de

⁵³ Sobre a influência de Esther Balestrino sobre Bergoglio, pode-se encontrar mais detalhes em HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 23; PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 48; PUENTE, *Yo, argentino*, p. 28-9; IVEREIGH, *El gran reformador*, p. 35.

⁵⁴ Cf. LEÓN, Alejandro. *Francisco y Don Bosco*. Quito – Ecuador: CGS Cuenca. 2014. [Edição em formato pdf] p. 38. Disponível em: <https://www.udb.edu.sv/ciees/descargasciees/recursos/papa-francisco-y-don-bosco.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2021. Nesta obra, além da carta de Bergoglio ao Pe. Cayetano, já citada (Nota 11), também consta outras informações a respeito da relação de Bergoglio com os salesianos.

los Santos Ángeles do bairro Ramos Mejía⁵⁵. E como já havíamos citado, por esse motivo, somou-se um ano a mais à formação do primeiro grau de Bergoglio, o sexto ano. O processo de recuperação da mãe do Pontífice durou um ano e foi o tempo suficiente para que a formação salesiana deixasse marcas positivas no jovem Bergoglio.

Sobre esse período de sua formação, também podemos notar que este é tido como um sinal da Providência Divina. O testemunho marcante do então Pe. Jorge Bergoglio, foi enviado por meio de uma carta ao Pe. Cayetano Bruno, já citado, na qual Bergoglio apresenta vários dados relevantes que nos ajudam a entender como aquele período vivido junto aos salesianos marcou de forma positiva e profunda sua vida. Ao ler o texto, podemos perceber que todos os aspectos vividos no Colégio Salesiano do Bairro Ramos Mejía lhe serviram de base para consolidar seu pensamento a respeito de uma educação como processo integral, da mesma forma que lhe abriu horizontes e foi essencial para ser um cristão melhor.

Apesar de ter sido apenas um ano, tudo o que Bergoglio viveu no Colégio Salesiano do Bairro Ramos Mejia foi fundamental para consolidar a formação recebida em casa e forjar um cristianismo autêntico na personalidade do futuro Pontífice. A começar pelo ritmo diário que lhe era proposto. Bergoglio destaca que ali o dia era bem aproveitado e a sequência de atividades era de tal modo organizada que não causava tédio, pois sabia-se dividir o tempo: ia-se à missa logo cedo, depois tomava-se o café da manhã, seguiam-se os estudos, não faltavam as recreações e, antes de dormir, havia as orações e reflexões que lhe deixaram marcas para toda a vida. Tais momentos foram fundamentais para sedimentar em Bergoglio a sua identidade cristã. Merece destaque quando ele diz que as formações lhe abriram os horizontes para a verdade das coisas, o valor da convivência e, principalmente, a abertura ao necessário, conforme podemos comprovar em suas próprias palavras:

Ali nos educavam para a criatividade [...]. A mim me fizeram viver os vários aspectos entrelaçados da vida e isso foi criando em mim uma consciência humana (social, lúdica, artística). Em outras palavras: o Colégio criava, através do despertar da consciência na verdade das coisas, uma cultura católica que nada tinha de piedoso ou desorientado. O estudo, os valores sociais de convivência, as referências sociais aos mais necessitados (lembro-me de ter aprendido ali a me privar de coisas para dar às pessoas mais pobres que eu), o esporte, a competição, a piedade; tudo era real e tudo formava hábitos que, em seu conjunto, plasmavam uma forma cultural de ser. Se vivia neste mundo, porém aberto à transcendência do outro mundo⁵⁶.

Já que em casa a mãe não tinha condições de ter os filhos por perto, a Providência Divina abriu-lhes a oportunidade de continuarem a plasmar suas personalidades com a ajuda de quem

⁵⁵ Cf. LEÓN, *Francisco y Don Bosco*. p. 30; PUENTE, *Yo, argentino*, p. 19.

⁵⁶ BERGOGLIO, *Recordações salesianas*, 1990.

lhes poderia dar o melhor. Bergoglio ressaltou que as horas de estudo em silêncio foram propícias para o desenvolvimento de sua concentração e atenção. Também salientou que, tanto nos estudos quanto nos esportes, os alunos aprendiam a competir como cristãos, pois eram ensinados a buscarem o êxito sem desprezar quem chegasse em segundo lugar. De modo especial, admite que, nesse período, sua consciência se desenvolveu e ele aprendeu a buscar o sentido das coisas e a reconhecer a verdade como algo exterior a si mesmo. Portanto, foi um tempo propício para desenvolver virtudes e perceber a necessidade de valores, como a responsabilidade para com o mundo. Podemos notar que foi exatamente nesse tempo que ele se abriu às necessidades dos pobres e a renunciar ao supérfluo, doando suas coisas a quem tinha necessidade. Sua consciência a respeito do pecado e do perdão foi amadurecendo a partir dali.

Um dado que merece um grande destaque é a valorização da piedade. Ele afirma que, vivendo ali, ele aprendeu a cultivar o gosto de rezar antes de dormir, da mesma forma que aprendeu a buscar a intercessão da Virgem Maria e a respeitar a figura do Papa, que, naquela época, era Pio XII. E faz uma observação importante quanto à moral quando diz que a formação recebida ali lhe ajudou a nutrir amor pela castidade de modo saudável, do mesmo jeito que desenvolveu sua consciência a respeito da morte.

1.4 O chamado de Deus e os desafios enfrentados nos dois primeiros anos

Como dito, Jorge Mario Bergoglio recebeu sua formação cristã desde o berço. Sua família vivia a fé no cotidiano e soube inculcar os valores nos filhos, inclusive na participação da Igreja. Como vimos, aos 12 anos, sua formação foi reforçada e até mesmo ampliada, com a ajuda dos salesianos do Colégio do bairro Ramos Mejía. Porém, para falar do chamado de Deus propriamente dito, faz-se necessário pensarmos num encontro pessoal com Deus, e esse tem data certa na memória de Bergoglio.

Imprescindível é recordarmos que o início da juventude de Bergoglio foi marcado pelas experiências típicas dos jovens do seu contexto. Ele se dedicava aos estudos, trabalhava e, aos finais de semana, tirava um tempo para se divertir e, de modo especial, aos domingos, dedicava-se à vida na comunidade paroquial, algo que se vivia em família.

De acordo com Ivereigh⁵⁷, Bergoglio se associou como membro da Ação Católica Argentina na paróquia no bairro de Flores entre os anos 1952-1955. A maioria de seus biógrafos relata que o jovem Bergoglio era alguém que sabia aproveitar o seu tempo, com

⁵⁷ IVEREIGH, A. *El gran reformador*: Francisco, retrato de un Papa radical. Traducción de Juanjo Estrella. 1. ed. Barcelona: Ediciones B, S. A., 2015. (*Version ebook*). p. 31.

estudo, trabalho, esportes e, nos fins de semana, organizava festas com os amigos para dançarem e se divertirem⁵⁸. No tocante à vida da fé, aprendeu a rezar com a avó, recebeu um bom testemunho dos pais na vivência da oração, de modo especial rezando o rosário em família, aos domingos, quando toda a família chegava da missa em que participavam na paróquia de São José do seu bairro. Os amigos daquela época o definem como um rapaz sociável, com virtudes admiráveis, como a cordialidade, a alegria, o altruísmo, como alguém que sabia aproveitar a vida portenha e que era, desde cedo, interessado pelas questões sociais, pois visitava os bairros carentes de Buenos Aires, era religioso e se preocupava com os menos favorecidos⁵⁹.

Em 2018, quando questionado a respeito do seu encontro com Deus, ele afirmou que o “encontro forte com Deus”⁶⁰, que mudou sua vida para sempre, aconteceu no dia 21 de setembro de 1953. Essa data tornou-se um marco em sua vida, pois não é só recordada como o dia em que descobriu sua vocação, mas como o dia em que entendeu que é Deus quem sempre toma a iniciativa e nos espera, como ele mesmo afirma para Rubim e Ambrogetti, definindo tal momento como o “estupor do encontro”⁶¹. Vale recordarmos que 21 de setembro é o dia em que se celebra a festa litúrgica de São Mateus, é o início da primavera e, na Argentina, celebra-se o Dia Nacional do Estudante. Consta que, naquele dia, o jovem Bergoglio estava indo com os amigos a uma festa em que se comemoraria a chegada da primavera e festejaria o Dia Nacional do Estudante, mas, ao passar pela porta da Igreja de São José de Flores e vendo-a com a porta aberta, sentiu-se impulsionado a entrar, mesmo sem saber por quê. Dentro da Igreja, notou que havia um sacerdote novo, que não conhecia, e decidiu se confessar. Porém, ao receber a absolvição sacramental, afirmou ter feito a “sua primeira experiência de fé”⁶², na qual ele reconheceu a presença amorosa de Deus, que o estava esperando muito antes que ele o buscasse, e esse encontro mudou sua vida por completo, conforme ele contou na Vigília de Pentecostes de 2013:

⁵⁸ Tem-se notícias de que era um bom dançarino de tango e de milonga, tem preferência pela orquestra de Juan D' Arienzo, pelas canções de Carlos Gardel, Julio Sosa, Ada Falcón, Azucena Maizani, Astor Piazzolla e Amelita Baltar, conforme podemos constatar em HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 26; PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 50.; PUENTE, *Yo, argentino*, p. 25.

⁵⁹ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 26.

⁶⁰ Termo utilizado para definir o encontro com Deus ao repórter Thomas Leoncini. FRANCISCO. *Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*. Trad. Pe. João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. p. 26.

⁶¹ RUBIN; AMBROGETTI, *O Papa Francisco*, p. 39-40. Também Puente desenvolve a temática do encontro pessoal de Bergoglio com Deus com o título: *El estupor del encuentro*.. Cf. PUENTE, *Yo, argentino*, p. 26-27.

⁶² FRANCISCO. *Palavras do Santo Padre Francisco na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*. Praça de São Pedro, Sábado, 18 maio 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 25 jun. 2021.

Eu não sei o que se passou, não me lembro; não sei sequer por que motivo estivesse lá aquele padre que eu não conhecia, não sei por que senti aquela vontade de me confessar, mas a verdade é que alguém estava à minha espera. Esperava-me há muito tempo. Depois da confissão, senti que qualquer coisa tinha mudado; eu não era o mesmo. Tinha ouvido como que uma voz, uma chamada: fiquei convencido de que devia tornar-me sacerdote. Na fé, é importante esta experiência⁶³.

Bergoglio considera que, naquele dia, exatamente ali, naquela Igreja que estava de “portas abertas”⁶⁴, ele fez seu encontro pessoal com Jesus, alguém que ele já conhecia intelectualmente, mas ali, naquele momento, ele descobriu que Ele o estava esperando não só para chamá-lo, mas amá-lo. A partir de então, ficou-lhe claro que Deus nos *primerea*⁶⁵, ou seja, embora tenha em nós o desejo de buscá-Lo, é Ele quem nos busca primeiro. Queremos encontrá-Lo e Ele nos encontra primeiro. Naquele dia, mesmo que o Senhor não lhe tenha dito uma palavra, o jovem Bergoglio entendeu que estava sendo chamado a ser sacerdote e fez essa experiência na fé.

Pelo que se sabe, Bergoglio acabou não indo se encontrar com os amigos na celebração do Dia do Estudante. Ao contrário, voltou para casa com a convicção de que Deus o chamava a dar um passo maior na vida. Porém, na ocasião, não contou nada para ninguém e, como ainda estava cursando a escola secundária, procurou amadurecer o que acabara de descobrir. Sabe-se que ele tinha uma namorada⁶⁶ e que precisou decidir entre o desejo de ter uma família e a consagração total a Deus. Esse processo durou até a conclusão da escola secundária, quando, aos 19 anos, tendo feito seu discernimento e tomado a decisão de seguir a vida religiosa, contou primeiro sua decisão ao pai, depois para a avó paterna, e ambos acolheram sua escolha com alegria. Sua mãe nutria o sonho de que ele

⁶³ FRANCISCO. Palavras do Santo Padre Francisco na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais. Praça de São Pedro, Sábado, 18 maio 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 25 jun. 2021.

⁶⁴ Esse é um detalhe importante em toda a sua trajetória e, de modo especial, expresso na EG 46, quando define a Igreja em saída, como aquela que tem as portas abertas. Em EG 47, faz referência ao fato de a Igreja estar com as portas abertas para quem quiser entrar, dando a entender a mesma realidade que viveu na Igreja de São José de Flores em 21 de setembro de 1953, da mesma forma que faz referência a outras portas que não podem ser fechadas, como, por exemplo, o reforço de impedimentos para a recepção do sacramento do Batismo e da Eucaristia, ao invés da facilitação, pois são, na verdade, sacramento dos fracos e não dos perfeitos.

⁶⁵ Embora seja um verbo utilizado no espanhol, no português não há como traduzir, senão por chegar primeiro. Sendo assim, deve ser entendido como uma expressão típica de Bergoglio, ou “bergoglismo”, baseada na carta de São João que diz que Deus nos amou primeiro. Já havia sido apresentado a Rubin e Ambrogetti em 2009, porém, em um documento, foi utilizada pela primeira vez na EG, 24 para explicar o modo de agir da comunidade em saída.

⁶⁶ Sobre essa jovem, não se encontrou nenhum dado preciso. Alguns autores falam de uma sra. portenha Amália Damonte, que ficou famosa com o seu testemunho sobre um suposto pedido de casamento feito por Bergoglio aos 12 anos. Sobre ela escreveram: HIMITIAN, **A vida de Francisco**, p. 20-21; PIQUÉ, **Papa Francisco**, p. 49; PUENTE, **Yo, argentino**, p. 26; QUEVEDO, Luis Gonzalez. **O novo rosto da Igreja**. Papa Francisco. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2015. p. 37.

estudasse Medicina, por isso, não querendo decepcioná-la e sabendo da dificuldade que teria para aceitar a decisão, deixou para comunicar a novidade quando estava próximo o ingresso no seminário, da mesma forma que fez com os amigos. Todo esse caminho foi trilhado com a assistência de seu diretor espiritual, o sacerdote salesiano Pe. Pozzoli.

Embora o jovem Bergoglio já tivesse clareza de que Deus o chamara, e de sua parte a resposta já era positiva, não lhe faltaram situações desafiadoras para prová-lo. A primeira delas foi ter de lidar com a não aceitação da mãe, que, pelo fato de não compreender a escolha do filho, preferiu manter-se mais distante, não o acompanhou no ingresso do seminário e nunca o visitou na sua primeira fase de formação, ou seja, no período em que viveu no Seminário Menor Diocesano, no bairro da Villa Devoto. Todavia, a distância e a resistência da mãe o ajudaram a rezar e a abandonar-se na misericórdia de Deus. No seu segundo ano de formação no Seminário, quando tinha 21 anos, viveu uma situação-limite, pois ficou doente e, com isso, vivenciou uma grande provação no corpo e na alma. Sofreu uma grave pneumonia, que o fez sentir a morte por perto, e, uma vez que se tratava de um caso muito particular, os médicos não viram outra solução, senão tirar-lhe a metade do pulmão direito. Como consequência, teve de afastar-se do seminário para se tratar. Porém, de uma situação-limite, pode-se tirar um ensinamento: percebe-se que toda essa situação tenha ensinado o jovem Bergoglio a depender da bondade e da sabedoria de outros.

Sabemos que quando o sofrimento é vivenciado numa ótica cristã, passa a ter um valor restaurador e, se acolhido na experiência da fé, ajuda aquele que padece a ressignificar sua vida. Com o jovem Jorge Bergoglio não foi diferente, ele tinha iniciado seus estudos no seminário, sabia que Deus o havia chamado, mas não conseguia entender por que estava vivendo aquela situação de dor, exatamente quando procurava responder ao chamado de Deus. Sabe-se que em todo o tempo de convalescência, seu diretor espiritual Pe. Pozzoli, os amigos de seminário e toda sua família se mantiveram sempre ao seu lado, porém sua alma não se acalentava, pois não conseguia encontrar um significado para o seu sofrimento.

Entretanto, a partir da visita de uma pessoa que lhe é muito cara, o jovem Bergoglio passou a enxergar sua convalescência sob uma nova ótica. Trata-se da segunda mulher-chave de sua infância, que teve um papel fundamental na sua formação humana e cristã: Ir. Dolores Tórtolo⁶⁷, das Filhas de Nossa Senhora da Misericórdia. Em uma entrevista, ele afirmou sobre

⁶⁷ Essa é a religiosa que foi sua professora no jardim de infância e o preparou para a primeira comunhão. Sobre ela dão destaque PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 53.; PUENTE, *Yo, argentino*, p. 15-20. Puente destaca a participação da religiosa na ordenação de Bergoglio e uma amizade que durou até 2006, quando do seu falecimento.

ela: “dela recebi uma formação catequética equilibrada, otimista, alegre e responsável”⁶⁸. Essa religiosa, com seu jeito próprio de lidar com a vida e com aqueles que precisam, motivou-o a fazer um salto na fé, ajudando-o a entender que, com sua dor, seu sofrimento, sua cruz daquele momento, ele estava imitando Jesus, em sua paixão. Recentemente, em sua nova obra que busca fazer uma reflexão sobre a crise da Covid 19, encontramos o testemunho do Papa Bergoglio, que afirma:

A única pessoa a falar comigo com mais profundidade, por meio de seu silêncio, foi uma das mulheres que marcaram minha vida, a Irmã Maria Dolores Tortolo, que eu conhecia desde criança e me preparara para a Primeira Comunhão. Veio me ver, pegou minha mão, me deu um beijo e não disse nada durante algum tempo, até que falou: “Você está imitando Jesus.” Ela não precisava dizer mais nada. Sua presença e seu silêncio me consolaram profundamente⁶⁹.

Podemos afirmar que essa doença e o período de convalescência foi fundamental para que Bergoglio aprendesse a encarar as dores da existência humana numa ótica cristocêntrica e ressignificasse sua vida. Ainda, podemos dizer que se trata de mais uma ação da providência divina em sua vida, pois o sofrimento o ajudou a mudar seu modo de enxergar a vida e o fato de estar fora do seminário o ajudou a tomar a sua decisão vocacional, na medida em que ele afirma: “enquanto me recuperava da minha operação fora do seminário, tive tempo para ponderar tudo isso, e alcancei a paz de que precisava para tomar a decisão definitiva de entrar para a Companhia de Jesus”⁷⁰.

1.5 Bergoglio e sua relação com a Companhia de Jesus

Em todas as ocasiões que Bergoglio trata do seu chamado ao sacerdócio que ocorreu naquele dia em que entrou na Igreja de São José de Flores para se confessar no início da primavera de 1953, sempre ressaltou o fator de Deus nos “*primeirar*”, e sabemos que essa expressão se trata de um “bergoglismo” que ele assumiu da linguagem futebolística portenha, que deve ser entendida como a ação de chegar antes, adiantar-se ao outro ou tomar a iniciativa, e ele a usa para explicar sua compreensão do modo de agir de Deus, que sempre se adianta em sua misericórdia e compaixão. Porém, também ele, desde sua eleição como sucessor de Pedro, foi apresentado ou recordado como aquele que é o primeiro em uma série de coisas. Por exemplo: é o primeiro Jesuíta a ser eleito Papa, o primeiro Pontífice não europeu desde o século

⁶⁸ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 19; IVEREIGH, *El gran reformador*, p. 18.

⁶⁹ PAPA FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*. O caminho para um futuro melhor. Em conversa com Austen Ivereigh. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020. p. 48.

⁷⁰ PAPA FRANCISCO, *Vamos sonhar juntos*, p. 49.

VIII, o primeiro Papa do continente latino-americano, o primeiro argentino que se sentou na cátedra de Pedro, o primeiro a assumir o nome de Francisco, e foi o primeiro a assumir as novas regras de eleição papal reformadas por Bento XVI. Sem sombra de dúvidas, todas essas realidades são fatores importantes para compreendermos sua pessoa, sua personalidade e, principalmente, seu modo de agir. Porém, de acordo com nossa proposta de pesquisa, vamos nos ater ao fato de ele ser jesuíta, e, a partir daí, veremos que as demais realidades vão se ajustando e revelando a grandeza de alma de Jorge Mario Bergoglio, o Papa do povo.

Como vimos ao tratarmos do chamado de Deus, durante o período de convalescência por causa da pneumonia e da recuperação da cirurgia do pulmão vivenciado no segundo ano de sua formação como seminarista da arquidiocese de Buenos Aires, o jovem Bergoglio não só aprendeu a ressignificar o sofrimento, mas também repensou o seu caminho vocacional. Quando se sentiu recuperado e tendo sido acompanhado pelo salesiano Pe. Pozzoli, seu diretor espiritual, entendeu que era chamado a dar um passo para além do que já havia dado, e, por isso, decidiu-se por não dar continuidade ao processo de formação no seminário diocesano. Então, para iniciar um caminho de formação junto à Companhia de Jesus, a comunidade religiosa que ele melhor conheceu quando entrou no seminário e lhe chamava a atenção por três fatores, “seu carácter missionário, a comunidade e a disciplina”⁷¹, conforme ele próprio afirmou ao Pe. Spadaro em sua entrevista no início do seu Pontificado. Em Himítian, encontramos outros fatores que condicionaram a escolha de Bergoglio pela Companhia, pois, até aquele momento, seu contato era maior com os dominicanos e os salesianos. Porém, no contato com os jesuítas no seminário, ficou latente a opção “por sua condição de força dianteira da Igreja, desenvolvida com obediência e disciplina”⁷².

Bergoglio se sentiu atraído pela orientação missionária dos jesuítas, por isso nutriu o sonho de um dia poder ser missionário no Japão, onde os jesuítas sempre desenvolveram uma obra muito importante. Porém, esse sonho nunca se tornou realidade, pois, como veremos, ele viveu a maioria do seu tempo de formação e de exercício ministerial, seja sacerdotal, seja episcopal, na Argentina, e na maior parte do tempo em Buenos Aires. Suas experiências fora da Argentina durante o processo formativo foram um ano no Chile, onde deu início ao seu tempo de juniorato e realizou seus estudos humanísticos. Após sua ordenação sacerdotal, passou uma temporada na Espanha, onde fez o tempo da terceira provação e, quando desejou

⁷¹ SPADARO, Pe. Antonio. *Entrevista ao Papa Francisco*. Casa Santa Marta, segunda-feira, 19 de agosto de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 18 jan. 2021.

⁷² HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 32.

aprofundar seus estudos e realizar o doutorado em Teologia, depois de ter se desgastado nos desafios que a Companhia lhe propôs, ou seja, o provincialato e a direção do Colégio Máximo San José, viveu um ano e meio na Alemanha. Porém, logo foi chamado de volta para sua querida Argentina, onde viveu um momento difícil tanto pessoal quanto comunitário, mas, logo em seguida, foi eleito bispo auxiliar de Buenos Aires. Daí por diante, sempre esteve ali em sua cidade natal, até o dia 26 de fevereiro de 2013, quando decolou pensando que iria apenas participar do conclave e ajudar a escolher o novo bispo de Roma e de lá não voltou, pois foi o escolhido pelo Espírito Santo.

No último 11 de março, o Papa Bergoglio celebrou 64 anos de sua entrada na Companhia de Jesus. Embora já não esteja ligado à sua cara comunidade religiosa pelo vínculo do voto, sabemos que ela nunca deixou de ser sua marca, seja pelo simples fato de que, mesmo depois de eleito bispo, nunca deixou de assinar com a sigla “sj”, que representa a expressão latina *Societas Iesu*. Isso é um fato fácil de ser entendido, pois o Cân. 705 do Código de Direito Canônico assegura que um “religioso promovido ao episcopado continua membro do seu instituto, mas está sujeito unicamente ao Romano Pontífice, em virtude do voto de obediência”⁷³. Se prestarmos atenção, toda a vivência do seu ministério episcopal e petrino é fortemente marcado pelas características que a Companhia imprimiu no seu coração.

Como se sabe, quando um jesuíta é ordenado sacerdote, assume também um quinto compromisso, ou seja, os três conselhos evangélicos comuns a todos os religiosos, a pobreza, a obediência e a castidade. Mas os jesuítas, já desde o tempo de Santo Inácio, assumem mais um voto especial de obediência ao Papa e um compromisso de repudiar todas as dignidades, seja bispado, arcebispado ou cardinalato, com duas exceções: ser enviado às terras de missão ou por pedido expresso do Papa para que renuncie ao voto, como foi o caso de Bergoglio, conforme veremos a seguir.

1.5.1 O período de formação na Companhia de Jesus

Acreditamos que vale a pena apresentar as principais datas importantes de Bergoglio dentro da Companhia de Jesus. Sua formação, como de qualquer outro candidato a ser jesuíta, durou 14 anos, compreendidos entre o noviciado e o período conclusivo de Provação⁷⁴. Ele

⁷³ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Código de direito canônico*. São Paulo: Loyola, 1994. Cân. 705.

⁷⁴ A Companhia de Jesus denomina o período dedicado à formação do candidato como de tempo de provação, que compreende três momentos distintos, a saber: a primeira provação acontece antes do noviciado; a segunda

entrou para a sua querida comunidade religiosa em 11 de março de 1958, para dar início ao noviciado, na Casa de formação de Córdoba, e ali permaneceu até fazer sua primeira profissão religiosa, em 12 de março de 1960. Após emitir os votos, apresentou seu pedido para ir para o Japão em missão, mas teve seu pedido negado. Pouco tempo depois, foi enviado para o Chile, ainda em 1960, e ali deu início ao seu período de juniorato. Estando no Chile, realizou seus estudos humanísticos e, de modo especial, aprofundou nas disciplinas de latim, grego, literatura e história da arte. Consta que nesse período também reforçou o seu amor pelos pobres, algo muito presente naquela Igreja local, reforçando o que já lhe tinha sido motivado quando de sua estadia no colégio salesiano e que começara a colocar em prática quando participara da Ação Católica na sua adolescência.

Depois de um ano intenso de estudos no Chile, Bergoglio voltou para Buenos Aires para iniciar sua formação filosófica. Assim, de 1961 a 1963, cursou Filosofia na Faculdade de Filosofia do Colégio San José de San Miguel. Esse período foi marcado por fatos importantes, pois logo no início dos estudos, recorda-nos Puente, o jovem Bergoglio perdeu seus dois pais. O biólogo Mário Bergoglio faleceu em 24 de setembro de 1961, aos 51 anos, vítima de infarto e, antes de completar um mês, também faleceu o seu pai espiritual, o salesiano Pe. Enrique Pozzoli⁷⁵. No ano seguinte, deu-se início ao Concílio Vaticano II, em 11 de outubro de 1962, que influenciará Bergoglio no jeito de ser e conceber a Igreja. Puente reforça que, durante os anos de 1963 a 1965, Bergoglio teve acesso aos documentos do Concílio e se inquietava para entender e assimilar seus conceitos que hoje lhe são muito caros, como Povo de Deus, colegialidade, diálogo intraeclesial e interreligioso e liberdade religiosa, da mesma forma que a palavra *aggiornamento*⁷⁶.

Quando concluiu os estudos de Filosofia iniciou um novo período de sua formação, a etapa que é intitulada de Etapa do magistério, na qual o candidato ao sacerdócio se dedica ao ensino, e, no caso de Bergoglio, durou três anos, de 1964 a 1966. Nesse período lecionou as disciplinas de Literatura e Psicologia, sendo que os dois primeiros anos trabalhou no Colégio da Imaculada de Santa Fé e, no último ano, voltou para Buenos Aires, onde lecionou no Colégio del Salvador. Em seguida, em 1967, Bergoglio voltou para San Miguel para realizar sua formação em Teologia, na Faculdade de Teologia do Colégio San José, onde permaneceu até o

provação inicia com o noviciado e a terceira se dá ao final do processo de formação, quando é oferecido ao formando a oportunidade de vivenciar novamente os Exercícios Espirituais de mês, algumas realidades próximas àquelas vividas no noviciado, além de poder olhar e rezar o caminho feito, e aprofundar os desafios que lhe estão por vir na sua vida dedicada a Deus e aos outros, depois disso ele faz os votos definitivos.

⁷⁵ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 42.

⁷⁶ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 45.

final do processo formativo. Embora ainda não tivesse se licenciado em Teologia, foi ordenado sacerdote em 13 de dezembro de 1969.

Logo após ser ordenado, Bergoglio saiu pela segunda vez da Argentina, com destino à Espanha. Nos anos de 1970 a 1971, vivenciou sua Terceira Provação, ou seja, aquela experiência similar ao noviciado que a Companhia de Jesus oferece ao candidato, depois de realizar seus estudos, como possibilidade de mergulhar novamente nas fontes do carisma. Tal retorno às fontes jesuíticas foi vivido no Colégio San Ignacio de Loyola de Alcala de Henares (Espanha). Puente ressalta o quanto é importante esse momento na vida de um jesuíta, pois “pretende que seja uma profunda experiência de encontro com o Senhor, se renova a forma de viver e de morrer da Companhia, servindo ao Senhor no serviço ao próximo”⁷⁷. É, pois, a terceira provação do formando, também a última prova do processo formativo e serve como meio de avaliar se o candidato é de fato apto para ser admitido definitivamente como jesuíta. Para Bergoglio, esse foi um tempo de Deus. Estando ali, realizou os Exercícios Espirituais de Santo Inácio de trinta dias em silêncio e, de modo especial, dedicou-se à ação pastoral entre os pobres. Ao encerrar o período probatório, em 1971, Bergoglio emitiu o seu quarto voto específico da Companhia, ou seja, o voto de obediência ao Papa. Dois anos depois, em 22 de abril de 1973, Bergoglio concluiu o seu prolongado período de formação religiosa e fez seus Últimos Votos como jesuíta.

1.5.2 As funções que Bergoglio assumiu na Companhia de Jesus

De acordo com o que se pôde perceber, Bergoglio viveu todo o seu processo formativo com boa disposição e, por isso, seus superiores confiaram-lhe funções importantes logo cedo. Após ter concluído seu período probatório na Espanha e regressado para a Argentina, logo obteve a licenciatura em Teologia. A partir de então, viveu um processo de ascensão dentro da Companhia de modo acelerado, processo esse que teve início antes mesmo de ser um jesuíta com votos definitivos. Já em 1971, foi nomeado mestre de noviços da Casa de Exercícios Espirituais Villa San Ignacio de Villa Barilari. Logo em seguida foi nomeado professor de Teologia e também consultor da província. Com apenas 36 anos e nem 4 anos completos de ministério sacerdotal, Bergoglio foi eleito provincial da Companhia de Jesus na Argentina em 31 de julho de 1973, função que ele exerceu até 8 de dezembro de 1979, e, como ele mesmo afirma, teve de aprender a fazer fazendo: “desde jovem, a vida me colocou em cargos de chefia.

⁷⁷ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 64.

Recém-ordenado sacerdote, fui designado professor de noviços, e dois anos e meio depois, provincial. E tive de aprender fazendo, a partir de meus erros”⁷⁸.

O jovem provincial Bergoglio era comprometido em receber e aplicar o Vaticano II, mas procurou não repetir os erros de seus confrades, procurando não “cair no perigo fatal de um declínio ideológico do Vaticano II”⁷⁹. Buscou, na obediência ao seu Superior Geral, Pe. Arrupe, colocar em prática aquilo que o documento da Congregação Geral n. 32 falava, sabendo que era também uma forma de aplicar a proposta do Concílio na vida, por meio da sua relação com os pobres: “os companheiros de Jesus não poderão ouvir ‘o clamor dos pobres’ se não adquirirem uma experiência pessoal mais direta das misérias e apertos dos pobres”⁸⁰. Todavia, sabe-se que, por causa disso, teve de tomar decisões que marcaram sua pessoa e a própria congregação. Nem todos seus companheiros souberam acolher essa proposta, o que gerou alguns sofrimentos e até mesmo perda de membros na Companhia. Porém, os que compreenderam aquele clamor como uma proposta de renovação assumiram o que lhes fora indicado e optaram pela promoção e acompanhamento dos pobres e o fortalecimento da piedade popular entre os mais simples, seguindo o exemplo do próprio provincial.

Encerrado o período como provincial, entre 1980 e 1986, assumiu a função de reitor do Colégio Máximo e da Faculdade de Filosofia e Teologia da mesma casa e, pela primeira vez, em meio a tantos afazeres, assumiu também a função de pároco da paróquia do Patriarca San José, na diocese de San Miguel. Foi sua primeira oportunidade como sacerdote jesuíta de estar mais próximo das pessoas e aprender com os mais simples. De acordo com um testemunho de uma de suas funcionárias daquela época: “O que ele tinha de diferente dos outros jesuítas? Primeiro de tudo, sua humildade, sua bondade, o fato de sempre querer ajudar. [...] Ele não gostava de aparecer, nem de ostentar, era simples na sua forma de ser e no seu andar”⁸¹.

1.5.3 Córdoba: exílio ou tempo para amadurecer o coração de pastor?

É de comum conhecimento que, após seis anos como reitor do Colégio San Máximo, Bergoglio considerou importante realizar seus estudos de doutorado em Teologia. Assim, em 28 de maio de 1986 embarcou para a Alemanha, onde ficou um tempo menor que o esperado,

⁷⁸ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 69.

⁷⁹ GALAVOTTI, Enrico. *Jorge Mario Bergoglio e il Concilio Vaticano II: fonte e metodo*, in: *La teologia di papa Francesco. Fonti, metodo, orizzonte e conseguenze*, a cura di MANDREOLI, Fabrizio. Bologna: EDB, 2019. p. 73.

⁸⁰ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 49.

⁸¹ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 87.

pois seus superiores o chamaram de volta e o colocaram como que “de castigo” em uma igreja da Companhia de Jesus, na cidade do Córdoba, e seu trabalho ficou restrito ao atendimento de direção espiritual e confissão em uma paróquia administrada pelos jesuítas⁸². Ainda que tudo corrobore para interpretar esse tempo como um exílio ou uma punição imposta pelo novo governo da Companhia naquele tempo, pois não o perdoavam pelas decisões e posturas tomadas enquanto esteve como provincial, podemos afirmar que essa experiência o capacitou para compreender como deve ser verdadeiramente um padre de bairro, conforme nos afirma Himitian:

o contato direto com o povo se transformou na chave de seu estilo pastoral. Ele deixaria de ser apenas um homem formado em teologia e humanidade, forjado em oração e meditação, capaz de conduzir a Companhia com mão firme e discernimento espiritual, e aprenderia a abordar um pobre de maneira diferente, e não como alguém que precisa de ensino ou ajuda. Além disso, era preciso estar próximo a eles para aprender⁸³.

Embora não haja muitos registros a esse respeito, é possível dizermos que esse contato com o povo passou a fazer parte do seu estilo pastoral. Como provincial e reitor, Bergoglio soube conduzir a Companhia e aqueles que estavam sob sua responsabilidade com mão firme e discernimento espiritual. Nesse período de Córdoba, não exercia nenhum cargo de relevância, apenas foi posto próximo aos pobres, e isso, conforme ele mesmo afirma, fez-lhe um bem sem igual:

Passei a ter maior tolerância, compreensão e capacidade de perdoar. Também renovou minha empatia pelos fracos e indefesos. E paciência, muita paciência, que é o dom de compreender que as coisas importantes levam tempo, que a mudança é orgânica, que há limites e que temos de trabalhar dentro deles, mantendo os olhos no horizonte, como Jesus fazia. Aprendi a importância de ver o que há de grande nas pequenas coisas e o que há de pequeno nas grandes⁸⁴.

Sabe-se que, enquanto esteve em Córdoba, além de poder ouvir as confissões, entrava em contato com a visão de mundo em mudança daquele povo, rezava as missas, caminhava entre o povo, escutava e dava conselhos, lidava com os problemas da vida cotidiana das pessoas e era capaz de ajudá-las, pois as entendiam. Puente, quando trata desse tempo, toma o título do capítulo da obra de Himitian, que assegura ter sido um tempo semelhante a um “mestrado em

⁸² Sobre esse período não encontramos um consenso entre os autores. Há quem diga que o período foi apenas de seis meses, outros afirmam ter sido de um ano e seis meses. Já Bergoglio, na sua conversa com Ivereigh, diz que foi entre os anos 1990-1992. Não há muitos documentos sobre este tempo. Sendo assim, para nós o mais importante será perceber quais foram os frutos na vida de Bergoglio.

⁸³ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 70

⁸⁴ PAPA FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*. p. 51

pastoral”⁸⁵. De modo especial, Puente afirma que, nesse período, “Bergoglio experimentou a misericórdia e conheceu os grandes sofrimentos de muitos que o buscavam para se confessar, mulheres que tinham abortado, prostitutas e outras tantas pessoas castigadas por circunstâncias da vida”⁸⁶.

Uma das razões pelas quais Bergoglio tinha se decidido por entrar para a Companhia, além da expectativa pela missão, foi o desejo da vida de comunidade. Apesar de o tempo vivido em Córdoba ter sido como que uma provação, foi também uma oportunidade para ele voltar às fontes e ampliar sua visão e seu coração, principalmente no tocante à sua visão de pastoreio, pois agora estava no meio do povo e amadurecendo sua espiritualidade e sua teologia. Nesse tempo, ele voltou a ser apenas o padre Jorge, sem muita influência de decisão dentro da comunidade religiosa, mas, ao mesmo tempo, deu um grande testemunho de obediência, seja para aqueles que ele havia formado, seja para quem tivesse contato com ele, como foi o caso do então cardeal arcebispo de Buenos Aires, que viu nele o potencial para ser um de seus colaboradores como bispo auxiliar.

1.6 Traços do ministério episcopal de Bergoglio

Como vimos, Bergoglio teve uma ascensão rápida dentro da Companhia de Jesus. Ainda muito jovem, foi provincial, mestre de noviços e professor de Teologia. Vimos também que depois de estar por vários anos à frente de sua comunidade religiosa, foi colocado na retaguarda. Porém, isso, ao invés de lhe prejudicar, ajudou-lhe a se reavaliar e assumir um modelo de pastoral muito próprio que, de acordo com o que ele tem pedido, leva a crer ser o modelo do pastor com cheiro de ovelhas.

Bergoglio ainda estava em Córdoba, vivendo seu momento de renovação interior, quando o Cardeal Quarracino o descobriu e começou a trabalhar em vista de conseguir fazê-lo seu bispo auxiliar. Embora se tenha notícias de que havia pessoas influentes⁸⁷, padres e bispos argentinos que fizessem política contrárias, isso não intimidou o então cardeal, que o admirava e tinha a convicção de que ele era a pessoa adequada para auxiliá-lo. Por isso, batalhou até

⁸⁵ Himitian trata da experiência de Córdoba no capítulo V da obra e o intitula “Desterro, um mestrado em pastoral”. De modo especial, ressalta que, embora a experiência fosse tida como uma forma de expiação de culpas, para Bergoglio na verdade surtiu o efeito de um “um mestrado” como pastor de almas.

⁸⁶ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 157.

⁸⁷ Himitian afirma que “Quarracino tentou nomeá-lo várias vezes, mas a cada vez que propunha o nome dele, ele era descartado, principalmente devido às diferenças que tinha com Caselli” (HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 81).

conseguir que, em 20 de maio de 1992, João Paulo II o nomeasse bispo titular de Auca e auxiliar de Buenos Aires.

Seguramente, Bergoglio relutou para não assumir esse novo encargo, pois tinha claro dentro de si o seu “quinto compromisso”⁸⁸, ou seja, o voto especial pelo qual os jesuítas se comprometem a repudiar todas as dignidades, seja bispado, seja arcebispado ou cardinalato, com duas exceções: ser enviado às terras de missão ou por pedido expresso do Papa para que renuncie ao voto⁸⁹. Consta que João Paulo II precisou fazer valer o seu quarto voto e, assim, aos 56 anos de idade e 32 anos de voto de obediência à Companhia de Jesus, deu seu sim à missão episcopal. Desse modo, em 27 de junho de 1992, foi ordenado bispo na Catedral de Buenos Aires, tendo como ordenantes o cardeal Antonio Quarracino e outros dois bispos por ele escolhido: o Núncio Apostólico Dom Ubaldo Calabresi e o Dom Emilio Ogñénovich, bispo de Mercedes-Luján. Seu lema, *Miserando atque eligendo*⁹⁰ (Olhou-o com misericórdia e o escolheu) foi escolhido a partir de uma homilia de São Beda, própria da liturgia da festa de São Mateus, ou seja, data que ele sempre comemora seu encontro com Deus e chamado ao sacerdócio, e ele decidiu por manter o lema como Bispo de Roma.

1.6.1 Bergoglio, um farol que reluz não só na Argentina

Bergoglio exerceu com maestria o pastoreio na Igreja de Buenos Aires e, a partir da Argentina, tornou-se uma grande influência no contexto latino-americano, de modo especial pelo seu exemplo. Exerceu o ministério como bispo auxiliar de 1992 a 1997, ano em que foi eleito Arcebispo Coadjutor. Em 1998 assumiu como Arcebispo, logo após o falecimento do Cardeal Quarracino e, em 2001, foi feito Cardeal por João Paulo II. Na Conferência Episcopal Argentina, exerceu a função de presidente por dois mandatos consecutivos nos anos de 2005 a 2011. Fora da Argentina, duas atividades merecem destaque, não só pela função, mas sim pelas marcas que deixaram no então Cardeal Bergoglio. Em 2001, pouco tempo depois de ter sido feito Cardeal, foi designado como relator adjunto do Sínodo dos bispos que tratou da temática do ministério episcopal “o bispo: servo do Evangelho de Jesus Cristo para a esperança do

⁸⁸ Himítian apresenta um quinto compromisso que o jesuíta assume em vista de não buscar cargos ou ascensão. Cf. HIMÍTIAN, *A vida de Francisco*, p. 30.

⁸⁹ Sobre essa postura de Bergoglio em relação à sua nomeação encontramos HIMÍTIAN, *A vida de Francisco*, p. 81-82).

⁹⁰ Fazio desenvolve a primeira parte do primeiro capítulo a partir desse lema de Bergoglio: FAZIO, *O Papa Francisco*, p. 13-6; PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 177; IVEREIGH, *El gran reformador*, p. 160; PUENTE, *Yo, argentino*, p. 17.

mundo”, e que resultou na promulgação da Exortação Apostólica *Pastores Gregis*. Seis anos depois, em 2007, participou da V Conferência Geral do Conselho Episcopal latino-americano e caribenho em Aparecida como presidente da Conferência Episcopal Argentina e, na ocasião, foi eleito presidente da comissão de redação final do Documento de Aparecida. De acordo com sua biografia disponível na internet, também “foi membro das Congregações para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos para o Clero, para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica; do Pontifício Conselho para a Família e da Pontifícia Comissão para a América Latina”⁹¹.

1.6.2 Bergoglio, o bispo das ruas e sua opção pelos pobres

Ao assumir seu ministério na Arquidiocese como Bispo Auxiliar em 1992, o então Cardeal Quarracino o designou para ser o vigário episcopal de Flores, o bairro onde nasceu e cresceu. De acordo com Piqué, mesmo que num primeiro momento tenha havido um certo temor por parte do clero, como vigário de Flores, Bergoglio se mostrou “um homem de ação, anda pelas ruas e percorre paróquias, nas quais chega sem avisar. Toma chimarrão com os padres, conversa com eles, tenta entender a situação”⁹². Nesse período também já começou a dar um forte apoio à equipe de padres dos bairros pobres.

Himitian recolheu vários testemunhos que demonstram que Bergoglio apresentou à comunidade portenha um novo estilo de bispado, marcado pela opção pelos pobres e por uma maior proximidade com fiéis e padres. Em primeiro lugar, fez a escolha de exercer sua autoridade episcopal não de um escritório. Seu relacionamento com os padres era informal, a ponto de telefonar para os padres para saber como iam as coisas. Era comum vê-lo percorrer diariamente as ruas de seu vicariato. Nas celebrações dos sacramentos encontrava-se com alguém que não sabia o que estava fazendo, procurava mostrar, com seu exemplo, que a Igreja é facilitadora da fé e não reguladora da fé, atitude essa lembrada pelos sacerdotes e valorizada como “estilo de pastorado cuja missão não é mostrar ao povo os erros cometidos, mas trazê-lo para perto, propiciar o encontro com Deus”⁹³. Ele inicia o ministério episcopal num contexto de mudanças, de modo especial marcado pela busca da aplicação do Concílio Vaticano II, a partir das Conferências latino-americanas de Medellín e Puebla, e assumiu “um estilo de

⁹¹ Biografia do Santo Padre Francisco. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>. Acesso em: 1 jun. 2021.

⁹² PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 97.

⁹³ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 89.

bispado muito mais aberto. Ele não era apenas a autoridade encarregada. Era alguém que estava disposto a ouvir os sacerdotes, acompanhá-los e ajudá-los na tarefa pastoral”⁹⁴.

Depois de cinco anos exercendo seu ministério como bispo auxiliar, em 13 de junho de 1997 Bergoglio foi nomeado arcebispo coadjutor para a Arquidiocese de Buenos Aires e, em 28 de fevereiro de 1998, após o falecimento do Cardeal Quarracino, assumiu a Arquidiocese sem fazer alarde. De acordo com Piqué, sua conduta não foi muito diferente ao que se estava acostumado a ver. Manteve seu estilo austero, que denota a simplicidade evangélica, renunciou a morar no palácio episcopal, ter motorista e principalmente a vestes de luxo. Escolheu para si um quarto na cúria, não quis um escritório muito grande e sofisticado, preferiu algo menor e sóbrio. Em relação ao carro, deu-lhe um novo destino e, desde então, era comum vê-lo usar o transporte público, que lhe permitia viver a realidade do seu rebanho⁹⁵.

Foram encontrados muitos testemunhos de que Bergoglio, ao assumir o pastoreio de Buenos Aires (1998) como seu Arcebispo, deu ênfase na preferência pelo trabalho com os pobres. De acordo com Piqué, merece destaque o fato de ele sempre ter sido um pastor que dava o exemplo, que enviava seus padres para irem ao encontro das periferias, mas também ele partia, como um missionário, em direção aos necessitados. Também cita-se como um bom exemplo as celebrações da *Coena Domini* ou a tradicional missa do lava pés de Quinta-Feira Santa, que deixou de acontecer na Catedral metropolitana e passou a ser celebrada em hospitais, prisões, maternidades, onde se aproxima de doentes de aids, mães solteiras e presos⁹⁶. De acordo com Victor Manuel Fernandez, um dos argentinos mais próximos ao então Cardeal, “Bergoglio é coerente com sua opção pela vida pobre. Nunca se sentiu digno de se fazer servir e são conhecidos seus gestos de simplicidade, evitando exhibir-se como superior”⁹⁷. Ainda acrescenta que ele sempre afirmava: “o meu povo é pobre e eu sou um deles”⁹⁸. Se hoje ele nos indica que sonha com uma Igreja pobre e para os pobres, isso já era realidade em sua ação pastoral como bispo em sua Arquidiocese. Também como pastor cuidadoso, como nos assegura Himítian, Bergoglio sempre manifestou um especial interesse pela revalorização da religiosidade popular da região, tais como: “festas de padroeiros, viacrúcis, procissões, danças e cantos do folclore religioso, no carinho pelos santos e anjos, nas

⁹⁴ HIMÍTIAN, *A vida de Francisco*, p. 88.

⁹⁵ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 103.

⁹⁶ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 106.

⁹⁷ FERNÁNDEZ, Víctor Manuel; RODARI, Paolo. *El programa del Papa Francisco. ¿Adónde nos quiere llevar?* Buenos Aires: San Pablo, 2014. p 103.

⁹⁸ FERNÁNDEZ; RODARI, *El programa del Papa Francisco*, p.105.

novenas, rosários, promessas, orações em família e peregrinações, entre outras expressões populares de devoção”⁹⁹.

1.6.3 Bergoglio, um pai que não se esquece da periferia

Seu ministério é marcado pela busca insistente em vencer o mal do ostracismo e da autorreferencialidade na Igreja. Seu desejo de fazer a Igreja sair de si mesmo e ir em direção à periferia não é uma novidade. Em relação ao trato com seus sacerdotes, de acordo com os testemunhos recolhidos por Piqué, Bergoglio mostra-se ser um homem de mando, muito capaz. Ou seja, “Bergoglio, por um lado, estava muito perto, de um jeito muito paternal, mas ao mesmo tempo sempre deixava bem claro quem mandava”¹⁰⁰. Sabe-se que também muito se empenhou para colocar a Igreja em estado de assembleia e insistia com sacerdotes e fiéis para ir às fronteiras, levar o Evangelho às ruas, fazendo disso um traço pastoral na Arquidiocese de Buenos Aires.

Em relação aos padres *villeros* ou padres das favelas, percebe-se um apoio incondicional do Arcebispo, e tal realidade não era apenas com palavras. Piqué ressalta que “ele era de visitar as favelas, conviver com os padres, e é assim que ele começa a ter esse vínculo e conhecer mais a vida das favelas”¹⁰¹. Sabe-se também que ele redobrou o cuidado e a atenção para com eles, designou mais sacerdotes para as comunidades de assentamentos e elevou os trabalhos deles à categoria de vicariato. Kasper nos assegura que “a evangelização destas culturas urbanas pluralistas e, sobretudo, de suas periferias, foi para o Arcebispo Bergoglio um desafio e um objetivo obrigatório”¹⁰². Por isso, sempre foi incisivo quando se tratava do modo de viver do padre *villero*. Exigia que o padre estivesse ali, que vivesse com os pobres, padecesse os mesmos problemas, assumindo, na sua própria carne, toda a realidade do povo e resgatando as suas manifestações de religiosidade popular, pois sempre foi convencido de que as expressões populares de religiosidade constituem o caráter distintivo da fé do povo, e é um modo eficaz e necessário para levar adiante a evangelização. Himítian arrisca um parecer com o qual concordamos, de modo especial em relação ao convívio e contato com os padres *villeros*: “talvez tenha sido nesse momento que Bergoglio começou a sonhar, a tecer a ideia que depois

⁹⁹ HIMÍTIAN, *A vida de Francisco*, p. 148.

¹⁰⁰ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 107.

¹⁰¹ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 98.

¹⁰² KASPER, Walter. *El Papa Francisco. Revolución de la ternura y el amor. Raíces teológicas y perspectivas pastorales* (Presencia Teológica) (Spanish Edition) Sal Terrae. Edizione del Kindle. 2015. (posizione nel Kindle 260)

se transformaria na bandeira de seu papado: uma igreja pobre para os pobres”¹⁰³. Dá a entender que essa “Igreja pobre para os pobres” nada mais é que uma Igreja que sai de sua zona de segurança e conforto e entra em contato com a necessidade do outro e que se transforma e se enriquece a partir dessa experiência.

1.6.4 Os temas recorrentes no exercício do ministério episcopal de Bergoglio

Bergoglio, enquanto Arcebispo de Buenos Aires, foi muito atento às necessidades do seu povo. Como já dito, sempre tomava a iniciativa de ir ao encontro do povo, onde ele estava. Como também vimos ao tratar das marcas da cultura do trabalho, ele presidia as celebrações anuais em 07 de agosto no Santuário de San Cayetano desde quando assumiu o governo da Arquidiocese. Seu intuito sempre foi o de animar seu povo que ali recorria à intercessão do Santo pedindo pão e trabalho, o que, para ele, também era a oportunidade de dar uma palavra de conforto e, ao mesmo tempo, fazer as denúncias proféticas em relação às injustiças para com os trabalhadores. Ele aproveitava das manifestações de piedade popular, que atrai tanta gente aos santuários e comunidades, para formar a consciência de sua gente e denunciar as injustiças sociais¹⁰⁴.

É, pois, um homem proveniente de uma ordem de educadores, tendo inclusive exercido a função de professor e, como bispo, sempre prezou pelo tema da educação. Nas celebrações realizadas com as comunidades educativas, bem como nas mensagens¹⁰⁵ a elas enviadas,

¹⁰³ HIMITIAN, *A vida de Francisco*, p. 91.

¹⁰⁴ Para muitos, as homilias do Cardeal Bergoglio nas grandes celebrações como a Festa de San Cayetano, a Celebração de Corpus Christi e principalmente o *Te Deum* de 25 de maio era algo bastante esperada, pois sempre fazia questão de dizer àqueles que estavam no poder aquilo que não funciona, por isso, tornou-se uma figura incômoda. Muitos chegaram a dizer que se tratava de manifestações políticas, principalmente porque quem vestia a carapuça na maioria das vezes eram os governantes. No entanto, sabe-se que, embora sua relação com o governo Kirchner não tenha sido as melhores, pois o viam como um opositor político, na verdade Bergoglio formava a consciência do seu povo com os ensinamentos de Doutrina Social da Igreja, e sempre denunciava o descaso com os pobres. Sua postura não mudou depois de assumir o Pontificado, como podemos encontrar em sua homilia proferida no Domingo de Ramos de 2013, ao denunciar os pecados que levam Jesus para a cruz, enfatiza que não são apenas os pecados pessoais, mas também os sociais, como a sede de poder, a sede de dinheiro, as rupturas, as injustiças, as guerras, as violências, os conflitos econômicos, realidade que afetam os mais fracos, que são também crimes contra a vida humana e afetam também a Criação. FRANCISCO. *Homilia durante a celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor*. Praça de São Pedro, XXVIII Jornada Mundial da Juventude, Domingo, 24 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130324_palme.html. Acesso em 24 de agosto de 2021.

¹⁰⁵ Encontramos um arquivo em pdf que recolhe as principais mensagens a respeito do pensamento do então cardeal Bergoglio a respeito da educação. Embora não seja o tema principal de nossa pesquisa, vale a pena conferir. CORAL, Ana Luisa Prada. *Pensamientos del Cardenal Bergoglio acerca de la educación*. Disponível em: <http://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2014/10/Prada-Ana-L.-2013-Pensamiento-Cardenal-Bergoglio-acerca-Educacion.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2021. Também no site da Arquidiocese de Buenos Aires podem-se encontrar

manifestava seu modo de compreender a educação como um processo integral e que deve ser construído por todos¹⁰⁶: comunidade educativa, família e sociedade civil¹⁰⁷. Merece destaque o fato de ter, após assumir o governo da Arquidiocese, fundado o vicariato da educação da Arquidiocese de Buenos Aires e trabalhado para que fosse “uma ponte à cultura e um aspecto fundamental da missão eclesial”¹⁰⁸.

Um outro tema que é precioso para o então cardeal Bergoglio é do diálogo inter-religioso. Dando continuidade ao que vivenciou dentro da Companhia de Jesus e que seu antecessor Quarracino já havia realizado, Bergoglio presou por acolher e dialogar com os representantes de outras confissões religiosas presentes em Buenos Aires. E em 2002 fundou o Instituto de Diálogo Inter-Religioso, que integrava grandes nomes de líderes religiosos presentes em Buenos Aires: o representante do Islã Omar Abboud; o representante dos judeus rabino Daniel Goldman; o pastor protestante Luis Lieberman; o padre Guillermo Marcó da Arquidiocese de Buenos Aires; e o então oficial da área educativa do governo da cidade de Buenos Aires, José María Corral¹⁰⁹. Também no campo do ecumenismo, Bergoglio deixou sua marca em Buenos Aires, visitando os bispos ortodoxos em suas catedrais, da mesma forma que dava espaço, na Catedral metropolitana, para que outras comunidades pudessem realizar suas cerimônias, como aconteceu ao acolher o patriarca Karekin II da Igreja apostólica armênia. Embora para muitos sejam assuntos controversos, percebemos que, para Bergoglio, era uma forma de não privatizar o Evangelho.

1.7 Conclusão

Já se passaram nove anos de sua eleição como Pontífice e, todavia, Bergoglio ou Papa Francisco não deixa de ser uma novidade. De acordo com a maioria dos autores consultados, em 2013, o nome Bergoglio não fulgurava nos meios de comunicação mundiais, porém desde

todas as homilias proferidas pelo então Arcebispo Bergoglio em ocasião das Missas pela educação, normalmente celebras em 21 de abril.

¹⁰⁶ Sobre essa mesma temática, encontramos a entrevista que o Papa Francisco deu ao Pe. Antonio Spadaro e publicada no site da *Revista La Civiltà Cattolica* (da Companhia de Jesus). Spadaro apresenta a preocupação de Francisco com a Educação e apresenta em seu artigo publicado em 01 de setembro de 2018. SPADARO, Antonio. *Sette pilastri dell'educazione secondo J. M. Bergoglio* (Sete Pilares da Educação segundo JM Bergoglio). *La Civiltà Cattolica*. Vol.III, Quaderno 4037, 1 Settembre 2018. pag. 343 - 357 Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.it/articolo/sette-pilastri-delleducazione-secondo-j-m-bergoglio/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

¹⁰⁷ Essa mesma temática está sendo agora apresentada na proposta por um pacto educativo global.

¹⁰⁸ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 111.

¹⁰⁹ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 120-1.

que se apresentou como Francisco, todos se mantêm sempre atentos à qualquer movimento e pronunciamento do Papa.

Em nossa busca por referências a respeito de Jorge Mario Bergoglio encontramos muita coisa em comum, de modo especial nas biografias apresentadas por jornalistas, porém cada qual apresentando riquezas próprias do seu modo de enxergar a vida e a pessoa de Bergoglio. Isso corroborou para pudéssemos compreender o quanto sua história familiar, da mesma forma que a formação recebida na Companhia de Jesus e sua experiência ministerial como bispo latino-americano teve uma marca profunda em sua personalidade e, de modo especial, também tem ajudado a fazer a diferença no cumprimento de sua missão como sucessor de Pedro.

Reconhece-se que Jorge Mario Bergoglio sempre cultivou um perfil discreto, porém com características bastante peculiares, pois se trata de um homem que não media esforços para caminhar junto com seu povo e, de modo especial, sempre cultivou a proximidade com os pobres e os jovens. Em nossa pesquisa, percebemos que, embora para o mundo seus primeiros gestos como sucessor de Pedro tenham se tornado uma novidade profética, algo que inquietou alguns, principalmente pelo testemunho de pobreza e sua espontaneidade para manifestar seu pensamento e sem rodeios fazer denúncias aos rigorismos e visão errônea da experiência de fé, para os que o conheciam não se viu diferença. Ele continua sendo o mesmo “Padre Jorge”.

Enquanto estava em Buenos Aires, Bergoglio sempre procurou a discrição, nunca foi um homem da mídia. Entretanto, seu jeito de viver o ministério episcopal já chamava a atenção de quem lhe era próximo e muitos testemunhos confirmaram que a boa impressão que causou sua eleição como bispo de Roma e sua influência a partir de então, com repercussões dentro e fora da Igreja, não são novidades. O homem que se apresentou no balcão da Basílica São Pedro em 13 de março sempre foi dócil e próximo do seu povo. Seu jeito próprio de agir e de falar faz com que muitos digam que são “bergolismos” ou gestos “bergolianos”¹¹⁰. Porém, vale a pena dizer, de antemão, que ainda há muito o que aprender com esse homem de quem se espera a reforma da Igreja.

Quando nos propusemos a conhecer Jorge Mario Bergoglio, sabíamos que se tratava de alguém apaixonante, que desde o primeiro instante causou uma boa impressão em todos. Sua afirmação de que os cardeais elegeram alguém oriundo “quase no fim do mundo” soou como referência à América Latina, ao mesmo tempo reforçou que sabia que era alguém desconhecido e de um lugar distante. Entretanto, depois de percorrermos sua história e conhecermos os principais traços de sua personalidade, reconhecemos que a Providência Divina não só conduziu

¹¹⁰ Atitudes próprias que trazem as marcas de Jorge Mario Bergoglio e que eram conhecidas pela comunidade de Buenos Aires.

e formou o homem Bergoglio, mas também o preparou para que pudesse assumir o pastoreio da Igreja de Roma e, com isso, ser o princípio de unidade de toda a Igreja. Antes, o que era apenas propriedade da Argentina, agora se tornou de todos e para todos. Admitimos, portanto, que as descobertas feitas até então nos levam a afirmar que toda sua vida se torna para nós uma mensagem. Bergoglio é alguém que experimentou a misericórdia de Deus e, desde então, tornou-se seu mensageiro. Suas palavras e sua vida estão permeadas por essa experiência.

Como se sabe, ainda há muito o que conhecermos de sua história. Por isso, no próximo capítulo daremos continuidade ao processo de busca por conhecê-lo, de modo especial buscando compreender o seu modo de pensar e agir a partir de suas raízes teológicas para, assim, melhor entender o perfil eclesial de seu pontificado, da mesma forma sua perspectiva a respeito da paróquia que, na verdade, é o nosso principal objetivo com esta pesquisa.

2 AS RAIZES TEOLÓGICAS E PASTORAIS DE BERGOGLIO

No primeiro capítulo buscou-se conhecer Bergoglio em todos os âmbitos de sua vida pessoal, ou seja, suas experiências em família, as marcas de sua comunidade religiosa e sua ação pastoral na Igreja da Argentina como sacerdote, mas principalmente como bispo de Buenos Aires. Neste segundo capítulo buscar-se-á abordar algumas das raízes teológicas e pastorais que consideramos fundamentais para ajudar-nos a entender a postura pastoral de Francisco, o perfil de Igreja que nasce a partir de sua eleição e consequentemente as implicações disso na paróquia, uma vez que ela é como um sinal da Igreja no meio do povo. Entretanto, foi necessário que se fizessem algumas escolhas. Portanto, elegeu-se como fonte de pesquisa: a II, III e V Conferência Geral do episcopado latino-americano, a Teologia Argentina ou Teologia do Povo e a Exortação apostólica pós-sinodal *Evangelii Nuntiandi*, uma vez que se percebe a forte influência que existe em seu agir pastoral.

2.1 Algumas raízes teológicas pastorais de Bergoglio

Vimos no primeiro capítulo que a ação pastoral de Bergoglio, seja como sacerdote e de modo especial como bispo, tem a marca da opção preferencial pelos pobres. Realidade essa que teve seu impulso a partir do Concílio Vaticano II, ainda que não tenha sido tratada, de modo particular, em nenhum documento conciliar. Desde a II Conferência Geral do episcopado latino-americano de Medellín (1968)¹, a Igreja latino-americana assumiu como sua identidade: a opção pastoral pelos pobres. A III Conferência Geral do episcopado latino-americano de Puebla (1979)² confirmou essa opção acrescentando o adjetivo “preferencial” e em 2007, através da V Conferência Geral do episcopado latino-americano de Aparecida³ essa opção se torna mais bem esclarecida e amadurecida. Ao longo do caminho, também a Igreja universal, através de seus pontífices, em especial São João Paulo II, como Bento XVI, passaram a tratar da opção preferencial pelos pobres em sua própria pregação doutrinal, conforme nos ressalta Kasper, e assim ajuda a alargar os horizontes, ajudando a perceber que é uma opção evangélica e,

¹ CELAM. *II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano: Conclusões de Medellín*. 4. ed. São Paulo: Edições Paulina, 1979 (DM).

² CELAM. *Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1986 (DP).

³ CELAM. *Documento de Aparecida*, Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007, 2. ed. CNBB, São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007. (DAP)

portanto, está implícita na fé cristológica⁴. E como veremos no próximo capítulo, Bergoglio/Papa Francisco faz com que o tema se torne atual e adquira uma nova dimensão e proporção, pois a coloca no centro de suas preocupações, tornando-se uma marca do seu ministério pastoral, a partir do seu sonho de uma “Igreja pobre e para os pobres”⁵.

Bergoglio é o primeiro Papa que não participou do Concílio Vaticano II, pois na ocasião era apenas um estudante de teologia. Também não esteve presente nas Conferências Gerais de Medellín (1968), Puebla (1979) e Santo Domingo (1992). Somente participou, e de modo muito ativo, em Aparecida (2007), quando além de membro da Assembleia foi eleito presidente da comissão redatora do texto final do Documento Conclusivo de Aparecida. Todavia, no exercício do seu ministério sacerdotal e episcopal na Argentina, é possível notar que ele sempre procurou colocar em prática o que as Conferências Gerais latino-americanas propuseram ao longo do tempo à Igreja do continente. Hoje, como Pontífice, Francisco é sempre reconhecido como um pastor que carrega consigo a experiência da Igreja latino-americana, que mergulhou no modelo de Igreja apresentada pelo Concílio Vaticano II, que foi assumida de forma clara desde Medellín, tomou força em Puebla e foi revista e atualizada a partir de 2007 com a V Conferência Geral de Aparecida⁶.

Há quem assegure, como é o caso de Puente, que “não é possível compreender Jorge Bergoglio-Papa Francisco sem as Conferências Gerais do Episcopado Latino-americano de Medellín e Puebla”⁷. Entretanto, se faz necessário que se acrescente a essas fontes de inspiração ao modo de ser e pensar a pastoral de Bergoglio, a Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi* (1974)⁸ de São Paulo VI, da mesma forma que achamos pertinente tratar ao menos das bases

⁴ KASPER, Walter. *El Papa Francisco. Revolución de la ternura y el amor. Raíces teológicas y perspectivas pastorales* (Presencia Teológica) (Spanish Edition). Sal Terrae. Edizione del Kindle. 2015 (posição nel Kindle 1075). O autor faz referência aos documentos e momentos que os pontífices trataram da opção preferencial pelos pobres. João Paulo II: Carta Encíclica *Sollicitudo rei socialis* (1987), n. 42; Íd., Carta Encíclica *Centesimus annus* (1991), n. 57; Íd., Exortación Apostólica *Tertio millennio adveniente* (1994), n. 51; Íd., Exortação Apostólica *Novo millennio ineunte* (2001), n. 49. E Bento XVI falou sobre a opção preferencial pelos pobres no seu discurso inaugural da V Conferência Geral do episcopado latino-americano em Aparecida (13 de maio de 2007) ressaltando que “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para enriquecer-nos com a sua pobreza (cf. 2 Cor 8,9)” (DAp, 3);

⁵ Para aprofundar sobre esse assunto, Cf. OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira de; JÚNIOR, Francisco de Aquino. A atualidade da opção pelos pobres para a Igreja e a Teologia. *Didaskalia*, v. 44, n. 2 [Responsabilidade social da fé], p. 147-165, 1 jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2014.2424> Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/2424>. Acesso em: 15 out. 2022..

⁶ Como se sabe, a V Conferência de Aparecida é como que uma síntese de teologia pastoral latino-americana, que retoma a eclesiologia do Povo de Deus, que encontramos no capítulo 2 da *Lumen Gentium*, apresentada, de modo especial, como comunhão de discípulos e que reforçou o impulso da nova evangelização missionária no continente, com caráter permanente.

⁷ PUENTE, Armando R. *Yo, argentino. Las raíces argentinas del Papa Francisco*. 2015. [Arquivo em pdf]. Disponível em: http://armandorubenpuente.com/movil/download_file/view/540/457.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021. p. 60.

⁸ PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1986.

da Teologia do Povo, que passou a ser reconhecida universalmente a partir da postura de Bergoglio como Papa Francisco. Procurar-se-á manter-se dentro de um eixo cronológico, embora se reconheça que, como ciência, a Teologia do Povo perpassa o tempo, influenciando e sendo influenciada pelas Conferências Gerais latino-americanas.

2.2 Medellín – Releitura do Concílio Vaticano II

Quando do encerramento do Concílio Vaticano II, o continente latino-americano vivia uma realidade fortemente marcada pelo empobrecimento; injustiças estruturais; governos ditatoriais e um verdadeiro divórcio entre fé e vida, realidades sociais que clamavam uma presença profética da Igreja. Por isso, os bispos latino-americanos que participaram da assembleia conciliar, uma vez que acolheram a proposta do Concílio, dentre os quais alguns firmaram o pacto de viver a pobreza como veremos adiante, rapidamente também iniciaram uma campanha para que fosse convocada uma nova Conferência Geral para a Igreja da América Latina, pois sentiam a necessidade de aprofundar a reflexão levantada pelo Concílio a partir da ótica local e assim pudessem aplicá-lo no contexto latino-americano.

A campanha para se convocar uma nova Conferência Geral para a Igreja latino-americana se intensificou tão logo terminaram os trabalhos conciliares e em 1966 a presidência do CELAM apresentou o pedido que já tinha sido aclamado durante o Concílio. São Paulo VI acolheu imediatamente o pedido e já convocou o episcopado do continente para uma nova assembleia no continente que deveria acontecer em Medellín, entre os dias 26 de agosto e 6 de setembro de 1968, ocasião em que ele estaria na Colômbia, participando do XXXIX Congresso Eucarístico Internacional. Sabe-se que além da Constituição *Gaudium et Spes*, que causou grande otimismo naqueles que buscavam lançar as primeiras raízes do Concílio no continente, também a Encíclica *Populorum Progressio* (1967) de São Paulo VI, motivava e dava esperança a uma nova primavera, pois como nos afirma Brighenti, essa encíclica “recolhe muito da sensibilidade da Igreja no terceiro mundo em relação à irrupção dos pobres, que, como sujeitos sociais, precisavam ser igualmente sujeitos eclesiais”⁹. Madrigal ressalta que seu conteúdo “penetrou profundamente em Medellín e impulsionou uma reflexão teológica que acolheu a mensagem do Vaticano II em relação a uma profunda preocupação pela justiça”¹⁰.

⁹ BRIGHENTI, A. *Medellín: A Igreja no tempo e no lugar certo*. **Revista Eclesiástica Brasileira**, [S. l.], v. 78, n. 309, p. 42–64, 2018. DOI: 10.29386/reb.v78i309.709. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/709>. Acesso em: 15 nov. 2021. p. 54

¹⁰ MADRIGAL, Santiago. *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II*, Santander: Sal Terrae, 2017. p. 300.

2.2.1 Homens da Igreja que influenciaram a convocação e realização de Medellín

Quando se trata de nomes importantes, seja na convocação e realização da assembleia episcopal, merecem destaque três bispos que tiveram forte influência, não só na convocação da II Conferência Geral de Medellín, mas também durante assembleia e nos seus desdobramentos posteriores. Em primeiro lugar, o brasileiro Dom Helder Câmara¹¹, bispo de Olinda-Recife, que durante o Concílio esteve à frente do “grupo da Igreja dos pobres” e “proclamou a necessidade de um retorno à práxis de Jesus histórico através de ‘uma Igreja servidora e pobre’, cujo traço distintivo deveria ser a prática da ‘fraternidade, da justiça e da compaixão’”¹². Essa realidade de algum modo se concretizou durante a celebração eucarística realizada nas catacumbas de Domitila em 16 de novembro de 1965, ou seja, poucos dias antes do encerramento do Concílio, quando esse grupo assinou um pacto de vivência da pobreza intitulado *Pacto das Catacumbas*¹³. Outro padre conciliar que se destaca é o chileno Dom Manuel Larrain¹⁴, bispo de Talca, que na

¹¹ Dom Helder Câmara teve um papel importantíssimo, seja no desenvolvimento do Concílio, seja na realização da II Conferência Geral da América Latina. É de conhecimento comum, de sua influência na Criação e identidade da CNBB e de sua contribuição no CELAM, seja na criação, bem como presidente e secretário. Durante o concílio Vaticano II foi um dos que ajudou na redação do Pacto das catacumbas. Quando retornou ao Brasil foi um dos primeiros a tomar a iniciativa de pô-lo em prática. Teve muita influência para que fosse convocada a II Conferência Geral do episcopado latino-americano. Participou de modo efetivo também em Puebla (1979) e em Santo Domingo (1992)

¹² LUCIANI, Rafael. *la opción teológico-pastoral del Papa Francisco*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 81-115, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://periodicos.faje.edu.br/index.php/perspectiva> Acesso em: 08 mar. de 2022.

¹³ Embora não seja um documento oficial, esse texto teve uma grande relevância para a Igreja da América Latina, e com a eleição de Bergoglio, agora influi também a Igreja Universal na compreensão do papel do bispo que precisa ter cheiro de ovelha, bem como a compreensão da Igreja pobre e para os pobres. Consta de um texto preparado na primeira sessão do Concílio, mas assinado por 40 padres conciliares, durante uma celebração eucarística presidida pelo bispo belga Charles M. Hirnrner, nas catacumbas de Domitila, no dia 16 de novembro de 1965. Nessa empreitada os bispos assumiram um compromisso de fazer chegar às suas Igrejas o desejo de uma Igreja pobre e para os pobres. O Documento é composto por 13 proposições que contém os compromissos que assumiam a partir de então: 1) Procurar viver um estilo de vida à maneira do povo; 2) Renunciar à aparência e à realidade da riqueza, inclusive nas insígnias episcopais; 3) Não possuir nenhum bem em nome próprio; 4) Confiar a gestão financeira e material de suas dioceses a uma comissão de leigos competentes, em vista de serem mais pastores e menos administradores; 5) Recusar títulos que signifiquem a grandeza e o poder; 6) Evitar tudo o que possa parecer conferir privilégios, prioridades ou preferência aos ricos e poderosos; 7) Evitar usar da vaidade alheia para conseguir recompensas; 8) Dar tudo o que for necessário e amparar o serviço apostólico e pastoral da evangelização nos meios populares; 9) Buscar transformar as obras de beneficência em obras sociais baseadas na caridade e na justiça; 10) Batalhar por uma nova ordem social em comunhão com os órgãos governamentais; 11) Comprometer-se de modo ativo na luta contra a condição de pobreza; 12) partilhar na caridade pastoral a vida com todos os irmãos; e 13) Levar suas dioceses ao conhecimento dos objetivos assumidos e pedir ajuda no discernimento. Para melhor aprofundar sobre o tema, propõe-se a obra: BEOZZO, José Oscar. *Pacto das catacumbas*: por uma igreja servidora e pobre. São Paulo: Paulinas, 2015. Também se encontrou em Madrigal uma definição que nos ajuda a entender o quanto influenciou nas escolhas de Medellín e continuam sendo marcas em Bergoglio.

¹⁴ Dom Manuel Larrain foi Bispo de Talca, Chile (1900-1966). Como participante do Concílio Vaticano II foi um dos que assinou o Pacto das Catacumbas apenas citado. Foi o segundo presidente do CELAM. A maioria dos

ocasião era o presidente do CELAM e foi quem, durante o encerramento do Concílio, manifestou a necessidade de se convocar o episcopado latino-americano para uma nova conferência geral, onde se pudesse contemplar os sinais dos tempos a partir da ótica do Concílio. E o terceiro é o argentino Dom Eduardo Francisco Pironio,¹⁵ com quem Bergoglio teve maior proximidade e, pelo que consta, além de ter tido uma participação efetiva na conferência de Medellín, pois foi o secretário geral da assembleia, teve uma boa influência no Sínodo de 1974 sobre a evangelização, ocasião que serviu não apenas para testemunhar, mas promover as conclusões de Medellín junto à Igreja Universal, apresentando temas que São Paulo VI não só acolheu, como inseriu na *Evangelii nuntiandi*, conforme veremos ao tratar do tema.

Quando se mergulha na personalidade e papel do Cardeal Pirônio em relação a Bergoglio é possível encontrar algumas semelhanças em suas posturas. O Próprio Cardeal Bergoglio em uma entrevista à Rádio Maria Argentina no ano de 2008, ao dar testemunho de Pirônio, o apresentou como “um homem de portas abertas com quem se desejava estar”¹⁶. Postura muito similar é vista no então cardeal arcebispo de Buenos Aires, hoje Papa Francisco. Ivereigh chega a apresentá-lo como o precursor de Bergoglio e ainda ressalta: “sua missão foi a aplicação do Concílio Vaticano II na América Latina. Sua opção pelos pobres era clara, porém desconfiava da ideologia e acreditava que o Evangelho oferecia a base para um novo modelo de sociedade que transcende o debate capitalismo-comunismo”¹⁷. Pelo que consta, o trato de

autores dão destaque no seu nome como um dos maiores incentivadores para a convocação da Conferência de Medellín, mas por força do destino este faleceu antes que seu sonho se tornasse realidade.

¹⁵ Dom Eduardo Francisco Pironio, é um cardeal argentino, falecido em 1998. Foi bispo de La Plata e é considerado um dos grandes influenciadores de Bergoglio. Na América Latina exerceu papéis fundamentais como Secretário Geral do CELAM (1968 - 1972). Em seguida exerceu o papel de presidente do Celam (1972-1975), sendo o primeiro argentino a exercer tal função. Durante a II Conferência do Episcopado Latino-americano em Medellín (1968) foi nomeado por São Paulo VI como Secretário Geral da Conferência. Tornou-se o grande promotor das conclusões de Medellín, a ponto de levá-la ao conhecimento da Igreja Universal durante o Sínodo para a evangelização em 1974, do qual foi o relator para a América Latina. Viveu parte do seu ministério em Roma, pois em 1975 foi convocado por São Paulo VI para trabalhar na Cúria Romana. Em 1976 foi feito Cardeal. Durante seu ministério na Cúria Romana presidiu a Congregação para os Religiosos e os Institutos Seculares (1975-1984), e o Pontifício Conselho para os Leigos (1984-1996), ocasião que pode ajudar João Paulo II a organizar as Jornadas Mundiais da Juventude. De modo especial, encontrou-se belos testemunhos que corroboram a compreender sua influência sobre Jorge Bergoglio. Para maior aprofundar sobre o tema, pode-se buscar: tomo Tomo XLII, N° 79, 2002/1° semestre, no qual tratada de sua vida e testemunho, dentre os grandes nomes, destaca-se: GALLI, Carlos María. *Eduardo Pironio*, teólogo. Ensayo a modo de introducción In: Teología: revista de la Facultad de Teología de la Pontificia Universidad Católica Argentina, N°. 79, 2002, p. 9-42. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/6957/1/teologia79.pdf> (arquivo em pdf). Acesso em: 01 jun. 2022. ETCHEPAREBORDA, Pablo María. *Monseñor Pironio testigo y promotor de Medellín*. Teología, [S.l.], v. 55, n. 126, p. 63-80, nov. 2018. ISSN 26837307. Disponível em: <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/TEO/article/view/1386/1313>. Acesso em: 22 jul. de 2022.

¹⁶ BERGOGLIO, Jorge Mário. *Transcrição da entrevista ao Cardeal Bergoglio realizada pela Radio Maria Argentina durante o V Encontro Nacional de Sacerdotes - 9 a 11 de setembro de 2008 em Villa Cura Brochero (Córdoba)*. (O seguís a Jesús o no sos cristiano, o ponés la carne sobre el asador o no sos Cristiano). Disponível em: <https://radiomaria.org.ar/actualidad/cardenal-bergoglio-o-seguis-a-jesus-o-no-sos-cristiano-o-pones-la-carne-sobre-el-asador-o-no-sos-cristiano/>. Acesso em: 01 jun. de 2022.

¹⁷ IVEREIGH, *El gran reformador*, p. 169. (versão ebook)

Pirônio com os de direita ou da esquerda era também parecido com o que conhecemos de Bergoglio, ou seja, não tinha uma postura revolucionária, apenas acreditava na força do Evangelho e na prioridade aos pobres, como Bergoglio sempre acreditou e pregou.

2.2.2 A motivações para se convocar uma nova Conferência

No tocante às motivações para a convocação da II Conferência latino-americana em Medellín é de conhecimento comum que aqueles que haviam feito a proposta ao pontífice tinham clara consciência da realidade do continente, por isso, de modo especial, queriam levar adiante as proposições do Papa São João XXIII, que um mês antes do início do Concílio Vaticano II, em sua rádio mensagem de 11 de setembro de 1962, havia levantado a temática da “Igreja dos pobres” ao tratar dos países subdesenvolvidos, afirmando: “para os países subdesenvolvidos a Igreja se apresenta com é e como quer ser, como Igreja de todos, em particular Igreja dos pobres”¹⁸. O tema da “Igreja dos pobres” não teve grande espaço nos documentos conciliares, pois só encontramos apenas uma pequena menção na *Lumen Gentium*, quando trata da Igreja como realidade visível e espiritual:

Cristo foi enviado pelo Pai “para evangelizar os pobres... a proclamar a remissão aos presos” (Lc 4,18), “a procurar e salvar o que estava perdido” (Lc 19,10): de modo semelhante a Igreja envolve em seus cuidados amorosos todos os angustiados pela fraqueza humana, e mais, reconhece nos pobres e nos que sofrem, a imagem do seu Fundador, pobre e sofredor, esforça-se por aliviar-lhes a indigência, e neles quer servir a Cristo (LG 8).

Pelo que se sabe, embora seja a única afirmação dentro da *Lumen Gentium* que faça uma referência sobre a Igreja e os pobres, esse trecho tornou-se uma grande chave de iluminação para a assembleia de Medellín, pois ressalta-se que, a exemplo do Cristo, a Igreja não só se preocupa, mas se envolve na realidade dos pobres, reconhecendo neles a imagem do seu fundador. Da mesma forma, se inspiram também na afirmação da *Gaudium et Spes*, que diz que a Igreja compartilha “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo” (GS 1). São verdades extraídas da Palavra de Deus e recordadas pelo Concílio como realidade inerente à Igreja, por isso, se tornaram a

¹⁸ JOÃO XXIII. *Radiomensaje de su santidad Juan XXIII un mes antes de la apertura del Concilio Vaticano*. Martes 11 de septiembre de 1962. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.html. Acesso em: 22 abr. 2021.

mola propulsora para a assembleia presente em Medellín, que a partir dessa ótica fez a análise da realidade do continente fortemente marcado pela pobreza e tantas outras injustiças.

2.2.3 O método teológico e o modo de trabalho

Em relação ao método de discernimento, a assembleia fez opção por utilizar o método ver, julgar e agir, o mesmo que fora utilizado na *Gaudium et Spes*, pois foi visto por todos como um método capaz de ajudá-los no discernimento da realidade e, com o confronto com a Palavra de Deus, poder-se-ia conduzir os cristãos a uma verdadeira ação transformadora. Para iluminar o que foi constatado da realidade, os bispos tomaram por exemplo o próprio Jesus, que se colocou ao lado dos pobres, doentes e injustiçados, com o objetivo de os libertar do seu sofrimento, conforme nos atesta o próprio Evangelho.

Em relação ao modo de trabalho, uma vez que já estavam em Medellín, os participantes foram divididos em 16 comissões que apresentaram cada qual um relatório e estes, por sua vez, foram assumidos pela assembleia e publicados como documentos que compõem um documento final dividido em três blocos. O primeiro que trata da “Promoção Humana” é composto pelos cinco primeiros documentos: Justiça, Paz, Família e Demografia, Educação, Juventude. O segundo ocupa-se dos temas ligados à “Evangelificação e crescimento na Fé” que são: Pastoral Popular, Pastoral das Elites, Catequese, Liturgia. O terceiro e último bloco, abarca os temas sobre a Igreja visível e suas estruturas: Movimento de leigos, Sacerdotes, Religiosos, Formação do Clero, Pobreza da Igreja, Pastoral de Conjunto, Meios de Comunicação Social. Ao tratar sobre o resultado da II Conferência de Medellín, Murad afirma: “Medellín assumiu com liberdade e discernimento o Vaticano II, conforme o que se percebia na época como os grandes clamores de Deus na realidade latino-americana, como a justiça social, a paz e o desenvolvimento integral”¹⁹. Embora sejam todos temas importantes, em nossa pesquisa nos detivemos apenas naqueles que sabemos que causaram grande influência na vida de Bergoglio.

¹⁹ MURAD, Afonso Tadeu. *Medellín: história, símbolo e atualidade*. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 50, p. 600-631, 31 ago. 2018. (arquivo em pdf). DOI: 10.5752/P.2175-5841.2018v16n50p600 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p600/13555> Acesso em: 16 jun. 2022. p. 609

2.2.4 Intuições e novidades na postura pastoral da Igreja latino-americana

Diante de tantas constatações de injustiças sociais, ao tratar do tema da Justiça, os bispos declararam que a salvação de Jesus diz respeito à totalidade da pessoa, e envolve toda sua história. Por isso, declaram que Jesus foi enviado concretamente para “libertar todos os homens de todas as escravidões a que o pecado os sujeita: a fome, a miséria, a opressão e a ignorância, numa palavra, a injustiça que tem sua origem no egoísmo humano” (DM 1,3). Para transformar tais realidades se fazem necessárias mudanças, porém, reforçam que não basta apenas mudanças de estruturas, mas sim uma verdadeira conversão: “para nossa verdadeira libertação, todos os homens necessitam de profunda conversão para que chegue a nós o ‘Reino de justiça, de amor e de paz’” (DM 1,3). Pode-se perceber que o tema da *conversão pastoral* já é antevisto em Medellín, ainda que o termo pastoral não apareça no texto, mas sim a clareza de que se faz necessário uma mudança de conduta que brota do encontro com o Evangelho: “Não teremos um continente novo, sem novas e renovadas estruturas, mas sobretudo, não haverá continente novo sem homens novos, que à luz do Evangelho saibam ser verdadeiramente livres e responsáveis” (DM 1,3).

Tendo tomado Jesus como referência iluminadora para a análise da realidade, depois de constatar a situação em que se encontrava o continente, os bispos afirmam: “Cristo, nosso Salvador, não só amou aos pobres, mas também “sendo rico se fez pobre”, viveu na pobreza, centralizando sua missão no anúncio da libertação aos pobres e fundou sua Igreja como sinal dessa pobreza entre os homens” (DM 14,6). A partir desse momento, surge um novo olhar sobre a Igreja, ela é vista como sinal da pobreza de Cristo, o Cristo pobre funda uma Igreja pobre e para os pobres. A realidade concreta de pobreza, miséria e injustiças experimentadas pelos povos latino-americanos foi reconhecida como uma realidade gritante que clama por justiça, conforme eles mesmos afirmam: “a pobreza de tantos irmãos clama por justiça, solidariedade, testemunho, compromisso, esforço e superação para o cumprimento pleno da missão salvífica confiada por Cristo” (DM 14, 6). Por isso, os membros daquela assembleia chegaram ao consenso de que lutar por justiça, defender os pobres e excluídos faz parte da missão evangelizadora da Igreja e, por isso, assumem: “queremos que a Igreja da América Latina seja evangelizadora e solidária com os pobres, testemunha do valor dos bens do Reino e humilde servidora de todos os homens de nossos povos” (DM 14, 7). Godoy ressalta que, desde então, tem-se claro que na Igreja latino-americana “toda ação evangelizadora deve partir do mergulho

na realidade do povo, sobretudo dos pobres, para se deixar iluminar pela Palavra de Deus e traçar suas diretrizes de ação”²⁰.

Diante do exposto, a assembleia faz o discernimento que na América Latina a Igreja deve assumir uma pastoral libertadora, que faz “opção pelos pobres” e para que isso se torne efetivo propõe uma “‘educação libertadora’, isto é, que transforma o educando em sujeito de seu próprio desenvolvimento” (DM 4,1). Tal postura refletiu fortemente na própria concepção de ser Igreja, seja através da reflexão teológica e mais ainda na realidade pastoral, com desdobramentos na vivência comunitária, no serviço prestado aos necessitados, no contato com a Palavra de Deus, no modo de ler e compreender a realidade, bem como no modo de agir da Igreja. Pois a partir daquele momento a Igreja latino-americana assumiu o pobre não somente como meio caritativo, mas como dado teológico e pastoral. Vale de modo especial ressaltar a demonstração do compromisso com o pobre através dos gestos concretos de tantos sacerdotes que passaram a compartilhar a sorte dos pobres, vivendo em seu contexto e trabalhando no meio deles, dentre os quais merece destaque o movimento dos Sacerdotes para o Terceiro Mundo²¹, e em Buenos Aires os padres *Villeros* já citados no primeiro capítulo, cujo trabalho pastoral é tão apreciado pelo então Bergoglio. Da mesma forma, merece reconhecimento o grande número de religiosos que atenderam o estímulo de Medellín, criaram pequenas comunidades e se inseriram nas regiões mais pobres, encarnando o modo de viver do povo, estando realmente presente no meio deles²².

Ao analisar a realidade da evangelização, os bispos em Medellín se mostraram conscientes da necessidade de mudança pastoral. Sendo assim, conscientes de que até aquele momento a “a Igreja contou principalmente com uma pastoral conservadora, baseada numa sacramentalização com pouca ênfase numa prévia evangelização” (DM 6,1). Ressalta-se que a partir de então se faz necessário, portanto, uma pastoral que:

²⁰ GODOY, Manoel. *Conferências gerais do episcopado latino-americano*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015, p. 211.

²¹ Movimento sacerdotal que surgiu em 1967 logo após a publicação da *Populorum Progressio* de São Paulo VI, mas tomou forma a partir de 1968. Teve como grande expoente o Pe. Mugica (sacerdote argentino assassinado em 1974). O foco dos trabalhos pastorais desse grupo foi nas periferias de centros urbanos, de modo especial na região metropolitana de Buenos Aires, onde as “villas” ou assentamentos populacionais são bastante precárias. Naquela ocasião o modo de viver dos sacerdotes ligados a esse movimento era também uma escolha profética de denúncia da instrumentalização elite do catolicismo para legitimar o poder. Tais sacerdotes viviam com o povo e lutavam pelos direitos da comunidade empobrecida. Todavia, o trabalho nas vilas continua acontecendo, porém com uma conotação um pouco diferente daquela que foi a motivação original. Bergoglio acompanhou esse trabalho durante todo o tempo enquanto esteve na Argentina. Como bispo deu ênfase nessa frente de trabalho, apoiando quem se sentia chamado a viver e a batalhar pelos pobres.

²² Um exemplo claro da inserção dos religiosos entre os pobres é da própria Companhia de Jesus a partir da Congregação 32, conforme tratou-se no primeiro capítulo (Cf. nota 78).

promova constantemente uma reconversão e uma educação de nosso povo na fé em níveis cada vez mais profundos e maduros, seguindo o critério de uma pastoral dinâmica, que em consonância com a natureza da fé, impulse o povo fiel para a dupla dimensão personalizante e comunitária (DM 6,4).

Todavia não se falava em conversão pastoral, porém, a assembleia viu a necessidade de se dar um salto no processo de evangelização e propõe que, para isso, se parta da realidade, de modo especial que se faça proveito do modo como cada comunidade vivencia a sua fé, através da religiosidade popular. Por isso, enfatizam que: “pertence precisamente à tarefa evangelizadora da Igreja descobrir nessa religiosidade a ‘secreta presença de Deus’ (AG 9) e a luz da verdade que ilumina a todos (NA 2), a luz do Verbo presente, mesmo antes da encarnação ou da pregação apostólica, e fazer frutificar essa semente” (DM 6,1). Na verdade, a partir desse olhar de Medellín para a realidade da religiosidade popular, é possível ver um desejo de redescobrir seu valor e de modo especial um posicionamento em favor das diferentes culturas, e diferentes tipos de religiosidades populares.

No que diz respeito ao modo de conceber a Igreja, Medellín desde o início absorveu a eclesiologia do “povo de Deus” apresentada pelo Concílio Vaticano II, pela qual têm-se claro a consciência de que na Igreja todos os membros gozam de igual dignidade adquirida no Batismo (DM 15,6). Por isso, quando trata da vivência da missão da Igreja, recorda-se que os leigos participam da tríplice função profética, sacerdotal e real do Cristo, e desempenham seu papel no âmbito do temporal e dentro da comunidade eclesial através da diversidade de carismas e ministérios, que o próprio Deus suscita entre seus membros (DM 10,2). De modo especial, através do exercício do “seu sacerdócio comum, gozam na comunidade do direito e têm o dever de contribuírem com uma indispensável colaboração para a ação pastoral” (AA 3; DM 11,3)”. E devem também “colaborar nas tarefas de promoção cultural humana sob todas as formas que interessam à sociedade” (DM 4,2). A colegialidade, uma herança do Concílio, que os bispos vivenciaram de modo tão fecundo no contexto latino-americano foi retomada ao tratar da identidade da Igreja. Iluminados pela eclesiologia da comunhão, os bispos não quiseram que a colegialidade fosse uma realidade apenas entre eles, por isso enfatizam que se faz necessário a vivência da mútua colaboração que se torna real na pastoral de conjunto. Desse modo, reforçam a necessidade do fortalecimento dos mecanismos de colegialidade como: as conferências episcopais, os conselhos diocesanos, conselhos pastorais paroquiais e outros mecanismos pastorais onde se torna concreta a colegialidade na comunidade eclesial (DM 15,2). Com essa postura busca-se a concretização do desejo pela superação do binômio leigos-hierarquia, que ainda se encontra em nossas comunidades.

As comunidades eclesiais de base (Ceb's) também são um modo concreto de aplicação do Concílio no continente, caracterizadas como comunidades cristãs de base. São apresentadas como “o primeiro e fundamental núcleo eclesial, a célula inicial de estruturação eclesial, foco de evangelização e fator primordial de promoção humana e desenvolvimento” (DM 15,10). Através das Ceb's se constitui a vida cristã das comunidades, de modo especial pela celebração da Eucaristia em pequenos grupos (DM 9,12). Os bispos entenderam, desse modo, que através das Ceb's se torna efetiva a opção pelos pobres, pois elas são expressão de comunhão eclesial, sem contar que “elas reestruturam a paróquia, fazendo dela uma comunidade de pequenas comunidades, em estreita relação com as demais paróquias, no seio da Igreja Local, pautada por uma pastoral orgânica e de conjunto”²³.

Com as palavras do próprio Cardeal Bergoglio, podemos reforçar que Medellín “investiu grande parte de suas energias na constituição de uma ‘Igreja que nasce do povo’, um espaço de encontro dos mais pobres em torno da escuta e compreensão da palavra de Deus à luz da consciência da realidade cotidiana.”²⁴ Percebe-se, portanto, com essa escolha, que a Igreja latino-americana já tinha dado início à luta para lançar para longe de si toda a ilusão de uma instituição auto referenciada, e desde Medellín busca ser uma comunidade profética que corresponde à proposta do Reino, sendo servidora da humanidade, de modo especial dos mais empobrecidos. Resumindo, podemos dizer que a opção pelos pobres e a motivação para a organização da Igreja através das Ceb's foi, e continua sendo, uma forma de demonstrar que a Igreja está viva e se faz presente ao lado daqueles pelos quais Cristo deu a vida, manifestando ao mundo sua missão servidora de toda a humanidade, e ao mesmo tempo já é uma indicação do modo de ser e viver a Igreja proposto atualmente por Francisco, através de pequenas comunidades, onde os leigos se tornam protagonistas da evangelização.

Em Medellín os bispos discorrem sobre o tema religiosidade popular ao tratar da pastoral das massas. No primeiro momento ressaltam que existem algumas ambiguidades, principalmente ligadas ao processo de evangelização desde o tempo da conquista, que tem mais consequências sociais, que expressão de fé concretamente cristã: “É uma religiosidade de votos e promessas, de peregrinações e de um número infinito de devoções, baseada na recepção dos sacramentos, especialmente do batismo e da primeira eucaristia” (DM 6,1). Embora haja

²³ BRIGHENTI, Agenor. *Mudanças de Medellín pendentes 50 anos depois*. In: Encontros Teológicos, Florianópolis, v. 33, n. 2, maio/ago. 2018. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/857>. Acesso em: 04 dez. 2021. p. 235.

²⁴ BERGOGLIO, Jorge Mario. *Cultura y Religiosidad Popular*. Buenos Aires, 2008. Disponível em: https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2008.htm#cultura_y_Religiosidad_popular. Acesso em: 06 dez. 2021.

alguma reserva em relação a esse tipo de expressão de fé popular, recorda-se que nela pode-se encontrar fagulhas de uma religiosidade autêntica, mesclada de elementos culturais, pois “na religiosidade natural do homem há germens de um chamado de Deus” (DM 6,1). Sendo assim, valoriza-se essa religiosidade, mesmo que sua participação no culto oficial seja muito discreta. Por isso, ressaltam que “não se pode prescindir dela, dada a importância, seriedade e autenticidade com que é vivida por muitas pessoas, sobretudo nos meios populares” (DM 8, 2), no entanto “impõe-se uma revisão e um estudo científico dessa religiosidade, para purificá-la de elementos que a tornam autêntica e para valorizar seus elementos positivos” (DM 8,2).

Apoiados ainda nas palavras do próprio Cardeal Bergoglio, podemos afirmar que “Medellín não foi apenas uma aplicação do Concílio para a América Latina, mas uma releitura criativa do Vaticano II de um mundo de pobreza injusta, com estruturas econômicas e sociais de pecado”²⁵. Desde então, a Igreja na América Latina procurou entender a si mesma e realizar sua missão a partir do grito de seus pobres, do sofrimento do povo, dos povos indígenas, das mulheres, trabalhadores, camponeses, crianças, pois como ressalta Pereira, “a opção pelos pobres é para a Igreja uma missão que nasce da missão de Cristo, que se fez pobre por nós e manifesta a sua misericórdia preferencialmente aos pobres. A missão da Igreja nasce da missão de Cristo”²⁶. Com essa postura dá-se início a um novo paradigma para a Igreja latino-americana, que desde então esforça-se para animar o povo de Deus, de modo especial os pobres, para que no seio das Ceb’s se tornem evangelizadores, procurando promover o desenvolvimento e intensificando a busca pela justiça. Também devemos reconhecer que houve um salto na motivação para a leitura popular da Sagrada Escritura, pois aquela assembleia reconheceu que “a Bíblia pertence ao povo, sua linguagem é dirigida aos simples, aos humildes e, portanto, através do povo chega-se a uma interpretação popular da mesma”²⁷.

²⁵ BERGOGLIO, *Cultura y Religiosidad Popular*. 2008.

²⁶ PEREIRA, Sueli da Cruz. *O legado da "Igreja dos pobres" para a Igreja na América Latina*. Pesquisas em Teologia, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 22-37, dec. 2018. ISSN 2595-9409. DOI: <http://dx.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2018v1n1p22>. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasenteologia/article/view/682>. Acesso em: 02 dez. 2022. p. 31

²⁷ PUENTE, *Yo, argentino*, p. 61.

2.3 A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: bússola para a evangelização do mundo contemporâneo

São Paulo VI, depois de promulgar os documentos do Concílio Vaticano II, buscou com afinho colocá-los em prática. Viveu momentos de grande dificuldade, porque nem todos acolheram a proposta do Concílio. Porém, consciente de que sua missão de sucessor de Pedro lhe exigia um programa de pontificado, no décimo terceiro ano de seu pontificado, ao celebrar dez anos da *Gaudium et Spes*, apresentou à Igreja a Exortação apostólica pós sinodal *Evangelii Nuntiandi*, em resposta ao Sínodo de 1974, e será reconhecido por muitos como seu testamento pastoral, no qual tratou sobre a missão evangelizadora da Igreja. De modo especial, apresentou uma reflexão sobre os elementos essenciais da evangelização e frisou uma verdade, que estava sendo esquecida: que evangelizar faz parte da identidade da Igreja, ou seja, a missão de evangelizar faz parte da essência da Igreja, pois ela é fruto da evangelização e nasceu para evangelizar.

Como veremos mais abaixo, o seu texto recebe influência da América Latina e irá influenciar as reflexões da III Conferência Geral do episcopado latino-americano de Puebla. Sem contar que é o primeiro documento que trata sobre o tema da evangelização da Cultura, enfatizando que embora em nosso tempo haja uma ruptura entre o Evangelho e a cultura, se faz necessário abrir os olhos, pois as culturas “devem ser regeneradas mediante o impacto da Boa Nova (EN 20). Tal posicionamento será acolhido por Puebla, Santo Domingo e Aparecida, e terá grande reflexo na *Evangelii Gaudium*²⁸ de Francisco.

2.3.1 A influência da América Latina no Sínodo da Evangelização de 1974

Como vimos no primeiro capítulo, Bergoglio foi formador dos noviços de 1971-1973, quando foi eleito para a função de provincial da Companhia de Jesus, função essa que permaneceu de 1973-1979. Nesse interim, a Igreja da América Latina estava vivenciando o processo de absorção das Conclusões de Medellín, no que se refere à aplicação de tudo quanto acolhera da eclesiologia do Concílio Vaticano II no continente. Em 1974 aconteceu a Congregação Geral XXXII da Companhia de Jesus, a partir da qual os Jesuítas, através do IV Decreto, reconhecem que a missão da Companhia de Jesus é o serviço da fé e a promoção da justiça, por isso assumiram de modo muito claro a opção pelos pobres e até mesmo viver

²⁸ Cf. EG 69. 129. 134.

entre eles. Também a convite do Papa São Paulo VI, realizou-se em Roma a 3ª Assembleia Geral do Sínodo dos Bispos, celebrado de 27 de setembro a 26 de outubro de 1974, tendo como tema “a evangelização no mundo moderno”. Desse Sínodo participou o então presidente do CELAM, Dom Eduardo Pironio, que foi nomeado para ser o relator para a América Latina.

De acordo com o que já vimos anteriormente, Pironio foi o secretário geral da II Conferência geral do episcopado latino-americano em Medellín e, desde então, tornou-se um dos principais promotores das suas conclusões e de sua aplicação na América Latina. Por isso, exercendo sua função de relator, que lhe dava direito a voz no Sínodo, não perdeu a oportunidade de apresentar à Igreja Universal cinco temas vividos pela Igreja da América Latina a partir de Medellín, a saber:

a religiosidade popular ‘como um verdadeiro começo de evangelização’; compromisso com uma libertação ‘total e total’ (que é a conversão pessoal e a transformação da história a partir do poder salvador de Jesus Cristo, que se liberta da servidão do pecado e gera o novo homem); a evangelização da juventude em um continente jovem; a originalidade eclesial das comunidades básicas; e o desenvolvimento de novos ministérios²⁹.

Diante da Assembleia sinodal Pironio apresentou a experiência latino-americana e sua compreensão da religiosidade popular, definindo-a como um modo de o cristianismo se encarnar nas diversas culturas e etnias, e desse modo passou a ser vivido e manifestado no povo, por isso reforça que ela é o ponto de partida para uma nova evangelização.. Também deixou claro que a evangelização tem uma relação direta com a promoção humana e a plena libertação dos povos. Nesse sentido, Scannone ressalta que “o Sínodo de 1974 sobre a evangelização interpreta igualmente a luta pela justiça como parte integrante da evangelização e desemboca finalmente na obra mestra, que é sobre esse tema, a Exortação pós-sinodal EN”.³⁰

Em relação aos jovens, Pironio apresentou vários desafios vividos pela juventude latino-americana, e ao mesmo tempo ressalta: “com o problema da juventude, está intimamente ligado o interesse pastoral da Igreja na América Latina pela educação. Se buscamos novos caminhos para a formação integral dos jovens numa perfeita fidelidade às exigências de Cristo e às expectativas dos homens.”³¹ No tocante ao papel das comunidades de base salientou que “do ponto de vista da Evangelização, essas Comunidades Eclesiais de Base tendem a aprofundar a

²⁹ CARRIQUIRY, Guzman. *Recapitulando los 50 años del CELAM*, en camino hacia la V Conferencia. (Conferencia dictada en Lima el 17 de mayo de 2005) [arquivo em Word com 38 páginas] Disponível em: <http://www.celam.org/documentacion/166.doc>. Acesso em: 16 jul. 2022. p. 13

³⁰ SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019. p. 57.

³¹ PIRONIO, Eduardo F. Card. *Signos en la Iglesia latinoamericana: evangelización y liberación*. 1ª ed. - Buenos Aires: Guadalupe, 2012. p. 83

fé, a comunicá-la e a aplicá-la na vida. Têm uma dimensão essencialmente missionária e se organizam ao serviço da comunhão e libertação integral do Povo Latino-americano”³².

Recordando a experiência da Igreja primitiva com relação à diaconia, Pironio apresentou como a Igreja da América Latina, desde Medellín, tem buscado superar a centralização da ação pastoral apenas no clero, através da vivência da diversidade de ministérios leigos, como “evangelizadores, animadores de comunidades, catequistas, ministros da Palavra, coordenadores de grupos de reflexão e coordenadores de comunidades”³³, frisando também o papel das mulheres no serviço da Igreja, ao mesmo tempo que os missionários e o papel das famílias³⁴.

A partir dessa intervenção do futuro Cardeal Pirônio, a Igreja universal pode perceber que na América Latina, a partir de Medellín, a Igreja adquiriu uma expressão mais evangélica de fidelidade a Jesus Cristo, através da força transformadora do Espírito Santo, ao mesmo tempo que também se tornou mais comprometida com a história do seu povo e comprometida com a libertação integral da América Latina. Desse modo, podemos mais uma vez perceber o papel de precursor de Pirônio em relação a Bergoglio, que hoje, como bispo de Roma, busca apresentar à Igreja Universal a força da Igreja latino-americana, de modo especial, a partir de sua experiência e pastoreio.

2.3.2 A Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*

Acabamos de ver que durante o Sínodo de 1974 abriu-se um intercâmbio entre a Igreja Universal e a Igreja da América Latina. Tendo, pois, recebido o documento final dos padres sinodais, São Paulo VI começou seu trabalho de acolhida e resposta aos anseios das proposições sinodais. Estávamos às vésperas de um ano Santo, há um quarto de século do encerramento do milênio e a Igreja precisava saber lidar com a evangelização no mundo atual. Durante os trabalhos, o Pontífice deu liberdade para os padres sinodais apresentarem suas reflexões, mas ao mesmo tempo, como bispo, permaneceu presente no processo de escuta, e caminhou com os presentes em busca de uma direção desejada, pois reconhece-se que seu intento era, propriamente, dar esperança para a Igreja Universal.

³² PIRONIO, *Signos en la Iglesia latinoamericana*, p. 86.

³³ PIRONIO, *Signos en la Iglesia latinoamericana*, p. 88.

³⁴ Quando se entra em contato com o texto da EN, pode-se encontrar os cinco temas levantados por Pironio durante o Sínodo, representando a reflexão teológico pastoral latino-americana na seguinte ordem, respeitando os temas (EN 48; 9, 29-36; 72, 58 e 73).

Após um ano do encerramento do Sínodo, e com o intuito de comemorar o décimo ano do encerramento do Concílio Vaticano II, em 08 de dezembro de 1975, São Paulo VI apresentou à Igreja a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, pautando-se em três perguntas, que já haviam motivado os padres sinodais³⁵. Já na introdução o Pontífice reforça: “Oxalá que as nossas palavras, que intentam ser uma reflexão sobre a evangelização, a partir das riquezas do Sínodo, possam levar à mesma reflexão todo o povo de Deus congregado na Igreja, e vir a ser um impulso novo para todos” (EN 5). Para melhor expressar suas reflexões, São Paulo VI procurou organizar o conteúdo em sete capítulos³⁶, concatenando as ideias de tal modo que fala à Igreja e ao mundo contemporâneo.

2.3.2.1 Os desafios da evangelização no mundo contemporâneo

São Paulo VI tinha claro o que queria apresentar à Igreja através da *Evangelii Nuntiandi*, a carta magna sobre a nova evangelização. Uma vez que após o Concílio a relação entre o mundo e a Igreja passou a ser pensada a partir do horizonte da evangelização que perpassa a cultura, e não pode deixar de lado a realidade da promoção humana, o pontífice tomou posse do resultado do Sínodo de 1971 que tratou sobre a Justiça no mundo e “ampliou o conceito de evangelização e incluiu nele a ação pela promoção humana, a justiça social e a libertação integral do homem”³⁷, favorecendo uma exposição ampla e clara a respeito da evangelização. Em primeiro lugar recordou que evangelizar todos os homens constitui a vocação e a missão essencial da Igreja, “ela existe para evangelizar, ou seja, para pregar e ensinar, ser o canal do dom da graça, reconciliar os pecadores com Deus e perpetuar o sacrifício de Cristo na santa missa” (EN 14). Uma vez que nasceu da missão de Jesus e dos doze, é chamada a dar continuidade à missão recebida, e isso envolve todos os seus membros (EN 15). Se faz necessário recordar que “evangelizar, para a Igreja, é levar a Boa Nova a todas as parcelas da humanidade, em qualquer

³⁵ Durante os trabalhos do Sínodo buscou-se responder a estas três interpelações: “o que é que é feito, em nossos dias, daquela energia escondida da Boa Nova, suscetível de impressionar profundamente a consciência dos homens? Até que ponto e como é que essa força evangélica está em condições de transformar verdadeiramente o homem deste nosso século? Quais os métodos que hão de ser seguidos para proclamar o Evangelho de modo a que a sua potência possa ser eficaz? Após o Concílio e graças a ele, que foi para ela uma hora de Deus nessa viragem da história, encontrar-se-á a Igreja mais apta para anunciar o Evangelho e para o inserir no coração dos homens, com convicção, liberdade de espírito e eficácia? Sim ou não?” (EN 4).

³⁶ “Introdução” (nn. 1-5); Cap. I - “De Cristo Evangelizador a uma Igreja Evangelizadora” (nn. 6-16); Cap. II - “O que é evangelizar?” (nn. 17-24); Cap. III - “O conteúdo da evangelização” (nn. 25-39); Cap. VI - “As vias da evangelização” (nn. 40-48); Cap. V - “Os destinatários da evangelização” (nn. 49-58); Cap. VI - “Os obreiros da evangelização” (nn. 59-73); Cap. VII - “O Espírito da evangelização” (VII. nn. 74-80); “Conclusão” (nn. 81-82).

³⁷ GALLI, Carlos María. *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida*. 2. ed. 2a reimp. Buenos Aires: Agape Libros, 2014. p. 77.

meio e latitude, e pelo seu influxo transformá-las a partir de dentro e tornar nova a própria humanidade” (EN 18).

Para desempenhar sua missão evangelizadora, a Igreja deve estar atenta a um fator importante: sua preocupação não deve ser apenas de levar o evangelho para ambientes cada vez mais vastos, para massas ou grandes populações, mas sim com o intuito de “atingir os critérios de julgar, os valores fundamentais, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade” (EN 19). A evangelização precisa acontecer de maneira profunda e deve ser perpassada pela via do testemunho (Cf. EN 21). Todavia, se faz necessário um anúncio explícito da Palavra, no qual seja proclamado “o nome, a doutrina, a vida, as promessas, o reino, o mistério de Jesus de Nazaré, Filho de Deus” (EN 22), somado a um testemunho verdadeiro, pois quando isso ocorre, o outro se convence a buscar o que Deus lhe propõe, e isso se concretiza através da adesão e entrada em uma comunidade eclesial (cf. EN 23; 41). Assim, uma vez evangelizado, aquele que recebeu a Palavra passa a evangelizar (cf. EN 24). O Pontífice conclui apresentando os elementos que constitui o processo de evangelização: “a evangelização, por tudo o que dissemos é uma diligência complexa, em que há variados elementos: renovação da humanidade, testemunho, anúncio explícito, adesão do coração, entrada na comunidade, aceitação dos sinais e iniciativas de apostolado” (EN 24).

Toda ação pastoral da Igreja é perpassada pela evangelização. Por isso, ninguém está isento, todos os cristãos são verdadeiros evangelizadores³⁸. A evangelização, portanto, deve ser realizada como um processo que visa o homem todo, com todas as suas dimensões, e deve ser vivido tanto no âmbito pessoal, como comunitário, buscando adentrar todos os ambientes e situações que envolvem o homem no mundo contemporâneo, pois:

a evangelização comporta uma mensagem explícita, adaptada às diversas situações e continuamente atualizada: sobre os direitos e deveres de toda a pessoa humana e sobre a vida familiar, sem a qual o desabrochamento pessoal quase não é possível, sobre a vida em comum na sociedade; sobre a vida internacional, a paz, a justiça e o desenvolvimento (EN 29).

Na mesma direção, a exortação ressalta que evangelizar não é “um ato individual e isolado, mas profundamente eclesial... a Igreja é toda evangelizadora” (EN 60). A finalidade da evangelização é a conversão/mudança interior, portanto, “nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo” (EN 75). Galli resume a temática da evangelização na ótica de São Paulo VI assim:

³⁸ O documento apresenta cada um dos agentes da evangelização, a saber: o Sucessor de Pedro (EN 67); os bispos e sacerdotes (EN 68); os religiosos (EN 69); os leigos (70). No tocantes à missão dos leigos, reforça o papel dos jovens (EN 72) e ressalta os âmbitos: a família (EN 71) e nos ministérios diversificados (EN 72)

a evangelização é uma ação comunicativa (natureza) pela qual a Igreja-Povo de Deus, com a totalidade de seus membros (agente/s), transmite a Boa Notícia do Reino de Deus (conteúdo) para a humanidade/pessoas-povos-culturas (destinatários), para renová-los com fé no Evangelho da salvação (finalidade) através de atitudes subjetivas (espírito) e formas objetivas (meios). Essa estrutura básica e dinâmica articula os atores (capítulos I e VI) e os beneficiários (V) em um diálogo interação (II) através dos conteúdos (III), das atitudes (VII) e dos meios (IV)³⁹.

Como vimos acima, o Cardeal Pirônio, ao apresentar o tema da religiosidade popular durante o Sínodo, apresentou o ponto de partida para a evangelização. São Paulo VI, na *Evangelii Nuntiandi* preferiu nomeá-la de piedade popular, significando-a como a religião do povo simples e dos pobres. Recorda-se que é a primeira vez que o termo foi citado em um documento pontifício e é reconhecida como uma via de evangelização. Embora também apresente os limites, o pontífice ressalta que, se bem orientada, com uma boa pedagogia de evangelização, é rica de valores, pois manifesta a sede de Deus das pessoas mais simples e pobres, que consideram Deus um pai providente e amoroso e, por sua fé, se dispõem ao sacrifício e à generosidade, suscitando atitudes que raramente se encontram no mundo de hoje, tais como: paciência, sentido de sofrimento, desapego, aceitação, dedicação e devoção (cf. EN, 48).

Através da *Evangelii Nuntiandi* São Paulo VI ressaltou a necessidade de uma nova evangelização no mundo de hoje, incluiu a fé do povo simples e pobre, vivenciada através da piedade popular como via de recuperação do entusiasmo dos apóstolos e dos primeiros cristãos. Recorda que ao lançar suas raízes no terreno cultural, social e humano de um país, a Igreja deve levar Jesus, para que a partir do acolhimento de Jesus o povo chegue à conversão do coração, à mudança de vida e à sua incorporação na comunidade eclesial, pautando sua vida no seguimento de Jesus Cristo.

2.3.2.2 A *Evangelii Nuntiandi* continua sendo atual

São João Paulo II, em seu livro entrevista, ao tratar do tema do desafio do novo anúncio, apresenta a Exortação *Evangelii nuntiandi* como o documento magisterial que supera muitas encíclicas, pois “constitui a interpretação do magistério conciliar sobre o que é a tarefa essencial da Igreja”⁴⁰. Pie-Ninot, em sua obra sobre a Introdução à eclesiologia, ao tratar sobre a Exortação Apostólica *Evangelii nuntiandi*, afirma:

³⁹ GALLI, *Dios vive en la ciudad*, p. 78-79.

⁴⁰ JOÃO PAULO II. *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994. p. 117.

esse documento magisterial é talvez o de maior repercussão na igreja pós conciliar. Com efeito, suas contribuições mais significativas são claras: o novo conceito de evangelização, a relação entre evangelização e promoção ou libertação humana, o tema da igreja local/ particular, a união entre Espírito e evangelização⁴¹.

Nessa mesma direção Galli ressalta: “a Exortação *Evangelii Nuntiandi*, o testamento pastoral de Pablo VI contém uma nova síntese de teologia pastoral pós-conciliar e é a carta magna da nova evangelização”⁴². Testamento porque foi escrito já quase no final do seu ministério petrino e, de modo especial, pela qualidade de seus ensinamentos pastorais, que até hoje são tomados como um norte para se analisar a realidade da evangelização. Galli, que sucedeu Bergoglio na sua cadeira de professor de Teologia Pastoral Fundamental, afirma que Bergoglio “ensinou teologia pastoral e comentou sobre a exortação *Evangelii nuntiandi* de Paulo VI na Faculdade de Teologia dos jesuítas argentinos”⁴³. Verifica-se que Francisco tem um grande apreço pela exortação de São Paulo VI, não só pela escolha do nome de sua primeira exortação apostólica, que também é seu programa de ministério, na qual chega a citá-la nominalmente ao tratar do tema da religiosidade popular (Cf. EG, 123). Também, quando de sua visita aos jesuítas reunidos na 36ª Congregação Geral, ao ser questionado sobre continuar o debate sobre a evangelização, propõe que se tome junto três documentos: Aparecida, *Evangelii Gaudium* e a *Evangelii nuntiandi*, e sobre este último afirma: “para mim ainda permanece o documento pastoral mais importante escrito após o Vaticano II”⁴⁴.

2.4 A Teologia do Povo

Até a eleição de Bergoglio em 2013 a Teologia do Povo era uma linha da teologia pouco conhecida no mundo, sendo quase que reservada ao contexto nacional da Argentina. Entretanto, a partir do primeiro instante de sua aparição no balcão da Basílica São Pedro, e de sua postura simples e próxima ao povo, pedindo que como povo fiel aquela comunidade ali presente rezasse pelo seu bispo, desperta a atenção de quem não o conhecia e, desde então, muitos passaram a se perguntar sobre sua formação e o que o motivava a agir de modo tão peculiar. Sabemos que não há como encerrar um pontífice dentro de uma escola teológica, porém de antemão pode-se

⁴¹ PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Ecclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 103.

⁴² GALLI, *Dios vive en la ciudad*, p. 77.

⁴³ GALLI, Carlos María. *La Teología Pastoral de Evangelii Gaudium en el proyecto misionero de Francisco*. Teología, [S.l.], v. 51, n. 114, p. 23-59, jun. 2018. ISSN 26837307. Disponible en: <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/TEO/article/view/1249/1170>. Acesso em: 01 jun. 2021. p. 31.

⁴⁴ FRANCISCO. *Avere coraggio e audacia profetica*. Dialogo di papa Francesco con i gesuiti riuniti nella 36a Congregazione Generale, In: La Civiltà Cattolica 167 (2016) 4, p. 417-431. (10 dicembre 2016) Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.it/wp-content/uploads/2016/11/Q.-3995-3-DIALOGO-PAPA-FRANCESCO-PP.-417-431.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2022.

dizer que ele bebeu na fonte da Teologia da Igreja argentina, que na verdade é uma corrente da teologia latino-americana nascida e amadurecida em contexto argentino, e uma vez que sua linha de reflexão privilegia mais a análise histórico-cultural do que a sócio estrutural, ou seja, não tem um viés de análise marxista, sempre foi acolhida por Roma. A Teologia do povo, como é comumente chamada, foi inspirada conforme nos assegura Marín, “a partir de uma práxis pastoral concreta originada no seio da Igreja argentina imediatamente após o concílio até dar seu fruto em Puebla e Aparecida”⁴⁵.

2.4.1 A gênese da Teologia do povo

A Teologia argentina ou Teologia do povo, cujos principais expoentes são os pastoralistas Lucio Gera (1924-2012) e Rafael Tello (1917 - 2002)⁴⁶, foi gestada no contexto entre o encerramento do Concílio Vaticano II (1965) e Medellín (1968) e vem se desenvolvendo até o momento presente, de modo que nas Conferências Gerais de Puebla (1979) e Aparecida (2007) pode-se perceber fortes traços de sua influência. Desde os primórdios, seus idealizadores se animaram a pensar a libertação a partir dos conceitos: povo, cultura e religiosidade popular. Ela nasceu a partir de uma práxis pastoral concreta da Igreja na Argentina, de modo especial a partir dos trabalhos da Comissão Episcopal para a Pastoral (COEPAL), constituída pela Conferência Episcopal Argentina em 1966, com a missão de interiorizar o espírito do Concílio Vaticano II, ao mesmo tempo que solidificar um modo de ser Igreja através da promoção de estruturas colegiadas, como também fomentar uma abertura ao mundo por parte do clero e dos leigos. Em 1967 a COEPAL apresentou o Plano Nacional de Pastoral para a Conferência Episcopal Argentina, e no ano seguinte, alguns de seus membros contribuíram como peritos na Conferência de Medellín (1968).

⁴⁵ MARÍN, Jonathan C. *El retorno de la ecclesiología del Pueblo de Dios: aportes desde la teología del pueblo y Evangelii Gaudium*. 2020. 129f. Dissertação (Mestrado em Teologia) Pontificia Universidad Javeriana Facultad de Teología. Departamento de Posgrados Bogotá, Colombia. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10554/50745>. Acesso em: 28 jun. 2022. p.07.

⁴⁶ De acordo com o que se encontrou na introdução da Obra de Gera editada pela teóloga Virginia R. AZCUY, Rafael Tello foi uma das grandes figuras da teologia da pastoral popular. Foi também um dos peritos da COEPAL, juntamente com Lucio Gera, e tem um destaque importante no catolicismo argentino, pois ele que deu início a algumas das experiências pastorais mais dinâmicas e originais na Argentina, como por exemplo, a inserção da vida religiosa nos meios populares, a peregrinação juvenil a Luján, as vigílias de Pentecostes, cooperativas e organizações populares, os grupos sacerdotais, como por exemplo os padres villeros (Cf. AZCUY, Virginia R. In: GERA, Lucio. *La Teología Argentina del Pueblo*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado. 2015. [Arquivo em pdf. pp. 9-44. Disponível em: <https://centromanuellarrain.uc.cl/images/pdf/libros2/INFO.LIBROS/Info16LucioGera.pdf> Acesso em: 01 jun. 2021.

Após o encerramento de Medellín, novamente a COEPAL recebeu a incumbência de estudar como aplicar as conclusões de Medellín no contexto nacional. Sendo assim, em 1969 entregou à Conferência Episcopal Argentina a Declaração de San Miguel, através da qual os bispos argentinos assumiram como seu, o programa de Medellín, já adaptado à realidade nacional, de modo especial o documento VI, que trata da Pastoral Popular. O Documento de San Miguel, como a maioria dos autores prefere nominá-lo, foi o impulsionador da Teologia do Povo. Com ele a Igreja na Argentina reconheceu o valor de todos os seus filhos, nesse caso todos os batizados, porém vistos na sua totalidade, ou seja, não só os que vivem e praticam a fé, mas também aqueles que não têm uma formação referente à fé. Nascia então a Teologia do Povo, a partir da qual a Igreja argentina opta por se aproximar dos mais pobres, oprimidos, marginalizados e pecadores, assumindo todas as suas consequências, a saber: “para inserir e encarnar a experiência nacional do povo argentino, a Igreja, seguindo o exemplo e o mandato de Cristo, deve aproximar-se especialmente dos pobres, oprimidos e necessitados, vivendo ela sua própria pobreza e renunciando a tudo o que possa parecer desejo de domínio”⁴⁷.

2.4.2 A pastoral popular e seus desdobramentos

A Teologia do povo propõe que a Igreja assuma a pastoral popular, porém sendo pensada não apenas para o povo, senão a partir do povo, de modo especial, ressalta Galavotti, através de uma “autoconsciência do povo, não como uma “classe” que se opunha a outras, mas antes como uma entidade maior, unida por laços culturais profundos e capaz neste sentido de ser plenamente protagonista não só a nível político, mas também a nível eclesial”⁴⁸. Desse modo, afirma Marín, ao discernir os sinais dos tempos em seu contexto, a Igreja “busca discernir o caminho de Deus com o povo, o qual passa necessariamente pelo horizonte de sua história e cultura; e, ao estar a serviço dos povos, a Igreja a entende como pastoral popular que começa a ser o paradigma teológico prévio a qualquer análise social”⁴⁹.

Recorda-se, portanto, que a Teologia do povo compreende o termo “povo” como agente ativo de sua própria história. Nesse caso, quando se diz que a ação pastoral da Igreja deve ser

⁴⁷ *Documento de San Miguel*: declaración del Episcopado Argentino Sobre la adaptación a la realidad actual del país, de las conclusiones de la II Conferencia General del Episcopado Latinoamericano (Medellín). Arquivo em pdf sem paginação. Disponível em: <https://www.familiasecnacional.org.ar/wp-content/uploads/2017/08/1969-ConclusionesMedellin.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.

⁴⁸ GALAVOTTI, Enrico. *Jorge Mario Bergoglio e il Concilio Vaticano II*: fonte e metodo, in: La teologia di papa Francesco. Fonti, metodo, orizzonte e conseguenze, a cura di MANDREOLI, Fabrizio. Bologna: EDB, 2019. p. 77.

⁴⁹ MARÍN, *El retorno de la ecclesiología del Pueblo de Dios*, p.46.

orientada a partir do “povo”, esse deve entendido como um sujeito que tem uma história comum e que experimenta realidades comuns. Encontramos em Scannone uma explicação que nos ajuda a compreender ainda melhor a realidade “povo”:

No caso de Gera e da COEPAL, tratava-se do povo de Deus - categoria bíblica privilegiada pelo concílio para designar a Igreja - e dos povos, especialmente o argentino. Para eles, de fato, não se tratava apenas da "emergência do laicato no interior da Igreja, mas também da inserção da Igreja no percurso histórico dos povos", enquanto sujeitos de história e de cultura, destinatários e receptores da evangelização, e, também, na medida em que eles são já evangelizados, igualmente portadores de evangelização.⁵⁰

Diante disso, entende-se que a Teologia do Povo difere das demais correntes de teologia latino-americanas, pois ela não pensa o pobre a partir da luta de classes. Ao contrário, ela o vê associado a uma condição social, econômica e em sentido teológico, quando usa o termo pobre, ela trata de uma condição moral caracterizada pela abertura humilde a Deus. Um outro fator de relevância é apresentado por Kasper, que afirma que uma vez que nasceu no contexto de aplicação do Concílio Vaticano II, no continente latino-americano, a Teologia do povo não tem intenção de doutrinar o povo, mas sim escutar a sua sabedoria, por isso dá tanta importância à religiosidade popular⁵¹. Nesse caso, entende-se que a partir da religiosidade popular se propõe uma valorização da fé e da pastoral que brota da própria relação do povo com o Sagrado, buscando valorizar a fé que surge nas bases, nos pobres e que está enraizada na cultura.

2.4.3 Bergoglio e a Teologia do povo

Bergoglio comunga das ideias de povo apresentadas pela Teologia do povo. Como ele sempre afirma, ele absorveu da LG 12, a imagem da Igreja que não é compreendida apenas como uma instituição orgânica e hierárquica; mas sim como “o povo fiel de Deus”, povo peregrino e evangelizador, que sempre transcende toda expressão institucional, conforme se pode constatar em suas próprias palavras, quando de sua entrevista ao Pe. Spadaro:

A imagem da Igreja de que gosto é a do povo santo e fiel de Deus. É a definição que uso mais vezes e é a da *Lumen gentium*, no número 12. A pertença a um povo tem um forte valor teológico: Deus na história da salvação salvou um povo. Não existe plena identidade sem pertença a um povo. Ninguém se salva sozinho, como indivíduo

⁵⁰ SCANNONE, *A teologia do povo*, p.25

⁵¹ Cf. KASPER, *El Papa Francisco*, (posizioni nel Kindle 276-277).

isolado, mas Deus atrai-nos considerando a complexa trama de relações interpessoais que se realizam na comunidade humana. Deus entra nesta dinâmica do povo.⁵²

No que diz respeito à religiosidade popular, Bergoglio a entende como “a fé do povo simples, que se torna vida e cultura, é o jeito peculiar que o povo tem de viver e expressar sua relação com Deus, com a Virgem e com os santos, no meio ambiente privado e íntimo e também em comunidade de uma forma especial”⁵³. Para ele, as manifestações de religiosidade popular constituem o nosso tecido existencial, o nosso modo de ser enquanto pertencentes a um determinado povo, cultura, tradição. Nessa mesma direção, Fazio ressalta que quando Bergoglio trata do tema da religiosidade popular, reconhece que tem um profundo sentido de transcendência, ao mesmo tempo que revela a experiência da de Deus. Através da religiosidade popular o povo de Deus é capaz de exprimir a fé numa linguagem que supera racionalismos, por isso em suas diferentes expressões conduz ao resgate da identidade do homem⁵⁴.

Não há como dizer que a Teologia do povo não seja uma das raízes da ação pastoral de Bergoglio. Entretanto, devemos recordar como vimos até agora que não se trata de uma única fonte. Tendo vivido várias experiências que lhe marcaram positivamente, vê-se através do exercício do seu ministério sacerdotal, episcopal e agora petrino, como estas formam sua base teológica e pastoral. cremos que o melhor caminho é reconhecer que toda sua ação pastoral é fruto de uma teologia e uma mística do povo. Por isso, podemos assumir o que Kasper afirma: “seu rico conhecimento da vida não se deve aos livros, senão a sua prolongada experiência como diretor espiritual, provincial jesuíta e bispo imerso na cultura – de cunho europeu, enquanto especificamente argentino – de Buenos Aires e de suas desoladoras ‘vilas miséria’⁵⁵, e achamos válido não deixar de lado sua experiência familiar, principalmente ao que Bergoglio sempre ressalta em suas homilias, como por exemplo a relação com a avó, o papel dos pais, as orações e tantas outras realidades como vimos no capítulo primeiro.

⁵² SPADARO, Pe. Antonio. *Entrevista ao Papa Francisco*. Casa Santa Marta, segunda-feira, 19 de agosto de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 18 jan. 2021.

⁵³ BERGOGLIO, *Cultura y Religiosidad Popular*, 2008.

⁵⁴ FAZIO, *O Papa Francisco*, p. 52-53.

⁵⁵ KASPER, *El Papa Francisco*, (posizione nel Kindle 276).

2.5 Puebla: novo impulso para a evangelização na América latina

A Conferência de Medellín foi um marco para a Igreja na América Latina, principalmente com relação à recepção do Concílio Vaticano II. Seis anos depois, como vimos acima, através da participação de Dom Pirônio, Medellín tornou-se uma fonte e um marco para os participantes do Sínodo de 1971 e, com isso, também refletiu positivamente na *Evangelii Nuntiandi* de São Paulo VI, de modo especial quando o pontífice trata da piedade popular. A primeira convocação foi feita por São Paulo VI em 12 de dezembro de 1977, tendo como primeira data para a realização os dias 12-28 de outubro de 1978. No entanto, o pontífice faleceu antes dessa data e o episcopado teve de aguardar que o novo pontífice fosse eleito e desse o aval para que os trabalhos continuassem e a conferência pudesse acontecer. Sendo assim, após a eleição de São João Paulo II o colocaram a par da situação da América Latina e foi firmada a nova data para 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979, ao mesmo tempo que se confirmou a cidade de Puebla (México) e que ele próprio estaria presente. São João Paulo II deu abertura à conferência no dia 28 de janeiro de 1978 e, em seu discurso, pode-se perceber claramente um tom de algo como que encomendado para ser corrigido em relação à aplicação de Medellín⁵⁶, conforme se pode conferir em suas próprias palavras:

Nesses dez anos quanto caminhou a humanidade e com a humanidade e a seu serviço, quanto caminhou a Igreja! Esta III Conferência não pode desconhecer esta realidade. Deverá, pois, tomar como ponto de partida as conclusões de Medellín, com tudo o que tem de positivo, mas sem ignorar as incorretas interpretações por vezes feitas e que exigem sereno discernimento, oportuna crítica e claras tomadas de posição.⁵⁷

Todavia, em nenhum momento se excluiu Medellín. Ao contrário, ele ficou como texto guia, e a ele se acrescentou mais dois documentos que servirão como iluminadores: “servir-vos-á de guia em vossos debates o *documento de trabalho* preparado com tanto cuidado para que constitua sempre o ponto de referência. Mas tereis também entre as mãos a exortação apostólica *Evangelii Nuntiandi* de Paulo VI”⁵⁸. A Igreja na América latina já estava em processo de recepção da *Evangelii nuntiandi*, tanto que o tema da Conferência foi escolhido a partir dela: “a evangelização no presente e futuro da América Latina”.

⁵⁶ Godoy afirma que através do discurso o pontífice deixava claro que estava ali para corrigir os caminhos percorridos por alguns naqueles anos entre Medellín e Puebla. Cf. GODOY, Manoel. *Conferências gerais do episcopado latino-americano*, p. 212.

⁵⁷ JOÃO PAULO II. *Discurso inaugural*. In: CELAM. *Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 16

⁵⁸ JOÃO PAULO II, *Discurso inaugural*, p. 16.

No tocante ao método teológico dos trabalhos, optou-se pelo “ver, julgar e agir”, que havia sido ponto de partida para a Teologia oriunda em Medellín, partindo da análise da realidade, seguida da iluminação teológica para se chegar às opções pastorais. Keller afirma que em Puebla “chegou-se a compreender a evangelização libertadora e formular a opção preferencial pelos pobres precisamente por haver partido da escandalosa realidade do chamado continente da esperança”⁵⁹. O resultado de todos os esforços é um documento final que está dividido em cinco partes, a saber: I - Visão pastoral da realidade da América Latina; II - O desígnio de Deus sobre a América Latina; III - A evangelização na Igreja da América Latina: comunhão e participação; IV - A Igreja missionária a serviço da evangelização na América Latina; V – sob o dinamismo do Espírito: opções pastorais. É o maior de todos os documentos conclusivos das conferências gerais com 1310 números, e uma infinidade de citações de documentos do magistério⁶⁰. Até Aparecida foi o documento melhor recebido com o continente e ajudou no impulso da pastoral latino-americana, suas marcas são: uma evangelização libertadora em comunhão e participação, marcada pela opção preferencial pelos pobres.

2.5.1 A evangelização na ótica de Puebla

Tendo utilizado a *Evangelii Nuntiandi* como um dos seus documentos guias, ela tornou-se a grande referência para os bispos tratarem da evangelização, sendo, pois, um dos textos mais citados. Em primeiro lugar os bispos recordam que a Igreja da América Latina é fruto da evangelização, pois “a evangelização é missão própria da igreja. A história da Igreja é fundamentalmente a história da evangelização” (DP 4). No que diz respeito ao conteúdo ressaltam: “a evangelização deve conter sempre uma proclamação clara de que em Jesus Cristo, filho de Deus feito homem, morto e ressuscitado, se oferece a salvação a todos os homens como dom da graça e misericórdia de Deus conteúdo essencial da evangelização” (DP 351). Tendo em conta o desejo do povo latino-americano de relações mais profundas e vivência da fé à luz da Palavra de Deus, Puebla ressalta os espaços prioritários da ação evangelizadora: “a evangelização dará prioridade à proclamação da Boa Nova, à catequese bíblica e à celebração

⁵⁹ KELLER, Miguel Ángel. *A Conferência de Puebla: contexto, preparação, realização, conclusões, recepção*. In BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (org.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018. p. 87.

⁶⁰ Ney de Souza, no seu artigo intitulado: *Puebla, antecedentes e evento*, apresenta a lista dos documentos mais citados em Puebla: Concílio Vaticano II (171 vezes), Medellín (31 vezes), documentos de Paulo VI (142), João Paulo II (95). Sendo que de todos, o mais citado é a *Evangelii Nuntiandi* (183 vezes) e o discurso de João Paulo II foi lembrado 43 vezes. Cf. SOUZA, Ney de. *Puebla, antecedentes e evento*. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (org.). *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe. Opção pelos pobres, libertação e resistência*. Petrópolis: Vozes, 2019. Parte 1, cap. 2, p. 69-81.

litúrgica como resposta crescente à crescente ânsia do povo pela Palavra de Deus” (DP 150). Porém, recorda o que Paulo VI já havia afirmado na EN 21: “a Igreja evangeliza, em primeiro lugar, mediante o testemunho global de sua vida” (DP 242).

Ao olhar para a realidade da Igreja no continente, percebe-se que embora o povo latino-americano tenha uma vivência de fé, nem sempre ela é madura. Muitas vezes é marcada por mudanças culturais. Por isso recordam que, ao evangelizar, deve-se alcançar a raiz da cultura, seus valores fundamentais, a fim de que a conversão, fruto do encontro com Cristo, possa ser a base e a garantia de transformação social (cf. DP 388), e uma vez que “o essencial da cultura é constituído pela atitude com que um povo afirma ou nega sua vinculação religiosa com Deus, pelos valores ou desvalores religiosos” (DP 389). A Igreja, ao evangelizar, deve levar em consideração o homem todo e procurar atingi-lo em sua totalidade a partir de sua dimensão religiosa (DP 390). O evangelho precisa alcançar toda a realidade da cultura para dar continuidade à construção do Reino. Ao tratar da realidade do agente de evangelização recorda que “o evangelizador participa da fé e da missão da igreja que o envia” (DP 370). Por isso, ao declarar sua primeira opção pastoral, afirmam: “a própria comunidade cristã, seus leigos, seus pastores, seus ministros e seus religiosos devem converter-se cada vez mais ao evangelho para poderem evangelizar os outros” (DP 973).

A evangelização nada mais é que inserir a realidade do Reino de Deus e seus valores na realidade cultural de cada povo. É ao mesmo tempo “um chamado à participação na comunhão trinitária” (DP 218), pois “ela leva-nos a participar dos gemidos do Espírito que quer libertar a criação inteira” (DP 219). De modo especial, há um forte apelo para que os leigos tomem consciência da necessidade da sua presença e contribuição na missão evangelizadora da Igreja (cf. DP 777. 827), recordando-lhes que “o leigo, com sua função especial no mundo e na sociedade, tem diante de si uma ingente tarefa evangelizadora no presente e no futuro do continente” (DP 857).

A exemplo de Jesus, no processo evangelizador dar-se-á atenção aos pobres. Nesse sentido há um avanço em Puebla em relação a Medellín, pois ao fazer a análise dos pobres no continente, elenca-os dando-lhes rostos: indígenas e afro-americanos, camponeses sem terra, operários, desempregados e subempregados, marginalizados e aglomerados urbanos, jovens frustrados socialmente e desorientados, crianças golpeadas pela pobreza, menores abandonados e carentes, a mulher (DP 31-49). Puebla retoma o tema da opção pelos pobres feita em Medellín, porém dá um passo além quando acrescenta que não é apenas uma parte da Igreja que deveria fazer uma opção preferencial pelos pobres, mas toda a Igreja, isto é, a Igreja universal.

A Conferência de Puebla volta a assumir, com renovada esperança na força vivificadora do Espírito, a posição da II Conferência Geral que fez uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres, não obstante os desvios e interpretações com que alguns desvirtuaram o espírito de Medellín, e o desconhecimento e até mesmo a hostilidade de outros. Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação (DP, 1134).

Entende-se que Puebla dá continuidade ao caminho de recepção do Concílio na América Latina, dá continuidade à proposta de Medellín, em relação à opção pelos pobres, porém traz outros valores que a enriquece, como podemos constatar naquilo que nos afirma Scannone:

pode-se, pois, considerar Puebla como uma continuação autêntica de Medellín, embora a opção preferencial pelos pobres, até na sua compreensão estrutural, ficou enriquecida pelo recurso à história, pelo projeto de uma evangelização da cultura e pela valorização teológica e pastoral da piedade popular (sendo estes dois últimos temas tomados da Exortação pós-sinodal EN, 1975)⁶¹.

2.5.2 A religiosidade popular na ótica de Puebla

Como vimos anteriormente, desde Medellín já se havia dado início a uma reavaliação da religiosidade popular na América Latina. Com a *Evangelii nuntiandi* esta reavaliação ampliou-se e em Puebla foi amadurecida e assumida como parte integrante do processo evangelizador. Galli afirma que a teologia do povo teve de algum modo um papel importante nesse processo de amadurecimento, através de Lucio Gera, que participou como perito em Puebla⁶². Ainda de acordo com Galli, “Puebla pôs as bases para o reconhecimento da eclesialidade do povo fiel, porque a piedade popular católica é a expressão religiosa mais significativa e numerosa da América Latina”⁶³.

Puebla na verdade retoma o que São Paulo VI havia afirmado na *Evangelii nuntiandi* sobre a religiosidade popular, como realidade vivida de preferência pelos ‘pobres e simples’ (Cf. EN 48). Ao analisar o contexto latino-americano, apresenta a religiosidade popular como uma forma da existência cultural que a religião adota em um povo determinado: “a religião do povo latino-americano, em sua forma cultural mais característica, é expressão da fé católica. É

⁶¹ SCANNONE, *A Teologia do Povo*, p. 30.

⁶² Galli em seu artigo: “*Lucio Gera: Un precursor de la teología latinoamericana contemporánea*” nos narra que Gera participou da Comissão de Evangelização, Cultura e Religiosidade Popular da Conferência de Puebla, e que o texto sobre a evangelização da cultura (DP384-443) teve forte influência do seu pensamento. Ele muito contribuiu para a revalorização teórica e prática do cristianismo católico popular. Cf. GALLI, Carlos María. *Lucio Gera: Un precursor de la teología latinoamericana contemporánea*. Arquivo em pdf, sem paginação. Disponível em: https://www.celam.org/observatoriosociopastoral/img_noticias/doc150368ee0a48b1_23082012_313pm.pdf. Acesso em: 01 dez. 2021.

⁶³ GALLI, Carlos María. *Cristo, Maria, a Igreja e os povos: A Mariologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2018. p. 22.

um catolicismo popular” (DP 444) e reconhece nela “um acervo de valores que responde com sabedoria cristã às grandes incógnitas da existência” (DP 448). Nesse caso, Scannone reconhece através dessa linha de pensamento uma proximidade com a linha da teologia do povo, quando esta vem reconhecida como “sabedoria popular”. Para ele, “essa sabedoria popular é posta em relação com a religião do povo e com um conhecimento sapiencial que não substitui o conhecimento científico, mas que a situa, a completa e a confirma de maneira existencial”⁶⁴.

Para Puebla, dentre as variadas manifestações de piedade popular, vividas de modo comunitário e/ou individual merecem destaque: “o culto a Cristo sofredor e morto, a devoção ao Sagrado Coração, diversas devoções à Santíssima Virgem Maria, o culto dos santos e defuntos, as procissões, novenas, festas de padroeiros, peregrinações e santuários, os sacramentais, as promessas” (DP 912). Sabe-se que todas essas expressões populares de religiosidade sempre interessaram a Bergoglio, e no seu pastoreio sempre procurou motivá-las, pois, reconhece que elas são um caráter distintivo da fé na América Latina, da mesma forma que é consciente de tais devoções trazem em si um forte potencial mobilizador, que sendo bem trabalhado nos ajuda a levar adiante a evangelização, pois são expressão de uma espiritualidade encarnada na cultura do povo simples.

Para Bergoglio a religiosidade do povo é a sabedoria popular católica. Sendo assim, traz em si a realidade da sua relação com Deus, é o modo com que o povo simples expressa sua fé através de uma linguagem que supera racionalismos com traços contemplativos. Por isso, ele a reconhece como parte do *sensus fidei fidelium* e a infalibilidade *in credendo* do povo santo de Deus (LG 12), e a considera “como um lugar teológico a partir do qual pode-se pensar a fé e a missão”⁶⁵. Como vimos ao tratarmos das influências familiares na vida de Bergoglio, ele gosta de ressaltar que aprendeu a rezar e a ser devoto da Virgem Maria com sua avó Rosa⁶⁶, que o ensinou a amar Maria de forma inculturada, por isso ressalta que o povo é capaz de ensinar, tanto quanto a hierarquia, como podemos atestar na sua afirmação ao Pe. Spadaro:

É como com Maria: se se quiser saber quem é, pergunta-se aos teólogos; se se quiser saber como amá-la, é necessário perguntá-lo ao povo. Por sua vez, Maria amou Jesus com coração de povo, como lemos no Magnificat. Não é preciso sequer pensar que a compreensão do sentir com a Igreja esteja ligada somente ao sentir com a sua parte hierárquica⁶⁷.

⁶⁴ SCANNONE, *A teologia do povo*, p. 31.

⁶⁵ GALLI, *Cristo, Maria, a Igreja e os povos*, p. 24.

⁶⁶ No seu testamento espiritual da nonna Rosa, que Bergoglio guarda no seu breviário, ela disse: “Que estes meus netos, aos quais entreguei o melhor do meu coração, tenham vida longa e feliz. Mas se algum dia a dor, a doença ou a perda de uma pessoa amada os encher de pesar, lembrem que um suspiro ao Tabernáculo, onde está o mártir maior e augusto, e um olhar a Maria no pé da cruz, podem fazer cair um pingo de bálsamo sobre as feridas mais profundas e dolorosas” (PIQUÉ, *Papa Francisco*, p.67).

⁶⁷ SPADARO, *Entrevista ao Papa Francisco*, 2013.

2.5.3 As comunidades eclesiais de base (Ceb's) em Puebla

Com o Concílio Vaticano II inaugura-se um modelo de pastoral orgânica e de conjunto, e Medellín, procurando assumir essa proposta na radicalidade, apresenta como meio de melhor aplicar a opção pelos pobres e de vivenciar a comunhão eclesial através das comunidades eclesiais de base, pois elas têm como marca ser um espaço de comunicar e vivenciar a fé aplicando-a na vida. Aquino Júnior, ao tratar sobre as Ceb's, salienta que

a Igreja como povo de Deus com seus carismas e ministérios se realiza primariamente em comunidades de base que se constituem como lugar de oração, vida fraterna e compromisso com os pobres e marginalizados; como lugar onde se exercitam e se desenvolvem carismas e ministérios importantes e necessários para a vida da comunidade e o exercício de sua missão no mundo⁶⁸.

Nesse sentido, quando Puebla ressalta o papel das Ceb's, tem claro que a Igreja, povo de Deus, é sinal e serviço de comunhão, e expressa sua identidade através das comunidades eclesiais de base, sendo um lugar de comunhão e participação, onde cada um de seus membros coloca em comum seus dons e ministérios em favor do outro.

Em Puebla, os bispos reconhecem as Ceb's como sendo uma forma de superar o divórcio entre a elite e o povo. De modo especial, reconhecem que elas são “uma das fontes de onde brotam os ministérios confiados aos leigos: animação de comunidade, catequese, missão” (DP 97). Destacam o fator de ser uma característica da Igreja latino-americana o surgimento de pequenas comunidades, principalmente na periferia da grandes cidade e no campo, tornando-se propício o surgimento de novos serviços leigos, como “catequese familiar e a educação dos adultos na fé, de forma mais adequada ao povo simples” (DP 629), sendo responsáveis por criar “maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade, à luz do Evangelho; nelas acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local” (DP 629).

Por sua vez, os bispos do Brasil, em 1982, ao tratar sobre a origem e a caminhada das Ceb's no país, expressam que sua consciência delas são resultados de conversão pastoral que envolve todos os membros da Igreja: “as Ceb's não surgiram como produto de geração espontânea, nem como fruto de mera decisão pastoral. Elas são o resultado da convergência de

⁶⁸ Aquino Junior, Francisco. *Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): de Medellín-Puebla aos nossos dias*. Cuestiones Teológicas, v. 47, n.107, p. 94-105, jan.-jun. 2020. DOI: <http://doi.org/10.18566/cueteo.v47n107.a06> Disponível em: <https://revistas.upb.edu.co/index.php/cuestiones/article/view/2760/2500>. Acesso em: 5 dez. 2022. p. 96.

descobertas e conversões pastorais que implicam toda a Igreja – povo de Deus, pastores e fiéis – na qual o Espírito opera sem cessar” (Doc. 25 CNBB, n. 7)⁶⁹.

Os maiores frutos que se pode constatar através das Ceb’s são: “cresce a experiência de novas relações interpessoais na fé, o aprofundamento da palavra de Deus, a participação na eucaristia, a comunhão com os pastores da Igreja particular e um maior compromisso com a justiça na realidade social dos ambientes em que se vive” (DP 640). Se alguém ainda tem dúvida de que as Ceb’s são autênticas comunidades, os próprios bispos dão a explicação:

enquanto comunidade, integra famílias, adultos e jovens, numa íntima relação interpessoal na fé. Enquanto eclesial, é comunidade de fé, esperança e caridade; celebra a palavra de Deus e se nutre da eucaristia, ponto culminante de todos os sacramentos; realiza a palavra de Deus na vida, através da solidariedade e compromisso com o mandamento novo do Senhor e torna presente e atuante a missão eclesial e a comunhão visível com os legítimos pastores, por intermédio do ministério de coordenadores aprovados. É de base por ser constituída de poucos membros, em forma permanente e à guisa de célula da grande comunidade (DP 641).

Por último e não menos importante, os bispos recordam que “as comunidades eclesiais de base são expressão de amor preferencial da Igreja pelo povo simples; nelas se expressa, valoriza e purifica sua religiosidade e se lhe oferece possibilidade concreta de participação na tarefa eclesial e no compromisso de transformar o mundo” (DP 643). As Ceb’s têm um papel importante no nosso contexto, pois torna-se o lugar privilegiado do protagonismo dos leigos, sejam nas atividades eclesiais, sejam sociais.

⁶⁹ CNBB. *As comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*. 7ª Reunião ordinária do conselho permanente. São Paulo: Paulinas, 1982. 36 p. (Documentos da CNBB, 25).

2.6 A V Conferência Geral de Aparecida: a retomada do discipulado e da missão na Igreja Latino-americana

Sabemos que cada Conferência Geral é convocada com um objetivo de responder aos desafios do seu tempo. Medellín foi convocada com a motivação de receber e aplicar as novidades do Concílio Vaticano II, Puebla por sua vez tinha o intuito de aplicar a *Evangelii Nuntiandi*. Como não encontramos nenhuma referência à IV Conferência Geral de Santo Domingo e sua relação com Bergoglio, tomamos a decisão de não a apresentar neste elenco das raízes teológicas e pastorais de Bergoglio e, assim, já saltamos para a V Conferência do episcopado latino-americano, que inicialmente foi convocada por São João Paulo II em 2003 para ser realizada no ano de 2005 em comemoração dos 40 anos do encerramento do Concílio Vaticano II. No entanto, como ele faleceu em meio aos trabalhos de preparação da Assembleia, os bispos acharam por bem que a Conferência fosse postergada.

Sabe-se que tão logo Bento XVI assumiu a Cátedra de Pedro, quis dar continuidade à proposta de se reunir com o episcopado latino-americano, apresentando novos contornos ao tema que assim ficou: “Discípulos e missionário de Jesus Cristo, para que nossos povos nele tenham vida”. Havia um desejo de que a Conferência acontecesse em algum país de língua espanhola, dentre eles disputavam, Quito no Equador, Santiago no Chile e Buenos Aires na Argentina. No entanto, o pontífice escolheu Aparecida, no Brasil, e definiu a nova data para 13 a 31 de maio de 2007⁷⁰. Um dos principais motivos da convocação da nova conferência era buscar respostas aos desafios do tempo presente, que atingiam não só a sociedade, mas também a Igreja, circunstâncias essas que fez com que a Igreja falasse não apenas em “época de mudanças”, mas sim em “mudança de época” marcada pela: “crise de sentidos, ausência de sentido único e dificuldade para a transmissão das tradições às gerações seguintes” (Cf. DAp 37-39). Nesse sentido, em 2008, o então presbítero Joel Amado Portela, hoje Dom Joel Portela, atual secretário geral da CNBB, ao tratar no seu artigo sobre a *Mudança de época e conversão pastoral: Uma leitura das conclusões de Aparecida*, justifica a mudança de perspectiva e afirma que tais mudanças não afetam apenas a realidade circundante:

afetam - e aqui se encontra a novidade - os próprios critérios para compreender e julgar esta mesma realidade. Não se trata somente da transformação dos aspectos objetivos. Se assim fosse, poderíamos utilizar a expressão época de mudanças. Trata-se, na

⁷⁰ Cf. GODOY, *Conferências gerais do episcopado latino-americano*, p. 216-217.

verdade, de alterações tão profundas, tão globalizadas, que afetam os critérios de compreender e julgar. Daí a utilização do termo mudança de época⁷¹.

Entende-se, portanto, a necessidade da mudança do uso da terminologia “época de mudanças” para “mudança de época”, de modo especial, porque a abrangência de tais mudanças afetam a realidade global, a começar pela vida das pessoas, seguida pelas comunidades tanto no campo social, como no religioso. Desse modo, se faz necessário entender que o que está em jogo não são apenas algumas coisas, por causa do momento presente, mas sim devemos reconhecer que no momento presente as mudanças socioculturais têm forte incidência na realidade pastoral, o que nos faz entender que são novos tempos, que exigem novas posturas. Diante desse contexto, Aparecida procura analisar a realidade e dar pistas de ação, como veremos a seguir.

2.6.1 O papel fundamental de Bergoglio durante a Conferência

Em 2007 Bergoglio já estava com quinze anos de experiência como bispo e no seu sexto ano como cardeal, já tinha participado do conclave de 2005, no qual fora eleito Bento XVI e estava terminando seu primeiro mandato como presidente da Conferência Episcopal Argentina. Porém, foi a primeira vez que participou de uma Conferência Geral do Episcopado Latino-americano, e vale recordar que sua participação foi de fundamental importância, pois não só participou como membro, mas foi eleito presidente da comissão redatora final. O marco dessa eleição se deu depois dele proferir uma homilia no terceiro dia de assembleia, conforme já vimos na introdução do primeiro capítulo e mais uma vez propomos, pois se trata de algumas realidades da Igreja que precisavam, e que ainda hoje necessitam ser recordadas como necessitadas de mudanças. Já naquela época o então Cardeal Bergoglio ressaltou:

não queremos ser uma Igreja autorreferencial, senão missionária, não queremos ser uma Igreja gnóstica senão adoradora e orante. Povo e pastores constituindo este santo povo fiel de Deus que goza da *infallibilitas in credendo*, todos juntos com o Papa, Povo e Pastores dialogamos de acordo com o que o Espírito nos inspirar, e rezamos juntos e construímos a Igreja juntos, melhor dizendo, somos instrumentos do Espírito que a constrói⁷².

⁷¹ AMADO, Joel Portella. *Mudança de época e conversão pastoral: uma leitura das conclusões de Aparecida*. Atualidade Teológica XII, no. 30 (2008). Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18418/18418.PDF>. Acesso em: 01 dez. 2022. p. 303.

⁷² BERGOGLIO, Jorge Mario. *Desgrabación de la homilía del sr. arzobispo, durante la celebración eucarística en aparecida*. Aparecida-SP, 16 de maio de 2007. Disponível em: <https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2007.htm#aparecida>. Acesso em: 01 jun. 2021.

Percebe-se, nesse trecho do discurso, as marcas da experiência de um bispo amadurecido no exercício do seu ministério. Seus argumentos pertinentes cativaram os presentes, pois tratou-se de argumentos cheios de esperança, segurança e de modo especial de uma mística baseada na eclesiologia do povo de Deus. Consta que após essa homilia, a assembleia não teve dúvidas de que o então Cardeal Bergoglio seria a melhor indicação para assumir a presidência da comissão redatora do texto final do Documento Conclusivo de Aparecida.

Em relação ao método assumido pela assembleia, encontra-se no próprio Documento de Aparecida as razões pelas quais os bispos optaram mais uma vez pelo método de reflexão teológico-pastoral ‘ver, julgar, agir’, que “implica em contemplar a Deus com os olhos da fé através de sua Palavra revelada e o contato vivificador dos Sacramentos, a fim de que, na vida cotidiana, vejamos a realidade que nos circunda à luz de sua providência e a julguemos segundo Jesus Cristo” (DAp 19). Percebe-se nessa escolha o desejo de olhar a realidade com os olhos iluminados pela fé, a partir do olhar teologal do discípulo missionário, para julgar segundo Jesus Cristo, e agir a partir da Igreja. Nesse caso, o Cardeal Bergoglio teve um papel fundamental, pois foi responsável por conduzir o processo do discernimento comunitário e soube levá-lo com maestria, alcançando o consenso entre os presentes, o que tornou possível pautar as linhas comuns para uma ação realmente missionária, através da qual todo o Povo de Deus se reconheça incluído e chamado “em estado permanente de missão” (DAp 551).

Embora se saiba que o documento conclusivo é uma obra coletiva, quando fazemos uma leitura a partir da ótica de Bergoglio encontramos muitos traços de seus pensamentos e de sua convicção pastoral. Galli nos afirma que em Aparecida

Além da obtenção dos consensos básicos, a condução de Bergoglio pode ser percebida em outros aspectos do documento: o contexto histórico, o sentido missionário e a espiritualidade pastoral da Introdução (A 1-18) e a Conclusão (A 547-554); a assunção criativa do método de reflexão ver/julgar/agir a partir do olhar teologal do discípulo missionário (A 19); o hino de louvor para agradecer os dons de Deus, sobretudo o dom de seu Amor na entrega de seu Filho e na doação de seu Espírito (A 20-32); a piedade católica como mística popular por ser uma forma teologal e cultural de encontro com Cristo e conter um potencial de evangelização, santidade e justiça (A 258-265)⁷³.

Também encontramos traços de sua linguagem e de suas ênfases em outras partes do texto, como por exemplo: o convite superação da “pastoral de conservação” para se assumir uma pastoral missionária (Cf. DAp 370); o convite constante à opção pelos pobres através de gestos concretos (Cf. DAp 397); a preocupação por respeitar o povo com sua cultura e seu modo de expressar a fé, e algo que sempre lhe foi caro, a imagem de uma Igreja missionária orientada

⁷³ GALLI, *La Teología Pastoral de Evangelii Gaudium en el proyecto misionero de Francisco*, p. 41.

para as periferias, a relevância da dignidade humana, da justiça social e da integração latino-americana.

2.6.2 A opção preferencial pelos pobres vista sob uma nova ótica

As conclusões de Aparecida nos fazem pensar que os bispos procuraram fazer uma síntese das conferências anteriores, e as complementou com reflexões amadurecidas por um episcopado que queria viver a missão como sua identidade. No que diz respeito à opção pelos pobres, assumida no continente latino-americano desde Medellín (1968), aprofundada e estruturada como opção preferencial pelos pobres em Puebla (1979), em Aparecida foi retomada e proclamada a partir do fundamento de fé cristológica: “a opção preferencial pelos pobres está implícita na fé cristológica naquele Deus que se fez pobre por nós, para nos enriquecer com sua pobreza” (DAp 392). Amado nos assegura que essa

[...] frase atinge e fundamenta a proposta missionária presente em Aparecida, manifestando, deste modo, uma tendência cristológica da V Conferência. Trata-se da cristologia da saída de si, do esvaziamento, da gratuidade, do encontro, da alteridade e da missão. É esta concepção de Jesus Cristo que leva a Igreja a ser cada vez mais missionária e samaritana⁷⁴.

Sendo assim, somos chamados a contemplar nos rostos⁷⁵ dos sofredores, o rosto de Cristo, pois “Tudo o que tenha relação com Cristo, tem relação com os pobres e tudo o que está relacionado com os pobres reivindica a Jesus Cristo” (DAp 393). Uma vez que cremos em Cristo, somos chamados a ir ao encontro daqueles que mais precisam, manifestando nossa opção através de “gestos visíveis, principalmente na defesa da vida e dos direitos dos mais vulneráveis e excluídos, e no permanente acompanhamento em seus esforços por serem sujeitos de mudança e de transformação de sua situação” (DAp 394).

Como dissemos há pouco, Aparecida fez acréscimos naquilo que outras conferências já tinham apresentado no tocante a ser companheira dos pobres, porém recorda que, pelo fato de

⁷⁴ AMADO, *Mudança de época e conversão pastoral*, p. 307.

⁷⁵ Vale recordar que em Aparecida os bispos alargaram e deram um rosto aos pobres, a saber: “as comunidades indígenas e afrodescendentes; muitas mulheres são excluídas, em razão de seu sexo, raça ou situação socioeconômica; os jovens que recebem uma educação de baixa qualidade; muitos pobres, desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, meninos e meninas submetidos à prostituição infantil e ao turismo sexual; as crianças vítimas do aborto. Milhões de pessoas e famílias vivem na miséria e inclusive passam fome; os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores de HIV e os enfermos de AIDS; os sequestrados e aqueles que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade; os anciãos que muitas vezes recusados por sua família e se sentem como pessoas incômodas e inúteis; os presos; pessoas com capacidades diferentes; os excluídos pelo analfabetismo tecnológico; as pessoas que vivem na rua das grandes cidades e os mineiros” (DAp 65, 402), bem como: “pobres, aflitos e enfermos e os marginalizados” (DAp 257).

ser preferencial, a opção pelos pobres deve “atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (DAP 396), indicando um modo de vivência pastoral: “a opção pelos pobres deve nos conduzir à amizade com os pobres”, e recorda que “os pobres se fazem sujeitos da evangelização e da promoção humana integral: educam seus filhos na fé, vivem constante solidariedade entre parentes e vizinhos, procuram constantemente a Deus e dão vida ao peregrinar da Igreja” (DAP 398) e, nesse encontro com eles, precisamos deixar-nos ser evangelizados, pois os pobres “dão-nos testemunho de fé, paciência no sofrimento e na luta constante para continuar vivendo” e seu exemplo nos evangeliza. Nesse sentido, podemos dizer que houve um alargamento da compreensão de quem são os pobres, apresentando-os através de duas listas de rostos sofredores⁷⁶, ao mesmo tempo que se identificou três elementos inseparáveis, a saber: a) quem opta pelo pobre se encontra com Jesus Cristo; b) quem opta pelo pobre deve ter compromisso com sua vida; e c) o pobre é sujeito da evangelização e, por isso, membro da comunidade dos discípulos e discípulas de Jesus Cristo.

No próximo capítulo vamos tratar do perfil pastoral de Francisco e poder-se-á constatar que quando Francisco fala do pobre, ele tem no coração as verdades que foram apresentadas em Aparecida. Sendo assim, podemos dizer que Bergoglio influenciou Aparecida, e agora Aparecida ajuda Francisco a chamar a Igreja a aproximar-se dos pobres.

2.6.3 A religiosidade popular: expressão da fé do pobre

Um outro fator que merece destaque em Aparecida é a religiosidade popular (Cf. DAP 258-265). Sendo, pois, a primeira Conferência Geral latino-americana que aconteceu em um Santuário Mariano, certamente isso muito ajudou no processo de reflexão sobre a religiosidade popular. Ao retomarem a temática já levantada anteriormente por Medellín e Puebla, dessa vez inspirados pelo ambiente e amadurecidos na reflexão, ao falar da religiosidade do povo, a assumem com a expressão espiritualidade ou mística popular (DAP 262-263).

Retomando o discurso de Bento XVI, os bispos ressaltam que a piedade popular faz parte da realidade latino-americana, por isso deve ser protegida e promovida (DAP 258). A fé do povo latino-americano é encarnada na cultura, e muitos são os sinais de que é fé católica, pois pode-se perceber facilmente que:

nos diferentes momentos da luta cotidiana, muitos recorrem a algum pequeno sinal do amor de Deus: um crucifixo, um rosário, uma vela que se acende para acompanhar um filho em sua enfermidade, um Pai Nosso recitado entre lágrimas, um olhar

⁷⁶ Cf. nota anterior

entranhável a uma imagem querida de Maria, um sorriso dirigido ao Céu em meio a uma alegria singela (DAP 261).

E uma vez que a piedade popular tem a ver com a dimensão cultural das pessoas, os bispos acrescentam: “não podemos desvalorizar a espiritualidade popular ou considerá-la um modo secundário de vida cristã, porque seria esquecer o primado da ação do Espírito e a iniciativa gratuita do amor de Deus” (DAP 263). Embora se trate de um modo simples de compreender o diálogo e as manifestações de Deus, os bispos reconhecem que “a piedade popular é uma maneira legítima de viver a fé, um modo de se sentir parte da Igreja e uma forma de ser missionários, onde se recolhem as mais profundas vibrações da América Latina” (DAP 264).

Como vimos no primeiro capítulo, Bergoglio sempre buscou a proximidade com os pobres, ao mesmo tempo que sempre mostrou reconhecer sua fé, como a “fé do povo”. Para ele, os pobres se assemelham ao Cristo que sofre, por isso os tem como uma inspiração. Fernandez, um de seus fiéis colaboradores afirma:

ao longo de sua vida, ele sempre se pôs ao lado dos pobres e agiu com força contra todo desprezo da dignidade dos "excluídos" da sociedade. Para ele, na verdade, os pobres são o coração da Igreja. Quando ainda era jovem, visitava as favelas da cidade e parava para falar com os mais simples. Fez isso toda sua vida, e não parou quando se tornou Cardeal⁷⁷.

Sabe-se que, para Bergoglio, a piedade católica é uma expressão teológica e cultural do encontro com Cristo⁷⁸. Tem-se vários testemunhos de que, com a ajuda dos padres “villeros”, o então Cardeal Bergoglio motivou a revalorização da piedade popular nas “Villas”, onde a ação da Igreja tem como base a piedade das pessoas, e a expressão do religioso não é algo separado de suas vidas. Essa sua experiência lhe dá base para que, durante a Conferência de Aparecida, ele consiga plasmar na consciência dos bispos o verdadeiro sentido da piedade vivida pelo povo, e assim a assembleia apresenta no texto conclusivo afirmações que são de suma importância, a saber: “a piedade popular contém e expressa um intenso sentido da transcendência, uma capacidade espontânea de se apoiar em Deus e uma verdadeira experiência de amor teológico” (DAP 263). Hoje, como pontífice, sendo, pois, alguém que reconhece o sentido da piedade como um modo de vivenciar a fé, ao tratar desse tema na *Evangelii Gaudium*, afirma: “as expressões da piedade popular têm muito que nos ensinar e, para quem

⁷⁷ FERNÁNDEZ, Víctor Manuel; RODARI, Paolo. *El programa del Papa Francisco. ¿Adónde nos quiere llevar?* 1ª edición. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: San Pablo, 2015. p. 12.

⁷⁸ Himítian ressalta o interesse de Bergoglio pela religiosidade popular e apresenta algumas manifestações de fé popular que lhe são caras e estão contidas como expressões da espiritualidade popular: “festas de padroeiros, vias-crúcis, procissões, danças e cantos do folclore religioso, no carinho pelos santos e anjos, nas novenas, rosários, promessas, orações em família e peregrinações” (Cf. DAP 259); HIMÍTIAN, *A vida de Francisco*, p. 148.

as sabe ler, são um lugar teológico a que devemos prestar atenção particularmente na hora de pensar a nova evangelização” (EG 126).

2.6.4 O papel dos leigos em Aparecida

Seguindo a linha das conferências anteriores, Aparecida retoma três temas de relevância em relação aos leigos. Para falar de sua vocação toma como referência o que se afirmar na LG 31, e desse modo os bispos declaram: “Os fiéis leigos são ‘os cristãos que estão incorporados a Cristo pelo batismo, que formam o povo de Deus e participam das funções de Cristo: sacerdote, profeta e rei. Realizam, segundo sua condição, a missão de todo o povo cristão na Igreja e no mundo’” (DAp 209). No tocante à sua presença no mundo reforça: “os leigos de nosso continente, conscientes de sua chamada à santidade em virtude de sua vocação batismal, são os que têm de atuar à maneira de fermento na massa para construir uma cidade temporal que esteja de acordo com o projeto de Deus” (DAp 505). No campo da pastoral eclesial, reforça que os leigos são “verdadeiros sujeitos eclesiais” (DAp 497a). Por isso, seguindo o dinamismo da conversão pastoral, os bispos recomendam que se abra aos leigos “espaços de participação”, ao mesmo tempo que reforçam que se deve “confiar-lhes ministérios e responsabilidades”⁷⁹ (Cf. DAp 211). Percebe-se aqui uma forte conotação à participação nos conselhos, como lugar de comunhão e participação:

eles hão de ser parte ativa e criativa na elaboração e execução de projetos pastorais a favor da comunidade. Isto exige, da parte dos pastores, uma maior abertura de mentalidade para que entendam e acolham o “ser” e o “fazer” do leigo na Igreja, que por seu batismo e sua confirmação, é discípulo e missionário de Jesus Cristo. Em outras palavras, é necessário que o leigo seja levado em consideração com um espírito de comunhão e de participação (DAp, 213).

Aparecida salienta a necessidade de o leigo participar “do discernimento, da tomada de decisões, do planejamento e da execução” (DAp 371). Nesse sentido, embora não se fale do tema da sinodalidade, reconhece-se aqui um forte indício do desejo dos bispos de se viver de modo concreto, o que nas conferências anteriores já se havia ressaltado e que nos últimos dois anos Francisco tem insistido com a Igreja Universal para a vivenciar e/ou pelo menos refletir através da preparação do Sínodo de 2023. O Documento de Aparecida dá um ressaltado à exigência do leigo se comprometer, inclusive com sua formação pessoal, que vai além do meramente religioso (Cf. DAp 280). De modo especial, insiste-se para que o leigo atue como

⁷⁹ Aparecida dá destaque aos “ministérios confiados aos leigos e outros serviços pastorais, como ministros da Palavra, animadores de assembleia e de pequenas comunidades, entre elas as comunidades eclesiais de base, os movimentos eclesiais e um grande número de pastorais específicas” (DAp 99c).

“verdadeiro sujeito eclesial e competente interlocutor entre a Igreja e a sociedade, e entre a sociedade e a Igreja” (DAp 497a).

Se fizermos uma comparação entre Aparecida e a *Evangelii Gaudium*, no tocante ao tema do papel do leigo, sabemos que em Aparecida Bergoglio pôde propor, e agora como Francisco, retoma o que se havia dito em Aparecida em primeira mão à Igreja da América Latina e apresenta a toda Igreja. Nesse sentido, encontramos em Galli a afirmação: “ontem Bergoglio contribuiu com Aparecida; hoje Aparecida contribui com Francisco. O espírito e a mensagem de Aparecida são recebidos com fidelidade criativa por Francisco; seu ensinamento toma as grandes linhas da V Conferência e as relança criativamente em seu programa missionário”⁸⁰. Sem sombra de dúvidas, essa afirmação de Galli pode ser confirmada facilmente, pois Francisco trouxe para dentro da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* o que a Igreja latino-americana afirmou na Conferência de Aparecida, citando-a em vários momentos do texto⁸¹.

2.6.5 A conversão pastoral: uma novidade em Aparecida

Desde Aparecida (2007), a Igreja latino-americana declara reconhecer-se discípula missionária de Jesus Cristo e busca revitalizar suas comunidades conclamando-as à missão ao afirmar: “necessitamos sair ao encontro das pessoas, das famílias, das comunidades e dos povos para lhes comunicar e compartilhar o dom do encontro com Cristo, que tem preenchido nossas vidas de “sentido”, de verdade e de amor, de alegria e de esperança!” (DAp 548). E ainda reforça que, como Igreja, não podemos nos manter passivos, através de uma “pastoral de conservação”, mas devemos assumir a missão como nossa identidade pastoral (DAp 370, 548). Declara-se consciente de que “a Igreja peregrina é missionária por natureza, porque tem sua origem na missão do Filho e do Espírito Santo, segundo o desígnio do Pai” (DAp 347). Uma vez que o impulso missionário é fruto necessário à vida que a Trindade comunica aos discípulos, para cumprir o desígnio divino no tempo presente, a Igreja precisa ter a coragem de aproximar-se de todos, de ir ao encontro para levar o

⁸⁰ GALLI, Carlos María. *Francisco y Aparecida hacia el futuro. ¿Qué nuevos desafíos e implicaciones pastorales presentan su pontificado y magisterio a la Iglesia en América Latina?*”. [Conferência realizada em El Salvador durante a XXXVI Assembleia Ordinária do Episcopado da América Latina de 9 -12 de maio de 2017. arquivo em pdf]. Disponível em: <http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/Francisco%20y%20Aparecida%20hacia%20el%20futuro%20-%20Galli.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

⁸¹ Em EG 10 (2x DAp 360); 15 (DAp 548. 370); 25 (DAp 201; 551); 83 (DAp 12); 122 (DAp 262. 263. 264); 124 (2x DAp 264).

Evangelho a todos os campos, inclusive através do diálogo com as ciências, a fim de promover a vida, sem excluir ninguém (DAP 465). Para que isso se torne realidade e não apenas uma utopia se faz necessário uma verdadeira conversão pastoral.

Vale recordar que o primeiro documento do magistério latino-americano a usar a terminologia “conversão pastoral” foi a IV Conferência Geral do Episcopado de Santo Domingo (1992), que, naquela época, não fazia referência a apenas mudar o rumo, mas sim uma conversão que dizia respeito a tudo e a todos, envolvendo assim quatro âmbitos: “na consciência da comunidade eclesial; na práxis ou nas ações pessoais e comunitárias; nas relações de igualdade e autoridade; e nas estruturas da Igreja” (SD 30)⁸². Em Aparecida, os bispos, cientes de que na dinâmica da evangelização quem convence e converte aquele que recebe o Evangelho é o Espírito Santo (DAP 278), exclamam: “esperamos um novo Pentecostes que nos livre do cansaço, da desilusão, da acomodação ao ambiente; esperamos uma vinda do Espírito que renove nossa alegria e nossa esperança” (DAP 362). E assim, depois de pedirem a ação do Espírito divino, expressam a necessidade de que todos entrem na dinâmica de conversão pastoral, porém, reconhecem que esse processo deve iniciar-se primeiro no nível pessoal, para depois se tornar concreto na realidade pastoral (DAP 366), pois a conversão pastoral “implica reformas espirituais, pastorais e também institucionais” (DAP 367).

Para a Conferência de Aparecida a conversão pastoral deve começar primeiramente a partir da conversão de todos os membros da Igreja: os bispos, os sacerdotes, os religiosos e religiosas, os fiéis leigos e leigas (DAP 366) e só depois partir para as estruturas pastorais. Ou seja, a conversão pastoral não se concretizará verdadeiramente se for entendida apenas como uma mudança das estruturas e/os métodos eclesiais, realidade que em Santo Domingo foi mais salientada. Para se tornar concreta, a conversão pastoral tem seu início através da conversão pessoal e comunitária a Jesus Cristo, pois cada batizado deve renovar em seu coração o desejo de ser discípulo de Jesus e missionário da Boa Nova.

Nessa mesma direção, Aparecida dá mais um salto em relação a Santo Domingo ao afirmar que o processo de conversão pastoral deve consistir na passagem de uma “pastoral de conservação”, que foca apenas na sacramentalização, para uma “pastoral decididamente missionária” (DAP 370). Eis aí a razão pela qual é compreendido como um processo que

⁸² CELAM. *Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano - Santo Domingo*, Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã, Texto Oficial, São Paulo: Edições Loyola, 1993, 222 pp. Sobre os quatro âmbitos apresentados pela Conferência de Santo Domingo Agenor Brighenti faz uma profunda explanação ao tratar no sexto capítulo de sua mais nova obra a respeito da Teologia Pastoral. Cf. BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral. A inteligência reflexa da ação evangelizadora*. Petrópolis: Vozes, 2021. p. 146-167.

envolve não só as estruturas, mas sim todos os membros da Igreja. Parte-se do individual para se alcançar o institucional.

Aparecida convocou a América Latina a mudar a mentalidade em relação à ação pastoral, fazendo com que ela passe a ser compreendida como ação missionária. A missão não pode mais ser vista como uma dimensão da vida eclesial, mas sim sua própria natureza (Cf. DAp 347). Vale recordar que o paradigma missionário de Aparecida não vê a missão a partir do propósito de conquista de novos fiéis para a Igreja⁸³, mas sim como proclamação da boa-notícia da dignidade humana, “trata-se de responsabilidade missionária, compromisso com a transmissão da fé e sua incidência sobre pessoas, grupos e sociedade”⁸⁴. Em outras palavras, a partir de Aparecida, a Igreja na América Latina procura centrar sua preocupação não em encher os templos de adeptos, mas sim em proclamar a boa nova e fazer com que os valores evangélicos alcancem todas as estruturas da sociedade e assim, que todo aquele que o aceitar se torne fermento, capaz de fazer a diferença na realidade que está inserido. Por isso conclama todo o continente, com a ajuda das conferências episcopais e as dioceses, a entrar num estado permanente de conversão, renovação e evangelização, deixando-se converter, renovar-se e evangelizar, colocando a Igreja em estado permanente de missão (DAp 551).

O documento de Aparecida deixa clara a necessidade de se voltar à dinâmica inicial do cristianismo, pois tem a consciência de que a retomada missionária deve partir de um encontro que marca a vida, assim como marcou a vida dos primeiros discípulos, por isso ressalta que “todos os batizados são chamados a ‘recomeçar a partir de Cristo’, a reconhecer e seguir sua Presença com a mesma realidade e novidade, o mesmo poder de afeto, persuasão e esperança, que teve seu encontro com os primeiros discípulos” (DAp 549). Somente a partir do renovado encontro com Jesus Cristo vivo, presente de tantas maneiras entre nós é que seremos capazes de ver o mundo com olhos de discípulo e missionário, testemunhas do Evangelho na sociedade, para torná-la mais justa e mais humana. Por isso, ressaltam que todos os membros da Igreja⁸⁵

⁸³ Bento XVI no discurso inaugural, deixou claro essa verdade, que os bispos procuraram interpretar da melhor maneira possível recordando a missão evangelizadora da Igreja: “A Igreja não faz proselitismo. Ela cresce muito mais por “atração”: como Cristo “atrai todos a si” com a força do seu amor, que culminou no sacrifício da Cruz, assim a Igreja cumpre a sua missão na medida em que, associada a Cristo, cumpre a sua obra conformando-se em espírito e concretamente com a caridade do seu Senhor”. BENTO XVI. *Homilia da Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*. Esplanada do Santuário de Aparecida. VI Domingo de Páscoa, 13 de maio de 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html. Acesso em: 18 de novembro de 2022.

⁸⁴ AMADO, *Mudança de época e conversão pastoral*, p. 309.

⁸⁵ Os bispos dedicaram-se em discorrer sobre cada membro da Igreja e sua participação como discípulos missionários nos seguintes números: os bispos (186-190), os presbíteros (191-200), os diáconos permanentes (205-208), leigos e leigas (209-215), consagrados e consagradas (216-224).

“são chamados a assumir atitude de permanente conversão pastoral, que implica escutar com atenção e discernir ‘o que o Espírito está dizendo às Igrejas’ (Ap 2,29) através dos sinais dos tempos em que Deus se manifesta” (DAp 366). Todos precisam superar a mera conservação do que a Igreja já alcançou, para se abrir às novas realidades trazidas pela “mudança de época”, iluminando-as com a luz do Evangelho. Nesse sentido, se contempla uma conversão pastoral que inclui a coragem de rever métodos, maneiras de evangelizar e de realizar a ação pastoral, que devem ser sempre inspirados no Evangelho. Lembrando sempre que “a pastoral não pode prescindir do contexto histórico em que vivem seus membros” (DAp 367). Deve-se recordar que o mundo é marcado por grandes mudanças que afetam profundamente nossas vidas. Porém, a Igreja não pode se desviar da fidelidade ao Evangelho, mas deve reconhecer que precisa sempre de conversão e mudanças, pois os novos desafios do mundo atual exigem novas respostas pastorais.

Os bispos do Brasil acolheram bem a proposta de Aparecida e a conversão pastoral permeia as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil de 2008-2010⁸⁶, que já na apresentação do seu objetivo geral enfatiza que a ação evangelizadora da Igreja deve partir de Jesus Cristo. Ao tratar do tema específico da ação evangelizadora frisam que “a formação do cristão acontece sempre a partir de uma experiência salvífica com Jesus Cristo, anunciado e testemunhado por outros cristãos” (DGAE 2008-2010, 61), e reconhecem que “uma verdadeira conversão pastoral deve estimular-nos e inspirar-nos atitudes e iniciativas de autoavaliação e coragem de mudar várias estruturas pastorais em todos os níveis, serviços, organismos, movimentos e associações” (DGAE 2008-2010, 26). E ao apresentar as pistas de ação a missão evangelizadora assumem as proposições de Aparecida “que se referem à conversão pessoal, pastoral e à missionariedade” (DGAE 2008-2010, 102, DGAE 2011-2015, 26)⁸⁷. E ao tratarem da renovação da paróquia em 2014, ressaltam: “a conversão pessoal e a pastoral andam juntas, pois se fundam na experiência de Deus realizada por pessoas e comunidades” (Doc. 100 CNBB, 55).

⁸⁶ CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008-2010*. Brasília: Edições CNBB 2008 (DGAE 2008-2010).

⁸⁷ CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. São Paulo: Paulinas, 2011 (DGAE 2011-2015).

2.7 Conclusão

Sabemos que as Conferências Gerais do episcopado latino-americano foram muito bem acolhidas pelas conferências episcopais locais. Medellín tornou-se um marco, pois teve como característica a aplicação do Concílio Vaticano II, e rapidamente todos os países da América Latina procuraram amadurecer seu conteúdo e aplicá-lo em seu território. Na Argentina, como vimos, já em 1969, a COEPAL, ao apresentar o Documento de San Miguel, impulsionou também a Teologia do Povo, que marcou a vida e o ministério de Bergoglio, uma vez que desde então a Igreja argentina optou por se aproximar dos mais pobres, oprimidos, marginalizados e pecadores, de modo especial, escolhendo estar no meio deles, aprendendo com eles.

A Conferência de Puebla traz a marca da opção pelos pobres e da evangelização da cultura, e a religiosidade popular, sempre à luz da *Evangelii Nuntiandi*, um dos textos prediletos de Bergoglio. Desse modo, entende-se que as marcas de Puebla em Bergoglio, a partir da sua vivência ministerial, e de modo especial no exercício do ministério episcopal, foi marcado pela sua presença entre os que mais sofrem, pela promoção e valorização da evangelização a partir da realidade do povo, de modo especial, da religiosidade popular do povo argentino.

No que diz respeito à conferência de Aparecida, sabemos que esta teve um forte influxo na vida e no ministério do então Cardeal Bergoglio. Foi a única Conferência Geral que ele participou como membro da Assembleia, e seu papel foi fundamental no processo de discernimento e desenvolvimento de toda a Assembleia, tanto é que foi eleito o presidente da comissão de redação final do texto. Nota-se que Bergoglio sai de Aparecida convencido de que não há outro caminho para a Igreja, senão a retomada da missão, como fruto do processo de conversão pastoral. De acordo com Fernandez, um de seus colaboradores em Buenos Aires e também em Aparecida, quando Bergoglio

voltou de Aparecida para Buenos Aires, ele começou a insistir nesses argumentos mais do que nunca. Ele se dirigiu a padres, catequistas e todos os cristãos, constantemente falando da necessidade de uma missão permanente. Ele convidou seus bispos auxiliares para serem criativos em encontrar novas formas de levar o amor de Cristo a todos os fiéis da diocese e até ele começou a sair mais que antes⁸⁸.

Diante disso, não é de se estranhar que, como Pontífice, a partir de sua experiência e tendo amadurecido as verdades contidas em Aparecida, Francisco tenha proposto através da *Evangelii Gaudium* que nos tornemos uma “Igreja em saída”, cuja estrutura e atividade pastoral se torne “um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à sua

⁸⁸ FERNÁNDEZ; RODARI, *El programa del Papa Francisco*, p. 30.

autopreservação” (EG 27). Sabemos que ele nos propõe algo que acredita e que batalha para pôr em prática. Por isso, conclama a Igreja a “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20). Pois ele é convicto de que “conhecer a Jesus é o melhor presente que qualquer pessoa pode receber; tê-lo encontrado foi o melhor que ocorreu em nossas vidas, e fazê-lo conhecido com nossa palavra e obras é nossa alegria” (DAp 29). Sendo assim, podemos afirmar que não há outro caminho para renovar o mundo, senão que todos os membros da ação evangelizadora assumam seu papel como discípulos missionários e tenham a coragem de ir ao encontro de tantos irmãos e irmãs que necessitam da alegria do Evangelho.

3 PERFIL PASTORAL DA IGREJA EM TEMPOS DE FRANCISCO

Nos capítulos anteriores vimos a respeito da história pessoal de Bergoglio, bem como suas raízes teológicas e pastorais. Reconhece-se que não há como definir Bergoglio apenas sob uma ótica, pois de acordo com o que se pode constatar, ele foi assimilando a experiência de Deus tanto a partir dos encontros que aconteceram durante toda sua vida, bem como da práxis pastoral. Portanto, neste capítulo, buscar-se-á fazer uma análise das palavras e dos gestos de Bergoglio, desde sua intervenção durante os escrutínios que mudou o rumo do conclave à sua primeira aparição no balcão da Basílica São Pedro em 13 de março de 2013. Entende-se que a partir daí se torna mais fácil compreender onde ele quer chegar, seus sonhos de uma Igreja pobre e para os pobres, que assume a missão como sua identidade em chave de saída.

Embora já se tenha nove anos do início do pontificado de Francisco, seus gestos e palavras continuam encantando a Igreja e todos aqueles que desejam viver a proposta do Evangelho. Francisco tem características *sui generis* que nos ajudam facilmente a dizer que fazem parte de sua personalidade latina, que fora forjada ao longo de toda sua vida, mas de modo especial através do seu contato com o povo de Deus, e que o faz pensar a Igreja a partir do povo e para o povo.

3.1 A Igreja precisa de alguém que saiba onde se deve ir

Em março de 2013 a Igreja vivia um momento difícil, chegava-se a pensar que as ondas do mar da vida estavam mais agitadas que o normal, e para aqueles que tinham a responsabilidade de eleger o sucessor de Pedro, era clara a necessidade de uma mudança de rumo. Porém, a pergunta permanecia no ar: qual será o novo rumo que a Igreja, através do novo pontífice, irá tomar? Em todos os campos da Igreja e da sociedade havia uma expectativa de que o conclave se pautasse em fatores que denotassem numa verdadeira mudança de paradigma, e assim se deu.

Os televisores de muitos católicos naqueles últimos dois dias (12 e 13 de março de 2013) permaneceram sempre ligados nos canais de orientação católica, aguardando a tão sonhada fumaça branca. Havia rumores de que um latino-americano estivesse entre os *papabili*¹. Porém, todos os olhares se voltavam para o cardeal arcebispo de São Paulo, Dom Odilo Scherer. Entretanto, reconhece-se que não basta ser predileto para um grupo, ou estar entre os nomes de

¹ Termo italiano não oficial, usado pelos vaticanistas, porém assumido em todas as línguas para fazer referência aos cardeais que podem ser considerados prováveis candidatos a ser eleito papa.

relevância, nem mesmo fazer política, pois mesmo sabendo que quem vota são os cardeais eleitores, reconhece-se que quem escolhe, na verdade, é o Espírito Santo. É de conhecimento comum que todos aguardavam mudanças e inclusive havia um certo clamor por uma reforma. A maioria dos cardeais “procurava um nome que garantisse transparência administrativa, competência pastoral e honestidade moral”². Em outras palavras, os cardeais buscavam um homem que pudesse fazer a diferença e demonstrasse autenticidade e coerência em seu modo de ser e agir. E pelo que se soube depois de alguns dias, o então cardeal Bergoglio foi o que mais se encaixou no perfil esperado pela maioria.

Foi necessário esperar alguns dias para que viesse à tona a verdade em relação ao que havia ocorrido e como os cardeais chegaram ao consenso de eleger “um bispo trazido do fim do mundo”³. Durante a Missa Crismal em Havana, o Cardeal cubano Jaime Lucas Ortega y Alamino revelou, com a permissão do recém-eleito Papa Francisco, qual foi o ponto norteador da mudança de rumo do conclave durante os escrutínios⁴. De acordo com o prelado, Bergoglio fez, no dia 9 de março de 2013, uma intervenção em uma das congregações dos cardeais durante a preparação para o conclave, e embora tenha sido de poucas palavras, através de seu discurso ele delineou o perfil do novo pontífice, recordou a missão da Igreja e apresentou a novidade da Igreja em saída em direção às periferias como forma de superar um possível narcisismo eclesial. Em relação à Igreja enfatizou:

Evangelizar deve ser a razão de ser da Igreja... Supõe nela a audácia de sair de si mesmo. A Igreja é chamada a sair de si mesma e ir para as periferias, não somente as geográficas, mas também as periferias existenciais: as do mistério do pecado, as da dor, as da injustiça, as da ignorância e ausência religiosa, as do pensamento, as de toda miséria [...] Quando a Igreja não sai de si mesma para evangelizar, se torna autorreferencial e então adoece⁵.

² SUESS, Paulo. *Francisco: nome novo, programa impossível?* In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (Orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p.173.

³ Embora na ocasião muitos tenham interpretado como uma profecia, na verdade o recém-eleito fazia referência à sua querida Argentina, ao mesmo tempo que da América latina, o que significava que com sua eleição estava se rompendo uma tradição de escolher para a cátedra de Roma um bispo do continente europeu. Se no passado foi a Europa quem evangelizou as américas, chegou a vez da América do sul compartilhar seu jeito de ser e assim incidir no destino da Igreja Universal.

⁴ Consta que após ouvir o pequeno discurso de Bergoglio o cardeal cubano pediu-lhe que lhe desse o seu rascunho. Na ocasião do esclarecimento de como tudo tinha ocorrido publicou-se uma fotocópia do documento e sua transcrição no site da revista da arquidiocese Havana “Palabra Nueva”, porém, atualmente, não se encontra mais disponível. Por isso, utilizar-se-á sua transcrição traduzida e disponível no website da Aletheia conforme a nota abaixo.

⁵ ALETEIA. *A mensagem do cardeal Bergoglio que tocou os cardeais*. 27 de março de 2013. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2013/03/27/a-mensagem-do-cardeal-bergoglio-que-tocou-os-cardeais/> Acesso em 26 jun. 2020; QUEVEDO, Luis Gonzalez. *O novo rosto da Igreja*. Papa Francisco. 2015, p. 29.

Percebe-se logo de início que o ensinamento de sua tão querida *Evangelii Nuntiandi*⁶ é sempre presente em seu coração, pois nela São Paulo VI já havia afirmado “evangelizar constitui, de fato, a graça e a vocação própria da Igreja, a sua mais profunda identidade” (EN 14). Uma vez que a razão de ser da Igreja é dar continuidade à missão salvífica de Jesus Cristo, Bergoglio acrescenta que se faz necessário sair da zona de conforto e partir para a missão. Ou seja, ele usa do ensinamento que absorvera de São Paulo VI e acrescenta a novidade da proposta da V Conferência de Aparecida, que lhe dá base para apresentar sua visão de Igreja em saída e superação da autorreferencialidade.

Sabe-se que essa argumentação impactou seus ouvintes, deixando claro que a convicção de Bergoglio é de um homem de fé, que entendia da realidade da Igreja e que não se contentava com uma Igreja presa ou voltada para si mesma, preocupada apenas em salvaguardar o depósito da fé, mas sim desejoso que ela “saísse constantemente de si mesma para o serviço, o diálogo, a doação, a missão”⁷, pois nasceu para evangelizar, transmitir a vida nova que brota do encontro com o Senhor, recordar e fazer conhecido o amor misericordioso de Deus. Por isso, não há como aceitar uma Igreja autorreferencial, voltada para si, marcada pelo veneno do mundanismo espiritual⁸, que nada mais é que o viver olhando para si, voltada e encurvada sobre si, causando assim um grande prejuízo no povo de Deus que não se deixa ser tocado pelo Evangelho nas suas necessidades concretas da história, ou seja, “na Igreja, o mundanismo espiritual é agravado pelo fato de estar escondido atrás de uma máscara de espiritualidade, fidelidade ou ortodoxia”.⁹ Consequentemente, uma pessoa marcada por esse mal não é capaz de reconhecer seus pecados e, com isso, não se abre à conversão.

⁶ De acordo com a nota 35 do capítulo anterior, Bergoglio utilizava-se sempre da *Evangelii Nuntiandi* em suas aulas. Desse modo, faz-se mister reconhecer que seu conteúdo está arraigado em seu coração e sua alma, e ele mesmo disse em 2019, que se trata do melhor documento pastoral. Cf. FRANCISCO. *Discurso aos participantes no Congresso Internacional por ocasião do 40º aniversário da Conferência Geral do episcopado latino-americano em Puebla*. Sala do Consistório, quinta-feira, 3 de outubro de 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191003_celam.pdf Acesso em: 01 nov. 2022.

⁷ FERNÁNDEZ, Víctor Manuel; RODARI, Paolo. *El programa del Papa Francisco. ¿Adónde nos quiere llevar?* Buenos Aires: San Pablo, 2015. p. 49.

⁸ Apesar de não ser um termo bergogliano, pois ele o absorveu de Henri De Lubac, que por sua vez o define como “pôr-se no centro”, é um termo bastante usado por Bergoglio, tanto que na *Evangelii Gaudium* ele dedica quatro números para explicá-lo (Cf. EG 93-97). Uma das características do mundanismo espiritual na Igreja é o fato de buscar a sua referência em si mesma, e não em Deus, em Jesus Cristo. Francisco denuncia como um mal que se manifesta na Igreja, do qual ninguém está isento. Pois, pode se manifestar num bispo que não permanece em sua diocese, tem prioridades que não é o seu povo; em leigos que se dispõem ao serviço, mas na verdade buscam seus próprios interesses; nas igrejas locais que colocam o povo em segundo plano em contrapartida com seus planos pastorais, mas de todos o mais deplorável se dá quando surgem grupos ou pessoas que se sentem a elite, cheios de propósitos teológicos ou litúrgicos, que se autoproclamam inquisidores a ponto de vasculhar as homilias dos sacerdotes em busca de aspectos heterodoxos.

⁹ FERNÁNDEZ; RODARI, *El programa del Papa Francisco*, p. 18-19.

Dando sequência à sua argumentação, apresentou o perfil necessário para o novo pontífice, salientando algumas características ou virtudes que o candidato ao pontificado deveria possuir, algo que fez com que a maioria dos cardeais enxergassem nele o perfil desejado. Reforçou que o novo pontífice deveria ser “um homem que, a partir da contemplação de Jesus Cristo e da adoração a Jesus Cristo, ajude a Igreja a sair de si rumo às periferias existenciais¹⁰, e ao mesmo tempo deveria colaborar para que a Igreja pudesse ser a mãe fecunda que vive da “doce e confortadora alegria de evangelizar”¹¹. Como vimos anteriormente, já em Aparecida se havia delineado esse perfil episcopal, definido pelos bispos latino-americanos como o perfil do bispo discípulo missionário¹².

Efetivamente, Bergoglio não tinha o intuito de se autopromover ao fazer uso da palavra durante os escrutínios. Entende-se que queria apenas mostrar que o novo bispo de Roma não deveria ser um homem preocupado em solucionar os problemas administrativos do momento presente, mas sim deveria ocupar-se em ser verdadeiramente sucessor de Pedro, e com a ajuda do Espírito Santo impulsionar a Igreja à missão. Kasper afirma que a partir dessa fala improvisada de Bergoglio, na qual ele denunciou os pontos fracos da Igreja como a “autorrefencialidade” e a “falta de força missionária”, como havia feito também em 16 de maio de 2007 em Aparecida¹³, e que resultou na sua escolha para compor a comissão de redação final das Conclusões de Aparecida, seis anos mais tarde, em 13 março de 2013, enquanto se buscava um nome que pudesse fazer a diferença na sucessão de Bento XVI, o resultado não poderia ser diferente, pois depois de sua intervenção os cardeais, a partir daquilo que ouviram, e muitos

¹⁰ Até então quando se pensava na periferia, sempre se imaginava o espaço geográfico marcado pela pobreza e pela miséria, porém para Bergoglio, um bispo que vem da América Latina, onde as periferias se tornaram um dos maiores fenômenos, e reúnem em si não só as condições precárias, mas ao mesmo tempo é marcada por uma cultura ou subcultura que cria valores e padrões de comportamento, o conceito de periferia se expande, pois abarca a existência. Nesse caso a periferia existencial deve ser entendida como aquela situação limite, a fronteira do humano, a realidade onde os valores são ameaçados pelo pecado, pela dor, pela injustiça, pela ignorância e principalmente pela miséria.

¹¹ ALETEIA. *A mensagem do cardeal Bergoglio que tocou os cardeais*, 2013.

¹² Em Aparecida os bispos quando delineiam o perfil do bispo como discípulo missionário, manifestaram que são conscientes de terem “sido chamados a viver o amor a Jesus Cristo e à Igreja na intimidade da oração e da doação de nós mesmos aos irmãos e irmãs, a quem presidimos na caridade” (DAp 186), por isso, precisam ser “testemunhas próximas e alegres de Jesus Cristo, Bom Pastor (cf. Jo 10,1-18)” (DAp 187), e homens capazes de promover uma espiritualidade de comunhão (Cf DAP 189).

¹³ Como já vimos no capítulo anterior, no item 2.1.5.1 que trata do papel fundamental que Bergoglio desempenhou durante a Conferência de Aparecida, de modo especial através de sua homilia, na Missa celebrada na Basílica de Aparecida, quando chamou a atenção dos bispos presentes na V Conferência do episcopado latino-americano, ressaltando a índole missionária da Igreja, e recordando o papel do Espírito na condução da Igreja para a missão e em direção às periferias humanas do desconhecimento de Deus, da injustiça, da dor, da solidão, e da insignificância da vida. Cf. BERGOGLIO, Jorge Mario. *Desgrabación de la homilía del sr. arzobispo, durante la celebración eucarística en aparecida*. Aparecida-SP, 16 de maio de 2007. Disponível em: <https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2007.htm#aparecida>. Acesso em: 04 nov. 2022.

eram testemunhas de que Bergoglio falava daquilo que vivia, chegaram à conclusão de que tinham diante de si a pessoa certa para assumir o governo da Igreja naquele momento¹⁴.

Mais uma vez a intervenção de Bergoglio mudou o rumo da Igreja. E embora não se tenha encontrado nada a respeito dos quatro primeiros escrutínios, Quevedo¹⁵, que também é amigo pessoal de Bergoglio, afirma que ele foi eleito no quinto escrutínio com mais de 2/3 dos votos, ou seja, com mais de 90 votos¹⁶. E como é de conhecimento comum, sua eleição quebrou uma tradição de 1200 anos, ou seja, depois de 12 séculos, foi eleito o primeiro Papa que não nasceu na Europa, mas sim no chamado Novo Mundo, e desse modo tornou-se o primeiro em muitos quesitos, pois foi o primeiro pontífice latino-americano, o primeiro argentino, o primeiro jesuíta, o primeiro que não participou diretamente de Concílio Vaticano II, como seus antecessores e, de modo especial, o primeiro que escolheu um nome inusitado, que traz em si a marca de um programa para a Igreja.

3.2 Francisco: um nome, uma profecia e uma esperança

Sabe-se pelo testemunho da Sagrada Escritura que o primeiro Papa recebeu um novo nome quando foi escolhido, antes era Simão, depois passou a ser chamado de Pedro (Mt 16,18). Ao longo da história da Igreja, nos seus dois milênios, aqueles que sucederam Pedro escolheram para si um novo nome a partir de sua eleição, pois reconhecem que o nome tem a ver com a sua missão. Alguns homenagearam seus antecessores, outros escolheram o nome de um santo de sua devoção, resultando que alguns já se repetiram várias vezes, como por exemplo: João (23 vezes), Bento e Gregório (16 vezes), Pio (12 vezes) Paulo (6 vezes). Tem-se a convicção de que a mudança de rumo na escolha dos cardeais ao eleger Bergoglio à cátedra de Pedro se deu a partir da clareza da percepção de que ele sabia para onde a Igreja devia ser guiada. Por isso também se acredita que a escolha de seu nome não se tratou apenas de uma devoção, mas sim de um desejo de expressar seu programa de reforma da Igreja, reforma essa que se iniciou desde o primeiro instante em que deu o seu sim e apresentou como gostaria de ser chamado, delineando, desse modo, seu perfil de governo. Desse modo, já iniciamos sabendo que o nome

¹⁴ KASPER, Walter. *El Papa Francisco*. Revolución de la ternura y el amor. Raíces teológicas y perspectivas pastorales (Presencia Teológica) (Spanish Edition). Sal Terrae. Edizione del Kindle. (posizioni nel Kindle 100-107).

¹⁵ Também conhecido como “Quevedinho”, Luis Gonzalez Quevedo pode ser considerado amigo de Jorge Maria Bergoglio e, conseqüentemente, do Papa Francisco. É um padre jesuíta que trabalhou vários anos na Arquidiocese de Goiânia. Foi o primeiro pároco da Paróquia onde o pesquisador trabalhou nos últimos 07 (sete) anos. Escreveu vários textos no início do Pontificado de Francisco, pois o conhece desde 1970 e sabe que é um homem que fará a diferença através do ministério petrino.

¹⁶ QUEVEDO, *O novo rosto da Igreja*, p. 28.

escolhido por Bergoglio é mais que uma homenagem ao seu santo de devoção, mas traz em si um modelo e programa para a Igreja do Século XXI.

Era uma quarta-feira, 13 de março de 2013. Parecia um dia comum. No Brasil já passava das 15h, porém na Itália era noite, e de repente surgiu o anúncio na TV de que a fumaça era branca e, com isso, a sede do sucessor de Pedro vacante. O mundo parou para saber quem tinha sido eleito como o novo pontífice. Como falamos acima, esperava-se que fosse um latino-americano, mas não um argentino. Indubitavelmente, aquele instante ficará marcado na memória de todos, às 20hs12min (hora italiana), o mundo fez silêncio e aguardou ansiosamente enquanto as cortinas do balcão central da Basílica de São Pedro se abriam. Em seguida surgiu o tão esperado Cardeal protodiácono Jean-Louis Tauran e proclamou a famosa fórmula do *habemus Papam*: “Eminentissimum ac reverendissimum dominum, dominum, Giorgio Marium Sanctae Romanae Ecclesiae Cardinalem Bergoglio, qui sibi nomen imposuit Francisco”¹⁷. Tem-se um novo Papa, mas não é quem a mídia tanto estava cogitando. O Espírito Santo, que renova todas as coisas, de fato fez soprar os ventos longe da Europa. Dessa vez o recém-eleito vinha do continente sul-americano, com uma estrutura nova de pensar e de agir, e trata-se do argentino e jesuíta Jorge Mario Bergoglio, que escolhera para si um nome novo, até então nunca usado por um Pontífice: Francisco. Restava agora conhecê-lo para aprender a amá-lo, o que não demorou muito, pois 11 minutos após o anúncio do seu nome, exatamente às 20h23, lá estava o recém-eleito no balcão central da Basílica Vaticana. Um homem simples, de semblante simpático, de fala simples e próxima do povo, mostrando desde o primeiro instante a novidade de Deus para a Igreja.

No tocante à escolha do nome novo, houve muita especulação nos dois primeiros dias, houve vários palpites sobre qual dos Francisco’s havia inspirado Bergoglio. Para aqueles que já o conheciam e sabiam de seu compromisso com os pobres, o nome já soava com um sentido mais amplo que apenas a manifestação de uma devoção ou homenagem a alguém. O fato de ser membro da Companhia de Jesus fez com que se pensasse em Francisco Xavier, porém ele mesmo, de modo muito espontâneo, no terceiro dia após a eleição, durante sua primeira coletiva de imprensa no dia 16 de março de 2013, quis esclarecer o que o levou a escolher ser chamado Francisco. Reforçou que tal escolha lhe veio ao seu coração a partir do conselho de seu amigo

¹⁷ Fórmula de anúncio de eleição de um novo Pontífice. Mantém-se em latim e é proclama pelo cardeal-diácono mais antigo do colégio cardinalício, logo após a emissão da fumaça branca pela chaminé da sala do conclave. Através dela a comunidade passa a saber quem é o sucessor da Cátedra de Pedro e como escolheu ser chamado, sempre se faz em tom de alegria como se segue: “Anuncio-vos uma grande alegria; temos um Papa: o eminentíssimo e reverendíssimo Senhor, Senhor (Jorge Mario). Cardeal da Santa Igreja Romana (Bergoglio), que se impôs o nome de (Francisco)”.

Cardeal Cláudio Hummes, que assim que se atingiu o número de votos necessários para o eleger, se aproximou, abraçou-o e disse para “não se esquecer dos pobres”, e aquele conselho o levou a pensar em um nome:

Logo depois, associando com os pobres, pensei em Francisco de Assis. Em seguida pensei nas guerras, enquanto continuava o escrutínio até contar todos os votos. E Francisco é o homem da paz. E assim surgiu o nome no meu coração: Francisco de Assis. Para mim, é o homem da pobreza, o homem da paz, o homem que ama e preserva a criação; neste tempo, também a nossa relação com a criação não é muito boa, pois não? [Francisco] é o homem que nos dá este espírito de paz, o homem pobre... Ah, como eu queria uma Igreja pobre e para os pobres! ¹⁸.

Quando se leva em consideração que o nome é sempre um sinal, deve-se considerar o fato de que o primeiro papa jesuíta quis chamar-se Francisco, à exemplo do “pobrezinho de Assis”, e isso faz com que esse nome seja reconhecido como um “carisma puro que rompe com toda tradição fossilizada que esquece a vida concreta”¹⁹. Nasceu, portanto, no século XXI, “Francisco de Roma”, um bispo que sempre buscou dar testemunho de simplicidade e pobreza, que procurou assemelhar-se aos menos favorecidos do seu povo, que o via nas ruas e metrô de Buenos Aires e, agora coerente com o espírito da “opção pelos pobres”, escolhe para si um nome que desde o primeiro momento quis que “um programa de vida e de ministério, um modo de viver a vida e exercer o ministério”²⁰, pois conforme ele mesmo reforçou na segunda semana após sua eleição, quando encontrou-se com o Corpo Diplomático acreditado junto à Santa Sé em 22 de março de 2013, dois grandes fatores o levaram a escolher ser Francisco aos moldes de Francisco de Assis. O primeiro foi o amor que Francisco tinha aos pobres, e isso o inspira a cuidar e defender quem passa indigência, o segundo é o desejo pela edificação da paz.²¹

No que diz respeito ao posicionamento dos jesuítas em relação à eleição de seu coirmão, encontrou-se nos apêndices da obra de Quevedo: o novo rosto da Igreja – Papa Francisco, a transcrição de duas cartas oficiais endereçadas aos membros da Companhia de Jesus, nas quais Adolfo Nicolás²², na condição de superior geral, manifesta seu parecer em relação à eleição de

¹⁸ FRANCISCO. *Discurso no encontro com os representantes dos meios de comunicação social*. Sala Paulo VI. Sábado, 16 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html. Acesso em: 01 out. 2022.

¹⁹ PASSOS, João Décio. *Uma reforma na Igreja: rumos e projetos*. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório [Orgs]. *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 100.

²⁰ AQUINO Jr., Francisco. *Os pobres e a pobreza como carisma fundante da Igreja de Jesus*. In: PASSOS, João Décio et SOARES, Afonso M. L. [org.]. *Francisco: renasce a esperança*, São Paulo: Paulinas, 2013. p. 210

²¹ FRANCISCO. *Discurso durante o encontro com o corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé*. Sala Régia, Sexta-feira, 22 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130322_corpo-diplomatico.html. Acesso em: 02 nov. de 2022.

²² Foi o 30º sucessor de Santo Inácio de Loyola.

Bergoglio e seu significado para a Companhia e a Igreja Universal. Na primeira carta o padre geral manifesta a alegria da eleição de Bergoglio como bispo de Roma e afirma que essa escolha do conclave é para todos um sinal de esperança: “em nome da Companhia de Jesus, dou graças a Deus pela eleição do novo papa, cardeal Jorge Mario Bergoglio, SJ, que abre para a Igreja uma etapa cheia de esperança”²³. No tocante à escolha do nome Francisco, Nicolás manifesta sua percepção afirmando que Bergoglio não quis apenas fazer a diferença trazendo para a história dos Papas um nome inusitado, mas sim que o nome Francisco evoca seu espírito evangélico, ao mesmo tempo que enfatiza sua proximidade com pobres, e sua identificação com os mais simples, algo já vivenciado em Buenos Aires, e deve ser considerado com um sinal do seu compromisso com a renovação eclesial.²⁴ Ainda em março de 2013, através de um segundo comunicado, Nicolás enfatiza a proximidade de Francisco com a Companhia, renova o propósito de obediência e cooperação com o Pontífice e reconhece em seus gestos e palavras um sinal profético de renovação e reforma na Igreja, como se pode verificar em suas próprias palavras:

É um fato evidente que toda a igreja está olhando e escutando, com grande expectativa, os gestos e palavras do novo papa. Constata-se de forma palpável um clima de esperança. Deu-se um encaixe perfeito entre esta esperança e o nome de Francisco que o papa elegeu, como profecia de renovação e reforma que a própria igreja deseja de todos nós²⁵.

Tem-se clareza que, para Francisco, o fato de não se esquecer dos pobres constitui-se não apenas uma realidade pastoral, mas evoca ao mesmo tempo a natureza da Igreja. Ao escolher ser chamado de Francisco, ele quebrou paradigmas em relação à escolha de um nome, mas ao mesmo tempo deu a conhecer nas entrelinhas e, aos poucos, através de seus discursos e principalmente pela *Evangelii Gaudium*, quais são suas expectativas e sonhos para a Igreja. Altemeyer Junior reconhece no nome Francisco “um claro programa de vida e amor à igreja dos pobres”²⁶. Susin, tomando por base a explicação dada aos jornalistas no início do pontificado, afirma que “a memória do “*poverello* de Assis” lhe remetia a uma igreja pobre e dos pobres, mas também ao trabalho pela paz no mundo e ao cuidado da criação”²⁷. Há um

²³ NICOLÁS, Adolfo, *Comunicado oficial do padre geral dos jesuítas*. Roma, 14 de março de 2013. (Apêndice 2: Do padre geral do Jesuítas, por ocasião da eleição do papa Francisco) In: QUEVEDO, Luis Gonzalez. *O novo rosto da Igreja*. Papa Francisco. 4ª Edição. São Paulo: Edições Loyola. 2015. p. 91.

²⁴ Cf. NICOLÁS, *Comunicado oficial do padre geral dos jesuítas*, p. 91.

²⁵ NICOLÁS, Adolfo. *Carta do padre geral a toda a Companhia*. Roma, 24 de março de 2013. (Apêndice 2: Do padre geral do Jesuítas, por ocasião da eleição do papa Francisco) In: QUEVEDO, Luis Gonzalez. *O novo rosto da Igreja*. Papa Francisco. 4ª Edição. São Paulo: Edições Loyola. 2015. p. 93.

²⁶ ALTEMEYER JUNIOR, Fernando. *Os muitos partos do Bispo de Roma*. In: PASSOS, João Décio et SOARES, Maria Ligorio. (Org.). *Francisco: Renasce a Esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013, p. 106.

²⁷ SUSIN, Luiz Carlos. *Francisco: nome que é um programa*. In: PASSOS, João Décio e SOARES, Afonso Maria Ligorio. (org.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 120

consenso entre os teólogos de que, com a escolha de se chamar Francisco, abriu-se um novo capítulo no jeito de ser e estar à frente da Igreja, registrado como um sinal profético de quem assume a pobreza como opção de vida e de fé no Evangelho.

Também consciente do papel da Igreja junto às esferas públicas e políticas, a exemplo de Francisco de Assis, Francisco deseja construir pontes de diálogo e de paz, para isso se apoia em suas origens, conforme ressalta ao Corpo Diplomático junto à Santa Sé: “as minhas próprias origens impelem-me a trabalhar por construir pontes”²⁸. Fernández ressalta que “o papa olha com fé para suas origens e está convencido de que foi eleito para trazer novos horizontes para a Igreja universal – e através dela para o mundo inteiro – que não poderia ser claramente distinguida do centro do mundo”²⁹. Como Francisco de Assis, Francisco deseja a paz social, por isso reforça: “é importante intensificar o diálogo entre as diversas religiões; penso, antes de tudo, ao diálogo com o Islão”³⁰.

3.3 Francisco, novidade não só no nome, mas no estilo pastoral

O nome Francisco revela de algum modo o programa de vida do Papa Bergoglio e, ao mesmo tempo, torna-se referência evangélica para todos os membros do povo de Deus. Entretanto, quando o jovem Bergoglio decidiu se tornar jesuíta, um dos fatores que lhe chamara a atenção foi a missão. Portanto, o nome Francisco não deve ser identificado apenas por sua predileção pelos pobres, pois traz também em si a forte influência da sua formação jesuíta, uma vez que para um membro da Companhia de Jesus a missão é sempre prioritária, como bem lembra França Miranda ao tratar do tema: “Francisco: Papa e jesuíta”. De acordo com o teólogo, que também é jesuíta, quando se analisa a convocação de Francisco para que a Igreja volte a ser missionária, deve-se sempre levar em consideração e reconhecer que tal inspiração não lhe veio a partir da V Conferência de Aparecida, mas sim é fruto de sua espiritualidade e formação inaciana, por isso ele sempre defende a realidade de “uma Igreja que seja missionária, voltada para a sociedade, em obediência ao mandato de Cristo Ressuscitado: ‘Ide, pois, fazer discípulos entre todas as nações’ (Mt 28,19)”³¹.

França Miranda destaca que por ter recebido a formação jesuíta, Francisco tem consciência de que a Igreja não deve se preocupar apenas com sua autoconservação, mas sim

²⁸ FRANCISCO. *Discurso durante o encontro com o corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé*. 2013.

²⁹ FERNÁNDEZ; RODARI, *El programa del Papa Francisco*. p. 99-100.

³⁰ FRANCISCO. *Discurso durante o encontro com o corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé*. 2013.

³¹ FRANÇA MIRANDA, Mário de. *Francisco: papa e jesuíta*. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório [Orgs]. *Francisco: renasce a Esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 136.

se abrir ao diálogo e à capacidade de escuta da sociedade, a fim de se tornar promotora da liberdade cristã, viva livremente sua fé e, de modo especial, não se afaste dos pobres, agindo sempre à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, gestada e amadurecida aos longo dos anos pelas Conferências gerais do episcopado latino-americano³². Sendo assim, deve-se dizer que através da escolha do nome Francisco, o pontífice manifestou seu desejo por uma Igreja pobre e missionária, que se constitui a partir da periferia; que traz a opção pelos pobres em primeiro lugar; que escolhe ser simples não apenas materialmente, mas que transcende fronteiras, e que vive da alegria de evangelizar, que precisa ser descentrada de si mesma; uma Igreja de portas abertas, que manifesta sua identidade de mãe e pastora, de modo especial, conforme ele mesmo disse ao Pe. Spadaro, um Igreja na qual “os ministros do Evangelho devem ser capazes de aquecer o coração das pessoas, de caminhar na noite com elas, de saber dialogar e mesmo de descer às suas noites, na sua escuridão, sem perder-se”³³.

Diante do exposto, faz-se mister reconhecer que, ao escolher ser chamado por Francisco, o pontífice mostra que tem um objetivo de longo prazo. Sua escolha não foi aleatória, mas sim deve ser entendida como fruto de um discernimento e de sua experiência com Deus, ao mesmo tempo que a “bandeira de uma novidade de estilo”³⁴, como destaca Repole, pois traz as marcas do seu modo de ser e de se aproximar ao povo de Deus.

3.4 Uma Igreja acolhedora, pobre e para os pobres

Pode ter se tornado clichê afirmar que o modo de agir de Francisco traz sempre as marcas de sua experiência pastoral. Entretanto, quando se busca entender o que ele quer dizer através do modelo de Igreja apresentado em sua primeira entrevista e ratificado na *Evangelii Gaudium*, como o sonho de “uma Igreja pobre e para os pobres” (EG 198), observa-se que não é muito diferente daquilo que ele viveu como pastor em sua querida Arquidiocese de Buenos Aires e que traz as marcas das Conferências do episcopado latino-americano.

Grimaldi recolhe em sua obra “Eu era Bergoglio, agora sou Francisco” vários testemunhos e dentre eles merece destaque o que afirma Pe. Tomás, um sacerdote argentino que conhece Bergoglio desde 1970, e foi membro do conselho presbiteral da Igreja de Buenos

³² Cf. FRANÇA MIRANDA, *Francisco: papa e jesuíta*, p. 136-144.

³³ SPADARO, Antonio. *Entrevista ao Papa Francisco*. Casa Santa Marta, segunda-feira, 19 de Agosto de 2013. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 18 jan. 2021.

³⁴ REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: A eclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018. p. 9.

Aires. Esse sacerdote descreve o modelo de Igreja de Francisco já nos primeiros dias de seu pontificado, afirmando: “será uma Igreja dos pobres, mas também dos ricos, porque os ricos têm o dever de dar... a Igreja de Bergoglio será aberta a todos, um lugar onde todos podem entrar, não há exclusividade, não há poderosos de um lado e os pobres de outro”³⁵. Trata-se do testemunho de alguém que conhece o Papa Bergoglio há anos, que experimentou de perto o modo de ser e proceder de Bergoglio como sacerdote e bispo, por isso sabe que o sonho de Francisco em relação à Igreja tem a ver com a não exclusividade. A partir de Francisco a Igreja não deve ter as portas fechadas, em seu sentido mais pleno, ou seja, deve ser capaz de acolher a todos indistintamente.

Francisco é alguém cujo silêncio fala tanto quanto suas palavras. Por isso, seus primeiros gestos ao assumir o pontificado devem ser interpretados não só como fruto de uma personalidade singular, como por exemplo: não usar a estola papal em sua primeira aparição, manter sua cruz peitoral ao invés de usar uma cruz de ouro; calçar os sapatos que sempre usava, e rejeitar os sapatos vermelhos; pagar suas contas no hotel no dia seguinte à eleição; escolher uma cadeira simples ao invés do trono; fazer opção por um carro simples e não querer morar no apartamento papal e preferir viver com os demais na Casa Santa Marta, revelam não só o seu jeito de ser, mas também a simplicidade que ele quer que se viva na Igreja. Himitian ressalta que “seus primeiros gestos foram uma verdadeira mensagem à fé dos mais céticos. O primeiro convite à reconciliação”³⁶. Na mesma direção, Piqué reforça que as atitudes de Francisco ao se apresentar à Igreja no dia de sua eleição já foi uma forma de proclamar que queria uma “Igreja essencial, pobre, sem tanto dourado, que não seja autorreferencial, que saia de si própria para ir às periferias”³⁷. São gestos fortes, que revelam seu modo de vida, mas também precisam ser interpretados através das realidades simbólicas-rituais, e ao longo desses nove anos de pontificado, tem cada vez mais corroborado para a compreensão de como a Igreja deve ser pobre, e não apenas simples e austera.

Como vimos, ao escolher ser chamado de Francisco, Bergoglio demonstrou seu desejo pela simplicidade, ao invés de querer status. Isso é uma marca de sua personalidade episcopal. Ele tem os ensinamentos do Concílio Vaticano II sempre presentes em seu coração. Ele sempre defendeu que “a Igreja, se bem que precise de recursos humanos para cumprir a sua missão não foi constituída para buscar glórias terrenas, mas para dar a conhecer, também com seu exemplo,

³⁵ GRIMALDI, Cristian Martini. *Eu era Bergoglio, agora sou Francisco*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018. p. 71.

³⁶ HIMITIAN, Evangelina: *A vida de Francisco: o papa do povo*. Tradução de Maria Alzira Brun Lemos, Michel Teixeira. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p. 198.

³⁷ PIQUÉ, *Papa Francisco*, p. 176.

a humildade e a abnegação” (LG 8). Por isso, no exercício do ministério, sempre combateu todo tipo de ostentação e se colocou sempre ao lado dos pobres, a ponto de escolher andar de metrô e de ônibus, buscando “fazer-se um” com seu povo pobre, da mesma forma que sempre lutou contra toda espécie de desprezo aos excluídos, pois para ele “os pobres são o coração da Igreja”³⁸.

Logo, não é de se espantar que ao assumir o pontificado procure demonstrar sua consciência de estar assumindo a sucessão de um pescador e não do imperador. Francisco não perde a oportunidade de reforçar que a simplicidade deve ser uma das características da Igreja para que ela não perca o contato com o mistério. Quando esteve no Brasil, durante a Jornada Mundial da Juventude de 2013, no seu encontro com os bispos brasileiros, valeu-se do fato de ter diante de si a imagem da Virgem de Aparecida, e tomou como exemplo os pescadores que a tiraram do rio para reforçar que “a Igreja deve sempre lembrar que não pode afastar-se da simplicidade; caso contrário, desaprende a linguagem do Mistério”³⁹.

Reconhece-se que São João XXIII o inspirou com seu sonho de uma Igreja pobre e para os pobres. Galli chega a afirmar que existe grande proximidade entre o Papa Francisco e São João XXIII, pois ambos foram eleitos aos 76 anos, tem uma personalidade acessível e manifestam suas convicções e decisões, são provenientes de famílias simples e os nomes que escolheram para si expressam fraternidade universal e têm a ver com seu programa de pontificado. São João XXIII, através de um gesto profético, convocou o Concílio Vaticano II, que deu início a uma reforma da Igreja. Francisco, a seu exemplo, pede para retornar ao coração do Evangelho e busca promover a reforma da Igreja⁴⁰. Entende-se, todavia, que ao falar de uma Igreja pobre e para os pobres, Francisco pensa na centralidade do pobre, que jamais pode ser deixado de lado. Porém, afirma Piero Coda, pensa de modo especial “uma Igreja que se quer e faz Igreja dos pobres, isto é, vive com eles, para eles, neles”⁴¹.

³⁸ FERNÁNDEZ; RODARI, *El programa del Papa Francisco*, p. 12

³⁹ FRANCISCO. *Encontro com o episcopado brasileiro*. Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude.. Arcebispo do Rio de Janeiro, Sábado, 27 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html. Acesso em: 01 out. 2022.

⁴⁰ GALLI. Carlos Maria. *De Juan XXIII a Francisco*. La ternura de Dios y los pilares de la paz. (Artigo originalmente publicado na revista Vida Nueva (Cono Sur) 9 (2013) 33-35, Buenos Aires, Argentina. Versão impressa) Disponível na versão virtual [arquivo em pdf] em: http://www.celam.org/observatoriosociopastoral/img_noticias/docu51a62e9d0e1af_29052013_1136am.pdf. Acesso em: 01 out. 2022.

⁴¹ CODA, Piero. *A Igreja é o Evangelho: nas fontes da teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2019. p. 91.

3.5 A opção preferencial pelos pobres na ótica de Francisco

Diante do que acabamos de expor, entende-se, como já foi mencionado anteriormente, que o sonho de Francisco de uma Igreja pobre e para os pobres tem a ver com uma Igreja que sai de sua zona de segurança e conforto, tem coragem de entrar em contato com a necessidade do outro, que se transforma e se enriquece a partir dessa experiência. Por isso, desde o início do seu pontificado, Francisco tem nos conclamado, através da alegria do Evangelho, a uma radical mudança de postura através do chamado à conversão pastoral, que leva a Igreja a pôr-se em saída, tornando-se, verdadeiramente, uma Igreja missionária, voltada para o Evangelho de Jesus Cristo e ao mesmo tempo para os pobres, pois não há como separar Jesus, o reino e os pobres. Francisco nos recorda que “hoje e sempre ‘os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho’, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres. Não os deixemos jamais sozinhos!” (EG 48).

Na *Evangelii Gaudium*, ao tratar da opção pelos pobres, Francisco apropria-se da verdade já proclamada em Aparecida, onde passou a ser entendida a partir do fundamento da fé cristológica (Cf. DAp 392) e afirma que “para a Igreja, a opção pelos pobres é mais uma categoria teológica que cultural, sociológica, política ou filosófica” (EG 198). Sendo assim, reforça que os pobres participam do *sensus fidei fidelium* e através de suas lutas e sua configuração ao Cristo sofredor e de seus sofrimentos nos ensinam. Portanto, a Igreja deve deixar-se evangelizar pelos pobres. E acrescenta: “somos chamados a descobrir Cristo neles: não só a emprestar-lhes a nossa voz nas suas causas, mas também a ser seus amigos, a escutá-los, a compreendê-los e a acolher a misteriosa sabedoria que Deus nos quer comunicar através deles” (EG 198). Todavia, mais do que nunca, se faz necessário recordar que a verdadeira opção pelos pobres não consiste em assistencialismo, mas sim em amá-los e acolhê-los para que se sintam em casa (Cf. EG 199).

Reconhece-se, pois, que os pobres não esgotam toda a realidade da Igreja. Contudo, Francisco, na homilia da missa que celebrou em Manila, em janeiro de 2015, alerta que “os pobres estão no centro do Evangelho, são o coração do Evangelho; se tirarmos os pobres do Evangelho, não podemos compreender plenamente a mensagem de Jesus Cristo”⁴². Da mesma

⁴² FRANCISCO. *Homilia durante a santa missa com os bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas*. Viagem apostólica Ao Sri Lanka e às Filipinas (12-19 de janeiro de 2015). Catedral da Imaculada Conceição, Manila. Sexta-feira, 16 de janeiro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150116_srilanka-filippine-omelia-cattedrale-manila.html. Acesso em: 11 fev. 2023.

forma que, em novembro de 2015, em seu discurso na Casa de caridade de Nalukolongo, quando de sua viagem apostólica ao Quênia, Uganda e República Centro-Africana ressaltou que onde está o pobre, ali está Jesus, e completou dizendo: “o Evangelho impõe-nos sair para as periferias da sociedade a fim de encontrarmos Cristo na pessoa que sofre e em quem passa necessidade”. E ainda acrescentou “as nossas paróquias não devem fechar as portas e os ouvidos ao grito dos pobres”⁴³. Sendo assim, a Igreja deve estar atenta em cumprir sua missão, de modo especial, não apenas indo ao encontro dos mais necessitados, mas também aberta a aprender com eles o que o Senhor nos quer ensinar.

Nesse sentido, faz-se mister reconhecer que Francisco é o primeiro a dar o exemplo de uma opção concreta pelos pobres, pois faz questão de estar presente no meio do seu povo, para ele é algo indispensável. Ele não utiliza de critérios para se aproximar de alguém: abraça, beija, perde tempo com o povo, vai ao encontro dos que precisam, nas penitenciárias, nos hospitais, e principalmente, é capaz de fazer sua refeição com os pobres, que ele mesmo convida para a celebração do “dia do pobre”⁴⁴. Quando tem oportunidade, recomenda aos seus irmãos bispos que caminhem próximos do seu povo e que sejam capazes de ir ao encontro daqueles que sofrem. Um belo exemplo tivemos, no encontro com um grupo de novos bispos, ainda em setembro de 2013, quando pediu que permanecessem em suas dioceses, recordando que o povo quer sempre ver o próprio bispo andar com ele, para estar perto dele. E recomendou-lhes: “não vos fecheis! Ide ao encontro dos vossos fiéis, também nas periferias das vossas dioceses e em todas aquelas “periferias existenciais» onde existe sofrimento, solidão e degradação humana”⁴⁵, sendo, pois, um bispo que sempre caminhou à frente e com o Povo de Deus, de modo especial

⁴³ FRANCISCO. *Discurso durante a viagem apostólica ao Quênia, Uganda e República Centro-africana* (25-30 de novembro de 2015). Visita à casa de caridade de Nalukolongo Kampala (Uganda). Sábado, 28 de novembro de 2015. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151128_uganda-casa-carita.html. Acesso em: 15 nov. de 2022.

⁴⁴ O dia do pobre foi instituído por Francisco no encerramento do Jubileu da misericórdia [teve início em 8 de dezembro de 2015 (Festa da Imaculada Conceição) e encerrou em 20 de novembro de 2016 (Festa de Cristo Rei)]. Na ocasião o Pontífice apresentou à Igreja a Carta apostólica *Misericórdia et Misera*, na qual além de tratar da realidade da misericórdia que a Igreja jamais pode esquecer de viver, ao final instituiu o Dia Mundial dos Pobres, sempre no 33º Domingo do Tempo Comum. Assim define Francisco o propósito de se ter um dia dedicado aos menos favorecidos: “será a mais digna preparação para bem viver a solenidade de Nosso Senhor Jesus Cristo Rei do Universo, que Se identificou com os menores e os pobres e nos há de julgar sobre as obras de misericórdia (cf. Mt 25, 31-46). Será um Dia que vai ajudar as comunidades e cada batizado a refletir como a pobreza está no âmago do Evangelho e tomar consciência de que não poderá haver justiça nem paz social enquanto Lázaro jazer à porta da nossa casa (cf. Lc 16, 19-21). Além disso este Dia constituirá uma forma genuína de nova evangelização (cf. Mt 11, 5), procurando renovar o rosto da Igreja na sua perene ação de conversão pastoral para ser testemunha da misericórdia” Cf. FRANCISCO. **Carta Apostólica *Misericórdia et Misera***. São Paulo: Paulus, 2016. n. 21c

⁴⁵ FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco a um grupo de novos prelados participantes de um curso organizado pela Congregação para os bispos e a Congregação para as Igrejas Orientais*. Sala Clementina. Quinta-feira, 19 de setembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130919_convegno-nuovi-vescovi.html. Acesso em: 01 out.2022.

dos pobres. Agora reforça que a pastoral tem a ver com andar à frente para indicar o caminho; andar ao meio, para reforçá-lo na unidade; andar atrás, para que ninguém se perca; ao mesmo tempo discernir com o Povo de Deus e assim encontrar novos caminhos, de modo especial, dando testemunho de uma Igreja pobre para os pobres, que nos ajuda a recuperar a alegria e o impulso do Evangelho.

3.6 Na Igreja, a missão evangelizadora é de todos os sujeitos

Através de sua primeira Exortação apostólica, Francisco mostrou coerência com o que havia dito a respeito do perfil da Igreja e do Pontífice durante o conclave, recordando que a Igreja nasceu para evangelizar. Através da *Evangelii Gaudium*, convidou a todos os fiéis cristãos para uma nova etapa evangelizadora marcada pela alegria do Evangelho (Cf. EG 1). Recordou que, uma vez configurados a Cristo pelo batismo e membros da Igreja com igual dignidade, todos se tornam discípulos e consequentemente missionários (Cf. EG 119-120), pois “desde o primeiro ao último, atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar” (EG 119). Por isso:

cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização, e seria inapropriado pensar num esquema de evangelização realizado por agentes qualificados enquanto o resto do povo fiel seria apenas receptor das suas ações. A nova evangelização deve implicar um novo protagonismo de cada um dos batizados (EG 120).

Sabemos que Francisco sempre definiu a Igreja como povo de Deus, imagem da Igreja que mais lhe apraz e que ele absorveu do Capítulo II da *Lumen Gentium* (Cf. LG 9-17), que compreende todos os cristãos, indistintamente. Através da eclesiologia do povo de Deus, ele nos recorda que todas as pessoas batizadas são missionárias e receberam a missão de anunciar o Evangelho indiferente da sua condição e estado de vida, ou seja, existe uma igualdade fundamental entre todos os membros da Igreja, que é a graça do batismo e, por isso, existe também uma vocação comum: participar do povo de Deus. Como ele tem claro que a evangelização é dever da Igreja (EG 111). O sujeito ativo da evangelização não é, portanto, a instituição orgânica e hierárquica, mas sim o povo peregrino que tem sua origem no mistério da Trindade e cuja meta é chegar até Deus. Pois a Igreja é um mistério que tem suas raízes na Trindade e que se concretiza na história desse povo peregrino, que é evangelizador. Logo, ser Igreja significa ser povo de Deus e, por isso, cada batizado deve ser consciente de viver na sociedade como verdadeiro protagonista da evangelização.

Por isso, a missão de evangelizar não é só de alguns, mas de todos, toda a Igreja deve se envolver. Francisco deseja que nos tornemos de fato uma comunidade evangelizadora e evangelizada. Cada qual deve buscar adequar o modo de comunicar Jesus dentro da sua condição e ao mesmo tempo “todos devemos deixar que os outros nos evangelizem constantemente” (EG 121), como já havia sido recordado pelos bispos latino-americanos em Santo Domingo: “Só uma Igreja evangelizada é capaz de evangelizar” (SD 23). Para que isso se torne realidade, exige-se do leigo um compromisso maior, inclusive com sua formação pessoal, para que não fiquem à mercê dos clérigos. Principalmente porque na Igreja, os leigos são a maioria, e embora já se tenha tido alguns avanços em relação ao papel do leigo na missão evangelizadora, onde muitos assumem ministérios laicais, deve-se recordar que o papel dos leigos não é restrito ao seio da Igreja, mas sim ao mundo.

Portanto, se faz necessário urgentemente superar o “excessivo clericalismo” que mantém os leigos e leigas à margem das decisões nas igrejas locais, ou os mantém e os valoriza apenas no seio da Igreja (EG 102). Francisco reconhece que se deve pensar no protagonismo da mulher na Igreja e no mundo, pois não basta apenas que ela seja reconhecida com a mesma dignidade que os homens, na verdade. Por isso apresenta o desafio aos pastores e teologia para encontrar uma via de colocar a mulher em lugares “onde se tomam decisões importantes, nos diferentes âmbitos da Igreja” (EG 104)⁴⁶. Todo esse processo é imprescindível e faz parte da proposta de reforma da Igreja, que visa, na verdade, a renovação espiritual e estrutural da raiz evangélica da Igreja. Desse modo, a Igreja se mostrará mais fiel a Cristo e à sua missão de evangelizar.

3.7 A conversão pastoral, caminho para se tornar uma Igreja missionária e em saída

Francisco é filho da Igreja Latino-americana, que desde Aparecida (2007) se reconhece discípula missionária de Jesus Cristo e tem se esforçado para revitalizar suas comunidades conclamando-as à missão. Consta que ao retornar de Aparecida em 2007, sua postura não só

⁴⁶ Deve-se reconhecer que Francisco não ficou somente na demagogia, pois ele tem procurado combater o machismo presente na Igreja, de modo especial com a valorização das mulheres. Desde o início do seu pontificado várias mulheres já assumiram cargos de gestão e liderança no Vaticano. Dentre elas merecem destaque as três que foram indicadas para o Dicastério para os Bispos: irmã Raffaella Petrini, atual vice-governadora da Cidade do Vaticano, a irmã Yvonne Reungoat e a leiga Maria Lia Zervino, como presidente da associação de organizações católicas de mulheres (UMOFC). Cf. FRANCISCO. *Nomina di membri del dicastero per i vescovi*. Bolletino [della] Sala Stampa della Santa Sede, Vaticano, 13 jul. 2022. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/07/13/0533/01074.html#membri>. Acesso em: 20 dez. 2022.

mudou, como tratou de despertar a consciência da missionariedade em todos os membros de sua Igreja arquidiocesana. Vitor Manuel Fernández, em sua obra *El programa del Papa Francisco. ¿Adónde nos quiere llevar?*, ressalta que, para Francisco, Aparecida foi a “redescoberta da Igreja não só evangelizadora, mas essencialmente missionária, necessariamente “em saída”, orientada para todas as periferias que precisam da luz do Evangelho”⁴⁷. Sendo assim, devemos reconhecer que a sua proposta apresentada de modo especial na *Evangelii Gaudium* não se trata de uma realidade nova, ou apenas fruto do Sínodo de 2012, mas sim algo que já tinha amadurecido em seu coração e que, ao assumir o pontificado, sabe que não há outra via de mudança, senão aquela que Aparecida já havia proposto.

Desse modo, Francisco, utilizando-se do texto da V Conferência de Aparecida, mostrou sua convicção profunda de como pensa a ação pastoral da Igreja Universal. Em relação à ação evangelizadora, deixa claro que não há mais condições de permanecer como está, pois a Igreja nasceu da missão e sua índole não pode ser outra, senão missionária. Logo, se se deseja estar de acordo com a verdade desejada por Deus para a Igreja, se faz necessário que esta assuma uma postura de mudança que consiste em “passar de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (Dap 370, EG 15).

Francisco retomou o tema da “pastoral de conservação”, que em Medellín já havia sido ressaltado como responsável por uma ação evangelizadora sem muitos frutos (Cf. DM 6,1) e trouxe à tona o que Aparecida, desde 2007, convocou a Igreja da América latina a assumir, como forma de superar o modelo de “pastoral de conservação” através de uma transformação que parte desde dentro e, consequentemente abrir-se à missão. Por isso, desde o início do seu ministério, ouvimos Francisco salientar que se faz necessário superar o modelo de pastoral de conservação onde “predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização” (EG 63). E a via apontada é a da “conversão pastoral e missionária”, conforme podemos notar em suas palavras: “espero que todas as comunidades se esforcem por atuar os meios necessários para avançar no caminho duma conversão pastoral e missionária, que não pode deixar as coisas como estão” (EG 25). Isso implica que todas as instâncias da pastoral ordinária devem assumir uma nova postura, a fim de que seja capaz de comunicar a alegria do evangelho, e desse modo se realize seu desejo de que passemos do administrativo ao primado da pastoral, do institucional ao carisma da Igreja.

⁴⁷ FERNÁNDEZ; RODARI, *El programa del Papa Francisco*, p. 30.

3.7.1 A conversão pessoal é a base da conversão pastoral, missionária e em saída

Na introdução da *Evangelii Gaudium* Francisco faz um convite para que todo cristão renove seu encontro pessoal com Jesus Cristo ou, pelo menos, se deixe encontrar por Ele (Cf. EG 3). É seu desejo que todos se tornem portadores do anúncio de que Deus nos ama, nos salva, e está vivo. Por isso, reforça que a Igreja é chamada a anunciar “o Evangelho da misericórdia que a faz ser, do qual vive e pelo qual é constantemente evangelizada”⁴⁸. E porque é portadora do Evangelho da misericórdia, a Igreja tem o dever de ir ao encontro de todos os necessitados, e não deixar que ninguém fique de fora.

Entretanto, não se pode partir para a missão sem que haja uma verdadeira conversão pastoral em vista da missão, que abarque todas as instâncias e estruturas da Igreja. Desse modo, declara: “sonho com uma opção missionária capaz de transformar tudo, para que os costumes, os estilos, os horários, a linguagem e toda a estrutura eclesial se tornem um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação” (EG 27). Francisco convoca a Igreja a uma atitude de partida, de êxodo, contrária à pastoral de manutenção e autorreferencial. Mas para isso há que se abrir a uma nova atitude que ele intitula de “Igreja em saída” (Cf. EG 20-24). A Igreja passar a ser definida por Francisco como uma “comunidade de discípulos missionários que ‘primeireiam’, que se envolvem, que acompanham, que frutificam e festejam” (EG 24). E a exemplo de Aparecida, declara que a Igreja deve assumir um “estado permanente de missão” (EG, 25). Entretanto, deixa claro que, para alcançar a vida de cada ser humano com a proclamação central do Evangelho, se faz necessário abandonar o pessimismo e agir com ousadia, criatividade, generosidade e coragem, pois a dinâmica missionária exige da Igreja “repensar os objetivos, estruturas, estilo e métodos evangelizadores de nossas próprias comunidades” (EG, 33).

Para Francisco a Igreja deve deixar de lado o que não serve ou o que a prejudica na sua missão de anunciar o Evangelho com liberdade. Mais do que nunca, se faz necessário ir ao encontro do outro e realizar a proclamação do amor misericordioso de Deus. Porém, para que isso se torne realidade, a Igreja deve “sair da própria comodidade e ter a coragem de alcançar todas as periferias que precisam da luz do Evangelho” (EG 20), pois “a alegria do Evangelho é para todo o povo, não se pode excluir ninguém” (EG 23). Pois uma verdadeira comunidade missionária não fica à distância, ao contrário, ela se aproxima a ponto de contrair “o cheiro das

⁴⁸ REPOLE, *O sonho de uma Igreja evangélica*, p. 60.

ovelhas”. Somente saindo da sua zona de conforto e se aproximando, a comunidade eclesial saberá qual o melhor “modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova” (EG 24). Mas, para isso, se faz necessário ir ao encontro.

Não basta ter ciência de que a índole da Igreja é a missão. No nosso contexto, para o bom êxito da missão, se faz antes necessária uma verdadeira “conversão pastoral e missionária” (EG 25), que por sua vez exige de todos os membros da Igreja uma conversão pessoal, “que lhes restitua a alegria da fé e o desejo de se comprometerem com o Evangelho” (EG 14). A partir da conversão dos membros é que se deve passar para o processo de conversão pastoral e missionária. Embora Francisco deixe claro a grave necessidade de uma reforma das estruturas, chegando a dizer que “há estruturas eclesiais que podem chegar a condicionar um dinamismo evangelizador” (EG 26), a reforma das estruturas eclesiásticas deve acontecer para que elas se tornem aptas à missão. Ao mesmo tempo pede que “a pastoral ordinária em todas as suas instâncias seja mais comunicativa e aberta”. Os agentes pastorais precisam se convencer de assumir uma “atitude constante de ‘saída’ e, assim, favoreça a resposta positiva de todos aqueles a quem Jesus oferece a sua amizade” (EG 27).

A conversão pastoral missionária deve ocorrer em primeiro lugar nas “Igrejas particulares e seus planos pastorais” (EG 30-31). Porém, o Papado e as estruturas centrais da Igreja também devem entrar no mesmo processo de conversão (Cf. EG 32), pois não há outro caminho de concretização do sonho da Igreja missionária e em saída, senão que todos os membros da Igreja se empenhem e se deixem transformar pela força do Evangelho, e consequentemente, todas as instâncias da Igreja passem por um verdadeiro processo de conversão pastoral, ou seja, realize um caminho de profunda transformação, marcado pelo abandono de posturas arcaicas, para tornar-se “uma Igreja com as portas abertas” (EG 46), pronta para acolher a todos, de modo especial os pobres. Sendo assim, para se fazer compreender, Francisco utiliza-se de um posicionamento que já era seu quando ainda o arcebispo de Buenos Aires, conforme ele mesmo afirma:

Prefiro uma Igreja acidentada, ferida e enlameada por ter saído pelas estradas, a uma Igreja enferma pelo fechamento e a comodidade de se agarrar às próprias seguranças. Não quero uma Igreja preocupada com ser o centro, e que acaba presa num emaranhado de obsessões e procedimentos (EG 49).

Entende-se, portanto, que Francisco quer uma Igreja descentralizadora e descomplicada, que deseje ser mais simples, não voltada sobre si mesma, mas que saia em missão. De modo especial, que seja capaz de ir ao encontro às periferias geográficas e humanas, consciente de que foi enviada a servir a todos, mas em primeiro lugar os pobres e sofredores, ao mesmo tempo

que se torne capaz de diálogo com a sociedade, mostrando-se sempre acolhimento. França Miranda ressalta que para Francisco “o salvífico é prioritário de tal modo que o doutrinal, o jurídico e o institucional estão a seu serviço e dele recebem seu sentido último”⁴⁹.

3.8 A colegialidade como via de descentralização

Um fato que chamou a atenção de muitos teólogos e merece um ressaltado nesse momento é que, ao se apresentar ao povo, em sua primeira aparição no balcão da Basílica São Pedro, Francisco preferiu, ao invés de se intitular como o Papa, como fizeram seus predecessores, denominar-se como o “bispo de Roma”⁵⁰. Kasper afirma que, apresentando-se desse modo, Francisco retomou a eclesiologia da Igreja antiga, renovada pelo Concílio Vaticano II através da eclesiologia de comunhão. Pois “ao bispo de Roma corresponde a responsabilidade pastoral sobre a Igreja universal. Ser bispo de Roma não é aqui um apêndice do ministério petrino, senão seu fundamento”⁵¹. Nesse sentido, Galli ressalta que, ao intitular-se bispo de Roma, Francisco demonstrou que os ensinamentos do Vaticano II fazem parte do seu cotidiano, e ao recordar que ele é o bispo de Roma, devemos intuir que já no seu primeiro ato público, ele tinha como intuito demonstrar que seu papel é o de “promover um dinâmico intercâmbio de dons entre as igrejas particulares e uma colegialidade integral entre os bispos”⁵². Também Aquino Jr salienta que seu modo de se apresentar “é extremamente importante para a colegialidade episcopal e para a unidade das igrejas cristãs, além de estar em profunda sintonia com a eclesiologia do Vaticano II”⁵³, que nos faz sempre recordar que entre a Igreja Universal e as Igrejas locais há uma interpenetração, conforme Kasper salienta: “a única Igreja universal existe dentro e a partir das Igrejas locais (LG 23); e, por outro lado, as igrejas locais vivem, com e a partir da única Igreja universal”⁵⁴.

⁴⁹ FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Alegria do Evangelho e sua incidência em nossa Igreja*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v.47, p. 401-416, mai./ago.2014. [Arquivo em pdf] Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23708/23708.PDF> Acesso em: 20 dez. 2022. p. 406.

⁵⁰ Também São João Paulo II na Encíclica *Ut Unum Sint* prefere usar o título de Bispo de Roma, ao invés de Papa, com o intuito de salientar sua missão junto aos demais bispos. Reconhece ser membro do colégio e salienta a missão de ser princípio visível de unidade da Igreja, e o primeiro responsável para promover a ação ecumênica (Cf. UUS 95).

⁵¹ KASPER, *El Papa Francisco*, (posizioni nel Kindle 752-754).

⁵² GALLI, Carlos María. *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida*. 2.ed. 2a reimp. Buenos Aires: Agape Libros, 2014. p. 354.

⁵³ AQUINO Jr., Francisco. *Os pobres e a pobreza como carisma fundante da Igreja de Jesus*. In: PASSOS, João Décio et SOARES, Afonso M. L. [org.]. *Francisco: renasce a esperança*, São Paulo: Paulinas, 2013. p. 213.

⁵⁴ KASPER, *El Papa Francisco*, (posizioni nel Kindle 752-754).

Desse modo, podemos afirmar que Francisco, desde o início do seu pontificado, quis dar a entender ao mundo que se reconhece como membro do Colégio dos bispos e não como o seu superior. Ele tem clareza de que o “sucessor de Pedro é o princípio e o fundamento perpétuo e visível da unidade, quer dos bispos, quer da multidão dos fiéis” (LG 23), e ao assumir a missão de estar à frente da Igreja que preside as demais Igrejas na caridade, não quis questionar o ministério petrino como centro visível da unidade da Igreja, porém também não quis ser considerado como o bispo da Igreja Universal, mas sim, como quem de fato ele é, um irmão, que exerce um papel essencial na Igreja, mas não de forma centralizadora, e sim colegial.

Reconhecemos que o pontificado de Francisco é marcado pela colegialidade e a descentralização, e a *Evangelii Gaudium* nos ajuda a compreender ainda mais, pois ao tratar dos desafios da evangelização, Francisco deixou claro que nas Igrejas locais o discernimento deve estar sob a responsabilidade de seus bispos. Por isso afirma: “não convém que o Papa substitua os episcopados locais no discernimento de todas as problemáticas que sobressaem nos seus territórios. Nesse sentido, sinto a necessidade de proceder a uma salutar ‘descentralização’” (EG 16)⁵⁵. Vale ressaltar que nesse trecho ele não se refere a si como bispo de Roma, mas sim o Papa. Mas ao se colocar dentro do mesmo processo que ele propõe à Igreja, que é o da conversão, envolve o papado e volta a chamar-se como bispo de Roma:

Dado que sou chamado a viver aquilo que peço aos outros, devo pensar também numa conversão do papado. Compete-me, como Bispo de Roma, permanecer aberto às sugestões tendentes a um exercício do meu ministério que o torne mais fiel ao significado que Jesus Cristo pretendeu dar-lhe e às necessidades atuais da evangelização (EG 32).

Como Pastor, Francisco coloca-se em movimento e guia o processo de conversão pastoral a partir do seu exemplo. Por isso, reforça o valor da colegialidade exercida através da autonomia das Igrejas locais, uma vez que estas não são províncias da Igreja universal, da qual dependam, nem os bispos vigários do Romano Pontífice. Ele tem claro dentro de si o que declara o Concílio Vaticano II através do decreto *Christus Dominus* “aos bispos, como a sucessores dos apóstolos, compete de per si, na diocese a cada um confiada, todo o poder ordinário, próprio e imediato, que é necessário para o exercício do seu cargo pastoral” (ChD 8).

⁵⁵ Na comemoração dos 50 anos do Sínodo dos bispos, em outubro de 2015, o Pontífice faz uso dessa mesma citação para ressaltar que numa Igreja sinodal se faz necessária a descentralização, pois a seu ver ainda estamos no meio do caminho. Cf. FRANCISCO. *Discurso na Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*. Aula Paulo VI. Sábado, 17 de outubro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html#_ftn25. Acesso em: 10 out. de 2022.

Nessa mesma direção o documento de Aparecida, que é sempre um referencial para Francisco, já havia ressaltado sobre a comunhão que deve haver no colégio episcopal, recordando que:

a Igreja particular é totalmente Igreja, mas não é toda a Igreja. É a realização concreta do mistério da Igreja Universal em um determinado tempo e lugar. Para isso, ela deve estar em comunhão com as outras igrejas locais e sob o pastoreio supremo do Papa, o Bispo de Roma, que preside todas as Igrejas (DAp 166).

Que a descentralização pela via da colegialidade faça parte da proposta de reforma da Igreja que Francisco iniciou, não existe dúvidas. No entanto, Francisco também tem um grande apreço pela colegialidade intermédia, que se dá na Igreja através das conferências episcopais. Ele entende o serviço das conferências episcopais como uma via de superação da centralização “de” e “em Roma” e, de modo especial, na pessoa do Papa. Conforme podemos constatar em suas próprias palavras, Francisco vê a centralização como via de complicação para a dinâmica missionária da Igreja:

O Concílio Vaticano II afirmou que, à semelhança das antigas Igrejas patriarcais, as conferências episcopais podem “aportar uma contribuição múltipla e fecunda, para que o sentimento colegial leve a aplicações concretas”. Mas este desejo não se realizou plenamente, porque ainda não foi suficientemente explicitado um estatuto das conferências episcopais que as considere como sujeitos de atribuições concretas, incluindo alguma autêntica autoridade doutrinal. Uma centralização excessiva, em vez de ajudar, complica a vida da Igreja e a sua dinâmica missionária (EG 32).

Embora Francisco faça referência à falta de um estatuto que autentique a autoridade doutrinal das conferências episcopais, quando se mergulha na leitura da *Evangelii Gaudium* é possível constatar que Francisco inaugurou uma nova metodologia, de modo especial recorrendo a vários textos de conferências de episcopados de várias partes do mundo⁵⁶. Para Francisco, as conferências episcopais são sumamente importantes e necessárias e devem entrar no processo de conversão pastoral, de modo especial tornando-se responsáveis em seu contexto pela concretização da proposta de Igreja missionária e em saída. Pois uma Igreja missionária “necessita de instâncias intermédias para tomar as decisões que podem favorecer o anúncio evangélico em Igrejas que vivem em culturas também sensivelmente diversas entre si”⁵⁷.

⁵⁶ Francisco recorreu a várias conferências, nacionais e de modo especial duas das cinco Conferências Gerais do episcopado Latino-americano, a saber: Puebla (EG 115. 122); Aparecida: (EG 10. 15. 25. 83.122. 124); Conferência dos Bispos Católicos dos Estados Unidos: (Cf. EG 64. 220); Conferência dos Bispos da França: (Cf. EG 66); Comissão Social dos Bispos de França: (Cf. EG 205); Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (EG 191); Conferência dos Bispos católicos das Filipinas (EG 215); Conferência Episcopal [da República democrática do Congo (EG 230) e Conferência dos Bispos da Índia (EG 250).

⁵⁷ REPOLE, *O sonho de uma Igreja evangélica*, p. 82.

3.9 A Sinodalidade: antídoto conta o clericalismo

Juntamente com a realidade da colegialidade, há um outro elemento que deve ser interpretado como profético e tem relação direta com a concepção de Francisco como bispo de Roma, que é a sinodalidade. Se voltarmos à cena de sua primeira aparição no balcão da Basílica São Pedro constatamos que ele fez questão de chamar a todos de irmãos, seja os cardeais, seja a comunidade presente na praça. E depois de pedir uma oração pelo bispo emérito, e em seguida pedir que rezassem por ele, curvando-se diante de todos, na sequência salientou:

e agora iniciamos este caminho, Bispo e povo... este caminho da Igreja de Roma, que é aquela que preside a todas as Igrejas na caridade. Um caminho de fraternidade, de amor, de confiança entre nós. Rezemos sempre uns pelos outros. Rezemos por todo o mundo, para que haja uma grande fraternidade.⁵⁸

Embora não haja nenhuma menção à palavra sínodo ou sinodalidade é de senso comum que naquele primeiro momento, em sua primeira aparição pública, através daqueles gestos e palavras para com o povo de Deus, Francisco deixa transparecer seu desejo pela concretização da sinodalidade. O reforçar do início de um caminho demonstra ter a intenção de reforçar que se trata de um caminhar juntos em vista de um crescimento harmonioso entre o povo de Deus (leigos e Pastores) e o bispo de Roma. Francisco é desejoso que todos entendam que, através da sinodalidade, a igreja cresce unida com o serviço do primado de Pedro. Cada vez mais, Francisco tem reforçado que a sinodalidade é uma “dimensão constitutiva da Igreja”⁵⁹. Por isso, sempre explica que a Igreja realiza o caminho junto. Porém, ao longo do caminho alguém precisa se abaixar para servir os irmãos. No caso do caminho sinodal quem se abaixa primeiro é o bispo de Roma, e em cada Igreja local quem se abaixa é o bispo, pois Francisco tem claro que, na Igreja, o poder é serviço (Cf. EG 104). Ele mesmo nos recorda que “a imensa maioria do povo de Deus é constituída por leigos. Ao seu serviço, está uma minoria: os ministros ordenados” (EG 102).

Para Francisco, “o caminho da sinodalidade é precisamente o caminho que Deus espera da Igreja do terceiro milênio”⁶⁰. Uma vez que Igreja é o povo de Deus, existe, portanto, uma

⁵⁸ FRANCISCO. *Bênção Apostólica Urbi et Orbi*. Primeira saudação do Papa Francisco. Sacada central da Basílica Vaticana. Quarta-feira, 13 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 01 out. 2022.

⁵⁹ FRANCISCO. *Discurso na Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, 2015; COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018 (Documentos da Igreja, 48). n. 1.

⁶⁰ FRANCISCO. *Discurso na Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*, 2015; COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. n. 1.

corresponsabilidade batismal na participação de todos na vida e na missão da Igreja. Os bispos e os ministros ordenados têm sua responsabilidade própria como pastores. Todavia, é urgente e necessária a participação ativa dos leigos e leigas nas tomadas de decisões e nas escolhas pastorais, uma vez que eles têm “a sensibilidade para encontrar novas sendas para o caminho, tem o ‘*sensus fidei*’” (EG 31)⁶¹. Para esclarecer àqueles que tem resistência ao caminho sinodal, na comemoração dos cinquenta anos da instituição do Sínodo dos bispos, acrescenta “o *sensus fidei* impede uma rígida separação entre *Ecclesia docens* e *Ecclesia discens*, já que também o Rebanho possui a sua ‘intuição’ para discernir as novas estradas que o Senhor revela à Igreja”⁶². Repole corrobora que “a sinodalidade investe, portanto, a Igreja em todo o nível de seu existir; e é essencial para que, na escuta de todos, se ouça voz do Espírito”⁶³.

Embora já tenhamos celebrado os sessenta anos do início do Concílio Vaticano II e tenham ocorrido muitas mudanças na experiência pastoral, ainda vemos fortes resquícios de uma pastoral marcada pelo clericalismo, que Francisco diz que “nasce duma visão elitista e excludente da vocação, que interpreta o ministério recebido mais como um poder a ser exercido do que como um serviço gratuito e generoso a oferecer”⁶⁴. Para Francisco o clericalismo nada mais é que “uma das perversões mais hediondas da Igreja”⁶⁵, e portanto, a “raiz de muitos males na Igreja”⁶⁶. Por isso, desde o início do seu pontificado vem dando indicações que a verdadeira conversão pastoral começará a se tornar realidade pela via do caminho sinodal, uma vez que a sinodalidade deve ser compreendida como o melhor antídoto de superação do clericalismo.

Vale recordar que a proposta de Francisco de que a Igreja se abra a um caminho sinodal não tem intuito de gerar conflitos na estrutura de comunhão ou na hierarquia. Muito pelo contrário. Como um bom filho do Concílio ele está apenas propondo que se torne verdade o ensinamento da *Lumen Gentium*, que nos afirma que:

Cristo, o grande Profeta que, pelo testemunho de sua vida e pela força da sua palavra, proclamou o reino do Pai, cumpre o seu múnus profético até à plena

⁶¹ FRANCISCO. *Discurso no encontro com o clero, os consagrados e os membros dos conselhos pastorais*. Visita pastoral do Papa Francisco a Assis. Catedral de São Rufino, Assis. Sexta-feira, 4 de outubro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131004_clero-assisi.html. Acesso em: 01 out. 2022.

⁶² FRANCISCO. *Discurso na Comemoração do quinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*. 2015.

⁶³ REPOLE, *O sonho de uma Igreja evangélica: A eclesiologia do Papa Francisco*, p. 78.

⁶⁴ FRANCISCO. *Discurso na abertura da XV Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos bispos* [Sínodo dos jovens]. Auditório do Sínodo, Quarta-feira, 3 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html. Acesso em: 18 nov. 2022.

⁶⁵ FRANCISCO. *Discurso durante o encontro dos jovens com o santo padre e os padres sinodais*. Sala Paulo VI, Sábado, 6 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181006_giovani-sinodo.html. Acesso em: 21 dez. 2022.

⁶⁶ FRANCISCO. *Discurso durante o encontro dos jovens com o santo padre e os padres sinodais*, 2018.

manifestação da glória, não apenas por meio da hierarquia, que ensina em seu nome e com o seu poder, mas também por meio dos leigos, aos quais estabelece suas testemunhas e aos quais dá o sentido da fé e a graça da palavra (LG 35).

Devemos ter claro que a hierarquia não é a única que foi munida pelo Senhor com o dom do *sensus fidei*, uma vez que todos os batizados pela graça que recebeu no batismo se tornam corresponsáveis da Igreja e pela missão da Igreja e, por isso, também responsáveis pelo discernimento a partir do sentido da fé (LG 12). Entretanto, deve-se estar atento à realidade que a Comissão Teológica Internacional salienta, ao dizer que se faz necessário “intensificar a mútua colaboração de todos no testemunho evangelizador a partir dos dons e das funções de cada um, sem clericalizar os leigos e sem secularizar os clérigos”⁶⁷. Vale lembrar que a “comunhão e a participação”, realidade fortemente proclamada em Puebla e ressaltada em Aparecida, só é verdadeira se vivenciada por todos os membros da Igreja, de modo especial, os leigos⁶⁸.

Francisco tem se esforçado para fazer-nos entender que a colegialidade e a sinodalidade são marcas da identidade da Igreja Universal. Todavia, entende-se que se faz necessário que se torne uma realidade concreta em todas as comunidades eclesiais: dioceses, paróquias e pequenas comunidades de base, além das Conferências e Conselhos Episcopais que já são os responsáveis pelo processo no contexto local e continental⁶⁹. Kasper nos recorda que “no processo sinodal fica claro que a Igreja é uma unidade na multiplicidade de Igrejas locais, comunidades nas Igrejas e de carismas”⁷⁰. Portanto, a sinodalidade não pode ser vista apenas como um modo de proceder da Igreja, mas sim o modo de viver e agir do Povo de Deus, que se manifesta e realiza sua caminhada em conjunto, participando efetivamente da Igreja, reunindo-se em assembleias e conselhos, seja a nível paroquial, diocesano, nacional, continental e universal⁷¹. Lembrando que Francisco pensa a colegialidade-sinodal em vista da missão, e para darmos os devidos passos necessários exige-se sabedoria, tempo e participação de todos. Pois

⁶⁷ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*, n. 104.

⁶⁸ Aparecida enfatiza a participação ativa do leigo na missão da Igreja e ressalta que se faz necessário “abrir para eles espaços de participação e a confiar ministérios e responsabilidades em uma Igreja onde todos vivam de maneira responsável seu compromisso cristão” (DAp 211).

⁶⁹ Sobre o papel de cada instância eclesial pode-se buscar aprofundar no texto da Comissão Teológica internacional. O capítulo III é dedicado aos sujeitos, estruturas, processos, eventos sinodais. O capítulo IV trata da conversão como modo de viver a sinodalidade.

⁷⁰ KASPER, *El Papa Francisco*, (posizioni nel Kindle 822-828).

⁷¹ Estamos em pleno percurso sinodal em vista do Sínodo de 2023. Sem sombra de dúvidas tem sido um tempo de graça, que nos encaminha para uma Igreja sinodal. Desde já temos experimentado a graça de ser a Igreja da escuta, seja da voz dos irmãos e irmãs do mundo inteiro, seja do Espírito que nos fala através deles. Francisco sempre ressalta que o Sínodo dos Bispos é a manifestação de um caminho realizado por uma Igreja Sinodal, caminho este que se concretiza em três níveis: na realidade diocesana, a partir da escuta do povo de Deus, através dos seus vários organismos pastorais; na província eclesial, bem como nas conferências episcopais, ao mesmo tempo que nas assembleias continentais; e em último nível, na Igreja universal, quando através do Sínodo dos bispos a colegialidade episcopal transparece o caminho que percorreram juntos.

para que haja verdadeiramente comunhão, discernimento, não se pode deixar de lado a autoridade apostólica da parte dos pastores, mas jamais pode faltar a participação dos leigos.

Francisco, desde os primeiros instantes de seu ministério, nos deixou entender que quer uma “Igreja pobre e para os pobres”, onde todos possam participar com igual dignidade e tem consciência do seu papel. Ao mesmo tempo nos convocou e dá exemplo de conversão e compromisso com o Evangelho. Desse modo, devemos compreender também a paróquia e o que Francisco deseja para esta.

3.10 Conclusão

Durante nossa pesquisa não foi fácil encontrar autores e obras que tratassem do tema da paróquia no pontificado de Francisco. De modo especial, temos as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil e a Instrução sobre a conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja da Congregação para o Clero. A maioria de nossas fontes autorais se ocuparam em entender seu perfil pastoral e o perfil da Igreja em tempos de Francisco. Não há dúvidas de que, para a maioria das pessoas, a presença fundamental da Igreja no mundo se dá de modo concreto através da paróquia. Tanto é verdade que quando se fala em conversão pastoral e missionária um dos primeiros âmbitos que nos vem à mente é a comunidade paroquial. Sendo assim, sentimos a necessidade de entender o perfil pastoral de Francisco, para assim conseguir compreender o que ele espera da paróquia.

Como vimos anteriormente, Francisco tem esclarecido aos poucos o que porventura não ficou claro a partir de seus gestos e palavras do início do seu pontificado, da mesma forma que seu programa para a Igreja, apresentado através da *Evangelii Gaudium*. A escolha do seu nome trouxe muita esperança para todos. Embora tenha uma explicação simples, que lhe veio o discernimento a partir da indicação do saudoso Cardeal Cláudio Hummes, de não se esquecer dos pobres. Hoje toda Igreja já tem claro que sua escolha por se chamar Francisco tem a ver com a sua predileção pelos pobres, com o sonho pela paz, com a busca pela unidade da Igreja e, principalmente, com seu sonho de uma Igreja pobre e para os pobres. Desde o primeiro instante, seu testemunho ajuda-nos a compreender tudo isso e, ao olhar para seu passado, consegue-se perceber que sempre foi um homem despojado. Como Pontífice apenas põe em prática o que acredita ser o melhor para a Igreja. Reconhece-se, pois, que assim como Francisco de Assis é sinal de docilidade e abertura ao Evangelho, Francisco, o Papa, se mostrou dócil e aberto ao Evangelho e convoca a Igreja a fazer a mesma experiência.

Seu testemunho de homem austero, despojado e simples demonstra a verdade a respeito de sua predileção pelos pobres, algo que trouxe de casa, mas que através de sua experiência como sacerdote e bispo latino-americano transformou-se em uma realidade pastoral através da opção preferencial pelos pobres. Hoje, Francisco recorda que se trata de uma opção teológica e não ideológica, e por isso não é reservada apenas a alguns membros da Igreja, mas sim à Igreja Universal. A partir de sua predileção pelos pobres, Francisco apresenta seu sonho de “Igreja pobre e para os pobres”, que nada mais é que uma Igreja que não se fecha. Ao contrário, mantém-se sempre de portas e coração aberto, pronta para acolher a todos, sem distinção e que reconhece nos pobres o Cristo presente e que clama por justiça. Por outro lado, uma “Igreja pobre e para os pobres” é também aquela que busca renovar-se a cada dia, em vista de tornar-se descomplicada, menos burocrática, porém séria e compromissada com o Evangelho, sendo capaz de ir em direção de todos, principalmente das periferias existenciais.

Por causa de sua eleição, seu regresso para a América Latina e, de modo especial, para a sua querida Buenos Aires, não pode acontecer. Todavia, Francisco mantém-se original, trazendo toda a carga de sua experiência latino-americana no exercício de seu ministério. Não é difícil encontrar em seu perfil pastoral traços do jeito de pensar e agir da Igreja Latino-americana, ou seja, de uma Igreja viva e que busca estar próxima do seu povo, através da sua evangélica opção preferencial pelos pobres, bem como as marcas da proposta de Aparecida, de abandonar a pastoral de conservação e tornar-se uma Igreja missionária. Sendo assim, reconhece-se que Aparecida é de fato o farol que ilumina a estrada que Francisco tem proposto para a Igreja, por meio do processo de conversão pastoral e missionária, em vistas de se tornar uma Igreja em saída.

Francisco é marcado pela eclesiologia do Concílio Vaticano II. Portanto, seu modo de compreender a Igreja é sempre como povo de Deus. Por isso, ao propor a conversão pastoral e missionária entende que todo o povo deve participar do processo, de modo especial os leigos, que são a maioria na Igreja. Por isso, não apenas através da *Evangelii Gaudium*, mas tantas outras ocasiões, Francisco é insistente no processo de conscientização da dignidade e do papel dos leigos na Igreja e na sociedade. No seio da Igreja preza-se para que haja maior participação dos leigos, inclusive nos processos decisórios, ao mesmo tempo que na dinâmica missionária.

Reconhece-se que Francisco nunca se demonstrou satisfeito com o modelo de Igreja centrada e centralizadora em Roma ou no papado. Por isso, quando fala da participação de todos no processo de conversão pastoral faz questão de envolver inclusive o papado nessa dinâmica de mudança e conversão. Constata-se uma busca insistente para que a descentralização se torne concreta e, assim, aconteça um governo colegiado da Igreja. De modo especial tem efetivado

essa sua proposta no ato de devolver aos bispos e às conferências episcopais a responsabilidade que lhes são devidas, sempre reconhecendo nesse processo um crescimento na dinâmica da colegialidade. Francisco também se demonstra inquieto e insatisfeito com a realidade tão forte do clericalismo presente na Igreja. Por isso, é persistente em dizer que há uma urgente necessidade de os leigos voltarem a participar efetivamente no processo de tomadas de decisões na Igreja e no governo da Igreja.

No que diz respeito à Cúria Romana, sabe-se que já indicou vários leigos para assumir papéis relevantes. Realidade que ele deseja que também aconteça nas dioceses e paróquias, de modo especial, através da participação ativa dos leigos nos conselhos econômicos e pastoral. Desse modo, se concretiza tanto a colegialidade, no sentido de se abrir à proposta de decisão colegiada, como a sinodalidade, realidade que Francisco enxerga como caminho que o Espírito Santo tem desejado que se torne realidade no seio da Igreja, como um antídoto contra o mal do clericalismo. Através da Sinodalidade a comunidade eclesial torna efetiva a realidade de ser povo de Deus, bem como exerce a comunhão e a participação.

Desde antes do Concílio Vaticano II já se falava em renovação paroquial. Vimos que, de modo especial na América Latina, a partir de cada Conferência Geral, não só se buscou aplicar a eclesiologia do Concílio, como também se vem aos poucos delineando o perfil pastoral da Igreja, que tem seu destaque na comunidade paroquial. E ainda que haja quem diga que a paróquia é na Igreja, uma estrutura caduca, não mais necessária pois tornou-se incapaz de responder às necessidades do tempo presente, afirmamos com Francisco e todos aqueles que acreditam que a paróquia está viva e deve continuar a exercer seu papel, pois continua sendo “ponto de inserção dos homens na vida da Igreja e no mistério da salvação, constitui a base primeira e indispensável de nossa ação pastoral” (PE, p. 31) como afirmaram os bispos brasileiros ao apresentar o Plano de Emergência em 1963⁷².

Porém, reconhece-se que para continuar sendo instrumento apto e capaz de responder às necessidades dos tempo atuais precisa abandonar definitivamente a “pastoral de conservação” e comprometer-se com o Evangelho através do processo de conversão pastoral, que envolve um verdadeiro processo de mudança que abarca: o jeito de ser e pensar; a renovação interior de cada um de seus membros; a capacidade de abandonar estruturas pastorais obsoletas e posturas pastorais de mera conservação, em vista de assumir a missão como dinâmica pastoral, e tornar-se uma Igreja em saída. Essa realidade já foi iniciada pela Igreja na América Latina e agora se torna referência para a Igreja Universal, como veremos a seguir.

⁷² CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*. (Cadernos da CNBB n.1 – 1963). Doc. 76. 2. ed., São Paulo: Paulinas, 2004. (PE)

4 A PARÓQUIA NA PERSPECTIVA DE FRANCISCO

Não há como entender a perspectiva de alguém se não nos colocarmos ao seu lado, conhecer sua história, conhecer as razões pelas quais ele pensa, desse ou daquele outro jeito. Para se alcançar o objetivo de compreender a perspectiva de Francisco com relação à paróquia, entendeu-se que não haveria outro modo sem antes revisar sua história pessoal, suas raízes teológico-pastorais, seu modo de pensar e agir no exercício do múnus pastoral. Temos claro que toda sua experiência, o relacionamento com os familiares, com todos que fizeram parte de sua história, professores, formadores e amigos, ajudaram-no a viver a dinâmica da fé, tanto no quesito de resposta para Deus, quanto na sua compreensão daquilo que Deus tem como desígnio para a Igreja. Da mesma forma que a formação recebida pela Companhia de Jesus, sua vivência como membro ativo da Igreja argentina e latino-americana, que não só acolheu, como buscou incessantemente aplicar o Concílio Vaticano II em seu território, não só lhe ofereceram possibilidades de aprendizados, mas se tornaram como que oleiros a moldar seu coração e sua alma de pastor.

Tem-se consciência de que a paróquia é o lugar, por excelência, que torna presente de alguma forma a Igreja visível, estabelecida em toda a terra, onde os fiéis podem se encontrar para percorrer seu caminho de crescimento e amadurecimento humano e espiritual; é também um espaço privilegiado para a vivência da missão da Igreja, onde aqueles que se dispõem ao serviço pastoral exercem seu ministério. De modo especial, podemos dizer que é uma instituição eclesial que, apesar dos desafios e de muitos questionamentos a seu respeito sobre sua validade, continua sendo necessária e não pode ser descartada, mas deve renovar-se a cada dia a fim de melhor cumprir seu papel no mundo. Sendo assim, neste último capítulo, buscar-se-á compreender a perspectiva de Francisco a respeito da Paróquia. Para isso, se fará um percurso que se entendeu como necessário, através de uma análise breve de como era a paróquia do Concílio Vaticano II; seguida da busca pelas luzes que o Concílio trouxe a respeito desta instituição milenar, bem como o modo com que as últimas quatro Conferências Gerais do episcopado latino-americano reconhecem a paróquia, e assim ter-se-á condições de apresentar o que Francisco quer para a paróquia.

4.1 Um breve resumo: a Paróquia antes do Concílio Vaticano II

4.1.1 A etimologia do termo paróquia

Quando buscamos pela etimologia da palavra paróquia encontramos no grego três termos que nos ajudam a entender seu dinamismo pastoral: o verbo *paroikein*, o substantivo *paroikia* e o adjetivo *paroikós*. O primeiro significa “residir com os outros” ou “ser um vizinho”. Também pode ser usado para indicar a situação de alguém que não tem residência fixa, “ser estrangeiro” ou “habitar como peregrino em qualquer parte”. Por isso, paróquia etimologicamente pode ser considerada como a comunidade dos crentes que se consideram estrangeiros. O segundo pode ser traduzido por morada, habitação em pátria estrangeira. Desse modo a *paroikia* é a comunidade daqueles que vivem juntos ou vivem no bairro, em um sentido local, remonta a necessidade de distinguir a Igreja presente em um lugar e tempo específicos.

O adjetivo *paroikós* equivale a vizinho, próximo, que habita junto. Nesse sentido, os cristãos são peregrinos residentes; embora vivam em casas e cidades, são peregrinos, pois estão sempre a caminho. Sendo assim, cada país estrangeiro é a nossa pátria e a nossa pátria deve ser tida sempre como uma terra estrangeira¹. Diante do exposto, deve-se entender a paróquia como “o rosto da Igreja peregrina”, que embora enraizada nos seus contextos territoriais, é ao mesmo tempo a Igreja em movimento encarnada na vida dos homens, que procurou através de suas diversas representações ao longo dos séculos adaptar-se à história dos homens, procurando sempre ser fiel ao Evangelho.

4.1.2 A paróquia: do surgimento até meados do Século XX

A Igreja primitiva de modo especial a que temos testemunho nos Atos dos apóstolos deve ser reconhecida, simultaneamente, como universal e local. Não é uma instituição fechada, debruçada sobre si mesma, mas sim aberta a todos. Seu primeiro germe era a Igreja nas casas, onde se partilhava a Palavra e a Eucaristia. Os apóstolos são responsáveis pela missão e a pregação, por isso são tidos como o fundamento da Igreja, que nasceu apostólica. Brighenti a

¹ Para melhor aprofundar sobre o tema consultar: GUERREIRA, Julio A. Ramos. *La pastoral parroquial*. In: GUERREIRA, Julio A. Ramos. Teología pastoral, Madrid: BAC, 1995. p. 341-362.; FLORISTÁN, Casiano. *Historia de la parroquia* In: FLORISTÁN, Casiano. *Para comprender la Parroquia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998, p. 11-18; ALMEIDA, Antonio José de. A trajetória histórica da paróquia. In: ALMEIDA, Antonio José de. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 21-62; Galli, Carlos María. *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida*. 2.ed. 2a reimp. Buenos Aires: Agape Libros, 2014. p.223-234.

define como a “Igreja da Palavra anunciada como Evangelho, acolhida e proclamada pelo testemunho e que, pela força do Espírito Santo, atualiza a salvação, sobretudo pelo batismo e a eucaristia”². É uma comunidade toda ministerial, os ministérios se distinguem, mas não se separam. Todos os seus membros são convertidos e vivem a fé na expectativa de que o Reino de Deus se faça presente no mundo.

Nos primeiros séculos a paróquia era chamada de “comunidade cristã” e sua presença era nas cidades. Era uma comunidade local, cujas características marcantes eram a comunhão e a missão. Era composta por um povo composto por batizados ativos, que era consultado e tomava parte nas decisões da comunidade. Naquele momento a comunidade ainda não era definida a partir de um território. Moreno descreve a paróquia dos primeiros séculos entendida como “um povo que se agrupava e formava uma comunidade ativa e corresponsável, com seus pastores (sacerdotes) presididos pelo Bispo”³.

Com a expansão missionária, novas comunidades cristãs foram formadas nas aldeias, fora das cidades e só assim as comunidades foram chamadas de paróquias. Floristán nos recorda que esse momento da história traz como marca a preocupação sacramental, uma vez que diminuiu o catecumenato dos adultos, deu-se a generalização do batismo dos recém-nascidos. As celebrações passaram a não acontecer mais nas casas, pois a partir de então, começaram a surgir os templos onde a comunidade se reunia e, conseqüentemente, surgiu a tensão da massificação e a territorialidade. E assim, a partir do século IV, a paróquia se tornou uma instituição eclesial, marcada pela presença dos fiéis de um território ao redor de um templo, com um pároco e um centro popular de serviços religiosos⁴.

Foi só a partir do século V que a Igreja se organizou nas cidades e no campo, sendo que na cidade estava o bispo que cuidava da realidade administrativa, e no campo, onde havia aumentado o número de fiéis, estavam os presbíteros e os diáconos permanentes que celebravam com o povo. Dá-se a partir desse contexto a configuração definitiva da paróquia do ponto de vista financeiro, administrativo e cultural, pois a paróquia era criada para a manutenção econômica do sacerdote. Era definido o seu território e a vinculação dos moradores para a experiência de Igreja. Entretanto, a realidade mais próxima à que temos hoje, onde um

² BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011. p. 20.

³ MORENO, José M. Díaz. Paróquia. In: SALVADOR, Carlos Corral; EMBIL, José M. Urteaga. *Diccionario de Derecho Canónico*. São Paulo: Loyola, 1997. p. 539-540.

⁴ FLORISTÁN, Casiano. *Parroquia*. In: FLORISTÁN, Casiano. *Nuevo diccionario de pastoral*. Madrid: San Pablo. 2002. p. 1069.

presbítero é responsável por uma pequena porção do povo de Deus de uma diocese passa a existir a partir do século VIII.

Entre o século VI e o século IX se desenvolveram dois tipos de pastoral na Igreja: a pastoral rural nas paróquias e a pastoral urbana, ainda em torno do bispo. A primeira manteve-se numa relação jurídica com o bispo, porém aos poucos foi ganhando autonomia. O segundo tipo de pastoral, por sua vez, continuou a ser desenvolvido em torno e sob orientação direta do bispo. Entretanto, como a pastoral rural começou a se expandir e influenciou também as estruturas urbanas, deu-se início à criação das paróquias nas cidades. No entanto, foi necessário aguardar um tempo para que ambas pudessem adquirir seu *status* jurídico, e assim as delimitações na diocese e da paróquia foram ficando mais claras⁵. Há uma característica forte desse período que deve ser salientada: aos presbíteros era confiado um território e, com isso, o direito de rendas fixas para o seu sustento e o sustento do culto, surgindo assim o conceito e a realidade do benefício⁶ paroquial, que consistia em uma região que se destinava a um sacerdote, da qual ele retirava seu sustento e a manutenção do culto.

A vida paroquial era estruturada em torno de dois eixos que tinham a ver com o ofício do pároco: administrar o benefício e atender sacramentalmente às almas. É nesse contexto histórico que se desenvolve de modo claro o culto e a instrução catequética. E assim o dinamismo pastoral ficou centrado na dimensão sacramental, por outro lado, o missionário foi sendo deixado de lado. O pároco era responsável por realizar quase todas as funções pastorais como: o batismo, o atendimento das confissões anuais, a comunhão na Páscoa, a bênção dos matrimônios e o cuidado dos enfermos através do viático, unção dos enfermos e os funerais⁷. Não se tem notícias de algum apostolado laico nesse período. A pertença à paróquia não era fruto de uma decisão pessoal e livre, mas sim pelo simples fato de ter nascido naquele lugar. Surge assim o sistema paroquial e estabeleceu-se os direitos da diocese e das paróquias.

⁵ É importante que se tenha em conta que até o Concílio de Niceia (325) a realidade da Igreja era totalmente urbana, no meio do povo, porém não se falava em realidade de territorialidade como senso de pertença para os fiéis. Foi na segunda metade do século IV que o território da competência do bispo, ou seja, a cidade e o campo à sua volta, passaram a ser chamado de diocese, a exemplo do termo *diócesis* herdado da linguagem jurídica romana; que designava as doze entidades administrativas do império romano, compreendendo cada uma delas várias províncias. Porém, por muito tempo o termo “diocese” concorreu com o de “paróquia”, sendo ambos sinônimos para designar o âmbito territorial da competência de um bispo. Só a partir do século XIII se imporá a palavra diocese no sentido que hoje conhecemos na Igreja latina. Cf. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*. Coimbra: Ed. Gráfica de Coimbra 2, 2010. p. 83-84.

⁶ O Código de 1917 no Cân. 1409 assim definia o benefício: “uma entidade jurídica constituída à perpetuidade pela autoridade eclesiástica competente, consistindo em um ofício sagrado e o direito de receber a renda ligada ao dote para o ofício”. O Código de 1983 exclui o benefício e devolve a responsabilidade às dioceses de prover a sustentação do clero com a ajuda das ofertas da comunidade.

⁷ FLORISTÁN, *Para comprender la Parroquia*, p. 14.

A partir do século X o termo Paróquia foi amplamente utilizado como *Ecclesia parochialis*, adotando o sistema paroquial como unidade pastoral, territorial, de culto e administrativa e os habitantes do território passaram a ser chamados de paroquianos. Porém, a relação entre pároco e paroquianos tem como base a reciprocidade de seus direitos-deveres, restritos a partir do território. Ao pároco o cuidado das almas é entendido no exercício do seu ministério, como realização de serviço religioso aos que pertencem à sua região geográfica. Por outra parte, os paroquianos deveriam cumprir várias obrigações como: cumprir o preceito dominical e o pascal, devolver o dízimo, cumprir os mandamentos da Igreja, batizar os recém-nascidos etc.⁸. Com um detalhe, a recepção dos sacramentos como a confissão anual e a comunhão pela Páscoa deveriam acontecer na sua paróquia⁹. Pode-se dizer que, nesse período, o pastoreio poderia se assemelhar a uma certa vigilância.

No século XVI o Concílio de Trento reiterou as normas existentes, porém acrescentou algumas mudanças como: a revisão da rede de paróquias; obrigação de residência dos clérigos; a obrigação da confissão anual dos fiéis ao pastor próprio da paróquia na qual residem e instituiu-se dois livros: “o livro de almas e os registros paroquiais”¹⁰. A partir de então surgiu a insistência da delimitação exata do território, “de modo que a cada paróquia correspondesse uma população concreta, confiada ao seu próprio sacerdote”¹¹, buscando evitar conflitos de competência e jurisdição, ou seja, a paróquia foi definida pelo Concílio de Trento “como uma *pars* da diocese, dotada de sua própria igreja, com uma população que vive em fronteiras bem definidas, confiada, cada uma, aos cuidados de seu próprio pastor, que tinha que viver no território”¹².

Com a regra de “um pároco, uma igreja, uma paróquia”, cada padre passou a ter um rebanho delimitado por uma circunscrição, o que facilitaria para gerar um vínculo mais estreito entre o pároco e seus fiéis, até mesmo porque, a partir daquele momento, o padre passou a residir na sua paróquia, e com essa norma somou-se o dever de conhecer seus fiéis, um a um, bem como suas famílias. Faz-se mister lembrar que nesse período da história as paróquias eram o ponto de referência da sociedade, onde se registravam os nascimentos, os casamentos e os óbitos. Embora o Concílio de Trento, para facilitar o pastoreio, tenha recomendado a divisão

⁸ FLORISTÁN, *Para comprender la Parroquia*, p. 14.

⁹ BORRAS; ROUTHIER, *A Nova Paróquia*, p. 22.

¹⁰ BORRAS; ROUTHIER, *A Nova Paróquia*, p. 26.

¹¹ BORRAS; ROUTHIER, *A Nova Paróquia*, p. 23.

¹² VILLATA, Giovanni; CIAMPOLINI, Tiziana. *La parrocchia innovativa*. Progettare la pastorale a partire dal territorio, Bologna: EDB, 2016. p. 36.

dos territórios paroquiais extensos em unidades menores, a burocracia que adveio não tornou a paróquia atraente, principalmente para os mais pobres.

Essa é a realidade que, de modo especial, a Igreja Latino-americana herda, e com a qual convivemos até o advento do Concílio Vaticano II. Por isso, não podemos fechar os olhos para os diversos desafios que enfrentados. Sabemos que se trata de uma estrutura que se solidificou ao longo dos séculos, mas que permaneceu volátil, muito dependente da iniciativa e da proposta do pároco, que exerce várias funções na comunidade: religiosa, magisterial, cultural, pastoral e administrativa. No Brasil, os bispos através no Documento 100 da CNBB declaram uma realidade que precisa ser mudada urgente, pois “o modelo paroquial brasileiro, em sua grande maioria, depende da atividade dos presbíteros, seja na missão evangelizadora, na celebração dos sacramentos, na formação, seja na administração dos bens” (Doc. 100 da CNBB, n. 32)

Vale recordar que na paróquia tridentina não há um sentido comunitário. Brighenti nos recorda que sua ação pastoral “é uma ação massiva, circunscrita a um território, sem atenção às pessoas enquanto indivíduos e presentes em ambientes para além do mundo da moradia”¹³. Aos fiéis cabe participar apenas com suas ofertas, pois a base da vida paroquial está centrada, de acordo com Floristán, na “autoridade sagrada do pároco, na celebração da missa e dos sacramentos, na pregação e na catequese”¹⁴. Em outras palavras, a ação pastoral paroquial está centrada na formação doutrinal, moral e na celebração dos sacramentos. Enquanto isso, a maioria dos fiéis se refugiava no pietismo da salvação individualista e nos devocionismos que foram nascendo ao longo dos séculos. Se o padre não tinha uma visão pastoral e eclesial muito ajustada, a pastoral na comunidade ficava muito comprometida. O que já naquela época fazia com que se acendesse uma luz de alerta em relação à vida da comunidade paroquial que girava em torno da vontade do pároco.

Como veremos abaixo, a partir do Concílio Vaticano II a Igreja recebeu um impulso através do sopro do Espírito e muitas realidades que acabamos de ver não deveriam mais ser aceitas. Dentre elas, merece destaque o reconhecimento da dignidade de todos os membros da Igreja, bem como a motivação para o protagonismo dos leigos na ação evangelizadora da Igreja e no mundo. Entretanto, infelizmente, se sabe que em muitas de nossas comunidades paroquiais, a realidade da pastoral ainda continua como antes, com a ação pastoral ainda centrada na pessoa do pároco e os demais membros do povo de Deus pouco se manifestam. Vale ressaltar que a Igreja no Brasil, respondendo ao apelo de São João XXIII, através do Plano de Emergência de

¹³ BRIGHENTI, *A pastoral dá o que pensar*, p. 29.

¹⁴ FLORISTÁN, *Para comprender la Parroquia*, p. 16.

1963¹⁵, começou a dar passos para a renovação paroquial antes da promulgação da *Lumen Gentium*. Naquele momento os bispos brasileiros já apresentaram o reconhecimento da participação da paróquia no tríplice múnus de Cristo e salientavam que a função da paróquia consistia em “orientar, santificar e dirigir a consciência dos leigos para que construam uma civilização, que realize o melhor possível o bem comum temporal e possibilite a todos a realização de seu destino sobrenatural” (PE, p. 34). Portanto, a Igreja do Brasil, antes mesmo que o Concílio fizesse alguma declaração, pelo menos a nível de reflexão teológica, já havia dado um passo para reconhecer que na paróquia existem dois sujeitos eclesiais: o pároco e os leigos. Um outro dado relevante é que também o documento já reforça que a paróquia não deveria ser vista como uma organização administrativa ou apenas uma extensão territorial, mas sim como “comunidade de fé, do culto e da caridade” (Cf. PE pp. 33-34)¹⁶.

4.2 O Concílio Vaticano II, rompimento de uma mentalidade cristalizada

Depois de vermos, ainda que de modo breve, o processo histórico da paróquia e como se dava a pastoral paroquial até meados do século XX, se faz necessário dar um passo e visitar os textos do Concílio Vaticano II para entender se, de fato, houve ou não uma ruptura com o modelo de paróquia que perpassou os séculos tendo como centro da atividade pastoral a pessoa do sacerdote e não a dinâmica missionária. Tem-se claro que o Vaticano II tem como característica singular o fato de não ter se ocupado com a realidade dogmática, muito menos se preocupado em combater heresias ou corrigir algum erro, mas sim procurou um caminho de revisão da realidade da Igreja. A *Sacrosanctum Concilium* já deixa claro na introdução que o propósito era “fomentar sempre mais a vida cristã entre os fiéis, adaptar melhor às exigências do nosso tempo aquelas instituições que são suscetíveis de mudanças, favorecer tudo o que pode contribuir à união dos que crêem em Cristo” (SC 1).

Devemos reconhecer que desde o Concílio Vaticano II a Igreja busca romper com a mentalidade clericalista herdada do contexto tridentino. A própria estrutura da *Lumen Gentium* nos ajuda a perceber isso, pois os padres conciliares, depois de tratar sobre o mistério da Igreja, optaram por tratar imediatamente da realidade da Igreja enquanto povo de Deus dedicando todo o segundo capítulo a essa temática, e só no terceiro capítulo vai tratar sobre a realidade da

¹⁵ CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*. (Cadernos da CNBB n.1 – 1963). Doc. 76. 2.ed., São Paulo: Paulinas, 2004. (PE).

¹⁶ Vale salientar que já em 1963 a CNBB já tratou a paróquia como uma célula orgânica da Igreja e ao mesmo tempo uma Igreja de comunidade que é reconhecida a partir do tríplice múnus como comunidade de fé, do culto e da caridade.

hierarquia. Ao apresentar a imagem da Igreja como povo de Deus dá-se uma grande reviravolta no seio da Igreja, pois não se quis diminuir o papel da hierarquia, uma vez que essa tem seu lugar e papel fundamental no povo de Deus, mas deixa claro que ela é uma parte e não o todo. Surge uma nova perspectiva de Igreja, que não deve mais ser entendida através do esquema piramidal, mas sim horizontal e ascendente. Torna-se membro do Povo de Deus/Igreja através do batismo, que faz com que todos os membros da Igreja sejam partícipes, cada qual a seu modo e estado de vida, do *múnus* sacerdotal, profético e real de Cristo (Cf. LG 31) e consequentemente com uma comum dignidade (Cf. LG 32). França Miranda ressalta que “o Concílio retorna à tradição das comunidades neotestamentárias e à Igreja primitiva que reservava o termo ‘sacerdócio’ a Jesus Cristo e ao Povo de Deus até o século III”¹⁷.

A partir de então, a Igreja deixa de ser vista como uma estrutura puramente clerical e passa a ser vista como comunidade sacerdotal. Muito embora exista uma diferença essencial entre o sacerdócio ministerial e o sacerdócio comum, o primeiro está para o segundo, e não vice-versa, como se pensava e se vivia no período tridentino. Por isso, a Igreja deve entender-se como uma estrutura colegiada, com dois aspectos que merecem ser ressaltados: primeiro, a missão da Igreja é comum a todos os fiéis (Cf. LG 10; AA 5), pois toda a Igreja é responsável como povo sacerdotal, profético, de anunciar e dar testemunho do Evangelho (Cf. LG 11; AA 10); segundo, existe uma corresponsabilidade através da diversidade de funções, e de acordo com os carismas de cada um, “desde os mais extraordinários aos mais simples e comuns, são perfeitamente acomodados e úteis às necessidades da Igreja” (LG 12). Os próprios padres conciliares ressaltam isso quando reconhecem que os pastores “não foram instituídos por Cristo para assumirem sozinhos toda a missão da Igreja quanto à salvação do mundo, mas que o seu excelso *múnus* é apascentar os fiéis e reconhecer-lhes os serviços e os carismas, de tal maneira que todos, a seu modo, cooperem unanimemente na tarefa comum” (LG 30). Ou seja, a Igreja deixa de ser entendida apenas na ótica da hierarquia e passa a ser compreendida como uma “comunidade de cristãos” espalhados por todo o mundo (Cf. LG 13) e que constitui o Corpo Místico de Cristo.

Sabemos que a eclesiologia do Concílio Vaticano II provocou mudanças de concepção seja da constituição, seja das estruturas da Igreja. Um dos maiores ganhos foi a abertura para a participação e o apostolado dos leigos, que desde então passaram a ser motivados a assumir sua corresponsabilidade e o protagonismo na missão evangelizadora, ponendo inclusive, como nos assegura a *Lumen Gentium*, “ser chamados de diversos modos a uma colaboração mais imediata

¹⁷ FRANÇA MIRANDA, Mario de. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 28.

com o apostolado da hierarquia” (LG 33), da mesma forma que lhes foi devolvido o direito de colaborar no discernimento a respeito das atividades pastorais, através da participação nos conselhos diocesanos e paroquiais (Cf. ChD 27; AA 26; ChL 25), algo que acontecia na Igreja primitiva e que é um dos sinais de caminho sinodal na Igreja.

Desde o Concílio Vaticano II tem-se claro de que a hierarquia não é o único sujeito eclesial, todos os fiéis são considerados sujeitos. Por isso, os fiéis leigos precisam deixar a passividade, pois membros da Igreja todos são chamados a assumir a responsabilidade da missão da Igreja como sujeitos eclesiais¹⁸. Nessa direção, França Miranda, ao tratar sobre a possibilidade de um sujeito eclesial, ressalta que hoje, mais do que nunca, a Igreja tem “consciência da urgente necessidade de que os fiéis leigos participem ativamente na vida e na missão da igreja, não só porque lhes compete isso, mas também pela impossibilidade de a hierarquia absorver as atividades e as iniciativas pastorais exigidas pela hora presente”¹⁹. Sabemos que o principal lugar da ação apostólica dos leigos é “naqueles lugares e circunstâncias, onde ela só por meio deles pode vir a ser sal da terra” (LG 33). Todavia, existe um lugar privilegiado onde, mais do que nunca, eles devem se tornar protagonistas: a paróquia. Payá afirma que a paróquia “é o lugar privilegiado da corresponsabilidade evangelizadora dos leigos e dos ministros”²⁰. Por isso, em 1988, ao tratar da vocação e missão do leigo na Igreja e no mundo, São João Paulo II apresenta a Exortação apostólica *Christifideles Laici* e, ao tratar do tema o empenho apostólico na paróquia, ressalta que a paróquia “com a participação viva dos fiéis leigos, permanece fiel à sua vocação e missão: ser no mundo o 'lugar' da comunhão dos crentes e, por sua vez, 'sinal e instrumento' da comum vocação à comunhão” (ChL 27).

4.2.1 O Concílio Vaticano II e a renovação paroquial

A paróquia atravessou os séculos buscando se adaptar às realidades de cada tempo. Porém, chegou ao século XX com certa crise de identidade. Embora sua identificação seja de uma comunidade cristã, muitas vezes foi questionada na sua razão de ser. Floristán nos diz que muitas vezes a paróquia se parecia mais com “um aglomerado de cristãos: uns convencidos, outros fiéis meramente praticantes e alguns católicos ocasionais, das quatro estações

¹⁸ Desde Medellín a Igreja latino-americana tem se esforçado por aplicar a eclesiologia do Concílio Vaticano II em relação ao papel dos leigos. Em Aparecida, como vimos no segundo capítulo, os bispos latino-americanos ressaltam o papel dos leigos como sujeitos eclesiais e reforçam que se deve abrir espaços na Igreja para os leigos (Cf. nota 189).

¹⁹ FRANÇA MIRANDA, Mario de. *É possível um sujeito eclesial?* Brasília: Edições CNBB, 2018, p. 11.

²⁰ PAYÁ, Miguel. *A paróquia, comunidade evangelizadora*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2005. p. 67.

sacramentais”²¹. Sabemos que alguns fatores sociais afetaram diretamente a pastoral paroquial e fizeram com que a paróquia, enquanto organização social e eclesial, deixasse de ser significativa. Dentre eles merece destaque a industrialização, a urbanização e o êxodo rural. A mobilidade urbana influenciou de modo especial na questão da referência territorial da paróquia e o fato do Estado assumir a responsabilidade da assistência social repercutiu através de um enfraquecimento no compromisso social da Igreja. Também surgiram novas formas de ser comunidade (movimentos, associações), e com isso a configuração paroquial passou a ser posta em xeque mate. Desde então, surgiu um clamor para que haja uma renovação das estruturas da paróquia, de modo que ela se torne capaz de um diálogo com o contexto moderno. No contexto em que se deu o Concílio já era forte esse clamor e no pós concílio tem sido latente.

Sabemos que o Concílio Vaticano II teve um caráter pastoral e eclesiológico, Desde a sua primeira convocação por São João XXIII já se tinha claro que não deveria se preocupar em definir ou corrigir verdades e dogmas, muito menos combater heresias. O objetivo era repensar a relação da Igreja com o mundo, e principalmente com a modernidade. Embora houvesse apelos para uma renovação na Igreja, mesmo que durante os trabalhos se reconheça que a paróquia é sinal da Igreja no meio do povo, a questão paroquial não fez parte das intenções primordiais dos padres conciliares. Percebe-se facilmente que os padres conciliares não se preocuparam em apresentar uma definição de paróquia. Pois quando buscamos pelo termo paróquia em todos os 16 documentos conciliares, encontramos apenas 24 menções²² e em nenhuma delas há uma definição do que é a paróquia. São menções breves e diretas dentro de temas específicos, que fazem referência à paróquia. Porém são luzes que até o momento presente muito têm ajudado a pensar a renovação e a reestruturação da paróquia, principalmente porque tirou o foco do âmbito administrativo e abriu-se para o âmbito pastoral.

Durante o Concílio não houve uma sessão para tratar especificamente sobre a paróquia, nem mesmo na Constituição Dogmática *Lumen Gentium*, que trata da realidade explícita da Igreja é utilizado o termo “paróquia”²³. Floristán, ao tratar da teologia da paróquia, ressalta que

²¹ FLORISTÁN, *Parroquia*, p. 1072-1073.

²² Das 24 menções, 11 estão no singular: *Sacrosanctum Concilium*: [SC 42b (1x)], *Ad Gentes*: [AG 37 (1x)], *Presbiterorum Ordinis*: [PO 7 (1x)], *Apostolicam Actuositatem* [AA 10 (4x); 30 (1x)], *Christus Dominus*: [ChD 30 (2x); 31a (1x)] e 13 vezes no plural: *Sacrosanctum Concilium*: [SC 42ª (2x)], *Optatam Totius* [OT 2 (1x), 22 (1x)], *Christus Dominus*: [ChD 23 (2x); 31 (3x); 32 (1x); 35 (1x)], *Orientalium Ecclesiarum* [OE 4 (1x)], *Apostolicam Actuositatem*: leigos [AA 18 (1x)].

²³ Há duas menções que nos ajudam a entender que está falando da paróquia. A primeira no n. 26 quando está tratando da função de santificar do bispo, ressalta que a paróquia é verdadeiramente a presença da Igreja, no entanto, utiliza o termo assembleias locais de fiéis: “esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas assembleias locais de fiéis que, unidas aos seus pastores, recebem, elas também, no Novo Testamento, o nome de igrejas” (LG 26a). E no n. 28, quando trata da função dos presbíteros, afirma que estes, uma vez que

“embora o Vaticano II não dedicou nenhum capítulo à instituição paroquial, a reforma pastoral levada a cabo pelo último Concílio repercutiu profundamente na vida e constituição desta instituição”²⁴. A paróquia é reconhecida em vários textos conciliares como “comunidade”²⁵, de modo especial, a *Sacrosanctum Concilium* a apresenta como uma comunidade cuidada por um pastor que faz as vezes do bispo, configurada como assembleia de fiéis, que representa a Igreja Universal:

Visto que nem sempre e em todos os lugares o bispo, em sua Igreja, pode presidir pessoalmente a todo o seu rebanho, deve necessariamente constituir assembleias de fiéis, entre as quais sobressaem as paróquias, confiadas a um pastor local, que as governa, fazendo as vezes do bispo. As paróquias representam, de algum modo, a Igreja visível espalhada por todo o mundo (SC 42).

Vê-se um grande avanço, pois não se centrou no território, mas sim no rebanho. Há um ressaltado da dificuldade de o bispo presidir em todas as comunidades, por isso deve colocar à frente da comunidade um pastor que faça as suas vezes. Atentemos que a relevância é dada à comunidade e não ao pároco. E o que é mais importante é que a paróquia agora é apresentada como uma comunidade que realiza, ainda que de modo limitado, a Igreja visível. De acordo com Alphonse Borras, isso se dá “devido ao menor leque de carismas e ao ministério presbiteral em dependência do bispo, realiza menos plenamente, menos adequadamente, a Igreja de Deus. Mas é verdadeiramente esta Igreja, neste lugar”²⁶.

Devemos reconhecer, portanto, que a partir do Concílio Vaticano II houve uma mudança na perspectiva da paróquia, principalmente em relação ao modelo da paróquia tridentina, que era centrada na pessoa do pároco. A partir de então, conforme nos ressaltava Almeida: “o olhar se desloca do pároco para a comunidade; da *cura animarum* para a edificação da comunidade; da concentração sobre si mesma para a de-centração sobre o mundo”²⁷. Embora, conforme nos lembra Alphonse Borras, continua sendo “criada a partir de uma unidade local, um grupo estável de habitantes em número relativamente restrito. Contudo, nos recordam BORRAS e

são colaboradores dos bispos, estando em uma comunidade, torna o bispo presente ali: “em cada uma das comunidades locais de fiéis, como que tornam presente o bispo a quem estão unidos pela confiança e magnanimidade de espírito, e de cujo cargo e solicitude tomam sobre si uma parte, exercendo-a com dedicação todos os dias” (LG 28b).

²⁴ FLORISTÁN, *Para comprender la Parroquia*, p. 51.

²⁵ De modo especial nos primeiros anos do pós concílio surgiram algumas dificuldades, pois em algumas menções o termo comunidade faz referência à paróquia, mas também é utilizado para falar da diocese e da Igreja universal. Se se soma o adjetivo local ou eclesial, se faz necessário bastante atenção para perceber de qual realidade se trata, pois em alguns momentos trata-se de modo genérico. Há menções em que se torna claro, como é o caso “comunidades paroquiais locais” (AA 30) ou da “comunidade paroquial” (SC 42). Para maior aprofundar sobre o tema Cf. BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*. Coimbra: Ed. Gráfica de Coimbra 2, 2010. p. 33-41.

²⁶ BORRAS; ROUTHIER, *A Nova Paróquia*, p. 92.

²⁷ ALMEIDA, Antônio José de. *Paróquia, comunidades e pastoral urbana*. São Paulo: Paulinas, 2009. p. 59.

ROUTHIER a relação mais determinante nesse grupo não é a relação pároco-fieis, o pastor que conhece as suas ovelhas”²⁸. Reconhece-se que há uma mudança de perspectiva, pois não é fechada em si mesma, mas sim deve abrir-se para Diocese, pois é parte dela, e com isso dá-se início à pastoral de conjunto. De modo especial o decreto *Apostolicam Actuositatem* fomenta que os leigos: “cultivem constantemente o sentido da diocese, de que a paróquia é como que uma célula, sempre prontos, a convite do seu Pastor, a juntarem também a sua colaboração às iniciativas diocesanas” (AA 10).

A *Sacrosanctum Concilium* frisa o lugar privilegiado da eucaristia, principalmente a eucaristia dominical, na vida do cristão e de modo especial da comunidade cristã (SC 41-42). Por isso, cabe aos párocos cultivar “que a celebração do sacrifício eucarístico seja o centro e o ponto culminante de toda a vida da comunidade cristã”, ao mesmo tempo deverão se esforçar para alimentar a vida espiritual dos fieis através da recepção dos demais sacramentos e “tomando parte consciente e ativa na liturgia” (ChD 30). Ainda nesse mesmo número, o Decreto *Christus Dominus* ressalta a missão do pároco com realidades muito próxima àquela que o pároco tridentino já realizava como norma, e acrescenta: “mostrem amor paternal aos pobres e aos doentes; e, por fim, tenham especial cuidado dos operários e estimulem os fieis a que auxiliem as obras de apostolado” (ChD 30). Nesse caso a novidade é o fomento ao apostolado dos leigos.

A paróquia deve ser reconhecida, portanto, como um lugar privilegiado da pastoral, pois além de ser o espaço da celebração eucarística, nela os fieis se congregam para ouvirem a pregação do Evangelho: “nelas se reúnem os fieis por meio da pregação do Evangelho de Cristo e se celebra o mistério da ceia do Senhor, ‘para que, pela carne e o sangue do Senhor, se mantenha estreitamente unida toda a fraternidade do corpo’” (LG 26). No tocante à diocese, frisa-se que, pelo fato de a paróquia ser uma comunidade dentro de uma outra comunidade, deve-se cultivar o senso de pertença à diocese (Cf. OE 30), da qual a paróquia é como que uma célula (Cf. AA 10).

No tocante ao papel dos leigos, destaca-se que seu apostolado é tanto na Igreja, quanto no mundo. Enfatiza-se de modo especial o papel da mulher: “nos nossos dias, as mulheres têm, cada vez mais, parte ativa em toda a vida da sociedade, é de grande importância uma participação mais ampla delas também nos vários campos do apostolado da Igreja” (AA 9). Fomenta-se que o apostolado seja exercido tanto “nas suas comunidades familiares como nas suas paróquias e dioceses, pois estas exprimem a índole comunitária do apostolado” (AA 18),

²⁸ BORRAS; ROUTHIER, *A Nova Paróquia*, p. 41.

sendo que a paróquia ganha um destaque, uma vez que nela coexiste “na unidade todas as diversidades humanas que aí encontra e inserindo-as na universalidade da Igreja” (AA 10). Portanto, os leigos devem habituar-se a trabalhar intimamente unidos aos sacerdotes (Cf. AA 10), pois como o Decreto *Ad Gentes* enfatiza, a paróquia, enquanto comunidade, é o espaço onde se torna visível o testemunho de terem parte na Igreja (Cf. AG 37). E de modo especial, já se faz um apelo à missão, recordando que como povo de Deus que vive em comunidades se faz necessário dar testemunho de Cristo perante as nações e recorda que a renovação eclesial se dá por meio da dimensão missionária (Cf. AG 37).

4.2.1.1 A paróquia e o território a partir do Concílio Vaticano II

Um dos grandes desafios do Concílio Vaticano II foi o de fazer com a que a Igreja pudesse dialogar com o mundo. Consequentemente, pergunta-se se a paróquia é capaz de responder às necessidades do tempo presente, uma vez que não acompanhou as mudanças que o mundo sofreu, principalmente nos últimos tempos. Sabemos que por muito tempo a paróquia foi reconhecida como a instituição ideal para atender à vida cristã dos fiéis através do culto sagrado, da formação catequética e da assistência social. Sua identidade, até meados do século passado, herdada do Concílio de Trento, compreendia uma comunidade de fiéis, um território jurisdicional delimitado, um templo próprio para o culto dedicado a um santo padroeiro, um pároco como pastor próprio, um patrimônio econômico. Entretanto, a urbanização e a mobilidade humana fez com que o território fosse posto em xeque, pois as pessoas já não passam toda sua vida dentro de um território limitado e suas relações vão muito além do espaço onde vivem no dia a dia. Sendo assim, procurando compreender os desafios do tempo presente, a Igreja que sempre quis estar próxima das pessoas em todos os momentos de suas vidas, consciente das mudanças sociais e da complexidade da mobilidade social, dá início a um processo de renovação paroquial que supera a sua compreensão a partir do território, reconhecendo sua identidade a partir da comunidade. Embora, uma definição nova de paróquia só seja encontrada no Código de Direito Canônico de 1983, revisado a partir da eclesiologia do Concílio Vaticano II.

A norma canônica anterior ao Concílio Vaticano II, que aqui chamamos de Código de 1917, era marcada pela perspectiva de Trento e ao tratar sobre a paróquia impunha que a diocese fosse dividida em territórios circunscritos que compreendesse a tríade: “templo, povo e reitor/pastor”. A norma era bastante precisa conforme podemos constatar no Cân. 216 § 1: “divida o território de cada diocese em diferentes partes territoriais, atribuindo a cada um deles

sua própria igreja com sua população determinada, e colocando um reitor especial no comando deles como pastor da mesma para a necessária cura das almas”²⁹. Ao pároco, como vimos anteriormente, cabia: rezar pela comunidade, administrar os sacramentos, além do dever de conhecer os membros de sua paróquia e corrigir os errantes. Por outro lado, os fiéis não eram reconhecidos como sujeitos ativos, eram tidos como membros da comunidade, porém com a obrigação de cumprir preceitos e deveres. A paróquia, portanto, era reconhecida pela sua demarcação territorial confiada ao pastoreio do pároco, porém a comunidade de fiéis não era levada em conta. Entretanto, como sabemos, não basta apenas o território para se constituir uma paróquia, são necessários dois elementos constitutivos: a comunidade de fiéis e o pároco. E como salienta Payá, “a paróquia possui uma missão integral porque tem de assumir o conjunto da missão evangelizadora em relação a todos os cristãos que vivem em um território, na diversidade das suas condições humanas e níveis de fé”³⁰. Sendo assim, reconhece-se o território como uma valiosa referência para a demarcação da ação pastoral de uma comunidade local, que como Igreja presente em um território tem o dever de anunciar o Evangelho a todos que estão naquele contexto, e deve ocupar-se em oferecer soluções para os problemas que assolam a vida do seu povo. Embora este não deve ser o único critério para definir a paróquia, como veremos a seguir.

Quando trata a respeito do bispo, a *Lumen Gentium* adverte que o “bispo é o princípio e o fundamento visível da unidade na sua Igreja particular, formada à imagem da Igreja universal: nas quais e a partir das quais resulta a Igreja católica una e única” (LG 23). Nos três primeiros séculos ainda não havia diferenciação entre diocese e paróquia, e quem estava à frente da comunidade era o bispo. A paróquia nasceu em vista da evangelização, dentro de um contexto diocesano, como comunhão de comunidades domésticas, cujo principal responsável era o bispo. Quando se constituía uma nova comunidade, seu pastoreio era confiado a um presbítero, sob a autoridade do bispo (Cf. ChD 30). Desse modo, onde estava o pároco, que fazia as vezes do bispo, estava a Igreja (Cf. SC 42). Portanto, aquele conjunto de paróquias constituía uma diocese. Nesse caso podemos dizer que a paróquia desde os seus primórdios é uma escolha pastoral, que por um tempo ficou presa à realidade da circunscrição administrativa. Entretanto devemos concordar com o que se afirma na Nota Pastoral do episcopado italiano de 2004: a

²⁹ DOMÍNGUEZ, Lorenzo Miguélez; ALONSO MORÁN, Sabino; CABREROS, Marcelino. *Código de Derecho Canónico y legislación complementaria*: texto latino y versión castellana, com jurisprudência y comentarios. 10. ed. v. 1. Madrid: La Editorial Catolica, 1976. (Biblioteca de Autores Cristianos). Cân. 216

³⁰ PAYÁ, A *paróquia, comunidade evangelizadora*, p. 12.

paróquia é a “forma histórica privilegiada da localização da Igreja particular” (VMP, 3)³¹. “Porém, uma correta interpretação da diocese, da qual a paróquia faz parte, impede-nos de reduzir a instituição paroquial a uma circunscrição territorial, como se a sua delimitação geográfica correspondesse, pura e simplesmente, a uma exigência administrativa”³².

O Concílio Vaticano II apresenta a Diocese como a Igreja de Cristo presente em um determinado lugar, por isso utiliza o termo Igreja local e em outros momentos como Igreja particular. E muito embora não se fale da sua constituição a partir de um território, entende-se que ela se realiza num lugar. Os padres conciliares preferiram defini-la como a porção do povo de Deus reunida no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, conforme nos atesta a *Christus Dominus*:

Diocese é a porção do povo de Deus, que se confia aos cuidados pastorais de um bispo, coadjuvado pelo seu presbitério, para que unida ao seu Pastor e reunida por ele no Espírito Santo por meio do Evangelho e da Eucaristia, constitua uma Igreja particular, na qual está e opera verdadeiramente a Igreja de Cristo, una, santa, católica e apostólica (ChD 11).

Entende-se que a Diocese seja a porção do povo de Deus e que é através dela que se assegura a relação entre o Evangelho e a Igreja, e nela estão presentes as quatro notas da Igreja. Sendo assim, se pode dizer que é nas dioceses e a partir delas que está a Igreja una e única, santa, católica e apostólica. De modo especial, pela sucessão apostólica se assegura a missão e a evangelização no interior da diocese. Nesse sentido, os bispos italianos na nota pastoral *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia* (2004) ressaltam que “a paróquia, que vive na diocese, não tem a mesma necessidade teológica, mas é através dela que a diocese exprime a própria dimensão local” (VMP, 3). Por isso, quando pensamos em uma paróquia, não há como pensá-la fora do contexto da diocese. Nessa mesma direção, Cocopalmerio resalta: “a paróquia não pode ser concebida como independente da diocese, mas deve ser concebida em relação à diocese”³³.

O Concílio Vaticano II nos recorda que a diocese (Igreja local ou particular) não deve ser entendida como uma parte da Igreja universal, da mesma forma que a Igreja Universal jamais pode ser definida como uma aglomeração de igrejas locais ou particulares. Na verdade, a Igreja universal realiza-se em cada Igreja particular e na comunhão das Igrejas particulares,

³¹ CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. Nota pastorale: *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*. Roma, 2004. (VPM) Disponível em: <https://www.chiesacattolica.it/documenti-segreteria/il-volto-missionario-delle-parrocchie-in-un-mondo-che-cambia-nota-pastorale/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

³² BORRAS; ROUTHIER, A *Nova Paróquia*, p. 78.

³³ COCCOPALMERIO, Francesco, Cardeal. *A Paróquia*, entre o Concílio Vaticano II e o Código de Direito Canônico. Brasília: Edições CNBB, 2013, p. 26.

em outras palavras, cada igreja local é uma forma concreta da Igreja universal, realidade que se concretiza na comunhão com todas as outras igrejas locais. Já a paróquia é uma parte da diocese, nos assegura São João Paulo II na *Pastores Gregis*, ela é “o núcleo fundamental na vida quotidiana da diocese” (PG 45)³⁴ em virtude da sua questão territorial. Coccopalmerio afirma é uma “comunidade infra-diocesana, a menor parte de uma comunidade mais ampla, parte inferior de uma comunidade superior, ou seja, precisamente, da Igreja particular”³⁵, porém não é uma parte da Igreja Universal, mas sim pequena porção, como nos assegura Floristán, ela “é em um lugar concreto ‘sinal visível da Igreja Universal’”³⁶. Em outras palavras é “a Igreja localmente implantada em sua catolicidade essencial”³⁷.

Como já foi dito anteriormente, o Concílio Vaticano II não apresentou uma definição de paróquia, nós só a encontramos no Cânon 515 do Código de Direito Canônico de 1983, que foi revisado a partir da eclesiologia do Concílio Vaticano II, a saber: “paróquia é determinada comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular, e seu cuidado pastoral é confiado ao pároco como a seu pastor próprio, sob a autoridade do Bispo diocesano” (Cân. 515, § 1). Embora se saiba que há tempos haja a possibilidade de erigir paróquias pessoais, como é o caso de uma Paróquia Universitária³⁸, o Código de 1983 ressalta que “por via de regra, a paróquia seja territorial, isto é, seja tal que compreenda todos os fiéis de um determinado território” (Cân. 518).

Encontramos em Coccopalmerio um conceito de paróquia obtido a partir do resumo dos cânones 515 e 518, a saber, paróquia é: “uma comunidade de fiéis, territorial e local, na Igreja particular, cujo presidente é o pároco, ou seja, um presbítero, pastor próprio, o qual cumpre o seu ofício sob a autoridade do Bispo diocesano e com a colaboração de outros presbíteros, de diáconos e de fiéis leigos”³⁹. Sendo assim, devemos entender que, embora o território não faça parte da essência da paróquia, pois essa não é um lugar, mas sim a comunidade, como afirmou São João Paulo II na *Christifideles Laici*: “a paróquia não é principalmente uma estrutura, um território, um edifício, mas é sobretudo ‘a família de Deus, como uma fraternidade animada pelo espírito de unidade’, ‘uma casa de família, fraterna e acolhedora’, é a ‘comunidade de fiéis’” (ChL 26). Atente-se que o Pontífice apresenta novos elementos para conceituar a

³⁴ JOÃO PAULO II. *Exortação Apostólica Pós-sinodal Pastores Gregis* (sobre o bispo, servidor do evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo). Roma, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis.html. Acesso em: 04 fev. 2023.

³⁵ COCCOPALMERIO, A *Paróquia*, p. 25.

³⁶ FLORISTÁN, *Parroquia*, p. 1073.

³⁷ FLORISTÁN, *Parroquia*, p. 1073.

³⁸ Atualmente o autor é pároco de uma paróquia pessoal, erigida para atender pastoral os universitários, intitulada Paróquia Universitária São João Evangelista.

³⁹ COCCOPALMERIO, A *Paróquia*, p. 15.

paróquia, mas de modo especial, foca o olhar nas pessoas e não no espaço. Por outro lado, nos instiga a permanecer atentos ao dado da caracterização da paróquia pelo território, até mesmo porque o termo está presente na definição da norma canônica que foi aprovada por ele.

Devemos levar em consideração que o território não pode ser entendido como uma camisa de força, no que diz respeito à ação pastoral. Porém, ele faz referência à circunscrição de criação da paróquia, além de determinar a comunidade de fiéis que faz parte daquele território, salvaguarda os direitos dos fiéis que ali residem, pois a paróquia é “a comunidade de todos os batizados. A ela pertencem todos os que, em um determinado território, professam a fé em Jesus e foram batizados em seu nome”⁴⁰. Portanto, faz-se mister recordar que, com isso, todos os batizados que têm comprovada residência naquele território, pertence àquela paróquia. E o pároco deve dar atenção a todos, sem exclusão. Payá é um defensor da dimensão territorial da paróquia. Para ele “a configuração territorial possibilita à paróquia ser comunidade de todos os batizados, sem distinção de idade, sexo, classe social, ideologia política ou tendência eclesial”⁴¹.

Entretanto, devemos estar cientes de que realidade social do mundo em que vivemos é bastante desafiadora, pois, de modo especial, nas grandes cidades, temos espaços territoriais supermodernos e equipados e em contrapartida, do outro lado da avenida encontramos um espaço com déficit habitacional e com infraestrutura aquém das expectativas para o mínimo de uma vida digna. Realidades muito presentes em muitas de nossas paróquias. Por outro lado, vê-se acontecer no mundo o evento do “nomadismo”, ou seja, a fragmentação da vida social e paroquial em que os próprios habitantes do território se mudam com frequência. E desse modo, pergunta-se se ainda há um sentido de pertença a determinado território. Reconhece-se também que se tornou raro encontrar um indivíduo que nasça e morra no mesmo território paroquial, como acontecia em tempos de outrora. Tem-se um contexto de uma dispersão e aridez entre os habitantes territoriais, onde se esquecem os laços fraternos e que pertencem a uma comunidade. Há, na verdade, ainda a migração territorial (paroquial) devido a laços afetivos e emocionais, onde o fiel mora em determinado território, mas faz comunidade em outro⁴².

Sabemos que o que instiga os teólogos a questionarem sobre a territorialidade da paróquia como algo que lhe é essencial é a crise em relação ao senso de pertença, principalmente por causa das consequências das marcas mobilidade urbana e a dinâmica das relações, pois

⁴⁰ PAYÁ, *A paróquia, comunidade evangelizadora*, p. 64.

⁴¹ PAYÁ, *A paróquia, comunidade evangelizadora*, p. 65-66.

⁴² Cf. CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA, *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*, 2004.

“habitar um determinado espaço físico não significa, necessariamente, estabelecer vínculos com aquela realidade geográfica” (Doc. 100 CNBB, 38). Os bispos do Brasil reconhecem que as transformações do tempo presente provocaram uma nova noção de limites paroquiais. Com a facilidade que se tem de ir e vir, na pastoral urbana já não se consegue prender os fiéis em uma cerca delimitada pelo território. Sendo assim, eles afirmam que “a paróquia, sem prescindir do território, é muito mais o local onde a pessoa vive sua fé, compartilhando com outras pessoas a mesma experiência” (Doc. 100 CNBB, 39). Hoje preza-se muito mais o senso de pertença à comunidade, que ao território. Embora ainda não se tenha como definir a “paróquia afetiva”, tem-se cada dia mais se tornado uma realidade na pastoral urbana, a ponto de os bispos brasileiros reconhecerem que “não são poucos os que preferem uma comunidade onde se sintam mais identificados ou acolhidos por diversos motivos: participação em um movimento, horários alternativos de missa, busca de um bom pregador etc.” (Doc. 100 CNBB, 40). Em outras palavras a paróquia hoje precisa ser o lugar do acolhimento e não apenas o da pertença territorial. A territorialidade não pode ser desprezada, pois como sabemos muitos ainda tem a Igreja paroquial como referência.

Diante do que vimos até o presente momento, já temos condições de dizer que a paróquia, embora não tenha sido um tema específico do Concílio Vaticano II, não deixou de ser importante. Cada menção feita através dos documentos conciliares complementa-se com a anterior e ajudou com que ao longo dos anos as Igrejas particulares, em cada país e em cada continente, pudessem refletir e buscar aprimorar a dinâmica pastoral da comunidade paroquial e assim propor que ela se adeque aos desafios do tempo presente. Como nosso intuito desde o início é entender a perspectiva de Francisco em relação à paróquia se faz necessário que vejamos como as Conferências Gerais latino-americanas apresentam a paróquia e que influência tem sobre a proposta de Francisco para a paróquia em seu pontificado. Sendo assim, antes de tratar propriamente dito daquilo que se pode intuir sobre a paróquia em tempos de Francisco, faz-se necessário um olhar a respeito da paróquia nas últimas quatro Conferências Gerais.

4.3 A Paróquia sob a ótica das Conferências Gerais do episcopado latino-americano

No segundo capítulo, ao tratarmos das raízes teológicas e pastorais do Papa, vimos mais detalhadamente sobre as marcas das Conferências Gerais do episcopado latino-americano no ministério sacerdotal e episcopal de Bergoglio. Porém, não tínhamos apresentado a realidade da paróquia. Como sabemos, cada Conferência aconteceu em um contexto e seu objetivo é responder aos apelos do Espírito à Igreja, sempre discernindo à luz dos sinais dos tempos e em consonância com o Concílio Vaticano II. De modo especial, Medellín e Puebla aconteceram em um período em que a América Latina ainda sofria por causa da ditadura na maioria dos países, e a realidade da pobreza era muito marcante.

Cada Assembleia foi convocada com uma intenção, buscando responder aos apelos do tempo presente. Medellín procurou não só aprofundar, mas de modo especial, buscou aplicar a eclesiologia do Concílio Vaticano II. Puebla deu continuidade à proposta de Medellín, procurando meios de aplicar a proposta da *Evangelii Nuntiandi* em relação à evangelização no contexto continental. Santo Domingo mudou um pouco o rumo da metodologia das conferências anteriores, principalmente em relação ao método pastoral de análise da realidade, mas levantou pontos relevantes a respeito da temática da nova evangelização e dignidade humana, e de modo especial sobre o protagonismo dos leigos. Aparecida, por sua vez, como já havíamos visto, retomou a proposta que havia sido levantada pelas conferências anteriores e ao fazer o processo de síntese, aponta como caminho de renovação paroquial a retomada da identidade missionária da Igreja e o desafio da conversão pastoral, que chega até a Igreja Universal como proposta de Francisco, como via de sair da zona de conforto e tornar-se uma Igreja em saída.

4.3.1 Medellín: a paróquia um conjunto de pequenas comunidades

Em Medellín, Puebla e Aparecida a concepção de paróquia é marcada pela opção pelos pobres. Todavia, em cada conferência ela tem uma nova conotação. Em Medellín a realidade da pobreza era alarmante em todo o continente e os bispos reforçam o compromisso de assumir a dimensão comunitária e social da fé cristã. Sendo assim, propõe que sejam criadas comunidades eclesiais que se baseassem na Palavra de Deus, cujos membros tivessem um sentimento de pertença e pudessem viver solidários uns com os outros, e se insiste na experiência comunitária e litúrgica da fé cristã, especialmente com a Eucaristia (DM 6,13-14).

Assim, a paróquia passou a ser estruturada em pequenas comunidades, que deveriam estar em unidade entre si e com a diocese, de modo que se concretizasse a realidade a pastoral orgânica e de conjunto. Nesse sentido a paróquia é reconhecida como “um conjunto pastoral vivificador e unificador das comunidades de base” (DM 15,13) e seu modelo pastoral deve ter como característica a descentralização “no tocante a lugares, funções e pessoas, justamente para ‘reduzir à unidade todas as diversidades humanas que nela se encontram e inseri-las na universidade da Igreja’” (AA 10; DM 15,13).

Desse modo, os leigos têm um papel importante, não só à frente das Ceb's, mas também na participação nos conselhos pastorais paroquiais e diocesanos (Cf. DM 15,2). Desde então, surgiram um grande número de comunidades católicas, onde os pobres, em especial, se organizam e se reúnem em torno da Palavra de Deus. Ressalta-se a necessidade de a paróquia não se isolar, mas trabalhar em sintonia com a forania ou região episcopal, dando início à proposta de pastoral de conjunto. Os sacerdotes são chamados a assumir a pobreza como sinal e compromisso de solidariedade com os mais pobres (Cf. DM 14,6d). Medellín apresenta um novo jeito de ser e viver a Igreja, concebe a paróquia como um conjunto de pequenas comunidades que se integram entre si e são integradoras, onde os clérigos e fiéis leigos se sintam responsáveis pela comunidade e desempenhem seu papel sem se confundir na sua missão.

4.3.2 Puebla: a paróquia como centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos

Como sabemos, a motivação da convocação da Conferência de Puebla foi a aplicação da *Evangelii Nuntiandi* no contexto latino-americano, por isso, tendo como foco de reflexão o presente e o futuro da evangelização. Reconhece-se, pois, que o crescimento demográfico tem sido um grande desafio para que a Igreja desempenhe sua missão de evangelizar. O aumentada população e a diminuição das vocações, constatado em outros momentos, colocam novos desafios. Embora se reconheça que o papel dos leigos tenha crescido, ressaltam que “os ministros da Palavra, as paróquias e outras estruturas eclesiais são insuficientes para satisfazer à fome de Evangelho sentida pelo povo latino-americano” (DP 78). Desse modo, olham para as Ceb's e reconhecem que, de modo especial, em alguns países têm dado frutos e “converteram-se em centros de evangelização e em motores de libertação e de desenvolvimento” (DP 96). No tocante à paróquia, os bispos assinalam que sua missão integral é acompanhar “indivíduos e famílias ao longo de sua existência, na educação e no crescimento na fé” (DP 644). Reforçam que é na paróquia o espaço ou lugar privilegiado para os cristãos se

encontrarem, da mesma forma que a reconhecem como “centro de coordenação e animação de comunidades, grupos e movimentos” (DP 644).

É notório que em Puebla não houve uma preocupação com relação à realidade do território. Em relação a Medellín, já dá um salto. Aquela que foi tida como “um conjunto de pequenas comunidades” agora foi reconhecida como um centro de coordenação e animação, somando-se às comunidades, os grupos e movimentos. Sendo assim, o Documento 100 da CNBB, ao trazer a temática da nova paróquia, recorda em Puebla, a paróquia foi reconhecida mais como “reunião dos fiéis do que o território” (Doc. 100 CNBB, 132). Ela torna a Igreja presente quando celebra a Eucaristia e os demais sacramentos.

De acordo com Puebla, a renovação paroquial se daria a partir de duas grandes opções pastorais: as Ceb's e a Catequese (Cf. DP 100), essa última entendida como “um processo dinâmico, gradual e permanente de educação na fé” (DP 984) e as Ceb's reconhecidas como “uma das fontes de onde brotam os ministérios confiados aos leigos: animação de comunidades, catequese, missão” (DP 97) como o espaço de comunhão e participação, uma vez que nelas cada um de seus membros coloca em comum seus dons e ministérios em favor do outro, também onde “acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local” (DP 629).

Os bispos naquela ocasião viram com bons olhos o surgimento de novos serviços e ministérios como “os proclamadores da Palavra, animadores de comunidades” (DP 625). No entanto, reconhecem que ainda “subsistem atitudes que obstam a esse dinamismo de renovação: primazia do administrativo sobre o pastoral, rotina, falta de preparação para os sacramentos, autoritarismo de certos sacerdotes e fechamento da paróquia sobre si mesma, sem considerar as graves urgências apostólicas do conjunto” (DP 633). Já naquele tempo se fez uma forte denúncia ao clericalismo por parte dos agentes pastorais leigos, e não só da parte dos clérigos, o que se tornava um obstáculo para o protagonismo dos leigos (Cf. DP 784). Desse modo, ressaltou-se como via de renovação da paróquia: a mudança de mentalidade dos pastores, a participação dos leigos no conselho pastoral e demais serviços, o esforço por parte dos presbíteros para estar no meio do povo, e de modo especial a organização da paróquia como “uma rede de grupos e comunidades” (DP 631).

4.3.3 Santo Domingo: a paróquia como comunhão orgânica, missionária e rede de comunidades

Embora não se tenha encontrado durante a pesquisa nenhuma menção da influência da IV Conferência do episcopado latino-americano que ocorreu em Santo Domingo no ministério de Bergoglio, achamos interessante apresentar o perfil da paróquia na ótica dos bispos latino-americanos, pois duas realidades propostas por Francisco na *Evangelii Gaudium* vieram à tona em um documento magisterial pela primeira vez em Santo Domingo, a saber: a conversão pastoral e a identidade da paróquia como comunidade de comunidades. A convocação da Conferência de Santo Domingo é marcada por duas motivações: já se tinha passado treze anos da última Conferência Geral de Puebla e estava próxima a comemoração dos quinhentos anos da evangelização do continente. Sendo assim, os bispos se preocuparam em dialogar com o mundo e não em condená-lo (SD 22; 24; 254) ao refletir sobre o tema da Nova Evangelização.

No tocante à paróquia, recorda-se que ela não existe por si e para si, mas deve compreender-se pastoralmente como uma comunhão orgânica e missionária e como rede de comunidades (SD 58). De modo especial deve estar em comunhão com o bispo (Cf. SD 25) e “em perfeita comunhão com ele, devem florescer... como células vivas e pujantes de vida eclesial” (SD 55). Em relação à sua dinâmica pastoral, ressalta-se que “a paróquia, os movimentos apostólicos e associações laicais, e todas as comunidades eclesiais em geral, hão de ser sempre evangelizadas e evangelizadoras” (SD 25).

Assumindo o que fora dito por São João Paulo II na *Christifideles Laici* 26, os bispos ressaltam que a paróquia é uma “comunidade eucarística”, uma “comunidade de fé e orgânica” e, de modo especial, “uma comunidade de comunidades e movimentos” (ChL 26; SD 58). Uma vez que está no meio do povo, deve cumprir sua missão de evangelizar, celebrar a liturgia e fomentar a promoção humana e não pode ser alheia às aspirações e dificuldades da sociedade (SD 58). Embora se afirme que a paróquia não é um território, apresenta-se como proposta de renovação paroquial a setorização da pastoral “mediante pequenas comunidades eclesiais nas quais apareça a responsabilidade dos fiéis leigos” e, para se alcançar a todos, principalmente os marginalizados, propõe-se “multiplicar a presença física da paróquia mediante a criação de capelas e pequenas comunidades” (SD 59).

Em relação às Ceb's ressalta-se sua vocação missionária, propondo que haja uma revitalização, bem como capacitação de suas lideranças para que estas vivam em comunhão com a paróquia, com a diocese e a Igreja Universal (Cf. SD 63). Em relação aos desafios da paróquia urbana, salienta-se que “deve ser mais aberta, flexível e missionária, permitindo uma

ação pastoral transparoquial e supraparoquial” (SD 257) com uma pastoral pensada a partir do seu contexto. Para tanto, faz-se necessário “promover a formação de leigos para a pastoral urbana, com formação bíblica e espiritual; criar ministérios conferidos aos leigos para a evangelização das grandes cidades” (SD 258). Ainda no tocante aos leigos, Santo Domingo faz novamente a denúncia ao clericalismo que Puebla já havia ressaltado e reforça que muitos leigos têm preferido tarefas intraeclesiais. Por isso, ressalta que para que haja um verdadeiro protagonismo dos leigos “é necessária a constante promoção do laicado, livre de todo clericalismo e sem redução ao intraeclesial” (SD 97).

Recorda-se, portanto, a necessidade de os leigos assumirem as coordenações, os ministérios, mas de modo especial, faz-se necessário que sejam formados “segundo a Doutrina Social da Igreja, em ordem a uma atuação política dirigida ao saneamento e ao aperfeiçoamento da democracia e ao serviço efetivo da comunidade” (SD 196). Vale recordar que, naquela ocasião, entendeu-se que com a setorização e planificação da pastoral já se daria a renovação da paróquia. O que sabemos que não é verdade, pois se torna apenas uma mudança estrutural e não uma verdadeira conversão pastoral. Entretanto, podemos dizer que já foi um primeiro passo para entender o que Aparecida retomou e propôs 15 anos mais tarde.

Pelo que se pode constatar, Medellín, Puebla e Santo Domingo tem claro que a comunhão e formação de pequenas comunidades é um passo para a renovação paroquial. Porém, não basta apenas criar estruturas. Faz-se necessário investir em formação e acompanhamento, fazer com que a comunhão se torne concreta e isso é papel de todos.

4.3.4 Aparecida: a paróquia como comunidade de comunidades em vista da missão

Como vimos anteriormente, os bispos presentes na V Conferência de Aparecida procuraram fazer uma síntese das Conferências anteriores e trouxeram à tona a temática da missionariedade da Igreja. Os desafios e transformações que desafiavam a missão da Igreja em 2007 fizeram com que os bispos reconhecessem que naquele momento estávamos vivendo uma verdadeira mudança de época, dando um grande destaque aos desafios da globalização e a mercantilização da experiência religiosa. Como nos ressalta Agenor Brighenti, Aparecida tem um papel marcante, pois o momento exigia que a Igreja refletisse e buscasse

responder a novos desafios, tais como: a emergência da subjetividade individual; a irrupção do “outro” como gratuidade ou dimensão sabática da existência; a globalização mercantilista e a emergência de uma consciência planetária; os novos rostos de pobres como “sobrantes e descartáveis” – a pobreza como mundo da

insignificância; a urbanização; a fragmentação do tecido social, gerando sentidos parciais etc.⁴³.

Embora já se tenha passado quinze anos da V Conferência de Aparecida, esses desafios pouco mudaram e não devem ser reconhecidos como sendo uma realidade exclusiva da Igreja da América Latina. Ao contrário, sabemos que toda a Igreja é afrontada pelas mesmas realidades. Sendo assim, torna-se plausível o fato de Francisco tomar Aparecida e apresentá-la como referência para toda a Igreja e, a partir dela, apresentar sua proposta de conversão pastoral em vista de uma Igreja em saída.

Aparecida tem seu enfoque na eclesiologia de comunhão. Por isso, ao apresentar os lugares eclesiais de comunhão, seguindo a linha do Concílio Vaticano II, dá ênfase na diocese como o “primeiro espaço da comunhão e da missão” (Dap 169). Bispos ressaltam que a diocese precisa se renovar na experiência com Cristo e no seu ardor missionário para ser verdadeira “casa e escola de comunhão, de participação e solidariedade” para todos os batizados (Dap 167), pois é chamada a ser uma “comunidade missionária” (ChL 32; Dap 168). Sabemos que a vida pastoral diocesana não se restringe às paróquias. Porém, Aparecida as vê como um lugar privilegiado da pastoral, uma vez que, para a maioria dos fiéis, é na paróquia que se aprende a viver em comunidade e a compartilhar a vida, os dons, e inclusive a cuidar uns dos outros. Nesse sentido, ao tratar do tema da conversão pastoral, a paróquia tem grande relevo, principalmente porque ela é o espaço privilegiado para a formação e para a vivência da comunhão: “os fiéis devem experimentar a paróquia como uma família na fé e na caridade, onde mutuamente se acompanhem e se ajudem no seguimento de Cristo” (Dap 305).

Desse modo, ao tocar na realidade da paróquia, em primeiro lugar os bispos partem de um olhar positivo, reconhecendo os esforços para a renovação pastoral através de métodos de nova evangelização que leva ao encontro com Cristo. Destaca-se, de modo especial, o reflorescimento das Ceb's e o crescimento dos movimentos e novas comunidades e o papel de modo especial, da pastoral familiar e juvenil. (Cf. Dap 99). Em consonância com o Concílio Vaticano II, apresentam a paróquia como comunidade eclesial⁴⁴, “célula viva da Igreja” (AA 10; SD 55; Dap 170) “e o lugar privilegiado no qual a maioria dos fiéis tem uma experiência concreta de Cristo e a comunhão eclesial” (EAm 41; Dap 170). E assumindo o que São João Paulo II havia

⁴³ BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*. Perspectiva Teológica, [S. l.], v. 39, n. 109, p. 307, 2007. DOI: 10.20911/21768757v39n109p307/2007. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/185>. Acesso em: 25 jan. 2023. p. 311.

⁴⁴ Aparecida não faz distinção entre a paróquia, as comunidades eclesiais de base e as novas comunidades. Todas são apresentadas como comunidade. Por isso, define a paróquia como “comunidade de comunidades”, pois é a macro comunidade que abarca as demais comunidades.

apresentado na *Ecclesia in America* manifestam o desejo de que as paróquias se tornem verdadeiros:

espaços da iniciação cristã, da educação e celebração da fé, abertas à diversidade de carismas, serviços e ministérios, organizadas de modo comunitário e responsável, integradoras de movimentos de apostolado já existentes, atentas à diversidade cultural de seus habitantes, abertas aos projetos pastorais e supra-paroquiais e às realidades circundantes (EAm 41; DAp 170).

Percebe-se uma preocupação para com a paróquia, que desde o Concílio Vaticano II é reconhecida como espaço privilegiado da pastoral, e que não deve ter apenas o pároco como responsável, mas sim todos os seus membros. Entende-se que para responder aos desafios do tempo presente⁴⁵ se faz necessário que haja uma verdadeira reformulação das estruturas paroquiais, pois constata-se que existem muitas estruturas obsoletas e, por isso, incapazes de responder aos desafios da pastoral urbana⁴⁶ e de tornar concreto o que a paróquia é chamada a ser: “rede de comunidades e de grupos”, cujos “membros se sintam realmente discípulos e missionários de Jesus Cristo em comunhão” (DAp 172) e possam levar Jesus Cristo a todos, tanto aos que já se sentem membros da comunidade e, de modo especial, aos que estão afastados.

Desde a V Conferência de Aparecida, a Igreja Latino-americana se reconhece discípula missionária de Jesus e, portanto, tem convocado suas comunidades a revitalizar-se a partir do encontro pessoal com Jesus Cristo, pois somente assim podem tornar-se missionárias. O “anúncio kerigmático e o testemunho pessoal dos evangelizadores” (DAp 226) são tidos como referências base para o encontro com o Senhor. Desse modo, o modelo de “pastoral de conservação”⁴⁷ torna-se um empecilho, uma vez que tem como foco a preocupação sacramental

⁴⁵ Além do desafio de a paróquia assumir a eclesiologia do povo de Deus, onde todos os membros são responsáveis pela pastoral, os bispos também apresentam outros desafios que são preocupantes em vista da renovação paroquial: a existência de paróquias muito grandes, outras muito pobres e não dão conta de se sustentar e aquelas que estão presentes em locais de extrema violência (DAp 197).

⁴⁶ O tema da pastoral urbana recebeu um destaque no capítulo X, item 10.6, dos números 509-519. Embora haja um reconhecimento de experiências positivas como “a renovação das paróquias, setorização, novos ministérios, novas associações, grupos, comunidades e movimentos” os bispos ressaltam como desafios a serem superados: “o medo em relação à pastoral urbana; tendência a se fechar nos métodos antigos e de tomar uma atitude de defesa diante da nova cultura, com sentimento de impotência diante das grandes dificuldades das cidades” (DAp 513).

⁴⁷ Em Medellín os bispos já haviam ressaltado a necessidade de superar o modelo de pastoral herdado de Trento, no qual paróquia tinha o pároco como única referência. Para assumir uma postura pastoral com base na consciência de que todo o povo de Deus tem a mesma dignidade e participa da missão de Cristo, tendo, pois, a mesma dignidade, cada qual deve desempenhar seu papel na comunidade sem medo de que o outro fique ofuscado. Em Aparecida, o ressalto à pastoral de Conservação vai além da dependência do pároco, tem a ver com a dinâmica pastoral centrada apenas na realidade sacramental, onde o administrativo predomina sobre o pastoral, a sacramentalização sobre a evangelização, a quantidade sobre a qualidade; o pároco sobre o bispo; o padre sobre o leigo; o rural sobre o urbano; o pré-moderno sobre o moderno; a massa sobre a comunidade. O pastoralista Agenor Brighenti faz uma análise interessante da história da pastoral e reconhece em cada período da história um modelo específico de pastoral, que muitas vezes encontramos na dinâmica e postura pastoral de nossas comunidades. Para

e a manutenção da pastoral, com uma dinâmica normalmente centrada na pessoa do pároco e com a participação dos leigos centrada em funções ligadas à liturgia e reconhecendo-se colaboradores dos sacerdotes. Essa realidade que faz com que os bispos presentes na Assembleia cheguem à conclusão de que para que nossas comunidades eclesiais se tornem verdadeiramente missionárias, a comunidade precisa envolver-se em um verdadeiro processo de conversão pastoral. Por isso, afirmam: “a conversão pastoral de nossas comunidades exige que se vá além de uma pastoral de mera conservação para uma pastoral decididamente missionária” (DAp 370), processo esse que envolve todos os membros da comunidade e não apenas uma revisão ou remodelação das estruturas pastorais, pois muitas estão ultrapassadas e já não favorecem a transmissão da fé (Cf. DAp 365). Reconhece-se, portanto, que a estrutura paroquial atual não consegue responder aos desafios impostos pelas mudanças sociais e culturais do tempo presente, como afirma Mikuszka, “a maioria das paróquias pensa e age de modo antigo, presa a um sistema de mentalidade rural de cristandade que nem sempre leva em conta problemas sociais e de compromisso, por isso não são proféticas e não dão respostas ao mundo”⁴⁸.

Diante desse desafio recorda-se que a conversão pastoral se torna concreta através de dois passos que são interligados. O primeiro passo é a conversão pessoal, fruto do encontro pessoal com o Senhor, que revigora a experiência da vivência em comunidade, lugar onde todos são formados e enviados a servir. E o segundo passo, a conversão pastoral da comunidade, que se dá a partir da mudança de postura pastoral, fruto de discernimento que tem como referência o estado permanente de missão a serviço da vida. Como sabemos, “não há novas estruturas se não há homens novos e mulheres novas que mobilizem e façam convergir nos povos ideais e poderosas energias morais e religiosas” (DAp 538).

Por outro lado, há uma grande preocupação em relação à paróquia, pois muitas vezes ela se mostra fechada, voltada muito mais para a questão administrativa, muito mais preocupada em se manter. Desse modo, nos assegura Mikuszka: “o Evangelho atinge poucos e quase sempre os mesmos”⁴⁹. Sendo, pois, a paróquia responsável por tornar a Igreja presente no meio do povo, sua renovação deve envolver “reformas espirituais, pastorais e institucionais” (DAp 367), a fim de que possam se tornar favoráveis à missão. Há um forte apelo à superação de uma mentalidade doutrinária fechada, de se sair do rigorismo e principalmente de romper com o autoritarismo.

maior aprofundamento, Cf. BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral*. A inteligência reflexa da ação evangelizadora. Petrópolis: Vozes, 2021. P. 123-145.

⁴⁸ MIKUSZKA, Gelson Luiz. *Por uma paróquia missionária: à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2012. p. 113.

⁴⁹ MIKUSZKA, *Por uma paróquia missionária*, p. 126.

Para que a paróquia se torne missionária, ela não pode estar confinada à sacristia, ao contrário, devem se tornar um cento de irradiação missionária em seus próprios territórios e para além deles, e para que isso se torne uma realidade “devem ser também lugares de formação permanente” (DAp 306).

Sabendo que a formação de uma comunidade exige vivência, Aparecida aconselha “a setorização em unidades territoriais menores, com equipes próprias de animação e de coordenação que permitam uma maior proximidade com as pessoas e grupos que vivem na região” (DAp 372). Dá-se a entender que em cada setor venha a surgir uma nova comunidade, que precisará se alimentar da eucaristia, da Palavra de Deus e de ser formada para a comunhão. Faz-se necessário, portanto, que haja um empenho para com a formação espiritual: “se desejamos pequenas comunidades vivas e dinâmicas, é necessário despertar nelas uma espiritualidade sólida, baseada na Palavra de Deus, que as mantenham em plena comunhão de vida e ideais com a Igreja local” (DAp 309).

Vale lembrar que a setorização não prejudica em nada a caminhada das Ceb's, que foram definidas pelos bispos como “escolas que tem ajudado a formar cristãos comprometidos com sua fé, discípulos e missionários do Senhor, como testemunhas de uma entrega generosa, até mesmo com o derramar do sangue de muitos de seus membros” (DAp 178). Entretanto, além das Ceb's, Aparecida reconhece como formas válidas de pequenas comunidades as “redes de comunidades, de movimentos, grupos de vida, de oração e de reflexão da palavra de Deus” (DAp 180). Uma vez que todas essas pequenas comunidades pertencem ao rol da vida paroquial, que se alimentam da eucaristia e da Palavra de Deus, a paróquia passa a ser reconhecida como “comunidade de comunidades” (DAp 179). Entretanto, para fazer um caminho de conversão pastoral a fim de que paróquia se torne efetivamente comunidade de comunidades, a proposta não é de se criar estruturas ou apenas mudar as já existentes. Souza ao tratar sobre a realidade histórica da paróquia, defende que se deve “recuperar as relações interpessoais e de comunhão como fundamento para a pertença eclesial”⁵⁰. Só assim se dará um verdadeiro processo de conversão pastoral. Pereira ressalta que se faz necessário a descentralização em todos os sentidos, ou seja, deve acontecer um processo em que “a igreja matriz deixa de concentrar todas as ações em seu espaço e divide com as comunidades as suas

⁵⁰ SOUZA, Ney de. *Da Igreja doméstica à paróquia*. Aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano XXII, n. 83, pp. 159- 172. jan./jul. 2014. DOI: <https://doi.org/10.19176/rct.v22i83.19228> Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19228/15086>. Acesso em: 25 jan. 2023. p. 169

atividades. O padre divide suas ações com os leigos”⁵¹.

Em relação à setorização da paróquia os bispos do Brasil, durante a 46ª Assembleia Geral da CNBB, aprovaram as DGAE 2008-2010, nas quais acolheram a proposta de Aparecida. Porém, recordam que:

essa setorização supõe diálogo, intercâmbio, em vista do êxito em uma pastoral orgânica e de conjunto. Sabemos que nem sempre é fácil passar de uma paróquia centralizada num único prédio, onde acontecem todas as atividades, para a paróquia como comunidade de comunidades espalhadas por todo o território (DGAE 2008-2010, 147).

Vale recordar que o Documento 100 da CNBB se tornou referência para o Brasil a respeito da conversão pastoral da paróquia. Entende-se que a setorização se trata de um meio, conforme nos assegura o episcopado brasileiro, não basta a simples demarcação de territórios. Sem uma formação sólida o protagonismo dos leigos poderá tornar-se infrutífero, principalmente se as estruturas não tornarem mais simples. Caso contrário, só haverá aumento de burocracias. Da mesma forma salienta a necessidade de um planejamento da paróquia como rede e reorganização e divisão dos serviços entre os leigos e religiosos que trabalham na paróquia (Doc. 100 CNBB, n. 245).

No que diz respeito aos párocos, Aparecida ressalta que precisam ser autênticos discípulos de Jesus Cristo e ardorosos missionários (Cf. DAp 201), “promotores e animadores da diversidade missionária”, capazes de trabalhar em comunhão com os leigos, uma vez que estes são “corresponsáveis pela formação dos discípulos e na missão” (DAp202). E “a missão principal da formação é ajudar os membros da Igreja a se encontrar sempre com Cristo, e assim reconhecer, acolher, interiorizar e desenvolver a experiência e os valores que constituem a própria identidade e missão cristã no mundo” (DAp 279). Vale lembrar que a formação se dá em dois momentos: inicial, através do kerigma; e a permanente, que respeita o processo e o espaço de cada um (Cf. DAp 279). O pároco deve ter em conta que “uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios” (DAp 202). Nesse sentido, Mikuszka ressalta: “uma comunidade missionária e evangelizadora motiva as relações entre iguais, supera as relações desiguais, testemunha a comunitariedade e ultrapassa a ideia de uma evangelização tradicional”⁵². Sendo assim, reconhece-se que há muito o que fazer até alcançarmos a meta proposta por Aparecida.

No que diz respeito ao papel dos leigos retoma à eclesiologia do Concílio Vaticano II,

⁵¹ PEREIRA, José Carlos. *A renovação paroquial*. Comunidade de comunidades em vista da missão. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 24-25.

⁵² MIKUSZKA, *Por uma paróquia missionária*, p. 132.

que ressalta a responsabilidade da missão dos leigos na Igreja⁵³ e no mundo⁵⁴ (Cf. LG 31; DAp 209). Portanto, para que os fiéis leigos se tornem verdadeiros discípulos missionários, aptos à missão, se faz necessária formação e capacitação de missionários leigos, pois como nos recordou o Concílio Vaticano II, os fiéis leigos são chamados a ser sal da terra e luz do mundo não apenas nas atividades pastorais intra-eclesiais, mas sim no “complexo mundo do trabalho, da cultura, das ciências e das artes, da política, dos meios de comunicação e da economia, assim como as esferas da família, da educação, da vida profissional, sobretudo nos contextos onde a Igreja se faz presente somente por eles”(LG 31.33; GS 43; AA 2; DAp 174). Na ação pastoral da Igreja o testemunho de vida dos leigos deve ocupar o primeiro lugar, pois são a maioria e se tornam fermento na massa. Depois, também devem ocupar-se “com ações no campo da evangelização, da vida litúrgica e outras formas de apostolado segundo as necessidades locais sob a orientação de seus pastores” (DAp 211).

Reconhece-se na linha de Aparecida que “os melhores esforços das paróquias neste início do terceiro milênio devem estar na convocação e na formação de missionários leigos” (DAp 174). Sendo assim, nas atividades da paróquia que é comunidade de comunidades em vista da missão, os fiéis leigos, conscientes de serem verdadeiros sujeitos eclesiais e imbuídos de uma espiritualidade missionária, são chamados a “contribuir na formação de outros discípulos e na missão” (DAp 202), de modo especial, formando uns aos outros, pois “uma paróquia renovada multiplica as pessoas que realizam serviços e acrescenta os ministérios” (DAp 202). Um papel importante de participação do leigo na comunidade paroquial é como membros dos conselhos paroquiais: de pastoral e econômico, a fim de que esses não sejam apenas organismos burocráticos, mas sim, verdadeiramente, organismos de comunhão missionária, que dinamizam o processo de discernimento, programação e execução da ação pastoral, preocupados para que a missão não fique restrita a alguns, mas possa alcançar a todos (Cf. DAp 203).

No tocante à formação dos leigos, faz-se necessário que eles recebam “uma sólida formação doutrinal, pastoral, espiritual e um adequado acompanhamento para darem testemunho de Cristo e dos valores do reino no âmbito da vida social, econômica, política e cultural” (DAp 212). Para tanto, os bispos reconhecem as novas comunidades e associações de

⁵³ Merece destaque os catequistas, animadores da Palavra, animadores de comunidade.

⁵⁴ Percebe-se aqui uma forte preocupação de conscientização de que o principal espaço de ação pastoral do fiel leigo é o mundo. Conforme foi recordado no Documento 105 da CNBB, que trata dos Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade n. 6, “a sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e desenvolvimento da comunidade eclesial – esse é o papel específico dos pastores. A primeira e imediata tarefa dos leigos é o vasto e complicado mundo da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes” (EN 70; Documento 105, 6).

leigos como ambientes favoráveis para essa missão da formação e protagonismo dos leigos. Recordando que o processo formativo deve abranger as dimensões “humana comunitária, espiritual, intelectual, comunitária e pastoral-missionária” (DAP 280). Uma vez que os leigos não devem atuar apenas na comunidade, eles precisam ser capacitados para atuar “como discípulos missionários no mundo, na perspectiva do diálogo e da transformação da sociedade” (DAP 283).

Como sabemos, desde a Conferência de Medellín a Igreja na América Latina tem buscado aplicar a riqueza do Concílio Vaticano II. De modo especial, houve muitos avanços nas experiências das comunidades paroquiais, que aos poucos vem se renovando e procurando adaptar-se para responder aos desafios do tempo presente. Tem ocorrido de modo gradativo, em alguns lugares se destacam, outros ainda precisam abrir-se à compreensão do papel e do modo com que a paróquia deve cumprir sua missão na sociedade e no interior da diocese. Nesses mais de cinquenta anos, a paróquia foi chamada a superar sempre a pastoral da conservação, ao ostracismo e, principalmente, ao clericalismo. Vemos alguns avanços, principalmente no tocante à consciência e o desenvolvimento do papel do leigo na comunidade. Temos ótimos testemunhos de sacerdotes que buscaram e continuam buscando fomentar a missão, abrindo-se a uma experiência de comunhão e participação.

Em todo o continente há belos testemunhos da vivência paroquial como “rede de grupos e comunidades”, conforme proposto por Puebla; como “rede de comunidades”, como nos propôs Santo Domingo, principalmente dando passos para uma experiência missionária, mesmo que em alguns casos ainda que muito voltada *ad intra*. Com o passar dos anos tem se tornado cada vez mais frequente a busca por uma pastoral de conjunto, através de proposta e aplicação de planos de pastorais diocesanos, cada vez mais inspirados pelas Diretrizes Gerais da ação evangelizadora ou notas pastorais, que normalmente são resultado das assembleias episcopais de cada país do continente. E de modo especial, desde 2007, busca-se por aplicar a proposta da Conferência de Aparecida de fazer com que a paróquia seja uma “comunidade de comunidades” em vista da missão.

Não podemos nos acomodar. Sabemos que Francisco, desde o início do seu pontificado, quis que nos reconheçêssemos como povo de Deus e não uma instituição hierarquizada, cuja base são os fiéis e a hierarquia se sobrepõe. Ao contrário, já na sua primeira aparição se colocou como pastor que caminha com seu povo. Seus gestos e palavras nos ajudaram a compreender o que poucos meses depois foi apresentado em sua primeira exortação apostólica, onde ressalta que na Igreja cada membro tem seu papel fundamental e todos precisam deixar-se envolver pela experiência de ser salvo pelo Senhor e assim nos tornar anunciadores da Boa Nova de Jesus

Cristo. Em relação à paróquia, embora fale pouco, deixa claro que ela é uma realidade necessária e deve renovar-se para ser de fato uma Comunidade de comunidades em vista da missão e em saída, como veremos a seguir.

4.4 A paróquia em tempos de Papa Francisco

Acabamos de ver como as Conferências Gerais latino-americanas absorveram a riqueza da eclesiologia do Concílio Vaticano II e cada qual, de acordo com os desafios do seu tempo, apresenta características específicas da paróquia que se somam e aos poucos vão delineando o perfil pastoral da comunidade paroquial. Em todo o processo de coleta e análise de dados referentes à perspectiva de Francisco em relação à paróquia, pouco se encontrou em textos atuais, pois a maioria dos teólogos e pastoralistas focam suas análises em seu perfil pastoral e quais as consequências disso para a Igreja Universal. Na verdade, pouco se escreve sobre a paróquia⁵⁵. Desse modo, vimos como necessário manter o método que se utilizou para apresentar o seu perfil pastoral, auxiliado pela *Evangelii Gaudium* e os discursos nos quais Francisco faz alguma referência direta à paróquia. Buscar-se-á apresentar o perfil pastoral da paróquia em tempos de Papa Francisco.

Quando demos início ao processo de pesquisa que agora apresentamos, nossa principal pergunta era: por que Francisco não dedicou uma atenção maior ao tema paróquia? O que ele, de fato, deseja dizer à Igreja a respeito da paróquia, uma vez que a cita poucas vezes na *Evangelii Gaudium*? Nota-se que ele a compreende como representação pública e visível da Igreja (SC 42), a célula básica da Igreja particular (AA 10c), presente no território, e de modo especial, uma estrutura pastoral necessária. Mas, de fato, como ele deseja que a paróquia viva sua dinâmica pastoral? Francisco valoriza a realidade da relação da paróquia com o território, mas não a engessa como uma realidade jurídica como ela foi definida pelo Código de 1917. Ele tem claro a definição do Código de 1983, que a define como uma “comunidade de fiéis, constituída estavelmente na Igreja particular”, uma vez que é estável, está presente num território, num bairro, numa cidade. Por outro lado, entende-se que da mesma forma com que Francisco enxerga as periferias, o território tem mais a ver com uma realidade existencial e não apenas um espaço geográfico.

⁵⁵ Devemos reconhecer que existe uma grande preocupação com a realidade da administração paroquial, a maioria das obras tratam dessa temática e pouco se escreve a respeito da teologia da paróquia. Encontrou-se poucos artigos anteriores ao Pontificado de Francisco e uma quantidade quase ínfima apresentando a perspectiva de Francisco. Tornando-se compreensível a denúncia feita por Francisco na *Evangelii Gaudium* sobre a burocratização e pouca evangelização.

Por outro lado, entende-se que, uma vez que para Francisco a imagem da Igreja de sua preferência é a de “povo de Deus”, ao analisar a partir da eclesiologia de comunhão, tudo o que se diz em relação à Igreja, também se refere à paróquia. Sendo assim, da mesma forma que buscou-se entender o seu perfil pastoral e sua proposta para o dinamismo eclesial a partir de seus gestos e palavras, buscar-se-á delinear o perfil da paróquia em seu pontificado a partir da mesma ótica. Reconhece-se que é próprio de Francisco não apresentar todo o seu posicionamento em um primeiro momento, mas aos poucos esclarecendo o que disse e o que pensa a respeito de determinado assunto. Sendo assim, em relação à instituição paroquial e sua necessidade para o momento presente, merecem destaque duas respostas dadas, em momentos distintos, a indagações pertinentes a respeito do papel da paróquia. Também foram encontradas manifestações claras a respeito da paróquia em discursos e/ou mensagens destinadas a grupos de pessoas, inclusive de grupos de bispos, onde nem sempre o assunto principal era a instituição paroquial, mas que ele aproveita para fazer denúncias ou ressaltar realidades pertinentes à pastoral eclesial. São pontuações necessárias e imprescindíveis para se alcançar a reforma tão desejada desde sua eleição como: a conversão pastoral e o abandono da “pastoral de conservação”, o abandono do clericalismo em vista de uma participação consciente dos leigos e sua corresponsabilidade na missão evangelizadora, da mesma forma que a colegialidade, a sinodalidade.

4.4.1 A paróquia tem futuro, mas deve renovar-se a cada dia

Uma vez que a paróquia é expressão da Igreja, que é uma instituição divina e humana, teve de enfrentar muitos desafios ao longo do tempo e, para saber lidar com as dificuldades e desafios de cada tempo, acabou por ter múltiplas faces. Entretanto, apesar dos percalços históricos, a paróquia continua aí de pé, resistiu à história sendo uma “comunidade de fé, de esperança e de caridade” (LG 8), que faz com que a Igreja se torne presente entre as casas de seus filhos e filhas, sendo sinal e o rosto da Igreja mais acessível e próximo ao povo, e para aqueles que a buscam, é a realidade palpável da “Igreja visível espalhada por todo o mundo” (LG 42). Em 2014, quando da visita *ad Limina* dos bispos mexicanos, ao tratar sobre o tema da paróquia como comunidade de fé, ressalta: “nunca deixarei de evidenciar a importância que a paróquia assume na vivência da fé com coerência e sem complexos na sociedade. Ela é [...] o âmbito eclesial que garante o anúncio do Evangelho, a caridade generosa e a celebração

litúrgica”⁵⁶. Entende-se através dessa fala, que mais uma vez o Pontífice se posiciona a favor da instituição paroquial, ressaltando que sua dinâmica pastoral se sustenta na vivência de três dimensões: Liturgia, Palavra e Caridade.

Francisco iniciou seu ministério com a missão de dar uma resposta ao sínodo de 2012, que se ocupou do tema: “a Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã” e isso se deu através da Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*, na qual evitou-se colocar o termo pós-sinodal, pois Francisco quis que ela também fosse o seu programa de pastoreio. No *Instrumentum Laboris*⁵⁷, um dos documentos de trabalho e estudo durante o Sínodo, podemos contemplar que a partir das respostas obtidas durante o processo de escuta pré-sinodal, os bispos reconhecem a Nova Evangelização como um chamado à missionariedade através de um forte empenho de anúncio de fé a todos. E no que diz respeito à paróquia deixam claro que:

espera-se muito das paróquias, tidas como a mais capilar porta de acesso à fé cristã e às experiências eclesiais. Para além de serem o lugar da pastoral ordinária, das celebrações litúrgicas, da administração dos sacramentos, da catequese e do catecumenato, elas têm a missão de se tornarem verdadeiros centros de irradiação e de testemunho da experiência cristã, sentinelas capazes de escutar as pessoas e as suas necessidades. Elas são lugares em que se educa para a procura da verdade, se nutre e reforça a própria fé, pontos de comunicação da mensagem cristã, do projeto de Deus sobre o homem e sobre o mundo, primeiras comunidades em que se experimenta a alegria de sermos reunidos pelo Espírito e preparados para viver o mandato missionário (IL 81).

Também aqui se percebe um olhar muito positivo a respeito da paróquia. Ela é reconhecida como o lugar da pastoral ordinária, centro formação catequética e de irradiação missionária. Porém, sabemos que Francisco não quis restringir a dinâmica missionária apenas à comunidade paroquial. Ao contrário, ao apresentar sua proposta de conversão pastoral em vista de chave missionária, tem diante de si toda a Igreja. Inclusive, pode-se notar através da leitura da *Evangelii Gaudium*, que ele usa poucas vezes as palavras: diocese (apenas duas vezes); Igreja particular (apenas três vezes). Sua maior referência é voltada para a Igreja, sempre entendida como povo de Deus. Já no tocante à paróquia, Francisco fala um pouco mais, embora o termo “paróquia” apareça apenas nove vezes em todo o documento⁵⁸.

⁵⁶ FRANCISCO. *Discurso aos bispos do México por ocasião da visita ad Limina Apostolorum*. Sala Clementina. Segunda-feira, 19 de maio de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140519_ad-limina-messico.html. Acesso em: 10 nov. 2022.

⁵⁷ SÍNODO DOS BISPOS. *Instrumentum Laboris da XIII Assembleia Geral Ordinária - A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*. Cidade do Vaticano. 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html. Acesso em: 06 fev. 2023 (IL)

⁵⁸ Ao fazer uma busca em toda a exortação encontrou-se o termo paróquia nos números: 28 (4x), 29 (1x), 63 (1x), 81 (1x), 107 (1x) e 175 (1x). Em outros momentos o pontífice se dedica a tratar da realidade da Igreja apresentando-

Sobre a realidade paroquial propriamente dita, Francisco trata de modo aberto, sincero e sem muitas delongas apenas no número 28. Tudo leva a crer que havia uma expectativa dos padres sinodais em relação a um posicionamento do pontífice, lembrando que num primeiro momento quem deveria ter escrito a exortação era Bento XVI, mas como ele renunciou poucos meses após o encerramento do Sínodo, coube a Francisco apresentar à Igreja a exortação apostólica. Francisco inicia o parágrafo destinado a tratar sobre a paróquia, aparentemente respondendo a quem possivelmente indagou sobre a necessidade ou não da paróquia, uma vez que para muitos é reconhecida como uma realidade já obsoleta. Para esses ele simplesmente diz: “a paróquia não é uma estrutura caduca” (EG 28). Tal posicionamento é muito semelhante ao de São Paulo VI, que também, no início do seu pontificado, ao encontrar-se com o clero de Roma, reconheceu que a paróquia não é a única instituição eclesial capaz de responder aos desafios do tempo presente no que diz respeito à evangelização e a formação cristã. Porém, em seguida declarou: “acreditamos que esta antiga e venerada estrutura da paróquia tem uma missão indispensável e altamente atual”⁵⁹. Francisco tem claro da mesma forma que São Paulo VI, que a paróquia não é a única estrutura eclesial responsável pela evangelização e a formação cristã, por isso, reconhece seu valor, pois sabe que ela continua sendo o espaço onde a maioria dos fiéis conseguem enxergar a realidade palpável da Igreja, além de ser aquela que cria a primeira comunidade do povo cristão. É o espaço onde o povo se reúne para celebrar a liturgia, receber a formação doutrinária e, muitas vezes, dispor-se a se relacionar como irmãos e exercer a caridade fraterna.

Porém, Francisco vai além do posicionamento de São Paulo VI, pois salienta que a paróquia “possui uma grande plasticidade, pode assumir formas muito diferentes que requerem a docilidade e a criatividade missionária do Pastor e da comunidade” (EG 28). Francisco reconhece que a paróquia, enquanto instituição, superou os desafios dos séculos e adaptou-se de acordo com as necessidades do contexto social em que foi constituída, sem que isso lhe causasse grande prejuízo. Porém, também reconhece que nesse contexto de mudança de época se faz necessário a docilidade e a criatividade, não só do pastor que responde juridicamente pela paróquia, mas também da comunidade, que por ser parte do povo de Deus deve contribuir principalmente no discernimento do destino da comunidade paroquial.

a como comunidade, ora tratando-a como comunidade eclesial, comunidade cristã, comunidade evangelizadora e comunidade missionária, bem como comunidade de base e pequenas comunidades. Entende-se desse modo que sua compreensão em relação à paróquia é pautada no modelo eclesial definido no Concílio Vaticano II, através do qual não há a centralização na pessoa do pároco, mas sim no povo (comunidade).

⁵⁹ PAULO VI. *Discorso al clero della città di Roma*. Lunedì, 24 giugno 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630624_clergy-rome.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

Encontramos em um de seus discursos de 2016, mais precisamente aquele proferido durante o encontro com os bispos poloneses presentes na Jornada Mundial da Juventude da Polônia, uma resposta esclarecedora que Francisco dá a um dos bispos, quando este lhe pede indicações a respeito da Paróquia⁶⁰. Diante do pedido de sugestões apresentado pelo prelado, Francisco rapidamente respondeu: “a paróquia é sempre válida! A paróquia deve permanecer: é uma estrutura que não devemos jogar fora da janela. A paróquia é precisamente a casa do Povo de Deus, a casa onde vive. O problema está no modo como organizo a paróquia”⁶¹. Na sequência, para esclarecer seu modo de ver a paróquia, ressaltou as dificuldades que o povo encontra quando busca a paróquia para receber um sacramento e/ou um alento: normalmente se depara com burocracias e as portas fechadas⁶².

Reconhece-se que Francisco aproveita desse encontro com os bispos poloneses para dar seu recado ao episcopado do mundo, pois alerta-os sobre o grau de responsabilidade que o bispo tem para que se torne efetivo o caminho de conversão pastoral paroquial. Sendo assim, reforça que “a renovação da paróquia é uma das coisas que os bispos devem ter sempre sob os olhos: Como está esta paróquia? Que faz? Como está a catequese? Como é ensinada? É aberta?”⁶³. A *Evangelii Gaudium* ressalta: “é papel do bispo pôr-se-á à frente para indicar a estrada e sustentar a esperança do povo, outras vezes manter-se-á simplesmente no meio de todos com a sua proximidade simples e misericordiosa” (EG 31). Faz-se mister recordar que os presbíteros são colaboradores dos bispos e, por isso, não são donos das comunidades paroquiais que pastoreiam. Toda paróquia é uma porção da diocese, cujo pastor e princípio de unidade é o bispo, da mesma forma que também é o catequista por excelência e, portanto, o primeiro a zelar pela formação de todo o seu povo. Por isso, cabe aos bispos animarem os presbíteros e os demais membros do povo de Deus a encontrar o caminho certo para a comunidade paroquial, e de modo especial cuidar que as comunidades estejam sempre abertas, sejam acolhedoras e testemunhas

⁶⁰ Trata-se de uma pergunta feita pelo bispo auxiliar de Tarnów Dom Leszek Leszkiewicz. Embora ele reconhecesse que o modelo de paróquia no seu país fosse marcado pelo modelo tradicional de paróquia, que de acordo com seu testemunho ainda funciona, porém sem grandes frutos por falta de dinamismo missionário. Sendo assim, pede sugestões a Francisco.

⁶¹ FRANCISCO. *Encontro com os bispos polacos*. Viagem apostólica à polónia por ocasião da XXXI Jornada Mundial da Juventude. Catedral do Wawel, Cracóvia, Quarta-feira, 27 de julho de 2016 In: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160727_polonia-vescovi.html. Acesso em: 29 out. 2022.

⁶² Entende-se aqui que Francisco contempla duas realidades quando fala que a paróquia está de portas fechadas. Primeiro faz recordar sua experiência no dia 21 de setembro de 1953, quando entrou na Igreja de São José e fez seu encontro com Deus. Razão pela qual sempre insiste em dizer que as igrejas devem ter as portas abertas. Também dá a entender que as portas fechadas nesse contexto se referem ao modo com que se trata quem chega à Igreja e não é bem acolhido.

⁶³ FRANCISCO. *Encontro com os bispos polacos*. 2016.

da misericórdia de Deus e comunguem da “espiritualidade de comunhão e participação” (Dap 368).

Sabemos que Francisco não é de entregar a receita pronta, pois é consciente que cada comunidade tem seu contexto social, cultural e seu modo próprio de viver a dinâmica pastoral. No entanto, deixa claro que ele espera que as comunidades paroquiais sejam capazes de chegar ao discernimento e se renovem, de modo especial abrindo-se ao novo, assumindo um caminho de “conversão pastoral e missionária” (EG 25) em vista de tornar-se uma “igreja em saída”. Ou seja, uma comunidade que vai ao encontro do outro, deixando-se envolver com seus membros, capaz de acompanhá-los, que produz frutos e festeja, bem como uma comunidade que não é voltada para si, mas é capaz de ir às periferias humanas (Cf. EG 24. 46). Todavia, é ciente de que se trata de um processo que não acontece de um momento para outro. Por isso exige esforço de todos, pois ele entende que a paróquia é um local propício para a criatividade, ao mesmo tempo que é a referência de Igreja para a maioria, é ali que nascem os filhos de Deus, que buscam os sacramentos. Por isso, cada comunidade deve “exercitar a capacidade inventiva” e, ainda, acrescenta “quando uma paróquia procede assim, realiza-se aquilo a que chamei – isso a propósito dos discípulos missionários que perguntava – a ‘paróquia em saída’”⁶⁴.

Em outras palavras, não existe apenas uma única via, cada comunidade deve encontrar sem caminho. O que não pode ocorrer é ficar parada, ou só ocupada em celebrar os sacramentos e atender os necessitados. Cada paróquia deve adequar-se e buscar o caminho de levar Cristo a todos, sendo capaz inclusive de acolher a todos que a procuram.

4.4.2 A paróquia deve estar sempre com as portas abertas, ser acolhedora, misericordiosa e não deve se esquecer dos pobres

Como vimos no primeiro capítulo, as experiências pessoais e pastorais de Bergoglio marcaram sua vida e seu ministério e ainda hoje são referência pastorais para ele. Sendo assim, a sua visão de paróquia traz as marcas da eclesiologia do Concílio Vaticano II, das Conferências Gerais do episcopado latino-americano, mas ao mesmo tempo, também são iluminadas pela sua experiência pessoal de Igreja. De modo especial, vale a pena recordar que sua experiência de chamado de Deus se deu em uma paróquia, pela qual ele ainda no início da juventude, vendo que as portas estavam abertas, se sentiu impelido a entrar e a buscar o sacramento da reconciliação. E ali, naquela Igreja, ele experimentou o amor de Deus, a certeza de ser acolhido

⁶⁴ FRANCISCO. *Encontro com os bispos polacos*. 2016.

e bebeu da fonte da misericórdia divina. Tal experiência lhe marcou de tal modo que mudou o rumo de sua vida e até é tido como uma das marcas do seu ministério, e serviu como inspiração para o seu lema episcopal e papal.

Desde o início do seu ministério, Francisco sempre tem batido na mesma tecla, ressaltando que a paróquia deve estar sempre de portas abertas, pois assegura que assim aqueles que ali chegarem “experimentarão a paternidade de Deus e compreenderão que a Igreja é uma boa mãe que acolhe e ama sempre”⁶⁵. Diante dessas afirmações, compreende-se que a realidade de “deixar as portas abertas” deve ser compreendida de forma literal e ao mesmo tempo metafórica. Não basta apenas abrir as portas do edifício/templo, faz-se necessário uma mudança de postura, devemos acolher a todos, principalmente os pobres e necessitados. Nesse caso, os templos devem estar sempre disponíveis para a oração e para a acolhida. Todavia, não se pode pensar o dinamismo paroquial apenas centrado nas ações sacramentais. Ao contrário, nossas paróquias precisam se converter em verdadeiros centros de encontro e acolhimento, conforme salientou, em 2015, em sua homilia, durante a viagem apostólica ao Paraguai: “é belo imaginar as nossas paróquias, comunidades, capelas, lugares onde estão os cristãos, não com as portas fechadas, mas como verdadeiros centros de encontro tanto entre nós como com Deus. Como lugares de hospitalidade e acolhimento”⁶⁶. Em outro momento, Francisco foi mais contundente na chamada de atenção. Para ele, “as igrejas, as paróquias e as instituições com as portas fechadas não devem chamar-se igrejas, mas museus”⁶⁷.

Diante disso, podemos compreender que, para Francisco, a dinâmica da vida comunitária paroquial deve ter como marca a abertura e acolhida do outro, de modo especial, com expressão de misericórdia. Na verdade, Francisco deseja que “cada paróquia e realidade eclesial se torne santuário para quantos procuram Deus e casa acolhedora para os pobres, os idosos e necessitados”⁶⁸. No que diz respeito à acolhida e o cuidado com o pobre, já tínhamos

⁶⁵ FRANCISCO. *Discurso a um grupo de novos prelados participantes de um curso organizado pela Congregação para os Bispos e a Congregação para as Igrejas Orientais*. Sala Clementina, quinta-feira, 19 de setembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130919_convegno-nuovi-vescovi.html. Acesso em: 08 fev. 2023.

⁶⁶ FRANCISCO. *Homilia da Santa Missa durante a viagem apostólica ao Equador, Bolívia e Paraguai*. Campo Grande de Ñu Guazú, Assunção (Paraguai), Domingo 12 de Julho de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150712_paraguay-omelia-nu-guazu.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

⁶⁷ FRANCISCO. *Audiência geral*. Praça São Pedro, Quarta-feira, 9 de Setembro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150909_udienza-generale.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

⁶⁸ FRANCISCO. *Homilia na celebração eucarística durante a visita pastoral a Pompeia e Nápoles*. Praça do Plebiscito (Nápoles), Sábado, 21 de Março de 2015. https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150321_omelia-pompei-napoli.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

visto anteriormente, mas vale a pena recordar o que frisou durante sua Viagem apostólica à Uganda, em 2015. Para Francisco, se paróquia está próxima dos pobres, ela dá testemunho concreto de que o que mais vale é o ser humano e não as coisas, pois o pobre nos ensina e faz tocar o Cristo. Sendo assim,

as nossas paróquias não devem fechar as portas e os ouvidos ao grito dos pobres. Trata-se da via-mestra do discipulado cristão. É assim que damos testemunho do Senhor que veio, não para ser servido, mas para servir. Assim mostramos que as pessoas contam mais do que as coisas, e que aquilo que somos é mais importante do que o que possuímos. De fato, é justamente naqueles que servimos que Cristo Se nos revela cada dia a Si mesmo e prepara a recepção que esperamos ter um dia no seu Reino eterno⁶⁹.

Para Francisco a opção preferencial pelos pobres se concretiza na acolhida, no cuidado e na vivência no meio deles. Várias vezes recorda que essa opção não pode ser somente uma ideologia, mas sim um ato concreto, só assim se consuma a realidade que ele tanto sonha de sermos uma “uma Igreja pobre e para os pobres”. Sabemos que os recursos humanos são necessários para o bom desempenho da missão, porém a Igreja não necessita de glórias terrenas, mas é chamada a dar exemplo de humildade e desapego, em primeiro lugar (Cf. LG 8). Nesse sentido devemos reconhecer que ele é um grande exemplo. Pois, desde o início de seu ministério tem nos mostrado como o pastor deve viver, várias vezes reagiu combatendo a ostentação, sempre procurou colocar-se aos lados dos pobres, pois tem claro que eles são o coração do Evangelho⁷⁰.

Francisco deseja que a paróquia seja a expressão da “Igreja pobre e para os pobres”. Por isso, não pode colocar o pobre em segundo plano. Ela não deve só querer ser pobre, antes, deve buscar ser a Igreja dos pobres, sendo aberta e acolhedora. Como salienta Brustolin, a paróquia deve manter-se sempre disposta à “escuta atenta dos problemas das pessoas e o propósito de servir as pessoas em suas tristezas e ansiedades”⁷¹. Mas para isso se faz necessário superar as burocracias e moralismos, para aprendermos a enxergar as pessoas e não as medir a partir de critérios e normas distantes do Evangelho, como por exemplo no batismo de crianças filhas de

⁶⁹ FRANCISCO. *Discurso durante a viagem apostólica do Papa Francisco ao Quênia, Uganda e República Centro-africana*. Visita à casa de caridade de Nalukolongo - Kampala (Uganda), Sábado, 28 de novembro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151128_uganda-casa-carita.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

⁷⁰ Para Francisco os pobres e necessitados são em primeiro lugar, aqueles que menos tem e, de modo especial, aqueles que não tem nada. Entretanto, soma-se a esses outra gama de realidades humanas, as quais, à exemplo de Aparecida, são chamadas por Francisco de periferias existenciais Cf. DAp 65. 257. 402 de acordo com a nota 76 do Capítulo 2.

⁷¹ BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *La conversión pastoral de la parroquia*. La renovación parroquial en América Latina. Rivista Lateranum, Roma: Lateran University Press, n. LXXX, p. 9-28, jan. 2014/1. [arquivo em pdf] Disponível em: https://www.pul.va/wp-content/uploads/2021/12/Lateranum_1_2014_PDF.pdf Acesso em: 21 jan. 2023. p. 22.

mães solteiras. Na missa de 19 de outubro de 2017 chegou a comparar a atitude fechada dos sacerdotes que fecham as portas para o batismo das crianças que não são fruto de um casamento canônico, como “os fariseus de hoje”. Por isso, foi enfático: “é preciso rezar por nós, pastores, para que não percamos a chave do conhecimento e não fechemos a porta a nós e às pessoas que quiserem entrar”⁷²

Para Francisco a paróquia é a casa de Deus entre os pobres, por isso, deve evangelizá-los e deixar-se evangelizar por eles. Deve se ter claro que não basta apenas lutar pelas suas causas ou assisti-los em suas necessidades com o intuito de resguardar a sua dignidade. Faz-se necessário dar um passo além, a paróquia precisa caminhar com os pobres e ser capaz de chegar também às “periferias existenciais onde existe sofrimento, solidão e degradação humana”⁷³. Eis um grande passo para a conversão pastoral paroquial.

4.4.3 A conversão pastoral e missionária da paróquia na perspectiva de Francisco

Como já vimos, desde o Concílio Vaticano II já se reconhece que a paróquia não é a única estrutura pastoral onde se torna concreta a missão evangelizadora da Igreja. No entanto, ela é reconhecida como um lugar privilegiado para a pastoral. Assim também a entende as Conferências Gerais latino-americanas, que reconhecem a Paróquia não apenas como uma circunscrição administrativa ou uma mera repartição funcional da diocese, mas sim como a forma histórica e privilegiada da localização da Igreja; uma porção de fiéis da Igreja particular, como uma célula, que comporta todos os batizados da Igreja católica, localizada num determinado território. Espaço onde se constroem os vínculos concretos de consciência do amor de Deus, se recebe os sacramentos, dentre os quais, tem privilégio a Eucaristia, e por isso, deve ser reconhecida como uma comunidade eucarística.

Francisco, seguindo a linha do Concílio Vaticano II e das Conferências Gerais latino-americanas na *Evangelii Gaudium* n. 28 também reconhece que a paróquia não é a “única instituição evangelizadora”, porém admite que “é o principal espaço de identificação eclesial”.

⁷² FRANCISCO. *Fariseus de hoje*. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta. Quinta-feira, 19 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20171019_fariseus-de-hoje.html. Acesso em: 08 fev. 2023.

⁷³ FRANCISCO. *Discurso do Papa Francisco a um grupo de novos prelados participantes de um curso organizado pela Congregação para os bispos e a Congregação para as Igrejas Orientais*. Sala Clementina. Quinta-feira, 19 de setembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130919_convegno-nuovi-vescovi.html. Acesso em: 01 out. 2022.

O ambiente que há séculos tem sido o campo fértil para a vida cristã se desenvolver, onde os fiéis se reúnem todas as semanas para celebrar o culto público, onde buscam pelos sacramentos; da mesma forma que é o lugar privilegiado da formação catequética inicial e permanente e que desenvolve valiosos serviços de assistência social. Contudo, sendo um dos principais divulgadores da proposta de Aparecida, entende que para a paróquia continuar dando testemunho de ser comunidade de fé, esperança e caridade, a “Igreja presente no meio do povo”, ou “a Igreja entre as casas do povo”, o “espaço mais acessível do encontro com Deus e os irmãos”, precisa urgentemente iniciar um caminho de adaptação e renovação. Pois, conforme nos afirma França Miranda, as “transformações socioculturais que experimenta hoje a sociedade pedem que a Igreja, em sua missão evangelizadora, saiba transmitir sua mensagem salvífica de modo condizente com os problemas, os desafios, as inquietações atuais”⁷⁴. Por isso, a exemplo de Aparecida, Francisco conclama a Igreja e, conseqüentemente, a paróquia a sair do ostracismo da “pastoral de conservação”, em que “predomina o aspecto administrativo sobre o pastoral, bem como uma sacramentalização sem outras formas de evangelização” (EG 63) e assumir uma verdadeira conversão pastoral em chave missionária.

Como se sabe, essa proposta não soou como algo assustador para a Igreja na América latina, da mesma forma que para a Igreja na Itália. Pois desde a IV Conferência Geral do episcopado latino-americano já se levantou a bandeira da renovação paroquial através da conversão pastoral. Em Santo Domingo, como vimos anteriormente, os bispos declararam que a conversão pastoral deveria acontecer em quatro âmbitos: “na consciência da comunidade eclesial; na práxis ou nas ações pessoais e comunitárias; nas relações de igualdade e autoridade; e nas estruturas da Igreja” (SD 30)⁷⁵.

Nessa mesma direção, no início do novo milênio, mais precisamente em 2004, a Conferência Episcopal Italiana, também preocupada com o rumo da paróquia, diante dos desafios do mundo em mudança, convocou a Igreja na Itália a iniciar um caminho de renovação paroquial, através da Nota Pastoral *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia* (o rosto missionário das paróquias em um mundo em mudança). Através desse documento da Igreja local, o episcopado italiano reconheceu a urgente necessidade de uma pastoral que anuncie novamente o Evangelho, afirmando que a missão *ad gentes* não pode ter acabado, pelo contrário, deve ser constantemente o paradigma de toda pastoral, uma vez que é

⁷⁴ FRANÇA Miranda, Mario de. *Conversão e reforma eclesial*. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 76, n. 304, p. 861-874, 2016. DOI: 10.29386/reb.v76i304.143. Disponível em: <https://revistaeclesiacbrasilera.itf.edu.br/reb/article/view/143>. Acesso em: 22 jan. 2023.p. 865.

⁷⁵ Cf. Capítulo 2, nota 83.

missão da Igreja levar a todos o conhecimento de Cristo. Reconhecendo que a sociedade se encontra em constante mudança, frisa que se faz necessário que ela redescubra o que perdeu na memória e, desse modo, faça novamente a experiência do amor fraterno, que é próprio da experiência dos discípulos. E aponta como caminho: abandonar a “pastoral de conservação”, que se preocupa unicamente com a fé e os cuidados daqueles que estão na comunidade, para assumir uma pastoral missionária, através do anúncio do Evangelho, que vai em direção dos homens e mulheres para chamá-los a viver uma vida nova (Cf. VMP, 1).

Um ano antes, ou seja, em 2003, Sergio Lanza através da sua obra *La parrocchia in un mondo che cambia* (a paróquia em um mundo em mudança), já havia apresentado considerações importantes em relação à postura pastoral da Igreja italiana em relação à paróquia, quando no terceiro capítulo discorre sobre a necessidade de a paróquia abandonar a “pastoral de conservação” e assumir um processo de conversão pastoral, conforme podemos notar em suas palavras:

O futuro da paróquia dependerá de suas transformações. As propostas de renovação que se movem no interior do modelo atual, por mais louvável que seja na sua intenção, constitui-se em uma ilusão enganadora. Só mudando profundamente a paróquia pode continuar a ser estilo de comunidade cristã no território, sua realização histórica adequada e eficaz. Aspecto não marginal daquela conversão pastoral que é inteligência e ascese, mentalidade e práxis, impulso de evangelização e fidelidade criativa em um mundo que muda⁷⁶.

É de se considerar que Lanza e a Igreja italiana já se apresentavam preocupados com a situação da paróquia, antes mesmo do episcopado latino-americano se reunir em Aparecida e nos convocar a estarmos em estado permanente de missão. Tanto o autor quanto o episcopado italiano têm claro que se faz necessário sair da autorreferência, da autoproteção do sentir-se seguros pelos badalos dos sinos, ou seja, de pensar que o povo virá a partir de um pequeno sinal de que a celebração vai iniciar, e assim convoca a Igreja italiana a assumir um estilo de missão que parte em direção ao outro. Percebe-se que há uma consciência de que se faz necessário ir além da pastoral paroquial ligada a um território circunscrito e centrada na figura do pároco, e abrir-se à corresponsabilidade entre comunidades, através de um projeto pastoral paroquial, Inter paroquial e diocesano, sempre pensado de maneira orgânica e sinodal. Ou seja, através da corresponsabilidade de toda a comunidade, reconhecida como uma comunidade ministerial.

No nosso contexto latino-americano, de modo especial em Aparecida, o episcopado retomou o que se havia discutido em Santo Domingo sobre a conversão pastoral, e entendeu que se trata de um processo que deve acontecer primeiro a nível pessoal, para depois ter efeito

⁷⁶ LANZA, Sergio. *La parrocchia in un mondo che cambia*. Situazioni e prospettive. Roma: Edizioni OCD. 2004. p. 8-9.

na pastoral, ou seja, a verdadeira conversão pastoral não se trata apenas de um caminho de mudança nas estruturas pastorais ou de método de levar a Boa Nova, mas sim de um processo interior, seja do indivíduo, seja da comunidade. Na verdade, como Francisco afirmou aos bispos latino-americanos em um de seus discursos durante a JMJ 2013:

esta conversão implica acreditar na Boa Nova, acreditar em Jesus Cristo portador do Reino de Deus, em sua irrupção no mundo, em sua presença vitoriosa sobre o mal; acreditar na assistência e guia do Espírito Santo; acreditar na Igreja, Corpo de Cristo e prolongamento do dinamismo da Encarnação⁷⁷.

Para que a paróquia se torne verdadeiramente missionária, cada um de seus membros precisam abrir-se a um verdadeiro processo de conversão individual, sempre fruto do seu encontro com Jesus Cristo, pois somente quem faz um encontro autêntico com Cristo é capaz de uma proclamação fecunda do Evangelho, e assim fazer a passagem de uma “pastoral de conservação”, para uma pastoral decididamente missionária, aberta a ir aos setores da sociedade e a procurar os afastados para compartilhar com eles o Evangelho, sem se preocupar apenas em encher o templo de fiéis.

Sabemos que, como nos assegura Brustolin, ainda “há muitos batizados e até pastorais que não fizeram um encontro pessoal com Jesus Cristo. Alguns vivem o cristianismo sacramentalmente sem deixar que o evangelho renove sua vida”⁷⁸. Por isso, Francisco, conclama a Igreja a abandonar o pessimismo e agir com ousadia (Cf. EG 84-86), ter criatividade missionária (EG 28), e ousadia na “tarefa de repensar os objetivos, as estruturas, o estilo e os métodos evangelizadores das respectivas comunidades” (EG, 33). Pois a proposta é de levar Jesus Cristo a todos, tanto aos que já se sentem membros da comunidade e, de modo especial, aos que estão afastados.

Francisco não admite que diante dos desafios do tempo presente a pastoral paroquial ainda insista em se preocupar com a manutenção da pastoral através da “pastoral de conservação”, ocupando-se apenas com a dimensão sacramental, na dependência e sob as asas do ministro ordenado, com o envolvimento dos leigos apenas nas realidades do culto. Sua proposta é que em todas as dimensões e estruturas a paróquia se torne missionária e em saída. Porém, para que se concretize esse seu sonho, todos os seus membros devem mudar de postura e todas as suas instâncias pastorais devem envolver-se num verdadeiro processo de conversão,

⁷⁷ FRANCISCO. *Discurso aos bispos responsáveis do conselho episcopal latino-americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação*. Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Auditório do Centro de Estudos do Sumaré, Rio de Janeiro, Domingo, 28 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em: 10 fev. de 2023.

⁷⁸ BRUSTOLIN, *La conversión pastoral de La parroquia*, p. 21.

que consiste numa mudança dos costumes, de estilo pastoral, de adequação de horários, uma linguagem simples e adequada mais à evangelização do mundo atual que à autopreservação (Cf. EG 27).

A conversão pastoral da paróquia não consiste apenas na mudança de princípios, de regras e ou relaxamento das normas da tradição cristã. A paróquia, para tornar-se verdadeiramente missionária, deve trilhar um caminho de profundas transformações, marcado pelo abandono de posturas arcaicas. E como afirma Brustolin, deve assumir “uma postura pastoral menos burocrática, menos fria, menos julgadora e mais misericordiosa”⁷⁹. Em outras palavras, deve ter o salvífico como prioridade em relação ao doutrinal, o jurídico e o institucional, e tornar-se sempre pronta a ir ao encontro de todos, e de modo especial os pobres.

4.4.3.1 Na paróquia missionária o clericalismo precisa ser extirpado

Francisco reconhece que um dos grandes desafios para a renovação paroquial é o clericalismo. Uma vez que é oriundo da América Latina e viveu a maior parte da sua vida envolvido nos contextos eclesiais latino-americano, quando apresenta suas denúncias contra esse mal presente e operante na Igreja faz referência ao que ele conhece da Igreja latino-americana, principalmente ao que ele presenciou. Sabemos que a “pastoral de conservação” é sustentada principalmente pelo clericalismo, que normalmente não é presente só nos consagrados. Como o próprio pontífice ressalta, trata-se de pecado hediondo para a pastoral da Igreja e que, na maioria das vezes, se mantém através da cumplicidade dos membros da comunidade, conforme podemos atestar em suas próprias palavras:

Curiosamente, na maioria dos casos, trata-se de uma cumplicidade pecadora: o pároco clericaliza e o leigo lhe pede por favor que o clericalize, porque, no fundo, lhe resulta mais cômodo. O fenômeno do clericalismo explica, em grande parte, a falta de maturidade e de liberdade cristã em parte do laicato da América Latina: ou não cresce (a maioria), ou se comprime sob coberturas de ideologizações como as indicadas, ou ainda em pertenças parciais e limitadas⁸⁰.

Embora esteja na moda dizer que na Igreja se vive a experiência da comunhão e participação, sabemos que ainda estamos muito aquém do que nos propôs o Concílio e as Conferências Gerais latino-americanas, em relação à participação dos leigos na pastoral. Em outra oportunidade, Francisco recorda que “na América Latina, ...o clericalismo é muito forte,

⁷⁹ BRUSTOLIN, *La conversión pastoral de La parroquia*, p. 22.

⁸⁰ FRANCISCO, *Discurso aos bispos responsáveis do conselho episcopal latino-americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação*, 2013.

muito marcado. Os leigos não sabem o que fazer, se não perguntam ao sacerdote”⁸¹. Algo desafiador, pois tanto é cômodo para o fiel leigo, que somente executa o que o padre diz, como para o sacerdote, que tem tudo centrado em suas mãos. Infelizmente, sabemos que há um grande descaso em relação à formação dos leigos. Seja da parte do clero, que muitas vezes não dá espaço para que os leigos possam viver o seu protagonismo de maneira autêntica e consciente, ou da parte dos leigos, quando há um certo comodismo em fazer o mínimo e não se envolver.

Quando de sua visita ao Chile em 2018, Francisco mais uma vez denunciou: “O dano mais grave que hoje a Igreja na América Latina pode sofrer é o clericalismo, ou seja, deixar de se dar conta de que a Igreja é todo o santo povo fiel de Deus, que é infalível *in credendo*, todos juntos”⁸². E ainda, no mesmo ano, em um vídeo mensagem que enviou aos participantes do Sínodo da Igreja de Buenos Aires, sua antiga arquidiocese, declarou: “é lamentável quando numa paróquia os fiéis consideram unicamente o que diz o pároco, e o pároco deixa de ser pastor para ser chefe”⁸³.

Em uma carta escrita ao povo de Deus do Chile Francisco ressaltou: “o Santo Povo fiel de Deus é ungido com a graça do Espírito Santo; portanto, na hora de refletir, pensar, avaliar, discernir, devemos ter muito cuidado com essa unção”⁸⁴. Embora tenha escrito a uma comunidade específica, entende-se a partir dessa indicação que Francisco está chamado a atenção de todos. Temos de ter sempre em mente que não há outra via de renovação paroquial senão que cada um assuma a sua responsabilidade. E na comunidade paroquial, além dos trabalhos pastorais há duas instâncias de suma importância, nas quais os leigos devem participar e contribuir ajudando no discernimento e tomada de decisão, a saber: o conselho econômico e o conselho pastoral. Nesse caso, deve-se recordar que é um direito do batizado contribuir na missão e nas decisões que a ela se referem. Por outro lado, deve-se ter em conta que, uma vez

⁸¹ FRANCISCO. *Diálogo com as participantes na plenária da União Internacional das Superiores-gerais (UISG)*. Sala Paulo VI, Quinta-feira, 12 de maio de 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160512_uisg.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

⁸² FRANCISCO. *Encontro privado com os sacerdotes da Companhia de Jesus. Santiago do Chile*. Viagem apostólica ao Chile e Peru (15-22 de janeiro de 2018). Santuário de San Alberto Hurtado, SJ. Terça-feira, 16 de janeiro de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-gesuiti.html. Acesso em: 18 jan. 2023.

⁸³ FRANCISCO. *Mensagem vídeo ao arcebispo de Buenos Aires, por ocasião do Sínodo da Igreja de Buenos Aires*. (27 de outubro 2018) Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20181027_videomessaggio-cardinale-poli.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

⁸⁴ FRANCISCO. *Carta ao Povo de Deus que peregrina no Chile*. 31 de maio de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/letters/2018/documents/papa-francesco_20180531_lettera-popolodidio-cile.html. Acesso em: 14 fev. 2023; CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Instrução: A conversão pastoral da comunidade paroquial a serviço da missão evangelizadora da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2020. n. 37.

que os leigos tenham maior participação nas realidades seculares, são eles que podem melhor opinar sobre as necessidades do tempo presente. Portanto, é direito dos leigos receber sempre formação e capacitação, para que cada vez mais estejam aptos a colaborar na missão e principalmente no cuidado pastoral da comunidade.

4.4.3.2 A paróquia e a questão territorial em tempos de Francisco

O Concílio Vaticano II não fez nenhum acento à questão territorial da paróquia. Vimos que a partir do Cân. 515 do Código de 1983 a paróquia é reconhecida como comunidade e não mais como um território. Entretanto, também sabemos que para ser erigida uma paróquia, não há como deixar de lado a questão territorial. Pois uma vez que é uma parte da diocese, está ligada à realidade territorial. Por isso, Francisco nos recordou na *Evangelii Gaudium*, que a paróquia “é presença eclesial no território, âmbito para a escuta da Palavra, o crescimento da vida cristã, o diálogo, o anúncio, a caridade generosa, a adoração e a celebração” (EG 28). E em outro momento que esteve reunido com a Ação Católica italiana, reforçou: “a paróquia é o espaço onde as pessoas podem sentir-se acolhidas como tais e podem ser acompanhadas através de percursos de amadurecimento humano e espiritual, para crescer na fé e no amor pela criação e pelos irmãos”⁸⁵. Portanto, para que haja um bom amadurecimento humano e espiritual, o sentir-se acolhido e relação interpessoal positiva precisa se tornar concreto.

Francisco reconhece o papel da paróquia no seu contexto social, até mesmo porque sabe que sabe da importância da evangelização na realidade territorial. É ali que aproximando-se daqueles que a cercam, a paróquia os torna participantes do Evangelho que proclama a cada dia, da mesma forma que os envolve no mistério celebrado e vivido. Entretanto, não se prende a esse quesito. Para ele a paróquia é o espaço do encontro, do crescimento, da oração que gera uma comunidade e não apenas um terreno, um espaço territorial, geométrico. Ele não desconsidera a realidade de que a missão da Igreja num bairro ou setor diz respeito a todos os que ali tenham domicílio. Porém, é consciente dos desafios do mundo contemporâneo onde, por causa da mobilidade, o território se ampliou, tornando-se também digital e cada vez mais alargado.

Dá-se a entender que Francisco tenha a mesma visão que seu concidadão Carlos Galli, que reconhece como principal valor, não o fator da territorialidade, ou seja, sua localização

⁸⁵ FRANCISCO. *Discurso aos membros da ação católica italiana*. Praça São Pedro, Domingo, 30 de abril de 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170430_azione-cattolica.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

geográfica, embora saiba que seja uma condição necessária para que se tenha proximidade e relação de vizinhança com os que ali moram, e assim fazer jus da sua identidade de ser a Igreja entre as casas, que acompanha o caminho de fé das famílias que ali estão. Porém, não se deve ignorar os desafios do tempo presente, principalmente o da mobilidade que leva as famílias a escolher uma outra comunidade paroquial fora da fronteira geográfica onde residem. Por isso, pensa a paróquia na ótica de Aparecida, a partir da setorização e que sua pastoral assuma uma postura de conversão missionária que a faça chegar às periferias⁸⁶.

Nessa mesma direção, o Documento 100 da CNBB apresenta a temática da nova territorialidade, onde não importa mais a questão do residir no território, mas sim “o local onde a pessoa vive sua fé, compartilhando com outras pessoas a mesma experiência” (Doc. 100 CNBB, 39). Diante disso, somos chamados a superar as burocracias que, ao invés de colaborar, dificulta e distancia as pessoas do seio da comunidade. Devemos batalhar para que a paróquia, conforme é sua vocação e deseja Francisco: “esteja realmente em contato com as famílias e com a vida do povo, e não se torne uma estrutura complicada, separada das pessoas, nem um grupo de eleitos que olham para si mesmos” (EG 28).

4.4.3.3 A colegialidade e a sinodalidade na Paróquia em tempos de Francisco

Vimos, ao tratar do perfil pastoral de Francisco, que ele entende que a reforma da Igreja começa a partir da consciência e vivência concreta da colegialidade e da sinodalidade. Recordemos a resposta dada durante a JMJ 2016 na Polônia, quando Francisco afirmou que o problema da paróquia está no modo com que o pastor a organiza. Logo, a responsabilidade primeira é do pastor. No entanto, ele precisa ter consciência de que a sua responsabilidade de pastorear não deve ser uma realidade vivida de modo individualista, mas sim a partir da colegialidade, que na paróquia se torna concreta, de modo especial, através de conselhos de assuntos econômicos e de pastoral, que a exemplo da diocese tem o pastor como presidente, mas é composto por todos aqueles que participam do cuidado pastoral, a saber: aqueles que exercem liderança na comunidade, representantes de todos os carismas e ministérios presentes na paróquia, bem como fiéis que possam ajudar a discernir o melhor caminho para a vivência da pastoral, isso na dimensão pastoral. Recorde-se que devem, de modo especial, estar em comunhão com a Igreja e participar da vida eclesial. Na dimensão administrativa, além do pároco, deverá convidar fiéis que o ajudem a desempenhar a função administrativa (Cân. 537):

⁸⁶GALLI, *Dios vive en la ciudad*, p. 223-234.

a) no que se refere aos bens eclesiais (can. 1254 § 2); b) o necessário para o exercício do culto; c) no zelo pelo conveniente sustento do clero e servidores da paróquia; d) no desenvolvimento das obras de apostolado e da caridade (Cân. 529-530).

Sabemos que a responsabilidade jurídica da paróquia está sob a responsabilidade do pároco ou administrador paroquial. No entanto, a responsabilidade da ação evangelizadora cabe a todos. O decreto *Christus Dominus* ressalta que a missão do conselho será “investigar e ponderar tudo o que diz respeito às atividades pastorais e formular conclusões práticas” (CD 27). Também as Conferências Gerais do episcopado latino-americano e as diretrizes gerais recordam a mesma missão e insistem na conscientização e participação dos fiéis nos conselhos, seja para as tomadas de decisões, mas principalmente ajudar os pastores a discernir qual caminho seguir através do planejamento pastoral. O episcopado brasileiro entende a participação dos leigos nos conselhos também como via de superação do clericalismo e crescimento na responsabilidade na comunidade (Doc. 100 CNBB, 211).

Na mesma direção, a Instrução da Congregação para o Clero sobre a conversão pastoral ressalta que: “o renovamento da evangelização exige novas atenções e propostas pastorais diversificadas, para que a Palavra de Deus e a vida sacramental possam alcançar a todos, coerente com o estado de vida de cada um” (ICP, 18). Desse modo, deve-se ter claro que não há outro caminho para a paróquia senão o de renovar-se a partir da experiência de conscientização ou redescoberta da condição de discípulo missionário de cada batizado, processo esse que todos devem participar, cada qual a seu modo e de acordo com sua condição. No que diz respeito aos conselhos, recorda-se de que não é algo novo, desde o Concílio Vaticano II já se tem motivado a criação dos dois conselhos, da mesma forma que o Código de 1983. Entretanto, há uma realidade nova, que pode passar despercebida.

Até então, se sabia, ao menos como norma, que o conselho econômico ou administrativo e o conselho de pastoral paroquial deveriam ser criados nas paróquias e serem tidos como organismos de corresponsabilidade pastoral. O primeiro era tido como obrigatório, o segundo dependeria da caminhada diocesana, ficando sempre a juízo do bispo, que tendo ouvido o conselho presbiteral entendesse como necessário, tornava-se obrigatório. Ou seja, havia uma realidade facultativa quanto à criação do Conselho de Pastoral Paroquial, e a responsabilidade pela criação ou não estava a juízo do bispo (Cân. 536 § 1). Entretanto, a partir da Instrução sobre a conversão pastoral da paróquia, essa norma passou a ser ponderada por um outro fator ressaltado por Francisco que diz: “um pároco não pode governar uma paróquia sem os

conselhos pastorais” (ICP, 108)⁸⁷. Logo, para Francisco, os conselhos paroquiais não são apenas necessários, mas sim obrigatórios. Recorda-se que Francisco, embora deu o recado através de um videomensagem para o Sínodo da Igreja de Buenos Aires, quando questionou aos párocos se eles fomentavam os conselhos nas paróquias ou se era somente eles quem decidiam tudo⁸⁸, na sua concepção pastoral é impossível que uma paróquia não tenha um conselho pastoral, ou que somente o pároco decida qual o caminho a seguir.

Cabe lembrar que, de modo especial, o conselho pastoral é um organismo que representa a variedade e os carismas presentes na paróquia, uma vez que é um espaço onde todo o povo de Deus deve estar representado. E uma vez que é um povo que caminha junto, deve ser expressão da promoção da comunhão e participação. Em outras palavras, o espaço pastoral é onde se torna concreta a sinodalidade na comunidade, pois é o lugar da escuta, do estudo, da avaliação, da colaboração, do discernimento e da realização da Vontade de Deus para a comunidade.

4.4.3.4 A paróquia, comunidade de comunidades

Vimos que desde Medellín a Igreja na América Latina tem buscado atender aos apelos do Concílio Vaticano II e, de modo especial, a paróquia tem sido aquela que mais mudou de face. A partir de Medellín a paróquia passou a ser concebida como um conjunto de pequenas comunidades que deveriam integrar-se sem perder a identidade. Nesse contexto se fortaleceu a caminhada das Ceb's, e houve bastante adesão da parte de leigos e clérigos. No entanto, a pastoral manteve-se em ritmo de conservação.

Em Puebla houve um novo avanço em relação à Ceb's e se fortaleceu a dimensão da Catequese. A pastoral começou a criar uma perspectiva de comunhão e participação, principalmente através da motivação da inclusão e envolvimento dos leigos nas comunidades. Nominalmente a paróquia ficou conhecida como rede de comunidades. Entretanto, na prática, ainda se manteve no seu formato original na maioria dos contextos diocesanos, tendo muito forte a realidade administrativa em relação ao pastoral. Em Santo Domingo, tendo em conta o surgimento de tantos movimentos interiores da paróquia, ela passou a ser vista como uma rede de comunidades e movimentos.

⁸⁷FRANCISCO. *Discurso no encontro com o clero, os consagrados e os membros dos conselhos pastorais*. Visita Pastoral do Papa Francisco a Assis. Catedral de São Rufino, Assis. Sexta-feira, 4 de Outubro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131004_clero-assisi.html Acesso em: 10 fev. 2023;

⁸⁸FRANCISCO, *Mensagem vídeo ao arcebispo de Buenos Aires*, 2018.

Desde Aparecida se tem buscado viver um novo processo. Conscientes de que muitas estruturas aos poucos foram se tornando obsoletas, reconhecendo-se como uma comunidade que nasceu da missão e para a missão, tem se buscado reconhecer a paróquia como uma comunidade de comunidades que vive a missão. Deu-se início ao processo de conversão pastoral missionária, de modo especial pela setorização da paróquia e a conscientização de que todos os seus membros são missionários e responsáveis pela missão da Igreja. Com a eleição de Francisco e sua proposta de conversão pastoral missionária em vista de se tornar uma Igreja em saída, de modo especial as paróquias da América Latina tem procurado vivenciar de forma concreto a realidade de ser comunidade de comunidade, buscando recuperar as relações de comunhão já existentes no interior da paróquia. Merece destaque a busca por formar novas comunidades a partir do primeiro anúncio, para que depois se viva a fé. Em muitas paróquias se fortaleceu os encontros comunitários de círculos bíblicos ou de vivência da *Lectio Divina*. Com relação à participação dos leigos tem-se buscado estabelecer um caminho de formação que os capacite para o protagonismo da missão na Igreja e no mundo.

Mais uma vez não há uma receita pronta. Francisco traz em seu coração a sua experiência como bispo latino-americano e alguém que procurou colocar Aparecida em prática. Percebe-se que Francisco deseja que as comunidades cheguem ao discernimento, porém sabe que, a exemplo daquilo que já viveu e presenciou, Kasper tem razão ao dizer que a paróquia do futuro precisa ser “uma comunidade de comunidades, uma rede de círculos, grupos, associações formais ou informais que, no sentido do Novo Testamento, podem ser caracterizadas como igrejas domésticas”⁸⁹.

Nessa linha de pensamento, os bispos do Brasil através das DGAE 2019-2023 têm buscado convencer o povo de Deus que a conversão pastoral da paróquia é um caminho irrenunciável e que, mais do nunca, se faz necessário que se formem “pequenas comunidades eclesiais missionárias, nos mais variados ambientes, que sejam casas da Palavra, do Pão, da caridade e abertas à ação missionária” (DGAE 2019-2023, 33; Cf. DAp 179), pois reconhece-se que essas comunidades são locais propícios para o protagonismo dos leigos. Além de oferecer a oportunidade de iniciação cristã se tornam espaço de formação permanente e, ao mesmo tempo, onde as famílias se encontram e se alimentam de esperança e de fé.

⁸⁹ KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012. p. 354.

4.4.3.5 Um exemplo de paróquia segundo a ótica de Francisco

Na busca por um exemplo de paróquia, comunidade de comunidades, que vive a proposta de Francisco, encontrou-se em Belo Horizonte um belo exemplo. Trata-se da Paróquia São Francisco Xavier, que abrange os bairros Tupi, Floramar, Jardim Felicidade, Jardim Guanabara e Solimões, que este ano já celebra seus 30 aniversários de criação, sempre sob a direção dos padres jesuítas.

De acordo com Roberto Donizete, sacerdote jesuíta, organizador do opúsculo comemorativo dos 25 anos da criação da paróquia, desde sua criação a paróquia foi pensada para não ter uma Igreja Matriz, mas sim como uma comunidade de comunidades, que busca “preservar a centralidade da liturgia em sua dinâmica, a formação dos fiéis leigos, de modo particular dos ministros, a inspiração dos Exercícios Espirituais de Santo Inacio de Loyola e o esforço por integrar as onze comunidades num autêntico trabalho em rede”⁹⁰.

Tem-se como ponto de referência o que a comunidade chama de casa paroquial, embora não tenha a ver com o que estamos acostumados em relação às paróquias ser a residência do pároco. Na verdade, trata-se de um ponto de apoio para todas as comunidades, onde os paroquianos têm livre acesso. Na Paróquia São Francisco Xavier de Belo Horizonte, a pastoral é marcada por quatro áreas, cada qual com um assessor, a saber: liturgia, catequese, evangelização e ação social, ou seja, trata-se de uma comunidade que busca viver a dinâmica pastoral à luz das três dimensões: Liturgia, Palavra e Caridade, sendo que a Palavra abarca a catequese e a evangelização. A comunidade paroquial São Francisco Xavier busca viver a harmonia entre suas comunidades. No que diz respeito à celebração de festa paroquial, há a festa da paróquia, sempre celebrada no domingo próximo a 14 de setembro, festa litúrgica da Exaltação da Santa Cruz, e depois cada comunidade celebra seu padroeiro no devido tempo.

Têm-se testemunho do empenho e valorização dos leigos, que são formados à luz do Concílio Vaticano II. É uma comunidade marcada pela presença ativa dos dois conselhos paroquiais, propostos pelo Concílio Vaticano II e que Francisco insiste que sejam valorizados como espaços de colegialidade e sinodalidade. Entende-se que os fiéis leigos têm ativa participação na comunidade em todos os âmbitos da pastoral. São acolhidos e valorizados enquanto membros ativos do Corpo místico de Cristo, da mesma forma que motivados a assumir seu papel na comunidade e testemunhar a vida cristã na sociedade.

⁹⁰ SILVA, Roberto Donizete da. *Paróquia São Francisco Xavier: 25 anos a serviço do Evangelho e da promoção da fé e da justiça*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora o Lutador, 2018. [Arquivo em pdf]. p. 49.

A comunidade reconhece a centralidade da Eucaristia, por isso, para bem celebrar, busca formar equipes de liturgia com vários membros: ministro da palavra, acólitos, ministro de canto. Valoriza-se a celebração dos sacramentos no contexto da Celebração Eucarística, com exceção do sacramento da reconciliação. Valoriza-se a formação inicial e permanente da fé através da catequese e fomenta-se a vivência da espiritualidade inaciana através do retiro inaciano. A dinâmica missionária está presente de modo ainda diferente do proposto por Francisco, embora haja uma espécie de setorização da paróquia, onde em cada rua há um coordenador da missão junto às famílias. No campo da ação social, a paróquia oferece a oportunidade de se cultivar os valores humanos, ofertando várias atividades sociais.

Francisco deseja que as paróquias redescubram o sentido de ser casa, de ser escola, centro de comunhão entre as pessoas e comunhão eclesial. Para que isso se torne realidade não cabe apenas a um pequeno grupo se envolver. Ele espera que com o testemunho daqueles que já se convenceram chegue-se aos demais e, assim, a paróquia aos poucos vai se transformar em um verdadeiro centro de irradiação de fé, de esperança e de caridade. Se faz necessário dar início ao caminho. A comunidade precisa se convencer que por consequência do batismo, todos são chamados à missão, mas antes precisam se tornar discípulos, para que convencidos do amor misericordioso de Deus, consigam dar um verdadeiro testemunho da alegria do Evangelho.

CONCLUSÃO

O que nos fez dar início ao processo de pesquisa foi o desejo de compreender o que Francisco deseja para a paróquia. Desde o início tinha-se a certeza de que não seria um caminho tão simples, porque o que tínhamos em mãos era a apenas a *Evangelii Gaudium*, que faz pouca referência à paróquia e os discursos de Francisco, nos quais até aquele momento, ele havia aproveitado para fazer alguma referência sobre a Paróquia. Durante o percurso muitas vezes houve a angústia por perceber que estamos longe daquela expectativa que Francisco manifesta em relação à Igreja. Muita coisa mudou nesse tempo. Primeiro a pandemia do coronavírus nos fez ficar dentro de casa e com isso fechar as Igrejas. Muitas comunidades perderam o ânimo. Chegou-se a pensar como seria a paróquia depois de todo esse processo, que alguns intitularam como “novo normal”. Em meio a esse processo, também houve a transferência do autor para um outro contexto paroquial. Depois de 17 anos trabalhando em paróquias territoriais e procurando colocar em prática os planos pastorais diocesanos e paroquiais, através da pastoral de conjunto. Foi necessário iniciar um caminho novo com a pastoral universitária, ainda incipiente, marcada por uma postura totalmente autorreferencial e clericalista. Desse modo, as pesquisas se tornaram também um modo de avaliar o modelo de pastoral vivido pelo autor e pela comunidade que ele está à frente.

Todavia, reconhece-se que o tema da paróquia parece não ter chamado a atenção da maioria dos teólogos pastoralistas. Durante o auge da pandemia surgiram alguns artigos, mas a maioria voltado para o como administrar a paróquia. Na verdade, em todo o tempo a maioria das obras estão muito mais voltadas para as questões administrativas e burocráticas, que para a vivência da pastoral na comunidade paroquial. Com exceção do Documento 100 da CNBB e a Instrução sobre a Conversão Pastoral da Paróquia da Congregação para o Clero, até mesmo as Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora dos dois últimos quadriênios (2015-2019/2019-2023) pouco trataram da realidade paroquial. Nos parece que se supõe que a realidade da conversão pastoral paroquial esteja acontecendo a todo vapor. Entretanto, o que se consegue compreender é que a realidade é bem outra.

Tanto é verdade que um dos debates que tem surgido no seio da Igreja é sobre o mal do clericalismo. Isso porque ao realizar o caminho de preparação para a realização do Sínodo de 2023, que tratará da sinodalidade, constata-se que quem tem muitas vezes emperrado o processo de escuta são os membros do clero, na sua maioria mais jovem, da mesma forma que muitos leigos marcados pelo neoconservadorismo, que se contentam com uma vivência sacramental intimista, cuja formação se baseia em decorar o catecismo para defender a fé da Santa Mãe

Igreja. Entretanto, não são capazes de dar ouvidos ao Sucessor de Pedro, que nos chama antes de mais nada a voltarmos à alegria do Evangelho, deixar-se ser convencido do amor de Deus e da força da Cruz pela ação do Espírito Santo, que é quem de fato realiza na Igreja a conversão e, assim, sermos capazes de dar passos no processo de mudança tão desejado por outros pontífices, e que agora Francisco faz vir à tona como uma certa novidade através da sua proposta de conversão pastoral missionária, em vista de se tornar uma Igreja em saída.

Por outro lado, dá-se a entender que, pelo fato de a paróquia ser o sinal e o rosto da Igreja entre o povo, tudo o que Francisco apresenta à Igreja vem de algum modo englobando todas as suas estruturas, e de modo especial a paróquia. Sendo assim, embora Francisco não fale muito sobre a realidade paroquial, um dado é importante: ele tem claro que não se trata de uma estrutura caduca. Isso quer dizer que de algum modo ele pensa na sua estrutura, porém não tem e nem mesmo dá uma receita pronta, com modo de indicação, contraindicações e efeitos colaterais. Ao contrário, ele incita à reflexão e devolve a responsabilidade para os membros da comunidade, desejoso que cada um se conscientize que é membro da Igreja, não só porque é batizado, mas porque foi chamado pelo nome por Cristo a se tornar discípulo missionário na comunidade eclesial.

Desde o início entendeu-se que só se chegaria à perspectiva de Francisco se o conhecesse, por isso buscou-se percorrer nas mesmas estradas que ele percorreu. Para compreendê-lo hoje foi necessário aprender com ele a partir da sua experiência pessoal e pastoral. Durante o percurso alcançou-se algumas conclusões prévias que corroboraram para a compreensão de que Francisco não confabulou uma paróquia utópica. Muito pelo contrário. Ele pensa a paróquia a partir de tudo que viveu, a partir de sua experiência pastoral, que foi marcada pelo contexto da aplicação das Conclusões das Conferências gerais do episcopado latino-americano. Reconhece-se que sua vida familiar foi marcada por uma experiência positiva de vivência da fé, com belas experiências de homens e mulheres que o acompanharam desde seu nascimento, seu desenvolvimento e amadurecimento na fé. Experiências essas, sempre recordadas nos seus discursos e que nos ajudam a entender a valorização da piedade popular, o modo de conceber a pastoral paroquial, na questão da acolhida e participação dos leigos e, de modo especial, o protagonismo da mulher, a postura sacerdotal com relação às famílias e os pobres, realidade que traz de sua cultura de berço, e de sua experiência de filho da Igreja latino-americana.

Constatou-se que, no exercício do seu ministério, somente uma vez Francisco assumiu uma comunidade paroquial como pastor próprio, ainda na década de 80, quando na condição de reitor do Colégio Máximo na Diocese de San Miguel lhe foi dada a incumbência de ser o

pároco da Igreja São José. Experiência essa tida como a grande oportunidade que teve de estar mais próximo do povo, de sentir o povo e seus clamores. Por isso, para Francisco, não só o templo deve estar no meio do povo, mas sim a comunidade deve se envolver com o povo, a começar pelo sacerdote. De todos os seus discursos, nos quais ele citou algo a respeito da paróquia, viu-se como de grande relevância aquele de 2016 proferido aos bispos poloneses durante a JMJ. Ao ser indagado sobre o que fazer com a paróquia, respondeu com firmeza que não se deve tocar nela e que o problema não está na instituição paroquial, mas sim no modo como ela está organizada e como é administrada. Uma vez que é comunidade, lugar privilegiado do encontro com Deus e com os demais membros, não pode ser pensada e muito menos administrada apenas sob a ótica do sacerdote, sendo, pois, necessária a corresponsabilidade com os membros da própria comunidade. Nesse sentido, os bispos são os primeiros responsáveis por esse processo, uma vez que sendo o princípio de unidade em sua diocese, devem colocar em cada paróquia colaboradores para que cuidem que não falte nada ao rebanho. Porém, através de uma administração colegiada, para que não aconteça de se voltar à experiência pré-conciliar, quando tudo deveria passar pelo padre e depender de sua ação.

Francisco tem grande apreço pelos leigos e pelos pobres. Logo, a paróquia para Francisco tem de ser o espaço eclesial onde os leigos e os pobres se sintam em casa. De modo especial, tem de se ter a perspectiva do Concílio Vaticano II, que nos fez entender que na Igreja não existe maior ou menor, pois todos os batizados são membros do povo de Deus e, por isso, têm a mesma dignidade. Na verdade, na Igreja existem carismas e ministérios, que cada vez mais precisam ser fomentados. Por isso, quem assume o ministério ordenado precisa ter consciência de que não recebe poder, mas sim um serviço. Sendo assim, deve ter claro que não está na Igreja para ser servido, mas para servir. Logo, para Francisco, os ministros ordenados são os primeiros responsáveis por salvaguardar o direito dos leigos, bem como para fomentar neles o desejo por crescer na fé através de uma sólida formação, pois só assim estarão prontos para assumir o protagonismo próprio deles na ação pastoral da Igreja e do mundo. Para Francisco os pobres são de sua especial predileção, pois são os prediletos no céu. E toda a comunidade deve não só acolhê-los, mas sim deve aprender a ir ao seu encontro. Por isso, a paróquia não pode pensar o pobre a partir da ótica da assistência, mas sim, deve ser uma casa aberta para acolhê-los, da mesma forma que deve ser uma comunidade que caminha com eles, que aprende a partir do contato com eles o que Cristo tem a dizer, e deve reconhecê-los como sujeitos, que ao mesmo tempo evangelizam, merecem também ser evangelizados.

Como sua experiência com Deus se deu quando ainda era jovem e ao passar à frente de uma paróquia, a encontrou de portas abertas. E ali, naquele momento, foi acolhido por um

sacerdote, ocasião em que se sentiu amado e pôde experimentar a misericórdia de Deus. Para Francisco, a paróquia deve ser sempre uma casa de portas abertas. Na sua compreensão, se faz necessário, cada vez mais, superar a burocracia de horários e regras, que muitas vezes afasta, principalmente os mais simples. A paróquia precisa saber acolher e dar testemunho daquilo que crê, pois ela tem a riqueza da Palavra de Deus, os sacramentos. Desde sua origem, ela foi marcada pela beleza do anúncio da Palavra de Deus, pela partilha do pão e pela formação na fé. Ainda hoje, para a maioria dos nossos fiéis o contato que eles têm com a Igreja, com a comunidade, se dá através da paróquia. Por isso, ela deve estar pronta para acolhê-los, atendê-los e dar o que eles buscam: a Palavra de Deus proclamada com alegria e confiança, os sacramentos que são dons gratuitos e não prêmio para os mais perfeitos, e jamais pode descuidar das necessidades espirituais e corporais daqueles a ela recorrem. A paróquia é portadora de um grande dom recebido de para iluminar o mundo. Por isso, precisa voltar à sua fonte primeira, à missão. Pois nasceu da missão e, mais do que nunca, precisa voltar a ser missionária. Eis a razão da conclamação de Francisco de urgentemente, se deixar de lado a pastoral de conservação, para assumir uma postura de conversão pastoral decididamente missionária, em vista de se tornar uma Igreja que vai ao encontro do outro, ao invés de ficar aguardando que a procurem.

Embora já se saiba e se fale bastante, pelo menos em nosso contexto brasileiro, de que a paróquia é como a Igreja, uma comunidade de comunidades, Francisco é insistente para que, de fato, isso se torne uma realidade concreta. Ele tem sido bastante incisivo recordando que a paróquia não pode ser apenas o lugar da administração dos serviços de culto, uma central de sacramentos. Ela precisa, cada vez mais, se tornar o espaço do encontro das famílias, não apenas ao redor da eucaristia e no templo. A paróquia precisa descobrir-se fora do templo. Reconhecer-se missionária e ir ao encontro de todos, das famílias, dos pobres, dos necessitados, daqueles que estão à margem nas periferias existenciais, para que se sintam alcançados pela misericórdia de Deus e daí se sintam membros da comunidade/Igreja. E isso não se reserva àqueles que são residentes em um território, mesmo porque Francisco enxerga o território além dos limites geográficos.

A paróquia sob a ótica de Francisco deve ser promotora do encontro e da partilha da Palavra de Deus. Para tanto, se faz necessário que haja um forte empenho, seja da parte dos pastores, seja da parte dos leigos, para que cada vez mais saiam do comodismo e se sintam impulsionados a assumir a evangelização como vocação e missão, pois como a partir do Concílio Vaticano II a paróquia é a comunidade, essa é composta pelo pastor e os demais membros do povo de Deus. E uma vez que os leigos são maioria na Igreja, sua presença e testemunho no mundo será um fermento muito eficaz. Assim, a paróquia deve fomentar que

surjam novas comunidades onde a Palavra de Deus seja partilhada, onde se cresça na busca da santidade e, principalmente, onde as famílias possam testemunhar a misericórdia de Deus. Sendo assim, os movimentos pastorais, as Ceb's e tantas outras comunidades que nascem no seio da comunidade não só devem ser acompanhadas, mas motivadas a viver seu carisma e vocação em comunhão com a paróquia, reconhecendo que essa é uma comunidade de comunidades.

Francisco pensa o pastoreio da Igreja como um serviço vivido a partir da colegialidade e da sinodalidade. Numa Igreja onde só um tem voz, não se concretiza verdadeiramente a comunidade. Por isso, chama-nos a atenção para o fato de que os ministros ordenados não são os detentores exclusivos da ministerialidade da Igreja. De modo especial, os batizados precisam assumir os ministérios que lhe são próprios, a fim de que também os presbíteros possam cumprir melhor sua missão. Nesse sentido, cabe lembrar o papel dos conselhos paroquiais, que não devem ser engessados ou organizados a partir do gosto do padre. Ao contrário, devem ser tidos como espaços onde o leigo pode dar o conselho, onde a comunidade realiza o processo de avaliação e discernimento e, principalmente, onde ela encontra o seu rumo, sendo capaz de avaliar, projetar e executar aquilo que Deus deseja para ela. Sempre levando em conta que cada paróquia, por causa do seu contexto, tem uma característica que lhe é peculiar e, por isso, não há como copiar de uma outra, ainda que esteja no mesmo bairro, na mesma cidade e/ou na mesma diocese. Por isso, cada comunidade deve ter como expressão de comunhão a vivência da corresponsabilidade pastoral através dos conselhos, onde de forma clara se expressa o testemunho de comunhão e participação na missão e através da pastoral de conjunto, se vive a comunhão com a Igreja local e universal.

Reconhece-se que há outros fatores da paróquia sob a ótica de Francisco que não foram tratados. Porém, arrisca-se dizer que a paróquia também deve ser casa de comunhão com outras comunidades cristãs, pois ela não pode ser fechada em si, mas deve abrir-se ao diálogo, inclusive com a sociedade. Sendo capaz de ouvir o que a sociedade tem a lhe dizer e também tornar-se acolhedora com aqueles que não professam a fé católica e cristã.

Embora se tenha apresentado apenas um exemplo de paróquia à luz do pensamento de Francisco no capítulo anterior, sabe-se que muitas comunidades paroquiais têm se empenhado em tornar missionárias e prontas para acolher a todos. Vale lembrar que Francisco não fala de uma nova paróquia, mas sim que a paróquia deve renovar-se, ou seja, mostrar-se de forma renovada e renovadora, deixando de ser referência apenas pelo templo, e seja reconhecida como uma comunidade de comunidades.

REFERÊNCIAS

- ALETEIA. *A mensagem do cardeal Bergoglio que tocou os cardeais*. 27 de março de 2013. Disponível em: <https://pt.aleteia.org/2013/03/27/a-mensagem-do-cardeal-bergoglio-que-tocou-os-cardeais/>. Acesso em: 26 de jun. 2020.
- ALMEIDA, Antônio José de. *Paróquia*, comunidades e pastoral urbana. São Paulo: Paulinas, 2009.
- ALTEMEYER JUNIOR, Fernando. *Os muitos Partos do Bispo de Roma*. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Maria Ligorio (org.). *Francisco: Renasce a Esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 104-119.
- AMADO, Joel Portella. *Mudança de época e conversão pastoral: uma leitura das conclusões de Aparecida*. *Atualidade Teológica* XII, n. 30, p. 301-316, 2008. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/18418/18418.PDF> Acesso em: 01 dez. 2022.
- AQUINO JÚNIOR., Francisco. *Os pobres e a pobreza como carisma fundante da Igreja de Jesus*. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso M. L. [org.]. *Francisco: renasce a esperança*, São Paulo: Paulinas, 2013. p. 210-222.
- Aquino Junior, Francisco. *Comunidades Eclesiais de Base (CEBs): de Medellín-Puebla aos nossos dias*. *Cuestiones Teológicas*, v. 47, n.107, p. 94-105, jan.-jun. 2020. doi: <http://doi.org/10.18566/cueteo.v47n107.a06> Disponível em: <https://revistas.upb.edu.co/index.php/cuestiones/article/view/2760/2500>>. Acesso em: 5 dez. 2022.
- AZCUY, Virginia R. In: GERA, Lucio. *La Teología Argentina del Pueblo*. Santiago de Chile: Ediciones Universidad Alberto Hurtado. 2015. [Arquivo em pdf.] p. 9-44. Disponível em: <https://centromanuellarrain.uc.cl/images/pdf/libros2/INFO.LIBROS/Info16LucioGera.pdf>> Acesso em: 01 jun. 2021.
- BENTO XVI. *Homilia da Santa Missa de inauguração da V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe*. Esplanada do Santuário de Aparecida. VI Domingo de Páscoa, 13 de maio de 2007. Disponível em: https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/homilies/2007/documents/hf_ben-xvi_hom_20070513_conference-brazil.html. Acesso em: 18 nov. 2022.
- BEOZZO, José Oscar. *Pacto das catacumbas: por uma igreja servidora e pobre*. São Paulo: Paulinas, 2015.
- BERGOGLIO, Jorge Mario. *Recordações salesianas*. 20 de outubro de 1990. [Arquivo em pdf não paginado]. Disponível em: <https://comshalom.org/wp-content/uploads/2014/01/31/editorportal/carta.salesiano.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2021.
- BERGOGLIO, Jorge Mario. *Homilía del Sr. Arzobispo en el Santuario de San Cayetano*. 7 de agosto de 2003. Disponível em: <https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homiliasbergoglio.html>. Acesso em: 18 jun. de 2021.

BERGOGLIO, Jorge Mario. *Desgrabación de la homilía del sr. arzobispo, durante la celebración eucarística en Aparecida*. (2007) Disponível em: <https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2007.htm#aparecida> . Acesso em: 23 jun. 2021.

BERGOGLIO, Jorge Mario. *Cultura y Religiosidad Popular*. Buenos Aires, 2008. Disponível em: https://www.arzbaires.org.ar/inicio/homilias/homilias2008.htm#cultura_y_Religiosidad_popular. Acesso em: 06 dez. 2021.

BERGOGLIO, Jorge Mário. *Transcrição da entrevista ao Cardeal Bergoglio realizada pela Radio Maria Argentina durante o V Encontro Nacional de Sacerdotes - 9 a 11 de setembro de 2008 em Villa Cura Brochero (Córdoba). (O seguís a Jesús o no sos cristiano, o ponés la carne sobre el asador o no sos Cristiano)*. Disponível em: <https://radiomaria.org.ar/actualidad/cardenal-bergoglio-o-seguis-a-jesus-o-no-sos-cristiano-o-pones-la-carne-sobre-el-asador-o-no-sos-cristiano/>. Acesso em: 01 jun. 2022.

BORRAS, Alphonse; ROUTHIER, Gilles, *A Nova Paróquia*. Coimbra: Ed. Gráfica de Coimbra 2, 2010.

BRIGHENTI, Agenor. *Aparecida: as surpresas, sua proposta e novidades*. *Perspectiva Teológica*, [S. l.], v. 39, n. 109, p. 307, 2007. DOI: 10.20911/21768757v39n109p307/2007. Disponível em: <https://www.faje.edu.br/periodicos/index.php/perspectiva/article/view/185>. Acesso em: 25 jan. 2023.

BRIGHENTI, Agenor. *A pastoral dá o que pensar: a inteligência da prática transformadora da fé*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

BRIGHENTI, Agenor. *Mudanças de Medellín pendentes 50 anos depois*. *Encontros Teológicos*, Florianópolis, v. 33, n. 2, maio/ago. 2018. p. 235. Disponível em: <https://facasc.emnuvens.com.br/ret/article/view/857>. Acesso em: 01 dez. 2021.

BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (org.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018.

BRIGHENTI, A. *Medellín: A Igreja no tempo e no lugar certo*. *Revista Eclesiástica Brasileira*, [S. l.], v. 78, n. 309, p. 42–64, 2018. DOI: 10.29386/reb.v78i309.709. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/709>. Acesso em: 15 nov. 2021.

BRIGHENTI, Agenor. *Teologia Pastoral*. A inteligência reflexa da ação evangelizadora. Petrópolis: Vozes, 2021.

Biografia do Santo Padre Francisco. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography/documents/papa-francesco-biografia-bergoglio.html>. Acesso em: 1 jun. 2021.

BRUSTOLIN, Leomar Antônio. *La conversión pastoral de la parroquia*. La renovación parroquial en América Latina. Rivista Lateranum, Roma: Lateran University Press, n. LXXX, p. 9-28, jan. 2014/1. [arquivo em pdf] Disponível em: https://www.pul.va/wp-content/uploads/2021/12/Lateranum_1_2014_PDF.pdf Acesso em: 21 jan. 2023.

CARRIQUIRY, Guzman. *Recapitulando los 50 años del CELAM*, en camino hacia la V Conferencia. p. 13 (Conferencia dictada en Lima el 17 de mayo de 2005) [arquivo em Word com 38 páginas]. Disponível em: <http://www.celam.org/documentacion/166.doc>. Acesso em: 16 jul. 2022.

CELAM. *II Conferência Geral do Episcopado Latino-americano: Conclusões de Medellín*, 4. ed. São Paulo: Edições Paulina, 1979.

CELAM. *Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 8. ed. São Paulo: Paulinas, 1986.

CELAM. *Conclusões da IV Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano - Santo Domingo*, Nova Evangelização, Promoção Humana, Cultura Cristã, Texto Oficial, São Paulo: Edições Loyola, 1993.

CELAM. *Documento de Aparecida*, Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007, 2. ed. CNBB, São Paulo: Paulinas, Paulus, 2007.

CNBB. *Comunidades eclesiais de base na Igreja do Brasil*. 7ª Reunião ordinária do conselho permanente. São Paulo: Paulinas, 1982. (Documentos da CNBB, 25).

CNBB. *Plano de Emergência para a Igreja do Brasil*. (Cadernos da CNBB n.1 – 1963). Doc. 76. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2004.

CNBB. *Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil: 2008-2010*. Brasília: Edições CNBB 2008 (DGAE 2008-2010).

CNBB. *Diretrizes gerais da ação evangelizadora da Igreja no Brasil: 2011-2015*. São Paulo: Paulinas, 2011 (DGAE 2011-2015).

CNBB. *Comunidade de comunidades: uma Nova Paróquia*. A conversão pastoral da paróquia. Documento 100. Brasília: Ed. CNBB. 2014.

COCCOPALMERIO, Francesco, Cardeal. *A Paróquia*, entre o Concílio Vaticano II e o Código de Direito Canônico. Brasília: Edições CNBB. 2013.

CODA, Piero. *A Igreja é o Evangelho: nas fontes da teologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2019.

COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL. *A Sinodalidade na vida e na missão da Igreja*. Brasília: Edições CNBB, 2018 (Documentos da Igreja, 48).

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. *Código de direito canônico*. São Paulo: Loyola, 1994.

CONFERENZA EPISCOPALE ITALIANA. Nota pastorale: *Il volto missionario delle parrocchie in un mondo che cambia*. Roma, 2004. (VPM) Disponível em: <https://www.chiesacattolica.it/documenti-segreteria/il-volto-missionario-delle-parrocchie-in-un-mondo-che-cambia-nota-pastorale/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. Instrução a conversão pastoral da comunidade paroquial

a serviço da missão evangelizadora da Igreja. Roma, 29 de junho de 2020. n. 37 Disponível em: http://www.clerus.va/content/dam/clerus/Dox/Istruzione2020/Instrucao_PT.pdf. Acesso em: 10 fev. 2023.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium*. IN: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. Paulus: São Paulo, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes*. IN: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium* sobre a Sagrada Liturgia. IN: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes*. IN: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem*. IN: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus*. IN: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Optatam Totius*. IN: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Orientalium Ecclesiarum*. IN: Documentos do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Paulus, 1997.

CORAL, Ana Luisa Prada. Pensamientos del Cardenal Bergoglio acerca de la educación. [arquivo em pdf] Disponível em: <http://www.flacsi.net/wp-content/uploads/2014/10/Prada-Ana-L.-2013-Pensamiento-Cardenal-Bergoglio-acerca-Educacion.pdf>. Acesso em: 1 ago. 2021.

DOMÍNGUEZ, Lorenzo Miguélez; ALONSO MORÁN, Sabino; CABREROS, Marcelino. *Código de Derecho Canónico y legislación complementaria*: texto latino y versión castellana, com jurisprudência y comentarios. 10. ed. v. 1. Madrid: La Editorial Catolica, 1976. (Biblioteca de Autores Cristianos).

ESCOBAR, Mario. *La revolución pacífica*: Los cambios que el papa Francisco ha comenzado en la Iglesia Católica. Grupo Nelson, 2014 [Arquivo em pdf.] 183p. Disponível em: <http://historico.cpalsj.org/wp-content/uploads/2016/03/La-revolucio%CC%81n-paci%CC%81fica.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2021.

ETCHEPAREBORDA, Pablo María. *Monseñor Pironio testigo y promotor de Medellín*. Teología, [S.l.], v. 55, n. 126, p. 63-80, nov. 2018. ISSN 26837307. Disponível em: <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/TEO/article/view/1386/1313>. Acesso em: 22 jul. 2022.

FAZIO, Mariano. *O Papa Francisco*, chaves de seus pensamentos. São Paulo: Cultor de Livros, 2013.

FERNÁNDEZ, Víctor Manuel; RODARI, Paolo. *El programa del Papa Francisco. ¿Adónde nos quiere llevar?* Buenos Aires: San Pablo, 2014.

FLORISTÁN, Casiano. *Para comprender la Parroquia*. Estella: Editorial Verbo Divino, 1998.

FLORISTÁN, Casiano. *Parroquia*. In: FLORISTÁN, Casiano. *Nuevo diccionario de pastoral*. Madrid: San Pablo. 2002. p. 1068-1079.

FRANÇA MIRANDA, Mário de. *Francisco: papa e jesuíta*. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (orgs.). *Francisco: renasce a Esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 134-144.

FRANÇA MIRANDA, Mario de. *A Igreja que somos nós*. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Alegria do Evangelho e sua incidência em nossa Igreja*. Atualidade Teológica, Rio de Janeiro, v.47, p. 401-416, mai./ago.2014. [Arquivo em pdf] Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/23708/23708.PDF>. Acesso em: 20 dez. 2022.

FRANÇA Miranda, Mario de. *Conversão e reforma eclesial*. Revista Eclesiástica Brasileira, v. 76, n. 304, p. 861-874, 2016. DOI: 10.29386/reb.v76i304.143. Disponível em: <https://revistaeclesiasticabrasileira.itf.edu.br/reb/article/view/143>. Acesso em: 22 jan. 2023.

FRANÇA MIRANDA, Mario de. *É possível um sujeito eclesial?* Brasília: Edições CNBB, 2018.

FRANCISCO. *Palavras do Santo Padre Francisco na Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*. Praça de São Pedro, Sábado, 18 maio 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 25 jun. 2021.

FRANCISCO. *Bênção Apostólica Urbi et Orbi*. Primeira saudação do Papa Francisco. Sacada central da Basílica Vaticana. Quarta-feira, 13 de Março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130313_benedizione-urbi-et-orbi.html. Acesso em: 01 out. 2022.

FRANCISCO. *Discurso no encontro com os representantes dos meios de comunicação social*. Sala Paulo VI. Sábado, 16 de Março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130316_rappresentanti-media.html. Acesso em: 01 out. 2022.

FRANCISCO. *Discurso durante o encontro com o corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé*. Sala Régia, Sexta-feira, 22 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/march/documents/papa-francesco_20130322_corpo-diplomatico.html. Acesso em: 02 nov. 2022.

FRANCISCO. *Homília durante a celebração do Domingo de Ramos e da Paixão do Senhor*. Praça de São Pedro, XXVIII Jornada Mundial da Juventude, Domingo, 24 de março de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2013/documents/papa-francesco_20130324_palme.html. Acesso em: 24 ago. 2021.

FRANCISCO. *Audiência Geral*: Quarta-feira, 3 de abril de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130403_udienza-generale.html. Acesso em: 16 jun. 2021.

FRANCISCO. *Audiência Geral*. Praça de São Pedro. Quarta-feira, 1º de Maio de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2013/documents/papa-francesco_20130501_udienza-generale.html. Acesso em: 21 jun. 2021.

FRANCISCO. *Vigília de Pentecostes com os movimentos eclesiais*. Praça de São Pedro Sábado, 18 de Maio de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/may/documents/papa-francesco_20130518_veglia-pentecoste.html. Acesso em: 16 jun. 2021.

FRANCISCO. *Encontro com o episcopado brasileiro*. Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude.. Arcebispo do Rio de Janeiro, Sábado, 27 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130727_gmg-episcopato-brasile.html. Acesso em: 01 out. 2022.

FRANCISCO. *Discurso aos bispos responsáveis do conselho episcopal latino-americano (CELAM) por ocasião da reunião geral de coordenação*. Visita apostólica do Papa Francisco ao Brasil por ocasião da XXVIII Jornada Mundial da Juventude. Auditório do Centro de Estudos do Sumaré, Rio de Janeiro, Domingo, 28 de julho de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/july/documents/papa-francesco_20130728_gmg-celam-rio.html. Acesso em: 10 fev. 2023.

FRANCISCO. *Discurso a um grupo de novos prelados participantes de um curso organizado pela Congregação para os bispos e a Congregação para as Igrejas Orientais*. Sala Clementina. Quinta-feira, 19 de setembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130919_convegno-nuovi-vescovi.html. Acesso em: 01 out. 2022.

FRANCISCO. *Discurso no encontro com os trabalhadores*. Visita Pastoral a Cagliari. Largo Carlo Felice, Cagliari Domingo, 22 de setembro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130922_lavoratori-cagliari.html. Acesso em: 25 jun. 2021.

FRANCISCO. *Discurso durante a visita pastoral do Papa Francisco a Assis*. Encontro com o clero, os consagrados e os membros dos conselhos pastorais. Catedral de São Rufino, Assis. Sexta-feira, 4 de Outubro de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/october/documents/papa-francesco_20131004_clero-assis.html. Acesso em: 01 out. 2022.

FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Brasília: CNBB, 2013.

FRANCISCO. *Discurso aos bispos do México por ocasião da visita ad Limina Apostolorum*. Sala Clementina. Segunda-feira, 19 de Maio de 2014. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2014/may/documents/papa-francesco_20140519_ad-limina-messico.html. Acesso em: 10 nov. 2022.

FRANCISCO. *Homilia durante a santa missa com os bispos, sacerdotes, religiosos e religiosas*. Viagem apostólica Ao Sri Lanka e às Filipinas (12-19 de janeiro de 2015). Catedral da Imaculada Conceição, Manila. Sexta-feira, 16 de janeiro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150116_srilanka-filippine-omelia-cattedrale-manila.html. Acesso em: 11 fev. 2023.

FRANCISCO. *Homilia da Santa Missa durante a viagem apostólica ao Equador, Bolívia e Paraguai Campo Grande de Ñu Guazú, Assunção (Paraguai)*. Domingo 12 de julho de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150712_paraguay-omelia-nu-guazu.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

FRANCISCO. *Audiência geral*. Praça São Pedro, Quarta-feira, 9 de setembro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/audiences/2015/documents/papa-francesco_20150909_udienza-generale.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

FRANCISCO. *Discurso na Comemoração do cinquentenário da Instituição do Sínodo dos Bispos*. Aula Paulo VI. Sábado, 17 de Outubro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/october/documents/papa-francesco_20151017_50-anniversario-sinodo.html#_ftn25. Acesso em: 10 out. 2022.

FRANCISCO. *Discurso durante a viagem apostólica do Papa Francisco ao Quênia, Uganda e República Centro-africana*. Visita à casa de caridade de Nalukolongo - Kampala (Uganda), Sábado, 28 de novembro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151128_uganda-casa-carita.html. Acesso em: 08 fev. 2023.

FRANCISCO. *Discurso durante a viagem apostólica ao Quênia, Uganda e República Centro-africana* (25-30 de novembro de 2015). Visita à casa de caridade de Nalukolongo Kampala (Uganda). Sábado, 28 de novembro de 2015. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2015/november/documents/papa-francesco_20151128_uganda-casa-carita.html. Acesso em: 15 nov. 2022.

FRANCISCO. Carta Apostólica *Misericórdia et Misera*. São Paulo: Paulus, 2016.

FRANCISCO. *Diálogo com as participantes na plenária da União Internacional das Superiores-gerais (UISG)*. Sala Paulo VI, Quinta-feira, 12 de maio de 2016. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/may/documents/papa-francesco_20160512_uisg.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

FRANCISCO. *Avere coraggio e audacia profetica*. Dialogo di papa Francesco con i gesuiti riuniti nella 36a Congregazione Generale. *La Civiltà Cattolica*, v. 167, n. 4, p. 417-431, dez. 2016. Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.it/wp-content/uploads/2016/11/Q.-3995-3-DIALOGO-PAPA-FRANCESCO-PP.-417-431.pdf>. Acesso em: 03 ago. 2022.

FRANCISCO. *Encontro com os bispos polacos durante a viagem apostólica à polónia por ocasião da XXXI Jornada Mundial da Juventude 2016*. Disponível em: http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2016/july/documents/papa-francesco_20160727_polonia-vescovi.html. Acesso em: 29 out. 2022.

FRANCISCO. *Fariseus de hoje*. Meditações matutinas na Santa Missa celebrada na capela da casa Santa Marta. Quinta-feira, 19 de outubro de 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/cotidie/2017/documents/papa-francesco-cotidie_20171019_fariseus-de-hoje.html. Acesso em: 08 fev. 2023.

FRANCISCO. *Discurso aos membros da ação católica italiana*. Praça São Pedro, Domingo, 30 de abril de 2017. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2017/april/documents/papa-francesco_20170430_azione-cattolica.html. Acesso em: 06 fev. 2023.

FRANCISCO. *Deus é jovem: uma conversa com Thomas Leoncini*. Tradução de Pe. João Carlos Almeida. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018.

FRANCISCO. *Encontro privado com os sacerdotes da Companhia de Jesus*. Viagem apostólica ao Chile e Peru (15-22 de janeiro de 2018). Santiago do Chile, Santuário de San Alberto Hurtado, SJ. Terça-feira, 16 de janeiro de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/january/documents/papa-francesco_20180116_cile-santiago-gesuiti.html. Acesso em: 18 jan. 2023.

FRANCISCO. *Carta ao Povo de Deus que peregrina no Chile*. 31 de maio de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/es/letters/2018/documents/papa-francesco_20180531_lettera-popolodidio-cile.html. Acesso em: 14 fev. 2023.

FRANCISCO. *Discurso aos membros da federação dos trabalhadores condecorados pelo governo italiano*: Sexta-feira, 15 de junho de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/june/documents/papa-francesco_20180615_federazione-maestri-dellavoro.html. Acesso em: 15 jun. 2021.

FRANCISCO. *Discurso na abertura da XV Assembleia Geral ordinária do Sínodo dos bispos [Sínodo dos jovens]*. Auditório do Sínodo, Quarta-feira, 3 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181003_apertura-sinodo.html. Acesso em: 18 nov. 2022.

FRANCISCO. *Discurso durante o encontro dos jovens com o santo padre e os padres sinodais*. Sala Paulo VI, Sábado, 6 de outubro de 2018. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2018/october/documents/papa-francesco_20181006_giovani-sinodo.html. Acesso em: 21 dez. 2022.

FRANCISCO. *Mensagem vídeo ao arcebispo de Buenos Aires, por ocasião do Sínodo da Igreja de Buenos Aires*. (27 de outubro 2018) Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2018/documents/papa-francesco_20181027_videomessaggio-cardinale-poli.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

FRANCISCO. *Discurso aos participantes no Congresso Internacional por ocasião do 40º aniversário da Conferência Geral do episcopado latino-americano em Puebla*. Sala do Consistório, quinta-feira, 3 de outubro de 2019. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2019/october/documents/papa-francesco_20191003_celam.pdf. Acesso em: 01 nov. 2022.

FRANCISCO. *Discorso ai giovani del "Progetto Policoro" della Conferenza Episcopale Italiana (CEI)*. Sala Clementina, Sabato, 5 giugno 2021 Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/it/speeches/2021/june/documents/papa->

[francesco_20210605_progetto-policoro.html](#). Acesso em: 18 jun. 2021.

FRANCISCO. *Nomina di membri del dicastero per i vescovi*. Bolletino [della] Sala Stampa della Santa Sede, Vaticano, 13 jul. 2022. Disponível em: <https://press.vatican.va/content/salastampa/it/bollettino/pubblico/2022/07/13/0533/01074.html#membri>. Acesso em: 20 dez. 2022.

GAETA, Savério. *Papa Francisco: Su vida y sus desafíos*. 1. ed. 2. reimp. Buenos Aires: San Pablo, 2014.

GALAVOTTI, Enrico. *Jorge Mario Bergoglio e il Concilio Vaticano II: fonte e metodo*, in: La teologia di papa Francesco. Fonti, metodo, orizzonte e conseguenze, a cura di MANDREOLI, Fabrizio. Bologna: EDB, 2019, [edizione digitale]. pp. 67-97.

GALLI, Carlos Maria. *Eduardo Pironio, teólogo*. Ensayo a modo de introducción In: Teología: revista de la Facultad de Teología de la Pontificia Universidad Católica Argentina, n. 79, p. 9-42, 2002. Disponível em: <https://repositorio.uca.edu.ar/bitstream/123456789/6957/1/teologia79.pdf>. Acesso em: 01 jun. 2022.

GALLI, Carlos Maria. *De Juan XXIII a Francisco*. La ternura de Dios y los pilares de la paz. (Artigo originalmente publicado na revista Vida Nueva (Cono Sur) 9 (2013) 33-35, Buenos Aires, Argentina. Versão impressa) Disponível na versão virtual [arquivo em pdf] em: http://www.celam.org/observatoriosociopastoral/img_noticias/docu51a62e9d0e1af_29052013_1136am.pdf. Acesso em: 01 out. 2022.

GALLI, Carlos María. *Dios vive en la ciudad: hacia una nueva pastoral urbana a la luz de Aparecida*. 2. ed. 2. reimp. Buenos Aires: Agape Libros, 2014.

GALLI, Carlos María. *Francisco y Aparecida hacia el futuro*. ¿Qué nuevos desafíos e implicaciones pastorales presentan su pontificado y magisterio a la Iglesia en América Latina?”. [Conferência realizada em El Salvador durante a XXXVI Assembleia Ordinária do Episcopado da América Latina de 9 -12 de maio de 2017. arquivo em pdf]. Disponível em: <http://www.americalatina.va/content/dam/americalatina/Documents/Francisco%20y%20Aparecida%20hacia%20el%20futuro%20-%20Galli.pdf>. Acesso em: 01 nov. 2022.

GALLI, Carlos María. *La Teología Pastoral de Evangelii Gaudium en el proyecto misionero de Francisco*. Teología, [S.l.], v. 51, n. 114, p. 23-59, jun. 2018. ISSN 26837307. Disponible en: <https://erevistas.uca.edu.ar/index.php/TEO/article/view/1249/1170>. Acesso em: 01 jun. 2021.

GALLI, Carlos María. *Lucio Gera: un precursor de la teología latinoamericana contemporánea*. [Arquivo em pdf, sem paginação]. Disponível em: https://www.celam.org/observatoriosociopastoral/img_noticias/doc150368ee0a48b1_23082012_313pm.pdf. Acesso em: 01 dez. 2021.

GALLI, Carlos María. *Cristo, Maria, a Igreja e os povos: a Mariologia do Papa Francisco*. Brasília: Edições CNBB, 2018.

GODOY, Manoel. *Conferências gerais do episcopado latino-americano*. In: PASSOS, João Décio; SANCHEZ, Wagner Lopes (orgs.). *Dicionário do Concílio Vaticano II*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015. pp. 209-217.

GRIMALDI, Cristian Martini. *Eu era Bergoglio, agora sou Francisco*. Petrópolis: Editora Vozes, 2018.

GUERREIRA, Julio A. Ramos. *La pastoral parroquial*. In: GUERREIRA, Julio A. Ramos. *Teología pastoral*. Madrid: BAC, 1995. p. 341-362.

HIMITIAN, Evangelina. *A vida de Francisco: o papa do povo*. Tradução de Maria Alzira Brun Lemos, Michel Teixeira. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

IVEREIGH, Austen. *El gran reformador: Francisco, retrato de un Papa radical*. Traducción de Juanjo Estrella. 1. ed. Barcelona: Ediciones B, S. A., 2015. (*Version ebook*).

JOÃO XXIII. *Radiomensaje de su santidad Juan XXIII un mes antes de la apertura del Concilio Vaticano*. Martes 11 de septiembre de 1962. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-xxiii/es/messages/pont_messages/1962/documents/hf_j-xxiii_mes_19620911_ecumenical-council.html. Acesso em: 22 abr. 2021.

JOÃO PAULO II. Discurso inaugural. In: CELAM. *Conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano de Puebla: evangelização no presente e no futuro da América Latina*. 8.ed. São Paulo: Paulinas, 1986. p. 11-35

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica pós-sinodal *Christifideles Laici*. 8ª. ed. São Paulo: Paulinas, 1990.

JOÃO PAULO II. *Cruzando o limiar da esperança*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1994.

JOÃO PAULO II. Carta Encíclica “Ut unum sint”: sobre o empenho ecumênico. Petrópolis: Vozes, 1995.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-Sinodal *Ecclesia in America*. 1999. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_22011999_ecclesia-in-america.html Acesso em: 25 jan. 2023.

JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Pastores Gregis* (sobre o bispo, servidor do evangelho de Jesus Cristo para a esperança do mundo). Roma, 2003. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/apost_exhortations/documents/hf_jp-ii_exh_20031016_pastores-gregis.html. Acesso em: 04 fev. 2023.

KASPER, Walter. *A Igreja Católica: essência, realidade, missão*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2012.

KASPER, Walter. *El Papa Francisco. Revolución de la ternura y el amor. Raíces teológicas y perspectivas pastorales (Presencia Teológica) (Spanish Edition)*. Sal Terrae. Edizione del Kindle, 2015.

KELLER, Miguel Ángel. *A Conferência de Puebla: contexto, preparação, realização, conclusões, recepção*. In: BRIGHENTI, Agenor; PASSOS, João Décio (org.). *Compêndio das Conferências dos Bispos da América Latina e Caribe*. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2018.

LANZA, Sergio. *La parrocchia in un mondo che cambia. Situazioni e prospettive*. Roma: Edizioni OCD. 2004.

LASTAMPA. *Bergoglio y el colegio de su adolescencia*. In: La Stampa-Vatican Insider. Publicado em 29 de janeiro de 2014. Disponível em: <https://www.lastampa.it/vatican-insider/es/2014/01/29/news/bergoglio-y-el-colegio-de-su-adolescencia-1.35940491>. Acesso em: 21 jun. 2021.

LEÓN, Alejandro. *Francisco y Don Bosco*. Quito – Ecuador: CGS Cuenca. 2014. Edição em formato pdf 216p. Disponível em: <https://www.udb.edu.sv/ciees/descargasciees/recursos/papa-francisco-y-don-bosco.pdf>. Acesso em: 1 jun. 2021.

LUCIANI, Rafael. *la opción teológico-pastoral del Papa Francisco*. Perspectiva Teológica, Belo Horizonte, v. 48, n. 1, p. 81-115, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://periodicos.faje.edu.br/index.php/perspectiva>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MADRIGAL, Santiago. *El giro eclesiológico en la recepción del Vaticano II*, Santander: Sal Terrae, 2017, p. 300.

MARÍN, Jonathan C. *El retorno de la eclesiología del Pueblo de Dios: aportes desde la teología del pueblo y Evangelii Gaudium*. 2020. Dissertação (Mestrado) - Pontificia Universidad Javeriana Facultad de Teología. Departamento de Posgrados Bogotá, Colombia. 2020. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10554/50745>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MIKUSZKA, Gelson Luiz. *Por uma paróquia missionária: à luz de Aparecida*. São Paulo: Paulus, 2012.

MORENO, José M. Díaz. *Paróquia*. In: SALVADOR, Carlos Corral; EMBIL, José M. Urteaga. *Diccionario de Derecho Canónico*. São Paulo: Loyola, 1997. p. 539-540.

MURAD, Afonso Tadeu. *Medellín: história, símbolo e atualidade*. HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 16, n. 50, p. 600-631, 31 ago. 2018. (arquivo em pdf). DOI: 10.5752/P.2175-5841.2018v16n50p600 Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2018v16n50p600/13555> Acesso em: 16 jun. 2022.

MURCIA, R. *Popular Televisión*. Llegada del Papa Francisco a Cagliari. Canal Popular Televisión R.Murcia, 22 set. 2013. Vídeo Youtube (1h32min12). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hqUyB-P5v4Y>. Acesso em: 25 jun. 2021.

NICOLÁS, Adolfo. *Comunicado oficial do padre geral dos jesuítas*. Roma, 14 de março de 2013. (Apêndice 2: Do padre geral do Jesuítas, por ocasião da eleição do papa Francisco). In: QUEVEDO, Luis Gonzalez. *O novo rosto da Igreja*. Papa Francisco. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola. 2015.

NICOLÁS, Adolfo. *Carta do padre geral a toda a Companhia*. Roma, 24 de março de 2013. (Apêndice 2: Do padre geral do Jesuítas, por ocasião da eleição do papa Francisco) In: QUEVEDO, Luis Gonzalez. *O novo rosto da Igreja*. Papa Francisco. 4ª Edição. São Paulo: Edições Loyola. 2015.

OLIVEIRA, Pedro Rubens Ferreira de; JÚNIOR, Francisco de Aquino. *A atualidade da opção pelos pobres para a Igreja e a Teologia*. *Didaskalia*, v. 44, n. 2 [Responsabilidade social da fé], p. 147-165, 1 jun. 2014. DOI: <https://doi.org/10.34632/didaskalia.2014.2424> Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/2424>. Acesso em: 15 out. 2022.

PAPA FRANCISCO. *Vamos sonhar juntos*. O caminho para um futuro melhor. Em conversa com Austen Ivereigh. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2020.

PASSOS, João Décio. *Uma reforma na Igreja: rumos e projetos*. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 85-101.

PAULO VI. *Discurso al clero della città di Roma*. Lunedì, 24 giugno 1963. Disponível em: https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630624_clergy-rome.html. Acesso em: 15 jan. 2023.

PAULO VI. Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*. São Paulo: Paulinas, 1986.

PAYÁ, Miguel. *A paróquia, comunidade evangelizadora*. São Paulo: Editora Ave-Maria, 2005.

PEREIRA, Sueli da Cruz. *O legado da "Igreja dos pobres" para a Igreja na América Latina*. *Pesquisas em Teologia*, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 22-37, dec. 2018. ISSN 2595-9409. Doi: <http://dx.doi.org/10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2018v1n1p22>. Disponível em: <http://periodicos.puc-rio.br/index.php/pesquisasemteologia/article/view/682>. Acesso em: 02 dez. 2022.

PEREIRA, José Carlos. *A renovação paroquial*. Comunidade de comunidades em vista da missão. São Paulo: Paulinas, 2014.

PIÉ-NINOT, Salvador. *Introdução à Ecclesiologia*. São Paulo: Loyola, 1998.

PIRONIO, Eduardo F. Card. *Signos en la Iglesia latinoamericana: evangelización y liberación*. 1. ed. Buenos Aires: Guadalupe, 2012.

PIQUÉ, Elisabetta. *Papa Francisco: vida e revolução*. Tradução de Carlos Turdera. São Paulo: LeYa, 2014.

PUENTE, Armando R. *Yo, argentino*. Las raíces argentinas del Papa Francisco. 2015. [Arquivo em pdf]. Disponível em: http://armandorubenpuente.com/movil/download_file/view/540/457.pdf. Acesso em: 01 jun. 2021.

QUEVEDO, Luis Gonzalez. *O novo rosto da Igreja*. Papa Francisco. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2015.

REPOLE, Roberto. *O sonho de uma Igreja evangélica: a ecclesiologia do Papa Francisco*. Brasília: CNBB, 2018.

RUBIN, Sergio; AMBROGETTI, Francesca. *O Papa Francisco: conversas com Jorge Bergoglio*. Campinas: Verus, 2013.

SCANNONE, Juan Carlos. *A teologia do povo: raízes teológicas do Papa Francisco*. São Paulo: Paulinas, 2019.

SILVA, Roberto Donizete da. *Paróquia São Francisco Xavier, 25 anos a serviço do Evangelho e da promoção da fé e da justiça*. Belo Horizonte: Gráfica e Editora o Lutador, 2018. (Arquivo em pdf).

SÍNODO DOS BISPOS. *Instrumentum Laboris da XIII Assembleia Geral Ordinária - A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã*. Cidade do Vaticano. 2012. Disponível em: https://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20120619_instrumentum-xiii_po.html. Acesso em: 06 fev. 2023 (IL).

SOUZA, Ney de. *Da Igreja doméstica à paróquia*. Aspectos históricos das origens à atualidade da paróquia. *Revista de Cultura Teológica*, São Paulo, ano XXII, n. 83, pp. 159-172, jan./jul. 2014. DOI: <https://doi.org/10.19176/rct.v22i83.19228>. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/19228/15086> Acesso em: 25 jan. 2023

SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (org.). *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe*. Opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis: Vozes, 2019.

SPADARO, Pe. Antonio. *Entrevista ao Papa Francisco*. Casa Santa Marta, segunda-feira, 19 de Agosto de 2013. Disponível em: https://www.vatican.va/content/francesco/pt/speeches/2013/september/documents/papa-francesco_20130921_intervista-spadaro.html. Acesso em: 18 jan. 2021.

SPADARO, Antonio. *Sette pilastri dell'educazione secondo J. M. Bergoglio* (Sete Pilares da Educação segundo JM Bergoglio). *La Civiltà Cattolica*, v. III, n. 4037, p. 343-357, set. 2018. Disponível em: <https://www.laciviltacattolica.it/articolo/sette-pilastri-delleducazione-secondo-j-m-bergoglio/>. Acesso em: 25 ago. 2021.

SOUZA, Ney de. *Puebla, antecedentes e evento*. In: SOUZA, Ney de; SBARDELOTTI, Emerson (org.). *Puebla: Igreja na América Latina e no Caribe*. Opção pelos pobres, libertação e resistência. Petrópolis: Vozes, 2019. Parte 1, cap. 2, p. 69-81.

SUESS, Paulo. *Francisco: nome novo, programa impossível?* In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (orgs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 166-176.

SUSIN, Luiz Carlos. *Francisco: nome que é um programa*. In: PASSOS, João Décio; SOARES, Afonso Maria Ligório (ogs.). *Francisco: renasce a esperança*. São Paulo: Paulinas, 2013. p. 120-133.

VILLATA, Giovanni; CIAMPOLINI, Tiziana. *La parrocchia innovativa*. Progettare la pastorale a partire dal territorio, Bologna: EDB, 2016.